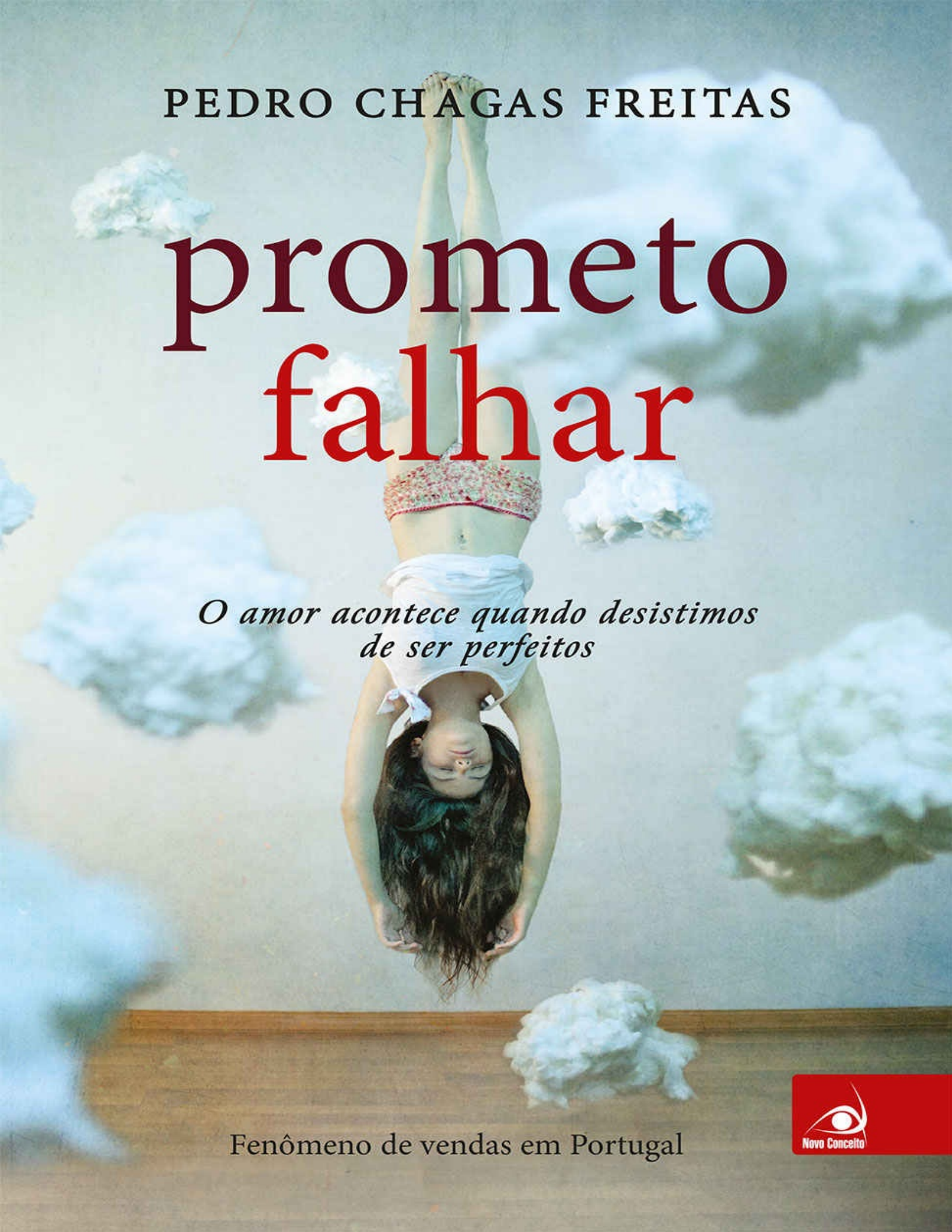
PEDRO CHAGAS FREITAS

prometo falhar

O amor acontece quando desistimos de ser perfeitos



Fenômeno de vendas em Portugal

Novo Conceito

sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

nota do editor

Dedicatória

Prometo falhar 1

Prometo falhar 2

Prometo falhar 3

Prometo falhar 4

Prometo falhar 5

Prometo falhar 6

Prometo falhar 7

Prometo falhar 8

Prometo falhar 9

Prometo falhar 10

Prometo falhar 11

Prometo falhar 12

Prometo falhar 13

Prometo falhar 14

Prometo falhar 15

Prometo falhar 16

Prometo falhar 17

Prometo falhar 18

Prometo falhar 19

Prometo falhar 20

Prometo falhar 21

Prometo falhar 22

Prometo falhar 23

Prometo falhar 24

Prometo falhar 25

Prometo falhar 26

Prometo falhar 27

Prometo falhar 28

Prometo falhar 29

Prometo falhar 30

Prometo falhar 31

Prometo falhar 32

Prometo falhar 33

Prometo falhar 34

Prometo falhar 35

Prometo falhar 36

Prometo falhar 37

Prometo falhar 38

Prometo falhar 39

Prometo falhar 40

Prometo falhar 41

Prometo falhar 42

Prometo falhar 43

Prometo falhar 44

Prometo falhar 45

Prometo falhar 46

Prometo falhar 47

Prometo falhar 48

Prometo falhar 49

Prometo falhar 50

Prometo falhar 51

Prometo falhar 52

Prometo falhar 53

Prometo falhar 54

Prometo falhar 55

Prometo falhar 56

Prometo falhar 57

Prometo falhar 58

Prometo falhar 59

Prometo falhar 60

Prometo falhar 61

Prometo falhar 62

Prometo falhar 63

Prometo falhar 64

Prometo falhar 65

Prometo falhar 66

Prometo falhar 67

Prometo falhar 68

Prometo falhar 69

Prometo falhar 70

Prometo falhar 71

Prometo falhar 72

Prometo falhar 73

Prometo falhar 74

Prometo falhar 75

Prometo falhar 76

Prometo falhar 77

Prometo falhar 78

Prometo falhar 79

Prometo falhar 80

Prometo falhar 81

Prometo falhar 82

Prometo falhar 83

Prometo falhar 84

Prometo falhar 85

Prometo falhar 86

Prometo falhar 87

Prometo falhar 88

Prometo falhar 89

Prometo falhar 90

Prometo falhar 91

Prometo falhar 92

Prometo falhar 93

Prometo falhar 94

Prometo falhar 95

Prometo falhar 96

Prometo falhar 97

Prometo falhar 98

Prometo falhar 99

Prometo falhar 100

Prometo falhar 101

Prometo falhar 102

Prometo falhar 103

Prometo falhar 104

Prometo falhar 105

Prometo falhar 106

Prometo falhar 107

Prometo falhar 108

Prometo falhar 109

Prometo falhar 110

Prometo falhar 111

Prometo falhar 112

Prometo falhar 113

Prometo falhar 114

Prometo falhar 115

Prometo falhar 116

Prometo falhar 117

Prometo falhar 118

Prometo falhar 119

Prometo falhar 120

Prometo falhar 121

Prometo falhar 122

Prometo falhar 123

Prometo falhar 124

Prometo falhar 125

Prometo falhar 126

Prometo falhar 127

Prometo falhar 128

Prometo falhar 129

Prometo falhar 130

Prometo falhar 131

Prometo falhar 132

Prometo falhar 133

Prometo falhar 134

Prometo falhar 135

Prometo falhar 136

Prometo falhar 137

Prometo falhar 138

Prometo falhar 139

Prometo falhar 140

Prometo falhar 141

Prometo falhar 142

Prometo falhar 143

Prometo falhar 144

Prometo falhar 145

Prometo falhar 146

Prometo falhar 147

Prometo falhar 148

Prometo falhar 149

Prometo falhar 150

Prometo falhar 151

Prometo falhar 152

Prometo falhar 153

Prometo falhar 154

Prometo falhar 155

Prometo falhar 156

Prometo falhar 157

Prometo falhar 158

Prometo falhar 159

Prometo falhar 160

Prometo falhar 161

Prometo falhar 162

Prometo falhar 163

Prometo falhar 164

Prometo falhar 165

Prometo falhar 166

Prometo falhar 167

Prometo falhar 168

Prometo falhar 169

Prometo falhar 170

Prometo falhar 171

Prometo falhar 172

Prometo falhar 173

Prometo falhar 174

Prometo falhar 175

Prometo falhar 176

Prometo falhar 177

Prometo falhar 178

Prometo falhar 179

agradecimentos

notas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Pedro Chagas Freitas

prometo falhar



Copyright da obra original © 2014 Editora Marcador
Todos os direitos reservados.
Direitos da edição brasileira reservados para © 2015 Editora Novo Conceito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Capa: Vera Braga / Marcador Editora
Imagem da contracapa: Paul Storch – magma.pt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Pedro Chagas

Prometo falhar / Pedro Chagas Freitas. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

ISBN 978-85-8163-761-7

1. Ficção portuguesa I. Título.

15-01702 | CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura portuguesa 869.3

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: **www.fundabrinq.org.br**



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

nota do editor

caro leitor,

a língua portuguesa falada no Brasil apresenta algumas diferenças em relação à língua falada em Portugal. Por esse motivo, o texto deste livro passou por pequenas e sutis adaptações em sua edição brasileira.

Para a Bárbara. Porque tudo.

Comecei a te amar no dia em que te abandonei.

Foram as palavras dele quando, dez anos depois, a encontrou por mero acaso no café. Ela sorriu, disse-lhe «olá, te amo» mas os lábios só disseram «olá, está tudo bem?». Ficaram horas conversando, até que ele, nestas coisas era sempre ele a perder a vergonha por mais vergonha que tivesse naquilo que tinha feito (como é que fui te deixar? como fui tão imbecil a ponto de não perceber que estava em você tudo o que queria?), lhe disse com toda a naturalidade do mundo que queria levá-la para a cama. Ela primeiro pensou em esbofeteá-lo e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, em seguida pensou em fugir dali e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, e finalmente resolveu não dizer nada e, lentamente, escondendo as lágrimas por dentro dos olhos, abandonou-o da mesma maneira que ele a abandonara uma década antes. Não era uma vingança nem sequer um castigo — apenas percebeu que estava tão perdida dentro do que sentia que tinha de ir para longe dali para ir para dentro de si. Pensou que provavelmente foi isso o que lhe aconteceu naquele dia longínquo em que a deixara, sozinha e esparramada de dor, no chão, para nunca mais voltar.

De tudo o que amo é você o que mais me apaixona.

Foram as palavras dela, poucos minutos depois, quando ele, teimoso, a seguiu até o fim da rua na hora do rush. Estavam frente a frente, todo mundo passando sem perceber que ali se decidia o futuro do mundo. Ele disse: «casei-me com outra para poder te amar em paz». Ela disse: «casei-me com outro para que houvesse um ruído que te calasse em mim». Na verdade nem um nem outro disseram nada disso porque nem um nem outro eram poetas. Mas o que as palavras de um («te amo loucamente») e as palavras de outro («te amo loucamente») disseram foi isso mesmo. A rua parou, então, diante do abraço deles. Não há memória de alguém, algum dia, ter considerado que aquele abraço foi um abraço de traição entre duas pessoas casadas. Todo mundo percebeu, logo ali, que a única traição seria não abraçar aquele abraço, por mais que houvesse documentos que comprovassem o contrário. Nunca se casaram nem nunca se divorciaram. Não queriam perder tempo com papéis desnecessários. Os únicos papéis que assinaram, todos os dias, foram os dos poemas que, religiosamente, deixavam nos mais recônditos e secretos lugares da casa um para o outro. Não eram grandes obras e terminavam, sem qualquer variação possível, sempre da mesma forma: «te amo». Nunca receberam qualquer elogio da crítica literária, o que os deixava particularmente irritados. Souberam, anos mais tarde, que toda a sociedade os havia renegado. Eram chamados, mesmo, de os fugitivos. Eles,

nesse ponto, concordaram em absoluto. Ambos sabiam que haviam fugido durante dez anos. E tinha sido tempo demasiado.

Sim, quero.

Foram as palavras dele quando ela, no registro civil como tinha de ser, lhe perguntou se queria nunca casar com ele.

Já fui quase milionário, sabe?,

tinha a sua avó,

a mulher mais bonita do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho certeza de que Deus só a levou por ciúmes?,

a nossa casa, uma vida inteira pela frente, tantos sonhos,

eu acreditava que um dia chegaria à Lua, veja você, e não estive longe, se quer que te diga, mas amanhã te conto essa história, hoje não,

eu trabalhava na repartição de finanças e as pessoas precisavam de mim, batiam à minha porta, pediam-me para trazer o impresso do IRS, o documento tal de tal, eu às vezes trazia, outras não, nunca violei nenhuma regra

a não ser ao volante, confesso, cheguei a dar 120 na reta da bomba da gasolina com o meu Míni, não conte ao seu pai, que eu o atormentei para ele andar devagar, é o nosso segredo, está bem?, cruze aí os dedos comigo, vá,

depois nasceu Afonso, um garotão lindo, o meu menino, quando o pus no meio dos braços acreditei na vida eterna, veja você, pensei que algo assim não podia acabar, e talvez não tenha acabado, o que está em volta é que mudou,

cinquenta anos trabalhando, nunca perdi a hora, era o primeiro a chegar e o último a sair, se com essas coisas da informática você conseguir investigar vai ver que faltei duas vezes em cinquenta anos, uma porque sofri um acidente de carro, nada de especial, uma batidinha, outra porque esqueci de mudar para o horário de verão e depois fiquei com vergonha de chegar atrasado,

onde é que está a vergonha nos dias de hoje?, ganhamos tanto, celulares, internet, e perdemos a vergonha, quem é que saiu ganhando?,

o meu pai morreu,

a morte entra nos olhos da gente como um pó invisível, você pode perceber isso, uma pessoa tem outra e depois não tem, o drama da vida é existirem vidas instaladas na nossa, somos uma junção de vários pedaços e perder alguém é como uma amputação, já se imaginou sem uma mão de repente?, dói mais do que você ficar de repente sem o cereal no café da manhã, só para você ter uma ideia,

e nem assim deixei de ir trabalhar, enterrei o meu pai e regressei às finanças, acreditava na riqueza de servir, na competência, fui um profissional exemplar,

um chefe de família exemplar,

quando o seu pai nasceu eu me senti um rei, e não é assim que todos os pais devem se sentir?,

e esta casa cheia de vida, os sons, os cheiros,

a sua avó era a melhor cozinheira do mundo, ninguém tenha dúvida disso, eu já te disse que tenho certeza de que Deus só a levou para comer bem?,

está vendo esta cômoda aí ao seu lado?, comprei-a de surpresa, tinha acabado de receber as férias e quis ser feliz,

ainda quero, sabe?, o pior de tudo é que nunca deixamos de querer ser felizes e nos falta cada vez mais, mas não vou dizer coisas tristes, porque de triste já basta a cara da sua professora, raios partam a mulher que nunca ri, não é?, veja lá se não conta isso ao seu pai, sim?, agora há aquela coisa da pedagogia e diz que não se pode dizer coisas como essas, sabem lá eles o que é educar uma criança?,

o seu pai foi ensinado por mim e olha o homem que se fez, dane-se a pedagogia, o importante é amar, e eu te amo muito, Dioguinho, coloque mais uma colherinha na boca que eu já te conto mais coisas, sim?,

e então eu trouxe a cômoda e a casa toda estava cheia e ficou feliz comigo, o Afonso e o seu pai me ajudaram a montar, foram três horas tão boas,

a vida no fundo pode não ser mais do que três horas tão boas, aproveite-as sempre que puder, promete?

tudo isso para te dizer que já fui quase milionário, basta uma casa cheia para nada nos faltar, e um milionário é isso mesmo,

um milionário é alguém que tem tudo o que quer, não é?,

eu tinha, quando fecho os olhos ainda tenho, mas às vezes temos mesmo que abri-los, como agora,

o meu emprego, a minha mulher,

a melhor esposa do mundo, ninguém tenha dúvida disso, eu já te disse que tenho certeza de que Deus só a levou para ter com quem casar?,

chegou o seu pai, logo agora que eu ia te falar do que veio depois de eu ser quase milionário, você já vai embora, há uma reunião qualquer e ele tem que ir,

eu compreendo, mas custa muito, não diga a ele, ele tem uma reunião às sete e ainda vai te deixar na casa de um amigo qualquer pelo caminho,

nunca o deixei com ninguém, levei-o tantas vezes comigo para a repartição e ele adorava, mexia nos computadores, me perguntava o que era o dinheiro e para que servia, isso só entre nós mas eu gostaria que ele agora tivesse essa mesma dúvida, talvez ficasse aqui mais tempo conosco, eu, você e ele nesta mesa, a lareira acesa, seria bom perguntar a ele sobre a vida, o que faz, o que sente, o que sonha,

não sei nada do que o seu pai quer, suspeito mesmo de que não sei mesmo nada do que é o seu pai, passaram-se tantos anos desde que eu disse a ele pela última vez que o amo,

te amo, meu filho, você me ama também?,

e ele já foi embora e você já foi embora, a casa inteira, quieta, a cômoda com pó, até ela tem saudades de você, minha princesa, minha rainha, onde foi que falhamos para terminarmos assim?, você morta e eu sozinho, quem morreu primeiro afinal?,

eu vou indo, de vez em quando o Dioguinho vem aqui, você o viu sair agora?, está um homem, não está?, a Carlinha não vem há semanas, já está no terceiro ano, imagine só, mas não tem tempo, eles me dizem, e eu acredito, tenho que acreditar para continuar, você sabe,

você era a melhor pessoa do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, eu já te disse que tenho certeza de que Deus só te levou para ser uma criatura melhor?,

já fui quase milionário e o tempo me foi tirando tudo, primeiro você,

te amo, minha senhora, você me ama também?,

depois os filhos, o tempo deles, pelo menos, depois me aposentaram e me mataram um pouco, e veja você que agora me tiraram não sei quantos euros no fim do mês, não sei se vou conseguir pagar os medicamentos,

você nunca ficou velha, que sorte, a vida não se mede em dias, eu sei agora, a vida se mede em farmácias,

há um governo que quer baixar o déficit,

nem queira saber o que é isso que eu também não, consiste basicamente em tirar dos pobres para dar aos ricos, isso digo eu que não percebo nada e sou só

um reacionário, gente ruim não muda, não é?,

e então para baixar o tal do déficit, vão tirando o que me restava, não quero pedir dinheiro ao Afonso nem ao Carlos, Deus me livre que eu tenho dignidade, vou me virando como puder, se não der para comer bife eu como sopa, como ouvi uma senhora dizer outro dia na televisão, eu até nem gosto muito de bife, só se fosse o seu, claro,

já fui quase milionário e agora sou quase morto, dói muito mas dá para aguentar,

me assustam sobretudo os segredos da escuridão, por isso saio para o fim do silêncio,

na rua há barulho suficiente para chorar sem que ninguém note, vem comigo?,

você é a melhor companheira do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, eu já te disse que tenho certeza de que Deus só te levou para ter com quem passear?

Por que devo te amar,

você pergunta,

e eu te falo do barulho do vento na janela quando você me aperta, a sua

cabeça no mistério que fica entre os braços e os ombros, escondo os dedos no interior do seu cabelo e te ouço respirar, pessoas como nós não procuram explicações mas sobrevivências,

Devíamos aprender a querer devagar,

você arrisca,

entretanto já pousei os meus lábios nos seus, é insuportável o seu cheiro se eu não puder te tocar, ficaríamos completos se houvesse apenas palavras, e o mais absurdo é que nem precisamos falar, pessoas como nós não procuram a eternidade mas os sentidos,

Cada instante merece um orgasmo,

invento,

tento te provar que os poemas são feitos de carne, nunca de versos, estranhamente você não retrucas e me deixa olhar, fico mais de uma hora só te vendo e é tudo, peço que você se coloque nas mais diversas posições, deve haver um ângulo qualquer em que eu não seja completamente seu e o seu sorriso o quase céu, mas não o encontro, pessoas como nós não procuram a pele mas a faca,

Há certa dignidade na maneira como nos abandonamos,

despeço-me,

visto-me com lentidão enquanto te amo finalmente, a vida não permite mais do que o que temos, podíamos tentar a hipótese de uma rotina, quem sabe a adrenalina sossegada de uma família, um beijo de manhã e outro à noite, uma cama que não fosse apenas de sexo, até conversar com outro objetivo que não o prazer, mas não sei se é amor o que não me dá tesão, pessoas como nós não procuram a paz mas o medo,

Amanhã ou outro dia qualquer ou então nunca,

você declara,

e percebo então que você me deu a mais profunda declaração de amor,

amanhã ou outro dia qualquer ou então nunca, e eu consinto sem hesitar, pessoas como nós não procuram promessas mas nunca falham uma com a outra.

Era um menino que sonhava demais, e um dia sonhou que havia uma folha especial, uma folha tão especial que fazia com que tudo o que lá se escrevesse ganhasse vida e fosse real, o menino adorou a ideia e foi contar aos pais

— você está maluco

mas o menino era um menino que sonhava demais e não desistia de sonhar, e em vez de desistir da ideia aumentou a ideia, é essa a vantagem de ser um menino e sonhar, quando se é um menino e se sonha em vez de se parar perante o sonho aumenta-se o sonho, sonha-se ainda mais maior, ainda mais grande

— e se em vez de uma folha fosse um caderno inteiro

e o menino correu na livraria, pediu duas folhas do papel mais barato que havia, os sonhos não têm de ser caros e o menino sabia, afinal de contas os melhores brinquedos que tinha não eram brinquedos, uma bola de trapos, um parafuso que para ele é a Torre Eiffel, um taco de madeira que ele transformou num automóvel

— vruum

ele e a folha em branco, a magia pela primeira vez, ali pode inventar o que quiser porque inventou a folha mágica, basta escrever e acontece, ele não sabe muitas letras nem muitas palavras, entrou há pouco tempo na escola, escreve o que sabe e que no fundo é o que quer

— pai

depois olha e gosta, apaga um ou outro risco, põe direitinho para nada falhar, para que a magia aconteça como tem de ser, olha outra vez, agora está perfeito, só mais uma palavra e pode ser que a magia aconteça

— mãe

basta arrancar a folha e vai acontecer a magia, é agora que vai testar a sua invenção

— pai

— mãe

e eles chegam, o menino arrancou a folha, leu as palavras várias vezes, e eles apareceram, talvez preocupados com ele, talvez sem saber o que aconteceu, mas a verdade é que aconteceu, a magia aconteceu, o menino explica aos pais outra vez que inventara a folha mágica primeiro e o caderno mágico depois, os pais

respiraram fundo primeiro e o repreenderam depois

— não volte a nos assustar assim

o menino não compreendeu, que mal tem sonhar?, e continuou na sua invenção que iria mudar o mundo, bastava escrever e o mundo mudava, imagine o que não se poderia fazer com isso, pensou em mil e uma coisas para escrever, mil e uma coisas para inventar, mas percebeu então que não sabia escrever e tinha de saber escrever para que a folha fizesse o seu trabalho, podia chorar e ser como todos os outros meninos que não têm o que querem e choram e param, mas este menino nisso era diferente e quando tinha um sonho não chorava e fazia

— por favor me ensine a escrever até começarem os desenhos animados

a irmã mais velha riu mas não resistiu, ao fim do dia, quando chegavam da escola, lá iam os dois para o quarto, ninguém sabia o que iam fazer, diziam que havia trabalhos para fazer e havia, mas o menino estava só lutando pelo sonho, a irmã gostou de brincar de professora e lhe ensinou tudo, as letras todas, e vinte ou trinta dias depois o menino que só queria sonhar já tinha todas as ferramentas para criar o seu sonho

— era uma vez

começou assim porque lhe pareceu que era assim que começavam todos os sonhos, e foi escrevendo, frase a frase, invenção a invenção, e aos poucos foi percebendo que aquele seu caderno era mais mágico ainda do que aquilo que ele tinha inventado, afinal nem precisava arrancar a folha para existir, ele ia escrevendo e à medida que ia escrevendo sentia tudo acontecer, o príncipe que queria voar, a princesa que queria ser salva, o menino foi escrevendo e aquilo tudo foi acontecendo, ele via ali, à sua frente, dentro de si, mesmo dentro de si, todas as emoções, ria, sorria, até chorava, vejam lá

— como podem dizer que não existe se me faz chorar

e quando muitos anos depois, centenas de adultos e de crianças de uma escola primária diante de si, ele apresentou mais um dos seus livros, resolveu oferecer um presente especial a cada um deles

— é um caderno com superpoderes

e passou para a mão deles um monte de folhas em branco igualzinho ao que mudou a sua vida

— o que vocês escreverem nele acontece mesmo

todos riram menos as crianças, que começaram imediatamente a experimentá-lo.

Você está no 4º esquerdo e eu não sei o que faço com esta ansiedade,

rais parta o amor, caraças[1],

é tão mais fácil não amar mas que merda andamos fazendo aqui se não amarmos?,

eu trouxe a minha melhor camisa, pedi à minha mãe que a passasse,

gosto tanto da minha mãe, este pode ser o primeiro segredo que te conto, guarde-o bem, e ainda nem nos falamos mais do que dois minutos, vê lá, o segundo segredo é que eu te amo, ou algo do gênero,

ainda não sei bem o que é o amor, o mais certo mesmo é que ninguém saiba, mas que isto parece o que vem nos livros lá isso parece,

toco a campainha e a sua voz,

como pode uma voz mexer em tantas partes do corpo?

sobe, e eu subo, há um elevador à esquerda mas de asfixia já basta a que vem de dentro, vou pelas escadas e assim tenho tempo de pensar em você, ainda nem estou com você e já estamos a sós,

conto as escadas e as mãos suam,

promete que quando eu te beijar vai me ensinar o que se faz com a língua?,

na aula de Inglês a professora me viu olhando para você e sorriu, espero que não tenha te contado nada, quero que você saiba que te quero pela minha boca,

sou um homem sério, já registre isso,

cheguei aqui acima, dou um jeito no cabelo, espero que você goste do penteado à Ronaldo que fiz só para você, o gel é da marca do Mini Preço mas o que conta é a intenção, trago no bolso uma fotografia sua que imprimi do seu perfil do Facebook,

quem é aquele rapaz simpático que anda por aí sempre babando por você afinal?,

me olho no reflexo do vidro e me preparo para o momento mais importante da minha vida,

sempre que te encontro é o momento mais importante da minha vida, sabia?,

você deixou a porta entreaberta e isso pode ser um sinal, li ontem em algum

lugar que amar é deixar sempre uma porta entreaberta, vamos ver se é verdade, a literatura tem a solução para tudo, eu sei que esta frase não é nada de especial mas pelo menos é minha,

faça o que quiser com ela mas comigo me abrace, por favor,

entro e você não está para me receber, deve estar na sala, provavelmente, vou andando, olho em volta e procuro sinais da sua existência, quase aposto que este quadro foi pintado por você, ainda ontem a sua mãe me disse que você tem muito talento, e tem razão,

juro que se você me disser que é sportinguista[2] eu digo que é mesmo perfeita,

a sala é grande e você está no sofá, noto pelo seu cabelo pousado na almofada, a televisão ligada,

quer ver esse filme comigo pelo resto da sua vida?,

já estou na sua frente e vejo que você está dormindo, amo o seu cabelo mas agora você podia afastá-lo um pouco só para eu te ver melhor, há um minuto falou comigo e já está dormindo, ou será que as escadas duraram mais do que pareceram?, não sei o que fazer, fico te olhando e te amando sozinho,

ficar te olhando e te amando mesmo que sozinho é sempre uma boa decisão,

ainda considero a possibilidade de dizer qualquer coisa mas desisto, deixo você dormir e volto mais tarde, escrevo um bilhete,

estive aqui e vou estar sempre, tudo bem para você?

saio de fininho, olho para você uma última vez por cima do ombro, ainda está no sofá,

você é bonita como um gol que vale um título, isso serve como declaração de amor?,

e você não sabe que eu existi aqui, que te consumi aqui, eu e você no instante íntimo do seu sono,

ainda nem nos beijamos e já dormimos juntos, veja você,

fecho a porta devagar para não te acordar, vou para baixo no elevador, apesar de tudo já respiro melhor,

um segundo vendo você e os meus pulmões se abrem inteiros,

aperto o zero e quando olho para a sua porta vejo um número e uma palavra que me deixam pensando,

3º esquerdo,

e talvez seja tempo de voltar a subir, você está no 4º esquerdo e eu não sei o que faço com esta ansiedade,

rais parta o amor, caraças.

Só porque estou vacinada contra a dengue não me vou oferecer aos mosquitos,

você diz tantas coisas só suas e a puta da minha sorte por te ter aqui, te amei antes de saber e se calhar é só assim que se ama, sei lá, digo eu, que antes de você pensava na impossibilidade de uma boca assim,

na primeira vez que dormimos juntos nos esquecemos de dormir,

a varanda do meu minúsculo apartamento aberta, o inverno lá fora e um inferno feliz aqui dentro,

você tinha uma caveira sorridente estampada na cueca, ou então era o meu corpo contente que estava rindo e a caveira estava morta como as outras,

éramos proibidos mas nos amamos à maneira de Deus, até que a morte nos separasse, claro, o problema é que havia várias mortes para experimentar e é por isso que ainda estamos aqui,

quantas vezes é possível te amar pela primeira vez?,

quero mais uma, só esta, hoje viemos para um hotel para morrermos melhor,

quero uma cama destas em casa,

e você se deita,

gosto quando você brinca de adulto comigo, você inventa expressões que ninguém faz, me fala das maiores superficialidades do mundo, a outra que tem um blogue foi ao Brasil, há saldos na Zara,

e o poema está na voz, não no verso,

abraçamo-nos outro dia na escada rolante, posso te garantir que um casal de adolescentes teve inveja da nossa inconsequência,

quando te abraço espero um abraço, e que seja você,

o nosso tédio me excita, as suas mãos no pelo do meu peito,

ser feliz é tão simples, não é?,

vou olhando para você enquanto te vejo, os seus lábios parecem nuvens quando te olho por cima dos óculos e de uma frase,

lembrei-me hoje de manhã das vezes em que te fiz chorar, e chorei,

sou tão pouco para o seu tamanho, escrevo umas merdas que só eu entendo, e é inexplicável você ser minha,

um dia me candidato ao Nobel com a sua pele,

tocar você fez de mim um escritor, e com um pouco de sorte gente,

escrevo para te amar melhor, acho que já escrevi isto mas aqui fica de novo, o mais irônico é que enquanto escrevo você sente a minha falta,

talvez escreva também para saber que você me quer, quem sabe?, mas certo certo é que eu escrevo antes de mais nada para te levar para a cama, ou você pensou que não?,

eu podia inventar uma Bíblia só para a minha fé por você, mas não me livre do mal, amém,

só porque estou vacinada contra a dengue não me vou oferecer aos mosquitos, você repete,

eu já te disse que sei de cor os seus dentes desalinhados quando você sorri?, temos só esta noite para nos amarmos esta noite,

por que precisei de você para viver assim?,

é preciso escolher entre amar e escrever, e eu escolho você,

talvez um dia eu saiba de que lado você está.

Você traz o relógio azul que te dei de aniversário e a promessa de um beijo, é o que basta para eu te abrir os braços e te convidar para debaixo dos lençóis,

há tanto frio em mim quando você não está,

já fechei as janelas e os olhos e não há maneira de adormecer, ouve-se a cidade cheia de pessoas e nenhuma é você,

Deus acontece pela diferença,

e pela maneira como quando você chega me sorri e me pede perdão por mais um atraso, o escritório e reuniões, quase dez segundos até que sem falar eu te peço para vir e te abraçar por dentro,

há uma só vida e você é tão inacabável em mim.

Encontramo-nos como sempre no centro do abismo, as suas veias grossas, te chamo ao espaço em mim onde nem a pele ousa chegar, e acontece amor,

queria tanto continuar parada, só ouvindo as respirações se acalmando, a boca seca mas não arrisco perder um segundo distante dos seus lábios, tenho de guardar o instante, cada um, falar ao seu ouvido a dimensão do quanto te quero, pousar a cabeça no seu peito e esperar que nunca mais haja depois,

mas em poucos minutos você já não está, descobre as horas e a cama vazia outra vez, pede desculpas, enfia o corpo, como preciso do seu corpo, debaixo da roupa, me beija de leve sem dizer que me ama, e sai do quarto, já com o telefone na mão e você atendendo,

estou sim,

e pela forma como você fala talvez seja a sua mulher perguntando se vai demorar.

te amo tanto mas hoje tenho de levar o carro ao mecânico, as rodas estão fazendo um barulho estranho, não deve ser nada mas é melhor prevenir, amanhã prometo que vamos experimentar aquele restaurante novo perto da rotatória, e depois te levo ao cinema, claro que levo,

te amo tanto mas hoje tenho de ver o treino do pequeno, o treinador ligou e me disse que temos um craque, o nosso menino jogando como gente grande, veja você, quando eu chegar com ele veja se deixa prontinha aquela comida que ele adora, o garoto merece, claro que merece,

te amo tanto mas hoje tenho de ficar até tarde no escritório, há aquele projeto internacional para fechar, aqui está tudo muito agitado, não sei se aguento, daqui a pouco te ligo para saber como vão as coisas, o pequeno e as coisas aí em casa, agora tenho de ir mostrar a esta gente toda como se trabalha, claro que tenho,

te amo tanto mas hoje tenho de me deitar cedo, amanhã é aquela reunião importante de que te falei, se eu conseguir o cliente vamos ser tão felizes, aquela casa, o carro novo, quem sabe?, só tenho de conseguir convencê-lo, tenho tudo prontinho na minha cabeça e nada pode falhar, vamos ser ricos, isso sim, claro que vamos,

te amo tanto mas hoje você não está, cheguei à hora combinada para te levar para jantar e você não está, o menino também não, deve estar no treino, vou ligar, ninguém atende, nem você nem ele, provavelmente você deve estar preparando alguma, sempre foi tão assim, cheia de surpresas, daqui a nada entra pela porta e diz que me ama, claro que diz,

te amo tanto mas hoje tenho de assinar este papel, olho para você e te peço perdão, te prometo que não vai haver mais mecânicos nem treinos nem clientes estrangeiros nem reuniões entre nós, te garanto que te quero acima de tudo, olho nos seus olhos mais uma vez e procuro acalmar o que está doendo em você, mas você só diz para eu assinar e eu assino, as mãos tremem e até já caiu uma lágrima sobre elas, o nosso filho quando souber vai chorar como um menininho outra vez, o nosso craque, você podia ficar pelo menos pelo nosso craque, ou pelo menos por mim, para me manter vivo, Deus me salve de não ter você comigo, sou uma impossibilidade se não tiver você para gostar, claro que sou,

te amo tanto mas hoje não tenho nada para fazer, a casa escura, um silêncio vazio e nada para fazer, apenas esperar que você se esqueça de mim e volte a me amar, e eu te amo tanto, claro que amo.

— Só a corda bamba te prende à vida.

— Mas dói. Mas treme.

— E no entanto você se segura. E no entanto você se agarra. Faz você querer mais daquilo, para sempre daquilo. Só o que escorrega por entre os seus dedos te prova verdadeiramente que você tem dedos. Só quando está perante a quase morte você valoriza a vida.

— Você gosta de tremer?

— Preciso tremer. Preciso sentir a corda bamba, as pernas bambas, o corpo bambo. Só o que me tira de mim me alimenta. Um orgasmo me faz tremer, uma euforia me faz tremer.

— Uma dor também.

— Tenho de entender o que eu sou. Mesmo que doa. Só quem treme entende o que é. Os outros não são: vão sendo. E nunca tremem. Tenho uma pena tão grande de quem nunca tremeu. O que eles estão fazendo aqui? Nada do que não me fez tremer foi inesquecível.

— A vida serve para viver momentos inesquecíveis.

— Nunca se esqueça disso. Só existe vida se algo em você estiver bambo. Só o que te faz tremer te impede de esquecer.

— Eu te faço tremer.

— Sempre.

— E quando parar?

— Teremos de encontrar outros caminhos. Outras formas.

— Outras pessoas?

— Se tiver de ser. As pessoas servem para te manter alerta, para te manter atento, para te manter ligado. Quando uma pessoa que você ama serve para te desligar já não é uma pessoa que você deva amar. O amor tem de exigir vigilância máxima, você tem de ser um soldado no campo de batalha, todo o seu corpo à espera de um ataque, de uma bala perdida. E se há algo em que o amor é imbatível é na quantidade de balas perdidas que liberta. Às vezes você é atingido e nem percebe. E já não existe amor, só uma dor que vai se alargando no meio do seu peito, uma dor que te consome, que te dilacera, que te abate. Você pensa

que é amor e é apenas uma ferida. Há feridas que parecem amor.

— Uma distração e o amor acaba.

— Uma distração e a vida acaba.

— Foi o que eu disse.

O que mudou sem você foi sobretudo o tamanho das coisas,

o desta cama, por exemplo, que era ridiculamente pequena quando nós nos amávamos,

quantas vezes decidimos comprar uma maior, abríamos um catálogo qualquer, mas depois nos esquecíamos porque havia esta e os nossos corpos logo ali, e se calhar era o suficiente para sermos felizes, lembra?,

o suor e as voltas, as palavras no ouvido, as respirações perdidas mas não tanto como o resto de nós,

hoje estou sem cueca,

lembra quando você me dizia isso?, o sorriso absoluto e eu aos seus pés, uma cama é um espaço a menos quando se quer assim, e agora é intolerável de tão grande,

cheguei a te dizer que quando o palhaço do teu pai me confessou que você tinha sido feita numa rapidinha eu respondi que ele só podia estar redondamente enganado porque a pressa é inimiga da perfeição?, sou tão idiota, não sou?, a sorte foi você me amar mesmo assim por aquele tempo todo,

as casas não se medem em metros, só em silêncios,

a sala imensa, os mesmos quatro ou cinco móveis, a televisão, o sofá, e tanto espaço para preencher, isso sem falar do tamanho do que me dói, claro,

você me viciou na violência, é isso,

e agora tudo está calmo demais, eu que só queria uma história banal, a família que todos querem e uma vida mais ou menos para continuar, mas você me mostrou onde começa o orgasmo e agora é tão pouco o que eu banalmente consigo ser sem você,

olhar é o princípio do terror, agora eu sei,

até a sua crueldade me fascina, a maneira como você me mostra sorrateiramente o corpo e me excita, o que eu teria ganhado em paz e perdido em vida se não fosse por aquela rua naquele dia?,

você estava com o vestido mais bonito da história da moda e isto digo eu que nem sequer vi o que você estava usando, aconteciam acima os seus olhos e o seu rosto, há que ter prioridades e eu as tive,

o rosto existe para as mãos,

pelo menos o seu para as minhas, eu mal te conhecia e já arriscava tudo com a minha mão direita a se encaixar perfeita na sua pele, o polegar a tocar os lábios, os olhos fechados a verem pela primeira vez ao vivo de que parte de mim sai a felicidade,

se as borboletas vivem tão pouco porque é que a que voa por você ainda resiste?,

que se lixe a Sociedade Protetora dos Animais e mais as associações todas, vou deixar de alimentá-la e seja o que tiver de ser, entre a consciência e a loucura prefiro aquela que trouxer você, ou precisamente a que não te trouxer completamente, e até lá vou usar um xale ou dois e um pano sobre o peito,

sempre ouvi dizer que há que tapar os mortos por uma questão de respeito.

Você é a mulher da minha vida mas o corpo precisa, sabe?,

existe o tempo, a pele cai, e há que alimentar a excitação com o que foge do que te amo, não te digo porque sei que você ia ficar magoada

alguém inventou a exclusividade para o amor,

e quando eu procuro outros corpos talvez até esteja te homenageando e talvez até esteja sendo um traidor filho da puta, apenas mais um marido que trai a mulher, ou para dizer a verdade estou sendo os dois ao mesmo tempo, pois se te amo como um louco também te traio como um louco,

quem disse que gostar assim tinha de fazer sentido estava louco,

sou tão perfeito como imperfeito quando não deixo de te pertencer quando pertenço a outras,

mas juro por Deus que te amo até o fim dos meus dias.

Você é a mulher da minha vida mas é bonita demais para eu poder me confessar,

você afaga o meu cabelo quando eu me deito contigo no sofá, passa a mão,

eu já te tinha dito que Deus inventou a sua mão para fazer o molde das outras?,

na minha pele o mundo acalma, não acontece o trabalho, as reuniões, e nem a culpa, veja você, acontece quando você me toca assim,

você é tão bonita que é você quem acalma a traição que me dói em você,

nenhuma verdade tem o direito de terminar com um momento assim, te digo que te louco, invento o verbo loucar para te amar melhor e para que por segundos, com o sorriso que você me dá, conceda um pequeno indulto à minha consciência,

mas juro por Deus que te amo até o fim dos meus dias.

Você é a mulher da minha vida mas sou fraco em toda a minha vida,

sei que no fundo você não merece um homem assim, outras mulheres,

quantas foram afinal?,

no meio de nós e você acreditando em amor perfeito, você pode não acreditar

mas eu acredito, te amo com toda a inocência do mundo e não é o vendido do corpo que vai mudar isso,

onde é que já se viu a matéria ter uma palavra a dizer em algo divino?,

continuo a te respeitar mais do que a mim mesmo,

a moral foi inventada por quem não sabia qual a dimensão do amor,

eu te faço feliz e isso me basta,

mas juro por Deus que te amo até o fim dos meus dias.

Você é a mulher da minha vida mas não tinha o direito de mexer nas minhas coisas,

sempre respeitamos a privacidade e só por isso eu facilitei, o celular pousado e esquecido, a sua curiosidade, e o resto são as lágrimas que me impedem de respirar,

te peço perdão, me ponho de joelhos como nos filmes, mas você não me dirige uma palavra, arruma meia dúzia de coisas e sai,

os seus olhos no chão e uma dor que me interrompe a vida,

eu me sento à janela fumando o primeiro cigarro sem você, te vejo sair,

tantos minutos com o carro parado,

você está à procura da força que eu não tive para te confessar a minha

humanidade,

mas juro por Deus que te amo até o fim dos meus dias.

Tanta gente sem teto,

e no entanto o déficit baixou e a economia está crescendo,

hoje adormeci pensando num novo livro, um romance com pessoas que não existem e que já começam a me povoar, pode muito bem ser uma patologia mas faço arte dela,

há que aproveitar o que temos, não é?,

mas acabei por adormecer pensando na sorte de poder adormecer pensando num livro e não na fome, ou em como comer no dia seguinte, ou até na roupa e nos sapatos rasgados das crianças,

que merda vale um livro quando não se tem um pão?,

e a literatura é muito pouco perante a vida, faço muito pouco para mudar o mundo, sento-me nesta cadeira confortável, o mar em frente,

é preciso ver a realidade de longe para não doer, não é?,

e escrevo palavras que às vezes não sei aonde querem chegar, como estas, por exemplo, em que no fundo só pretendo limpar a consciência de não fazer mais para quem vale tanto como eu mas não encontrou o mesmo espaço, o mesmo caminho,

às vezes basta uma vírgula para mudar uma vida, não é?,

escreve-se porque se é covarde, há tantas coisas úteis para fazer lá fora, ajudar um velhinho a atravessar na faixa de pedestres,

ontem um garoto quis me dar um lugar no ônibus e eu o mandei catar coquinho e por pouco não lhe acertei um tabefe na cara,

onde é que já se viu uma criança dar o seu lugar para outra, não é?

ou limpar as praias, ou o oceano, esfolar-me todo, como dizia o meu avô, quantas casas ajudou a nascer?, e eu nenhuma,

sou tão inútil, teria de ajudar o mundo a crescer, sei lá, mas sou covarde e escrevo umas porcarias quaisquer, cheguei a acreditar que fazia a diferença, imaginei uma mulher à beira do abismo e uma frase minha a puxá-la para cima,

a melhor literatura é a que salva vidas mas só a que mata ganha prêmios, já pensou nisso?,

sou tão incapaz de ter coragem, dar um berro, dedicar-me a atividades felizes, dançar, cantar, contar anedotas, fazer um filho, até,

serei sempre o filho, nunca o pai, não é?,

e o pior é que nunca deixo de escrever o mesmo livro, mais vírgula menos vírgula, mais pronome menos pronome, com mais estilo ou menos estilo, ando por aí escrevendo um só livro e só isso me satisfaz,

como se adormece com um livro inteiro para escrever e só uma vida para viver?,

e apesar de tudo as pessoas lá fora, como conseguem?,

viver é tão mal pago, meu Deus,

é preciso fazer da sopa um banquete, talvez, como eu gostaria de estar lá fora, berrar aos cabrões que assim não pode ser, que não existe país sem pessoas, ou números sem alguém que os conte, mas escrevo e me satisfaço assim,

sou fraco e espero que a minha fraqueza faça alguém forte, não é?,

há uma mulher em apuros lá embaixo e a altura é de tirar os óculos, o que não se vê só se sente, sinto muito,

há cada vez mais pessoas em escombros pelas ruas,

e no entanto o déficit baixou e a economia está crescendo.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

brinca comigo, por favor?, a escolinha toda disponível e os olhos dele na maneira como ela pegava as peças de lego, ele queria brincar com ela, não sabe por quê, não imagina por quê, mas algo puxa o menininho para a menininha,

há sempre algo que nos puxa para as menores coisas do mundo, e são elas que nos fazem grandes, não é?,

a professora sorri, quer não esquecer mais esta imagem, a ternura dele a pegar na mão dela, o amor é bonito desde que começa, uma casa gigante sendo construída por blocos de todas as cores, de todos os tamanhos, ela olha para ele com medo, esboça um sorriso, lhe passa mais uma peça,

tome, é para você,

e acaba de produzir a mais pura declaração de amor que o ser humano consegue produzir,

tome, é para você,

ele aceita e constrói, mesmo que os dois já estejam construindo,

brinca comigo, por favor?,

e ela disse que não, e brincou.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

lê comigo, por favor?, um pedido desesperado e feliz, só uma criança consegue um estado de desespero feliz, são as primeiras letras que escrevem e deviam ser, se eles soubessem como se desenha um «m», por exemplo, te amo, não são, ainda não são, daqui a nada talvez, por enquanto são palavras mais simples, ele ao lado dela, não agarra a sua mão nem lhe indica o caminho do «a» porque não pode, a professora não deixa, mas já se olharam sete ou oito vezes nos últimos minutos, nada ficou sem dizer, nunca fica,

quer vir comigo até o final do alfabeto?,

há um dicionário completo para conhecer, se a felicidade não é isto é algo muito parecido com isto,

lê comigo, por favor?,

e ela disse que não, e leu.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

descobre comigo, por favor?, tocaram-se de leve no corredor, o braço esquerdo dela no braço direito dele, ou se calhar foi ao contrário, o braço esquerdo dele no braço direito dela, não se sabe quem tocou em quem, sabe-se que os dois sentiram o toque como se conhecessem de repente o começo da pele, dois ou três milímetros, meio segundo, não mais, e as veias mais dilatadas do que nunca, a escola secundária não imagina mas duas pessoas acabaram de nascer ali, há partes do corpo que surgem do nada, estímulos mentais absurdos, uma conclusão filosófica que só está ao alcance dos gênios, ou dos idiotas,

o sentido da vida é de mim para você,

nenhum dos dois diz mas ambos ouvem, muitos passam anos à espera de uma revelação assim, o corredor cheio, os grupos, as borbulhas, as ansiedades, os pânicos, as invenções, as angústias, o medo disparatado de uma vida pela frente,

descobre comigo, por favor?,

e ela disse que não, e descobriu.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

mora comigo, por favor?, são adultos e querem ser grandes, amar como os grandes, uma casa, um quarto para começar, pode até ser na residência universitária, os pais não vão saber, e que se dane se souberem, andaram a vida toda à espera de acordar e adormecer juntos e chegou a hora, ninguém vai impedi-los, ele vai arranjar um emprego, um meio-período no McDonald’s ou coisa que o valha, ela já pediu a uma amiga de uma amiga de uma dona de uma loja de perfumes que lhe arranje um turno, em breve estarão juntos sempre que estiverem em casa,

quando você acordar, me acorde para eu ver você acordar, sim?,

eles sabem que viver assim é passageiro, que sentir assim é passageiro, mas também sabem que viver assim é eterno, que sentir assim é eterno, são jovens inconsequentes e não sabem o que o futuro lhes reserva, ninguém sabe, mas estão reservados um para o outro, é um bom começo afinal,

mora comigo, por favor?,

e ela disse que não, e morou.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

casa comigo, por favor?, não era o lugar mais romântico, um escritório no meio da cidade, ela sem saber como responder, uma secretária da presidência não pode abraçar assim um dos chefes do departamento criativo, já há colegas a olhar de lado, há que disfarçar a felicidade, ele que voltara a recusar o elevador para chegar mais depressa até ela se apertava no interior do peito, o suor escorria mas não importava, olhava para os lábios dela à espera de que se mexessem, uma tensão inexplicável no ar, alguém já pegou um café e já se sentou, só faltam as pipocas ou com um bocado de sorte nem isso porque a máquina nova já está pronta para usar,

você só precisa assinar e me amar para sempre, só a parte de assinar é que é nova, certo?,

duas ou três pessoas tapam a boca para não se ouvir o riso, a inveja, ela não tapa nada nem responde, sorri como não consegue deixar de sorrir quando ele diz estas coisas, e a verdade é que só ele é que diz estas coisas, ou só dele é que ela consegue ouvir estas coisas, pode parecer a mesma coisa mas não é,

casa comigo, por favor?,

e ela disse que não, e casou.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,

morre comigo, por favor?, o elevador do hospital cheira a perda, ele o recusou como recusou sempre os elevadores, mesmo as escadas, havia que chegar mais depressa até ela e não seria a sua velhice que lhe impediria a coragem,

antes de você estar doente doíam-me tanto as costas mas agora só me dói tanto você, obrigado,

a cama branca, a pele branca, um líquido qualquer branco a entrar- -lhe pelas veias, lágrimas tão grandes por chorar e um sorriso a sair,

você tem todos os capítulos da novela para ver lá gravados, quando é que vai deixar de coisas e vir embora?,

ela estica os lábios como pode, ainda pode, quando o vê ainda pode muito, ainda diz umas palavras, ainda acredita na possibilidade de para sempre, ele fecha os olhos para engolir as lágrimas, respira fundo, pensa que ela não vê mas ela vê tudo, uma faca insolúvel espetada no peito, amar é a certeza de um dia

uma faca insolúvel espetada no peito, e pouco mais, e ainda assim tudo,
morre comigo, por favor?,
e ela disse que não, e morreu.

Desceu pelo corrimão para amar mais depressa,
(...)
mas não havia corrimão.

«Gosto da sua roupa. Mas tenho certeza de que vou gostar mais da sua pele.»

Tinha acabado de vê-lo pela primeira vez e já o amava desde sempre, o amor é tão fácil quando ninguém o complica.

«Me dê cinco minutos para te conhecer há anos.»

O problema das pessoas é pensarem que para ser sentido tem de ser difícil, que para ser verdade tem de ser demorado, provavelmente foi pela forma como ele a olhava, o movimento dos olhos à procura do mundo, um mundômano inveterado, incapaz de estar vivo sem querer.

«Não te conheço de lugar nenhum mas sou sua para sempre.»

Todas as declarações de amor são precoces, esta não foi exceção, ele continuou sem falar mas havia o corpo, os gestos, a maneira como se movia à espera de que acontecesse o depois, não é preciso um nome para amar uma pessoa.

«Eu gostaria de te conhecer melhor e não encontro lugar melhor para isso do que o meu corpo.»

Podia faltar muita coisa no que se diziam mas não faltava urgência, não tiveram tempo de saber quem eram mas tiveram tempo de saber o que queriam, à volta pessoas dançavam, pessoas bebiam, pessoas cantavam, as luzes piscando, a música alta, batidas fortes, ela olhando para ele e ele olhando para ela, há sentidos a mais quando se olha assim.

«Já percorri o mundo mas nunca vi região mais bonita do que o litoral dos seus ombros.»

Os banheiros também foram feitos para amar, o lavatório tem a altura certa, a parede é confortável, os grafites podem até excitar, basta haver quem se ame para que os espaços sejam feitos para amar.

«Quero casar contigo e talvez seja este o momento em que você me diz como se chama.»

Dois estranhos unidos pelo matrimônio, haverá descobertas difíceis, ele não vai gostar de tanta coisa dela, ela não vai gostar de tanta coisa dele, vão ter discussões, dificuldades, contas para pagar, lágrimas frequentes, mas voltarão sempre ao território dos ombros, os nomes ficarão esquecidos, os papéis rasgados enquanto os corpos durarem, o amor exige dois estranhos unidos pelo que os apaixona, e coragem.

«Fomos tão felizes naquela noite, e ainda somos.»

É tão simples perceber o amor.

De maneira que comecei a te amar pelos pés, eu trabalhava na sapataria do centro comercial,

ou shopping, sei lá eu como aquilo se chama corretamente,

e você chegou, o seu sorriso, estava com pressa mas queria o sapato perfeito, gostei logo dessa sua forma de mostrar que era exigente mas com o menor esforço possível,

a vida é pequena demais para perdermos tempo gastando energia em algo que não envolva amor,

você tinha o pé mais bonito do mundo e eu me senti um rei ao ser o seu empregado, uma loja de calçados pode muito bem ser um reino quando estou aos seus pés,

em pouco tempo você encontrou o que queria, sapatos verdes pouco vistosos que só serviam para te tornar mais impossível, e foi embora,

você sabe que eu senti o espaço entre mim e o mundo aumentar enquanto você ia embora?,

esperei que você voltasse um outro dia mas você demorou umas quatro ou cinco semanas, os seus pés outra vez, a minha felicidade outra vez, mas em pouco tempo percebi que já não me bastavam os seus pés, eu queria mais de você, subir por você,

como se convida Deus para ser nosso amante?,

eu podia até te convidar para sair, beber um copo, te falar de mim e contar que já te amava, mas preferi mudar de loja e em menos de sete dias já estava na butique da Andreia para te receber,

não havia roupa que não fosse feita pensando no seu corpo, você vinha pelo menos uma vez por semana, aqui você já se abria mais e já me era permitido olhar para o seu corpo,

não é que eu não estivesse ainda apaixonado pelos pés, você percebe, não percebe?,

você gostava sobretudo de vestidos curtos, não curtos demais,

tenho idade para ser bonita mas não para ser rameira, você dizia muitas vezes à Andreia e a inveja que eu tinha dela,

um dia vou ter uma loja só para te tratar por você

eu estava viciado em você, nos seus pés, na maneira como a roupa tocava e amava o seu corpo, mas fui querendo devagar o seu rosto, estava subindo pelo exterior de você e faltava aprimorar o que eu via em você,

eu podia até te convidar para sair, beber um copo, te falar de mim e contar que já te amava, mas preferi mudar de ramo e em menos de sete dias já estava na loja de maquiagem do primeiro andar para te receber,

como você imagina não foi fácil, longe disso, um homem fazendo maquiagem ainda não é fácil de engolir nos dias de hoje, um curso rápido no centro de emprego, uma palavra amiga aqui e outra ali, até que eu consegui,

e o seu rosto era uma espécie de eternidade, e só digo espécie porque não acredito que a eternidade seja tão interminável assim,

você vinha nos dias de festa,

só não uso maquiagem quando tenho um evento importante, uma festa ou coisa assim, você explicava, e fazia exatamente o contrário de todo mundo, você se maquiava para ir ao banheiro, para ir à casa dos seus pais, mas nunca para uma festa,

foi aqui que comecei a te tocar de verdade, olha o meu arrepio só de lembrar, está vendo?,

a sua pele não existia por mais que eu a tocasse, se eu tivesse dúvidas de que você veio de uma nuvem elas acabariam aí, no momento em que pela primeira vez as suas maçãs do rosto, a sua testa, uma luz imperdoável na loja toda, isso sem falar nos seus lábios, você escolhia sempre o batom mais discreto e quando saía de lá tenho certeza de que até a zona da restauração parava para poder te olhar, era uma sorte eu poder apreciar os seus lábios por fora mas havia em mim a urgência de conhecê-los por dentro,

eu podia até te convidar para sair, beber um copo, falar de mim e do quanto eu já te amava, mas preferi mudar de loja e em menos de sete dias já estava na confeitaria junto à entrada do cinema para te receber,

foi uma missão complicada mas cheguei lá, as pessoas já me olhavam como o empregado maluco e tinham razão, eu sabia muito bem que seria difícil mudar de novo para outra loja qualquer mas não podia deixar de tentar, convenci a Dona Laura de que era um especialista em balas e na verdade até era,

eu sabia com exatidão a curva do seu lábio inferior, o ângulo absoluto do encaixe do superior nele, se isso não é entender de balas não sei o que é,

você ia à loja sempre que queria se mimar, todos os dias, portanto, gostava daquelas balas de Coca-Cola, ainda nem tinha pago e já estava com duas ou três na boca, não era elegante mas era você,

a elegância é o momento em que você acontece, só isso,

eu sentia uma cobiça inaceitável e lentamente senti que o interior da sua boca é a melhor coisa do mundo mas talvez o interior da sua roupa fosse a melhor melhor coisa do mundo,

desculpe o estado repetitivo das minhas construções frásicas mas escrever um estado acima da felicidade é difícil porque parece que não mas ninguém o sentiu antes de mim,

como eu te dizia queria mais do que o interior da sua boca, queria o interior da sua roupa e precisava tomar atitudes nesse sentido,

eu podia até te convidar para sair, tomar um drinque, falar de mim e contar que já te amava, mas preferi mudar de profissão e em menos de sete dias já estava na academia do centro da cidade para te receber,

não creio que alguém tivesse feito um curso de massagista tão rápido como eu, foram duas semanas intensas mas eu fui até o fim, fiz os testes todos num só dia, cheguei em casa e nem sabia onde colocar os braços,

por acaso até sabia, bastava colocá-los em você e eu estaria pronto para mais três ou quatro cursos iguais na sequência,

você gostava mais do que tudo que te passassem a felicidade pelas costas, era fiel à Marisa havia mais de cinco anos, todas as semanas estava lá para ela te libertar do peso dos dias,

uma executiva de sucesso como você sofre tanto para se impor, não é?,

já não sei bem como mas eu a convenci a ficar de folga no dia em que você vinha, provavelmente até tive de sair com ela só para poder te tocar, mas quando de repente a pele do final das suas costas nas minhas mãos senti que podia morrer ali,

não sei se não morri mesmo, sério, pode ser que seja do céu ou do inferno que te falo agora,

eu tinha enfim o interior da sua roupa, os pés, o seu exterior todo, o seu rosto, os seus lábios, o interior dos seus lábios, eu não podia pedir mais nada à vida mas não podia deixar de pedir, sou humano e queria mais,

foi então que decidi te convidar para sair, beber um copo, te falar de mim e do quanto eu já te amava, podia até mudar de loja,

mas nem pense que eu ia trabalhar numa sex shop.

A morte está atrás do seu beijo,

e não me interessa nada que não possa me matar.

Não quero trajetos sem pedras, pessoas sem problemas, muito menos glórias sem lágrimas. Não quero o tédio de só continuar, a obrigação de suportar, andar na rotina só por andar. Não quero o vai-se andando, o é a vida, o tem de ser, nada que não me faça gemer. Não quero o prato sempre saudável, a saladinha pura, a cama casta, o sexo virgem. Não quero o sol o dia todo, a reta sem a mínima curva, não quero o preto liso nem o branco imaculado, não quero o poema perfeito nem a ortografia ilesa. Não quero aprender apenas com o professor, a palmadinha nas costas, o vá lá que isso passa, a microssatisfação, a minúscula euforia. Não quero os lábios sem língua, a língua sem prazer, fugir do que mete medo, e até me acomodar no que me faz doer. Quero o que não cabe no regular, o que não se entende nos manuais, o que não acontece nos scripts. Quero a ruga esquisita, a mão descuidada, a estrada arriscada, a chuva, o vento, as unhas cravadas, o animal do instante. Quero ainda tentar o que ninguém fez, olhar para o imperdoável, gastar como um louco as possibilidades. Quero sobretudo o que me assusta, o abismo em segredo, o interior das suas pernas, a maneira como o suor escorre no centro do seu peito, e a forma impossível como você se exprime quando vem.

Me disseram que o seu beijo matava e eu não liguei,

há alguma maneira de sair com vida de você?

Passaram-se três anos e eu estou farta de você,

da maneira como você abdica de ser romântico, da forma como você desiste de um te amo quando se deita, até do conteúdo vazio das nossas conversas quando nos sentamos à mesa e partilhamos o silêncio,

o amor quando nasce é para todos e é bom que você saiba disso.

Passaram-se três anos e eu estou farta de mim,

de não conseguir fazer o que eu quero sem que você esteja aqui, de não ser capaz de dizer que não quando você me pede perdão, de ainda acreditar que um dia você vai voltar a ser o homem que me conquistou um dia, de ainda esperar que numa manhã destas você me acorde com um beijo e um abraço e me diga que a vida existe porque eu existo,

o amor quando nasce é para todos e é bom que você saiba disso.

Passaram-se três anos e eu estou farta de tentar, de trabalhar como uma louca, de chegar em casa e ter de cozinhar, de cuidar das crianças, lavar a roupa, a louça, e me deitar sem que você esteja aqui, a sua cabeça em outro lugar qualquer,

onde foi que ficamos?, onde foi que nos deixamos ficar?,

não me serve este mais ou menos que nunca me serviu, ouviu bem?, não me serve este mais ou menos que nunca me serviu,

o amor quando nasce é para todos e é bom que você saiba disso.

Passaram-se três anos e eu estou farta de fugir,

é tempo de fazer, de atuar, por isso eu saí mais cedo, peguei as crianças e aqui estou, minha mãe me percebe e me recebe em paz, o meu pai me percebe e me recebe em paz, há um amor sem condições entre nós, aqui vamos ser felizes, as crianças vão ter saudades suas mas sempre existem os fins de semana, eu sei que você é um bom pai, sei que vai perceber, vai chorar mas não tanto como eu, mas vai perceber que tinha de ser, há momentos em que tem de ser,

o amor quando nasce é para todos e é bom que você saiba disso.

Passaram-se três anos e eu estou farta de não te querer,

que dias são estes quando você não está aqui?, que coisa é esta que eu tenho no centro do peito quando percebo a absoluta inutilidade dos meus braços se não podem te abraçar?,

tento outras pessoas, juro que tento, invento que aguentarei, que tudo não passa de uma dependência absurda que vai passar, entretenho-me disfarçando as lágrimas quando saio à noite,

para que serve a música se não for para te definir?,

imagino onde você está e com quem está, ontem você me ligou por causa das crianças e as lágrimas caíram, não sei se você notou e eu estou pouco ligando se percebeu ou não, só espero que venha buscá-las cedo e que peça perdão mais uma vez, desta vez vou te perdoar e te dizer que sim, vamos tentar outra vez, vamos tentar todas as vezes,

para que raios serve o orgulho se eu não puder te apertar?,

sou uma mulher jovem e tenho saudades da nossa rotina, dos nossos espaços vazios e dos nossos silêncios,

o amor quando nasce é para todos e é bom que você saiba disso.

Ainda não sei como descrever o barulho do vento, por exemplo, já o ouvi como se Deus estivesse no interior dele, e no meu, já o percebi como a voz da dor me ensinando a gravidade da vida, já me mostrou que até a alegria pode ser ouvida, e há tantas maneiras de estar vivo quantas de ouvir o vento, de olhar o vento, talvez,

viver é insuportável e é tão bom, porra.

Ainda não descobri quantas lágrimas cabem no rosto, aposto em três mil, mais uma ou duas, no máximo, há muitos motivos para chorar e nem todos são bons, felizmente, o que seria de mim sem saber o instante do choro, a forma como dilata a existência, a sensação de que estou encontrando o começo de mim, o milímetro onde a emoção começa?, espero pelo menos mais um milhão de lágrimas até o final da vida, e é uma expectativa otimista, claro,

viver é insuportável e é tão bom, porra.

Ainda não provei Nam Tok Moo, uma combinação de carne de porco grelhada combinada com menta, suco de limão, chili, cebolinha verde, molho de peixe e arroz tostado, ainda não provei Torta do Pastor, os pedaços de carne de cordeiro cobertos por purê de batata, as coisas que nós sabemos através do Google, nem Massaman Curry, toques apimentados e doces, combinados com leite de coco e com muito curry, muito menos Porco Kalua, Goi cuon, Lechon, Fettuccini alfredo, tanta coisa, tanta coisa, morrer é abandonar a boca a tanto prazer por ter, eu gostaria de provar toda a criatividade do homem, mas só me restarão umas cinco ou seis mil oportunidades, tenho de aproveitar, é certo,

viver é insuportável e é tão bom, porra.

Ainda não andei a trezentos quilômetros por hora, nem sei se quero, um dia decido, ainda não experimentei as posições todas do Kama Sutra, e estou ficando velho para algumas, felizmente conheço médicos e eles me ajudam se alguma coisa correr mal, ainda não disse um milhão de vezes ao meu pai que o adoro, mas estou lá perto e bem vistas as coisas um milhão é pouco para algo infinito assim, ainda não abracei a minha mãe e lhe dei um beijo na testa até que os lábios secassem e os braços cansassem, pode ser agora mesmo, quando acabar este texto, ainda não escrevi a obra-prima e só tenho por volta de setecentos mil milhões de frases para tentar, mais algumas, provavelmente, tenho certeza de que vou morrer de caneta na mão, ou de computador no colo, a última frase será

qualquer coisa como «Desculpem qualquer coisinha, mas leiam, e sobretudo amem.», ainda não me besuntei todo de chocolate, ainda não rebolei na areia depois de vir do mar vezes suficientes, ainda não fui à Lua, nem a Marte, nem sequer à China, e sei lá eu onde há mais extraterrestres, não é?, ainda não joguei em Alvalade, nem no D. Afonso Henriques, nem na Luz, nem no Dragão[3], ainda não subi ao palco do Coliseu[4], minto, já subi, mas foi em reportagem e isso não conta, ainda não vendi trezentos ou quatrocentos ou quinhentos mil exemplares, ainda não salvei vidas suficientes, ainda não azucrinei a cabeça da minha sobrinha o tempo que quero, ainda não inventei palavras que me satisfaçam, ainda nem sequer atirei bolos à cara do meu melhor amigo, ainda não vi os meus alunos ganharem o Nobel, ainda não me deu vontade de dançar em cima do balcão de um bar, e dançar mesmo, ainda não calei mais uma vez os desgraçados que me dizem que não serei capaz de fazer o que já acabei de fazer, os que ainda ontem me asseguravam que eu não chegaria aqui hoje, ainda não mostrei aos meus filhos que o pai só consegue porque faz, porque chora, porque arrisca, porque se expõe, porque não quer estar parado nem aguentar, ainda não apertei os meus gatos até senti-los no meio dos meus ossos, ainda não, ainda não, por favor ainda não, ainda não estou pronto para morrer, nunca estarei, só mais um minuto, afinal de contas vai ser essa a minha última frase, «Ainda não.», com exclamação, «Ainda não!», odeio exclamações e vou usar a primeira quando for a última, «Ainda não!», e é tão pouco, tem de ser mais, mais desesperado, mais urgente, mais absoluto, «AINDA NÃO!», não basta mas é o que há, nenhuma língua está preparada para a morte, não há recursos que cheguem para ela, o pior não são as línguas mortas, são as línguas na morte, incompetentes, incapazes, como eu, ainda não, por favor, mas tem de ser, admito, mas nunca aceitarei, nunca, nunca aceitarei, quando for ficarão em dívida comigo, serei credor para sempre, que isso fique escrito, e agora está, que a justiça cobre sem misericórdia,

viver é insuportável e é tão bom, porra.

Ainda não sei sobretudo a cor da sua cueca hoje, e isso é o que mais me custa, confesso,

agora já sei, que maravilha,

e agora já não sei outra vez

(ou esqueci, vá),

o chão que a aproveite, sortudo,
viver é insuportável e é tão bom, foda-se.

A primeira vez que te vi foi na rua das sapatarias, você estava impecável mas deixou cair um poema,

ninguém é perfeito, nem você, me deu vontade de pegá-lo logo e te devolver, mas faltou coragem e eu acabei ficando com ele para mim, há poemas que têm de ser guardados do mundo, todo mundo sabe disso ou se não sabe devia saber,

pode mesmo morrer a poesia que haverá sempre poemas,

os loucos riem diante daquilo que faz os outros chorarem, e ainda são chamados de malucos,

isso só para dizer que eu sou maluco por você, e que te segui desde esse dia, eu tinha uma consulta no dentista mas não me parece importante me dedicar a banalidades se há um poema para devolver e não se sabe como,

entre a saúde dentária e a poesia há um naufrágio completo, o verso é inútil e só um burro não sabe que é a coisa mais importante do mundo,

depois de você, claro,

você foi ao supermercado, comprou dois pacotes de leite, um de açúcar e meia dúzia de laranjas, depois entrou num prédio de escritórios,

a maneira como você caminha me prova sem dúvidas que Deus não nos ensina a viver mas pode muito bem nos ensinar a andar,

te esperei na porta, quatro ou cinco horas, você veio com um homem que tive medo de que fosse seu marido mas depois vi que não era, ele foi para um lado, você para o outro, e eu para você, fiz sem pensar mas a gostar, admito,

a rima não foi propositalmente, desculpe,

os loucos constroem aviõezinhos com aquele papel verde que os outros veem como motivo para matar se for preciso, ou até se não for preciso, e ainda são chamados de malucos,

isso só para dizer que eu sou maluco por você, e que todos os dias te amei sem que você soubesse, em pouco tempo eu já sabia exatamente as suas rotinas, aonde você ia, o que fazia, com quem saía, você era uma mulher livre e eu podia ter sido um herói se te dissesse alguma coisa,

me perdoe se você é impressionante demais para eu ousar te tocar, sim?,

um dia você não apareceu no ponto às sete e meia da manhã, o ônibus veio e

você não estava, na segunda-feira você estava sempre ali, àquela hora, normalmente viria com o suéter azul, o casaco de pele marrom, o jeans justo.

você faz de uma calça jeans um vestido de gala e ao mesmo tempo uma minissaia sensual, deixe que te diga desde já,

eu podia te dizer muito mais, te elogiar da maneira possível, te dizer as minhas frases de desgraçado, mas a verdade é que estou muito ocupado tentando saber de você,

onde você está que eu preciso amar com urgência?,

te procurei por todo lado e nada, no escritório ninguém sabe de você,

foi ontem e você não voltou, já telefonamos e ninguém atende, ninguém sabe dela e há muitos relatórios para fazer, haja irresponsabilidade, não é?,

os seus vizinhos não viram você sair,

a última vez que te vi foi ontem à noite e me pareceu estranha, tenho de confessar,

em casa você não está que eu já espiei pela janela, andei pelo parapeito e quase caí,

você vale bem uma queda de um segundo andar, até eu que sou eletricista e não percebo patavina de economia sei disso,

já fui a hospitais e nem sinal de você, ainda bem, me deixe respirar fundo agora,

onde você está que eu preciso de um motivo para viver?,

afinal você foi para uma ilha qualquer no meio do Pacífico e nem avisa, quanto não vale ter amigos nas agências de viagem e ser a mulher mais inesquecível do mundo?,

não sei se você volta, na verdade, talvez seja hora de renunciar, não tenho você aqui para ver e não sei se será possível continuar a estar apaixonado por quem não me conhece, o que você acha?,

os loucos veem no impossível todos os motivos para continuar enquanto os outros veem todos os motivos para desistir, e ainda são chamados de malucos,

isso só para dizer que eu sou maluco por você, e que o meu avião chega aí por volta das dez,

me espera com o jeans da Levi’s?,
e ela esperou,
para maluco, maluco e meio, ou então dois,
e viveram malucos para sempre, provavelmente felizes também,
já pode beijar a noiva, se quiser,
ele quis, beijou-a, abraçou-a,
e lhe entregou finalmente o poema.

FOLHA DE RECLAMAÇÃO / COMPLAINT FORM

Utilize caneta esferográfica e escreva com letra maiúscula.

IDENTIFICAÇÃO DO FORNECEDOR DO BEM/PRESTADOR DO SERVIÇO CONTRA O QUAL É FEITA A RECLAMAÇÃO / IDENTIFICATION OF THE PRODUCT SUPPLIER / SERVICE PROVIDER AGAINST WHOM THE COMPLAINT IS FILLED:

(dados ocultados por razões legais).

IDENTIFICAÇÃO DO RECLAMANTE / IDENTIFICATION OF THE COMPLAINANT:

(dados ocultados por razões legais)

MOTIVO DA RECLAMAÇÃO / CAUSE OF COMPLAINT:

COM O SIMPLES PROPÓSITO DE PROCEDER À COMPRA DE UM CARTÃO DE CELULAR, O RECLAMANTE DIRIGIU-SE A ESTA LOJA, RETIROU UMA SENHA E AGUARDOU A SUA VEZ. MAIS DE QUARENTA E CINCO MINUTOS DEPOIS, ALTAMENTE IRRITADO COM UMA ESPERA INEXPLICÁVEL, FOI FINALMENTE CHAMADO. TERIA SIDO BASTANTE AGRESSIVO PARA COM A FUNCIONÁRIA QUE O ATENDEU SE NÃO FOSSE O CASO DE SER A MULHER MAIS LINDA DO MUNDO, O QUE, PARECENDO QUE NÃO, PODE IMPEDIR MUITO BOA GENTE DE FICAR REVOLTADA COM O QUE QUER QUE SEJA, SOBRETUDO QUANDO SE AMA, IMEDIATAMENTE, A MULHER COM QUEM TEM DE SE PROTESTAR — E QUE, NÃO SEI SE JÁ FOI REPORTADO ACIMA, É A MULHER MAIS LINDA DO MUNDO. PRETENDE POIS O RECLAMANTE QUE, SEM MAIS DEMORAS, ESTA LOJA PROCEDA EM CONFORMIDADE, UMA VEZ QUE, TODOS O SABEMOS (PELO MENOS O RECLAMANTE O SABE COM CLAREZA), UMA BELEZA TÃO GRANDE É INTOLERÁVEL E ILEGAL — E DEVE ESTAR CONFINADA A ESPAÇOS EM QUE NÃO POSSA FASCINAR INEXPLICAMENTE QUEM A RODEIA. EXIGE-SE ASSIM QUE, SEM MAIS DEMORAS, A FUNCIONÁRIA EM QUESTÃO, QUE SE IDENTIFICOU MERAMENTE COMO «BÁRBARA TEIXEIRA» (OMITINDO ASSIM, INEXPLICAVELMENTE E COM CLARO DOLO, QUE

O SEU NOME COMPLETO É «A MULHER DA MINHA VIDA»), SEJA COLOCADA EM ESPAÇO MAIS RESERVADO E NUNCA NO ATENDIMENTO AO PÚBLICO. ALÉM DISSO, É PREMENTE QUE A MESMA FUNCIONÁRIA SEJA, PELA FORMA VIOLENTA COMO O TOQUE DA SUA MÃO, SEM QUERER, DEIXOU A MINHA NUM ESTADO IRRECUPERÁVEL DE FELICIDADE PARA SEMPRE, CONDENADA A FORNECER AO RECLAMANTE UM SORRISO ABERTO SEMPRE QUE ELE (EU) APARECER NA LOJA — E, FICA DESDE JÁ O AVISO, O MEU CELULAR É ANTIGO E TENDE A DAR CADA VEZ MAIS PROBLEMAS —, BEM COMO A ASSEGURAR QUE SERÁ SEMPRE ELA A ATENDER O RECLAMANTE, E A LHE FORNECER O SEU CONTATO TELEFÔNICO PARA QUE UM JANTAR, UM ALMOÇO OU UM SIMPLES CAFÉ A DOIS POSSA, A BEM DA REPOSIÇÃO DA JUSTIÇA POSSÍVEL, ACONTECER COM A BREVIDADE POSSÍVEL. AGUARDA-SE ASSIM, POR TODAS AS RAZÕES EXAUSTIVAMENTE EXPOSTAS (E AINDA MAIS EXAUSTIVAMENTE SENTIDAS), QUE A ENTIDADE COMPETENTE AJA EM CONFORMIDADE, CONSCIENTE DA GRAVIDADE DA SITUAÇÃO AQUI RELATADA, E COM A CERTEZA DE QUE JÁ A AMO SOB PROTESTO, DEUS E A LEI ME AJUDEM.

gosto de amar com os dedos,
encontrar o centímetro em que nasce o orgasmo
em você, perceber a extensão da forma como você se sobressalta, e encostar o meu ouvido na sua boca para ouvir a voz de
deus.

gosto de amar com os olhos,
gastar a hipótese do sono e te ver adormecer,
a noite escura e o silêncio de um abraço,
e se quer que te diga
só te escolhi por engano, queria o amor dos livros
e virei escritor, os dias inteiros à espera do seu corpo para que as metáforas aconteçam.

gosto de amar com as lágrimas,
praticar o abismo, a largura estreita dos seus lábios, a sensação de mar excessivo da sua língua,
até a maneira como você percorre o meu sexo
com a extremidade da sua respiração parada,
e sobretudo me submeter ao castigo da emoção
de te amar ainda depois do fim do prazer,
a pequena morte acabada
e a vida toda outra vez a começar.

gosto de amar com o que me resta,
e tudo o que sei é que me resta te amar.

deixa que eu resolvo, filho,

um pai é, na pior das hipóteses, um herói, um super-homem, e eu aqui estou para o que for preciso, já te tenho no colo, você está chorando mas isso passa, um beijo aqui, um abraço ali, a sua mãe, me deixe abraçá-la um pouco com você no colo, daqui a pouco ela te dá de mamar e você já fica bem, é tão bonito, sabe?, dizem que você tem os meus olhos e eu gosto, claro, mas o que eu quero é que você tenha os seus, que veja tudo e que só veja coisas boas, agora tenho de ir embora porque a senhora enfermeira quer te levar para o berço, isso não se diz mas você é de longe o bebê mais bonito de todos, que se lixem as meias-palavras que eu amo o meu filho inteiro,

deixa estar que eu resolvo, filho,

dói muito mas tem de ser, você vai adorar aprender a ler, quando souber escrever promete que escreve que me adora?, um dia você pode até ser escritor como o seu tio, você tem tantas coisas para aprender, fazer contas e saber os nomes dos rios, no meu tempo se sabia isso tudo, os rios, as estações, as capitais de distrito, agora não sei mas você vai gostar, vá, vai, não chore tanto que eu não aguento, dói tanto haver coisas boas que doem tanto, por favor não se agarre assim no meu pescoço, olha quantos meninos, a professora parece simpática e vai te ajudar, eu te garanto, e agora que olho com atenção vejo que você é de longe a criança com o aspecto mais inteligente da turma, sei que isso não se diz mas está dito, que se lixem as meias-palavras que eu amo o meu filho inteiro,

deixa estar que eu resolvo, filho,

claro que eu assino, gosto da sua mulher, você escolheu bem, meu danado, puxou ao pai que a sua mãe ainda é sem dúvida a mulher mais jeitosa lá do bairro, e tenho certeza de que vão ser felizes, deve haver algo que me deixe mais feliz do que te ver feliz mas sinceramente ainda não descobri, confio absolutamente em você, a senhora do banco é uma velha conhecida, a Dona Emília que trabalhou comigo na empresa de calçados, uma santa, e a casa é uma maravilha, espaço para uma família e daqui a nada quero netos saltando por lá, ah quero, aqui está a assinatura, quarenta anos de poupança não poderiam ter melhor uso do que este, estou tão orgulhoso de mim e de você, o meu menino grande a começar uma vida, custa te perder mas no fundo estou te ganhando de uma outra forma, você é um companheirão, o meu filhão, eu sei que não devia dizer isso mas olhando para vocês dois vejo claramente que são o casal com mais pinta que já pediu empréstimo neste banco, que se lixem as meias-palavras

que eu amo o meu filho inteiro,

deixa estar que eu resolvo, filho,

é só uma dorzinha, não se preocupe, vaso ruim não quebra, o médico disse que passa rápido e que eu estou bem, não precisava vir comigo, você tem a sua vida, não gosto nada de atrapalhar os seus planos, mas vamos falar do Sporting, aquele novo reforço não parece grande coisa, não acha?, eu adoraria ir ao estádio com você amanhã mas ainda me custa a andar, nada de mais, não faça esses olhos, nada faz chorar tanto como os olhos de pena de um filho, não me olhe assim, meu amor, me dê um abraço e me conta da sua vida, é verdade o que a sua mãe me disse, que você já é o chefe de turno da sua fábrica?, eu sempre soube que você ia longe, daqui a nada está mandando naquela porcaria toda, raios, foi só um escorregão, desculpe, estou bem, sério, já vou me levantar, só estou vendo onde me posso segurar, o que pode doer mais do que precisarmos do colo de um filho para chegarmos à cama?, aqui está melhor, me deixa só descansar um pouco que já vou ficar com você na sala, liga a televisão e põe a gravação daquele programa em que você esteve outro dia, isso não se diz mas você foi de longe o melhor participante que aquele concurso já teve, que se lixem as meias-palavras que eu amo o meu filho inteiro,

deixa estar que eu resolvo, filho,

você tem a boca da sua mãe, isso é certo e eu não posso negar, mas os olhos são meus, existe lágrima mais contente do que a que cai quando você vê os seus olhos nos olhos do seu filho?, eu tenho você nos braços e estou tão feliz, só queria que o meu velhote estivesse aqui, com certeza ele iria dizer que daqui a nada você está paquerando as meninas no liceu e que você iria ser o melhor aluno da turma, depois iria te falar do novo reforço do Sporting, quando sair daqui vou direto para o estádio para te inscrever como sócio, se desse para você ficar com o número dele seria bom, isso não se diz mas você é de longe o sportinguista mais bonito de todos, que se lixem as meias-palavras que eu amo o meu filho inteiro.

Reivindico a indignação da maravilha, as árvores revoltadas com a força do vento, a velhota na janela feliz com a vida lá embaixo, o sorriso dela tão infantil,

a ingenuidade é o conhecimento emocional,

os barcos aportando com os seus homens de barba longa e muita vida,

as histórias que eles terão para contar, não é?,

e a paz do teu beijo quando você se deita em mim.

Reivindico a engenharia do voo, perceber como se levantam os aviões com tanta gente que não sabe voar, entender como começou o amor,

quem teria sido o primeiro a amar e como soube que era tão bom?,

descobrir onde acaba o mar e de onde vêm as ondas, chorar quando o meu pai me pede um abraço, e eu dou e só recebo,

quem inventou criaturas mágicas como os pais?,

passar a tarde experimentando chocolates,

e o motim do seu suor quando você se deita em mim.

Reivindico ainda a fórmula do poema, o que está na origem do verso acabado,

de que território nascem os gênios?,

é o gênio e não Jesus que está à direita de Deus, ou então Jesus é um gênio também, sei lá eu o que digo,

eu gostaria de descortinar o que esconde o olhar de um gato,

quantas obras-primas encontraria lá?,

a matéria da arte são as lágrimas e todo o resto que elas trazem, até a felicidade, claro está,

mas quero equacionar a possibilidade de todos serem Picasso e só não saberem, ninguém está imune ao fascínio, tenho certeza,

reivindico enfim a canonização do prazer,

e a sua camisa desabotoada quando você se deita em mim.

Reivindico sobretudo o objeto inútil da tentação, o que me faz chorar quando

me apaixono, a ergonomia exemplar do seu corpo no meu,

quem percebeu que existiam sentidos novos para viver?,

recusar-me a pensar quando há os seus lábios, os vinte anos para sempre do que eu te amo, a cocaína dos seus dedos na minha pele,

quem inventou a droga não conhecia o amor, me parece evidente,

e a indecisão sobre se devo te amar para sempre ou para sempre quando você se deita em mim.

Que barulho faz a chuva quando te abraço assim?,

há um texto para escrever, o drama de um escritor é haver sempre um texto para escrever, e é também a sua sorte, não faço sentido mas você me sabes bem,

ontem o seu cabelo cheirava a abraço,

lembro-me de nunca um nariz ser tão feliz, as coisas que eu escrevo, meu Deus, eu podia dissertar sobre a crise, os mercados e a subida do rating[5] ou seja lá o que for, mas prefiro me dedicar à mistura das gotas da chuva na janela com o ligeiro fio de suor que escorre pelo meio do seu peito,

quando você dorme Deus acorda para ter ver dormir,

os católicos não sabem mas o milagre é te amar, você se virou de repente para o lado de cá, tanto que havia para escrever e eu só consigo te escrever,

que desgraça é você que me faz feliz?,

talvez houvesse a necessidade de explicar a existência de uma dívida soberana[6], criticar dois ou três políticos, ou mesmo mais ou todos eles, só eu sei como eles merecem, mas quando volto aqui só escrevo o poema que você me mostra,

todos os que amam são poetas,

pelo menos os que amam assim, com o verso sempre interrompido, tudo para dizer e tão poucas palavras para mostrar,

quantos dicionários exige o seu corpo?,

e isso para não falar sequer da sua voz, da maneira inadmissível como você diz que me ama e eu acredito, já são nove da noite e tenho de entregar um texto às dez, para de me olhar, e você para, se vira para o outro lado mas não chega, começo uma frase qualquer sobre uma coisa qualquer, acho que desta vez era sobre esporte, veja você, mas depois as suas costas, bastam as suas costas para criar um gênio, daqui a nada o prazo passou mas que se lixe, deixe-me escrever num instante a vontade da minha língua em você, a importância absoluta das suas mãos, ou até mesmo a calma do seu colo quando me dói, faltam cinco minutos para as dez e já tenho um e-mail do editor, agora é que vai ser, vou escrever sobre a solução para a tristeza no país, debitar duas ou três banalidades, citar alguns autores famosos para todo mundo me respeitar, e depois está feito, espere um pouco que já volto, aqui vai disto, uma frase já foi, agora mais outra,

mas você ainda está aqui e quando dou por mim já escrevi quatro ou cinco frases sobre a falta que você me faz quando não estás aqui, a dimensão absurda do sofá sem você, olho para o relógio e são dez,

o que vou fazer para escrever algo que não você?,

clico no botão enviar e já foi, uma crônica inteira sobre você, espero que não estranhem, afinal de contas é a primeira vez que te dedico uma crônica inteira, pelo menos hoje, claro, ontem e anteontem tenho a ideia de já ter sido assim,

você ainda vai demorar muito para me dar um abraço de parabéns?

Gosto de quando você é homem, sabia?,

da maneira como você me mostra a dimensão da sua força e me aperta pequena quando me dói,

há tanto para doer, não há?,

a chuva e o sem-abrigo sem ter como fugir dela, as pessoas esquecidas no canto do ônibus,

que merda é esta que inventaram no mundo?,

e depois chego em casa, o dia todo nos meus ombros, e existe a sua força, você me diz que tudo vai passar, e passa mesmo, quando você me pede para me deixar proteger,

o amor pode muito bem ser apenas alguém que nos pede para nos deixarmos proteger, e nos protege mesmo.

Gosto de quando você é homem, sabia?,

da maneira como depois da calma você consegue acender em mim o fogo tanto que tenho para incendiar, não precisa de muito, me fale do espaço entre a poesia e o quanto me ama, me conte a história da invenção do nosso beijo,

é preciso tão pouco para amar uma pessoa, não é?,

e depois da tempestade vem a tempestade, não é de polos opostos que vem o amor, é de um mesmo polo em lugares diferentes,

sou tão viciada na sua pele,

misturamos nossos cheiros e gestos, sabemos que é só prazer e que vai ser tão curto, e por isso insistimos,

o amor pode muito bem ser apenas a ocorrência frequente de prazer, e a sua respectiva insistência.

Gosto de quando você é homem, sabia?,

da maneira como você corajosamente se encolhe e me mostras que é tão grande, um gigante imenso que dói,

há tanta gente que não tem tamanho suficiente para ficar pequena, já viu?,

às vezes há tetos insustentáveis dentro de nós, dias que nos pedem desistência,

e é então que você se deita e se deixa ir à espera do que vá te buscar,

o mundo precisa de desistências periódicas para continuar, foi o que você me ensinou,

você é tanto covarde como herói e é assim que eu te amo, o menino que se faz grande para poder me defender,

gosto muito do heroísmo da sua fragilidade,

quando nos deitamos e nos apertamos nas nossas carências sabemos que nos atravessa o que não tem solução, o mal que nos afeta não tem cura, e mesmo assim nos curamos,

o amor pode muito bem ser apenas a impossibilidade de curar um mal, e depois obviamente curá-lo.

O orgasmo é a armadilha perfeita,

sirvo-me de mãos anônimas no meu corpo, agora um está em cima de mim mas falta tanto, um abismo intolerável entre cada corpo e você, mãos estrangeiras para eu não me lembrar de você

de que país se é quando se sente assim?,

todos os lugares te reconhecem, ao meio-dia em ponto te abro as pernas seja para quem for, este é alto e forte, se a alma tivesse razão era tão melhor do que você, mas acontece que sou estúpida e ainda te quero, porque todas as camas são um preâmbulo de você, e a sua boca é um gesto antigo,

recordo agora o que não vivi contigo,

a saudade é feita de aprendizagens, de ruídos que servem para não ouvir,

ou existe o dia inteiro para viver ou existe o dia inteiro para morrer, deixar as horas passarem, lembrar-me de te esquecer permanentemente, me falta não sentir a sua falta para ser feliz,

todos os que não são você são José,

há que esquecer o que não nos preenche, dispenso saber quem amo quando só te amo a você, chamo de José o mundo que está à volta e vou usando o que posso, a pele, a carne, até as palavras possíveis,

quantos homens vou ter de sacrificar para continuar a não te esquecer?,

digo a ele que me dê com força, fecho os olhos e procuro ir para a geografia do prazer, mas quando eles vão embora fico eu e a literatura da cama vazia, pego duas ou três cartas que você me escreveu e me dispo finalmente para você poder me tocar,

sempre que te leio tenho de estar inteiramente nua,

mais um José que se foi, houve o orgasmo e eu gemi como pude, estive dois ou três segundos sem saber de você, juro, provavelmente é o máximo a que posso aspirar, tenho de ser realista,

eu queria ser a mulher que aguenta e sou apenas a mulher que suporta,

despeço-me dele, um até a próxima frio e um cigarro, a janela aberta, a campainha tocando, deve ser outro José, certamente, abro a porta de lá de baixo sem perguntar quem é,

de que fragilidade ao certo se faz a desistência?,

não me interessa o mistério da morte mas apenas o da sua vida em mim, a porta já abriu, nem olho e deixo que ele venha, as mãos primeiro, o beijo depois, finalmente as palavras,

olá, eu sou o José,

e me basta aquilo para saber que é você, não pergunto nada nem quero saber nada, há a possibilidade de alguns minutos de apenas nós e estou disposta a aproveitá-la, me mostra com paciência o que aprendeu longe de mim, me dá a euforia primeiro e o silêncio depois, mas sobretudo me promete que nunca mais voltará a me prometer nada,

e cumpre por favor.

Dois quilos de arroz, quatro de cebolas congeladas, um engradado de leite e um amor para sempre,

a lista de compras colada na geladeira, o fogão aceso, panelas no fogo, uma casa normal como as outras e depois nós,

devia haver um limite para se ser de alguém só para o podermos ultrapassar como deve ser, não devia?,

gosto de te apertar quando inventamos a ficção possível, quando basta o rebordo da banca da cozinha para te amar, te encosto lá e digo que te amo, e o pior é que te amo mesmo,

tem ideia da raridade da nossa rotina?,

ninguém acredita que alguém pode se amar vinte e quatro horas por dia pela vida toda e nós também não, é tão ridículo chamar de vinte e quatro horas o tempo absoluto que passamos juntos, nós o chamamos de vida e ficamos por aí,

são simples as palavras afinal, e nunca um amor morreu por falta de palavras mas apenas por falta de amor,

não sei se te digo as palavras certas mas te amo como um poeta, escreva esta, por favor.

Me dá um beijo molhado à porta do hipermercado e me faz feliz,

tão adolescente como você só o seu pedido, o seu riso estridente, a moça do caixa sem saber se ri ou chora e as suas pernas já em volta da minha cintura,

não sei se se chama lábios o que me faz existir assim,

você não é a maneira mais certa de viver, provavelmente, mas é com certeza a única possível, e isso me basta para tudo estar correto,

gosto de quando a felicidade pode ser medida, a sua mão onde a carne se ergue,

que raio de euforia é você?,

se Deus existisse você iria obrigá-lo a pecar, e você sabe disso, agora vem comigo tomar banho, lava as minhas costas e esfrega a minha pele, não sei se é romântico mas me faz chorar, me faz não saber o que eu quero a toda hora e é esse o meu desejo,

quantos desequilíbrios exige uma felicidade?,

e ao final do dia ou da noite lá estaremos nós na casa normal, no sofá habitual, a sua cabeça no meu colo banal, o seu cabelo no meio das minhas mãos vulgares, e quem visse diria que seríamos mais um casal qualquer, e somos, mas não diga a ninguém que é por isso mesmo que nada se compara a nós,

a única pobreza é ter apenas a realidade para viver, e ainda bem que o sabemos, não é?,

não sei se te digo as palavras certas mas te amo como um poeta, escreva esta, por favor.

Se você soubesse que não temo a perfeição,

porque por sorte eu só temo aquilo que posso alcançar, como o jeito estranho que o seu cabelo faz quando você chega de manhã ao trabalho, a bolsa a tiracolo e tanta pressa para começar a responder os e-mails, o primeiro é sempre meu e você nunca reparou, amanhã tento te enviar o primeiro e o último também, te envio um logo que sair e outro logo que chegar no dia seguinte, pode ser que assim você perceba que não é por acaso,

tudo o que se quer com tanta força é por acaso, se calhar é isso,

quero você desde que te vi e nem assim você conseguiu me ver,

se você soubesse que nunca invoquei as pedras da calçada em vão, que isso fique bem claro,

mas a verdade é que eu as invejo, os seus passos ordenados a caminho do que não sou eu,

para onde você vai quando não te vejo?,

é difícil suportar a existência da sua vida fora do que eu amo, pode me chamar de possessivo, ciumento, sei lá, pode me chamar do que quiser desde que me chame de teu,

a minha liberdade toda por um beijo, aceita?,

hoje te convido para tomar um café, é um bom começo e sempre dá para te olhar mais por dentro, quando te olho mais de cinco segundos seguidos sou feliz para sempre, juro,

se você soubesse que comprei um terno novo para te olhar melhor,

a mulher da loja estranhou, olhou para mim com desdém,

onde é que já se viu um homem malvestido estar apaixonado?,

mas ela acabou me atendendo, escolheu um cinza com pequenas riscas azuis, espero que você goste, gastei o dinheiro das férias nele, se o patrão sabe corta tudo de vez, acho que ele tem uma paixonite por você, que eu bem o vi te olhando de cima a baixo no jantar de Natal, se ele tentar alguma coisa me conte que eu dou um murro nele e peço a conta na hora, não estou nem aí para o salário mas deixar de te ver é que ia custar, talvez você arranjasse uma maneira de me ver e tudo ficasse bem, você já vai sair e aqui vai o convite, te peço de joelhos que aceite por mais que pareça que não estou me importando com a sua

resposta,

o drama do corpo é saber mentir,

se você soubesse que o que faço por você não é bem chorar, é mais morrer,

não há maneira de você me querer e o melhor é desistir, atirar a toalha ao chão e ir à procura da felicidade possível,

quem sabe haja uma mulher que te esconda?,

me deito todos os dias com essa vontade, convenço-me de que amanhã abdico de tentar, mas depois vem amanhã e os seus passos na calçada, vejo-os aqui de cima da janela quando tomo o café no pátio do prédio, trezentos e setenta e três passos exatos desde que você sai do metrô até a entrada da fábrica, contei-os ontem e hoje confirmei,

a ironia da loucura é que ela sabe contar,

e sou outra vez seu desde que você queira, até as cacas do nariz se arrepiam, só para que você saiba, não é nada romântico mas é a verdade,

quando eu for ao oftalmologista e ele me perguntar o que vejo mostro uma fotografia sua e vou embora, me garanto,

se você soubesse que eu te amo,

talvez fosse diferente, talvez você se deitasse à noite comigo e me deixasse te ver adormecer, tocar no seu cabelo até o fim das lágrimas, trazer a sua cabeça até o medo dos meus ombros e esperar que a felicidade chegasse enfim,

se você soubesse que eu te amo,

mas você sabe.

Me mata a fome só para saber que sou insaciável,

eu queria tanto te dizer assim o quanto te quero, mas existe o pudor, o medo, a vergonha, essas coisas todas,

quantos nãos pode uma pessoa de verdade suportar?,

e quando estou contigo passamos o tempo falando da sua irmã e do namorado dela, um banana completo, devo dizer,

os imbecis têm sempre as melhores mulheres ou é impressão minha?,

ou então das suas aulas, o 8º B que te azucrina a cabeça, um tal de Diogo que é um malcriado,

me diz onde mora quem te faz mal que eu trato disso, está bem?,

e quando chega a hora do silêncio quero te colher nos meus braços, te contar a história do rapaz infeliz que só era amigo da jovem que amava para poder pelo menos estar perto dela algum tempo, saber da sua vida, do que acontece, é uma forma de traição, eu sei, mas não creio que seja possível aguentar a sua existência sem poder ter você, e ele é você e eu sou eu, o que se faz quando há tanto para perder e tudo para ganhar?,

eu só queria alguém que me compreendesse, entende?,

e a sua pergunta merecia que eu te dissesse que estou aqui, te compreendo toda, eu sei que você tem medo do escuro quando está trovejando, sei que a sua perna esquerda dói quando o tempo muda, e que o seu animal preferido é o gato, a sua cor o azul, sei que você gostaria de viver em Nova York mas não sabe por quê, sei que o homem perfeito é alto e moreno mas que a única vez que você amou alguém ele era baixo e gordinho e até meio loiro, sei que você escova os dentes com a mão esquerda mesmo não sendo canhota, sei que às vezes você liga para a sua mãe para ela te fazer dormir,

o que há de perfeito nas vozes dos pais?,

sei que você odeia dirigir, e só eu sei o quanto custou tirar a carta tão tarde mas teve de ser,

antes seu motorista do que nada, não é?,

as pessoas fazem as coisas mais estranhas por amor e tirar a carta de motorista nem é uma delas, afinal de contas até tem outras utilidades mesmo que só dirija para você mesma, não conte a ninguém mas quando você não está aqui eu ando

de táxi ou de metrô ou de ônibus, dirigir é um ato que te exige, como todos os outros, aliás,

mas já chega de mim, continuemos em você, na sua necessidade de um está tudo bem quando algo está doendo, na sua necessidade improvável de um gol do seu time, nunca fui do Sporting até te conhecer, fique sabendo, e só eu sei como consegui aquele número de sócio tão baixo só para te convencer de que era sócio desde pequenino,

poucas coisas justificam uma falcatrua tão bem como o amor, e eu parecendo que não acho que te amo,

não estou satisfeito por ser seu amigo,

isso é o máximo que eu consigo dizer, em alguns momentos receio que você entenda mal e que pense que não te quero mais aqui, no espaço mais íntimo da minha fragilidade, mas quando você toca levemente a minha orelha com a sua mão esquerda,

no amor você é como escova os dentes, que curioso,

e me pede para te fazer esquecer do tempo eu sei que valeu a pena, e será

mesmo isso a única coisa que eu sei,

penso que foi ontem ou anteontem que me lembrei de te amar,

você me disse, e eu não disse nada porque os lábios não servem para falar, na verdade, e também porque eu não saberia te responder,

quando você me pediu para te fazer esquecer o tempo eu te obedeci, sabe?, e acho que fui longe demais,

que dia é hoje afinal?,

os imbecis têm mesmo sempre as melhores mulheres, e essa é a minha sorte,

graças a Deus.

«Moro num país em que a pobreza está legalizada»,

e Guilherme (nome fictício para algo que deveria ser ficção) passa a mão direita pelo olho do mesmo lado, esfrega uma e outra vez a pele molhada, as rugas mostrando que não é só por dentro que o tempo passa. Tem setenta e um anos, toda uma vida de trabalho para trás, e agora o que lhe resta é a casa caindo de sempre no bairro acabado de sempre.

«Moro num país em que a pobreza não é crime»,

a mão sempre nas lágrimas, as pessoas ao redor olhando com medo.

«Um pobre assusta as pessoas, sabe»,

você me pergunta, os olhos grandes e azuis como quem pede desculpas pelo cheiro de quem não sabe o que é água quente há anos, as mãos que se mexem como se procurassem o motivo para a vida.

«Às vezes, por uma questão de respeito, desisto de estender a mão e de pedir, sei que as pessoas têm os seus problemas e não querem saber de mim. Nesses dias opto pelos caixotes do lixo e até nem tenho me dado mal»,

ele conta, e consegue sorrir o sorriso mais corajoso que existe, e desta vez já são as minhas lágrimas que querem sair; aguento e prossigo, pergunto-lhe o que fazia, o que o levou ali, àquele pedaço de nada numa vida tão grande que se foi.

«Trabalhei em obras, tive uma mercearia, depois até abri um restaurante, veja só. Mas depois veio esta coisa da crise e eu tive de voltar aos trabalhos forçados. Mas ninguém me queria. Eu já era velho demais para trabalhar e ainda era novo demais para deixar de trabalhar»,

ele para um segundo, talvez dois, e continua, as lágrimas pararam mas a cabeça não.

«Era velho demais para viver e novo demais para morrer»,

as vidas de todos os velhos deste país, e de tantos velhos neste mundo, definidas numa frase, eu quero abraçá-lo, pedir que venha comigo para casa, dizer que farei o que puder e o que não puder para que nada lhe falte, mas nada lhe digo: sei que se há algo que não lhe falta é o orgulho que resta a quem já nada tem.

«Já houve quem quisesse me ajudar, me dar uma vida longe daqui, onde houvesse água da boa para beber e comida da boa para comer. Mas eu não quero.

Trabalhei demais para aceitar morrer de esmolas»,

a expressão fica na minha cabeça, ele a explica, talvez haja outra lágrima quase saindo.

«Viver de esmolas não existe, sabe? Viver de esmolas não existe. Quem anda pedindo esmolas está morrendo de esmolas, e eu trabalhei tanto, tanto, sabe? Não quero o que não mereço, nunca quis o que não merecia. Só quero o que me disseram que eu ia ter, mas aqui neste país, não sei se eu já te disse, a pobreza não é crime, parece que os políticos que lá estão a legalizaram»,

ele revela, e mostra um jornal tão gasto como a pele dos braços, a notícia de um orçamento qualquer de Estado aprovado cobrindo toda a primeira página.

«O que eles querem é que a corja tenha medo de ficar como eu. Nada assusta mais do que a pobreza, não sei se eu já tinha dito a você. A pobreza não é o fim mas é um final movente, vai acabando conosco por dentro, vai nos levando aos poucos; começa pelo orgulho, depois leva a autoconfiança, até que, se não estamos atentos, ficamos sem nada, nos resta pedir e ficar nas mãos de quem nos pôs assim. Mas a mim esta gente não leva. A mim esta gente não leva»,

as palavras abanadas como uma bandeira, branca de paz e nunca de rendição, cada vez mais pessoas à nossa volta, a noite caindo e, ao longe, no céu, a promessa da chuva quase chegando.

«O que eles querem é que a gente se refugie da chuva, entende? Querem que a gente tenha medo de se molhar e se refugie da chuva, e que por isso, para isso, faça o que eles querem. O que eles querem é que nós todos sejamos cordeirinhos, e eles dizem vai e nós vamos, e eles mandam fica e nós ficamos. Estamos todos como estamos agora, mesmo agora, a chuva quase caindo e cada um de nós precisando escolher se se abriga ou se se deixa ficar»,

até que a chuva começa mesmo, as pessoas correndo, os cafés a encherem ao redor, os toldos das lojas ocupados, eu e Guilherme sozinhos no meio da rua.

«Está vendo como todos fogem? É isto que eles fazem»,

outra vez o jornal abanado, as folhas molhadas caindo aos pedaços. «Ameaçam que vem chuva, fazem chover mesmo, e as pessoas fogem dela, é mais fácil fazer de conta que se aguenta assim; as pessoas preferem ficar recatadas, escondidas do que molha. Mas olhe: a minha avó, Deus a guarde num lugar especial, sempre me disse que quem anda na chuva se molha, e eu prefiro

ficar todo encharcado a estar só levemente molhado, sabe? Se é para molhar que sirva para lavar, ela me dizia»,

a rua deserta, eu e ele ensopados, e por alguns momentos até as rugas parecem desaparecer debaixo da água.

«Todas as águas servem para sarar. Não vai ser no meu tempo mas tenho certeza de que um dia as pessoas vão perceber que todas as águas servem para sarar, e aí a revolução chega. Aí a revolução chega. Vou morrer, fique o senhor sabendo, com a esperança da revolução, e até não é uma maneira feia de se morrer, não?»,

ele sorri, a vida perdida nos dentes perdidos, passa a mão pelo meu ombro, dá uma palmada amigável nas minhas costas, e segue o seu caminho, a chuva e a silhueta dele, a noite a fechar-se, e uma recusa final quando eu lhe pergunto se quer que o acompanhe ou que o leve a algum lugar:

«Deixe estar. Eu fico aqui onde chove.»

E fica. E fica.

Deus veste biquíni e calça havaianas,

escrevi ontem no caminho aqui para a praia, quis te prestar uma homenagem, um poema à minha moda, não sei melhor do que isso, desculpe, o meu pai me disse sempre que quem dá o que tem a mais não é obrigado, que porcaria de frase mas agora me serve,

as frases valem o objetivo que conseguem, a verdade é essa,

você deixa as minhas certezas em escombros,

isso também é verdade, quando te vejo nesse corpo e nesse biquíni,

você vem com tantas amigas e me parece intolerável acreditar que um dia pode ser minha, e é por isso que eu acredito, olho para você até a exaustão, confesso, e pode haver mil polícias que só a sua pele morena me denuncia, gosto tanto da maneira como o sol bate nas suas costas que custa,

me dá uma esperança que eu construo uma casa,

a água incompleta quando você não está, temo bem que noventa por cento das pessoas estejam aqui para te ver, pelo menos noventa por cento de mim está, o resto fica parado quando te vê e é como se vivesse por partes quando te tenho à minha frente, ou se ama incontestavelmente ou se ama sob protesto,

tenho o coração à venda enquanto você não o quiser de graça,

sou tão medíocre quando te falo, não sou?, é você que me deixa assim, quantos palermas pode um só amor gerar?,

fique sabendo que eu sou o melhor aluno da turma, recebi o prêmio da quarta classe, do segundo ciclo e na secundária todo mundo me quer ao seu lado nos testes, embrulhe esta e use para gostar de mim, se puder, e se não puder também, por favor, antes desesperado do que sem te esperar,

quando te vi há seis meses não sabia nadar e agora sou nadador – salvador da sua praia,

que tal isto como prova de amor?,

um dia te escrevo uma mensagem,

o Guedes, que joga no Benfica e que quer te levar para a cama, se ele tentar forçar alguma coisa avise, sim?, onde é que já se viu querer levar para a cama o que só se pode levar para o céu, que cafonice, minha nossa, perdoe-me isso,

mas um dia, eu te dizia, te escrevo uma mensagem para o Facebook porque o Guedes me arranjou o teu link em troca de cola na prova de Português,

não queira um trapaceiro desses para amar, promete?,

Deus veste biquíni e calça havaianas,

vai começar assim e depois terá todas as palavras que estão aqui para cima depois disso,

tome a minha vida toda e faça dela bom proveito,

e de mim também, obrigado.

Da minha janela vê-se o teu corpo, é mais ou menos às dez, você janta e depois fica ali, naquele cadeirão na esquina da sala, fuma um cigarro, às vezes dois, olha para o espaço imenso da cidade, as luzes paradas, os lugares vazios, e eu imagino que você está me olhando, é nesses momentos que me emociono, o fumo pelo ar da sua sala e eu fumando contigo, e não vejo intimidade maior do que um cigarro a dois no silêncio mais profundo da noite.

Da minha mesa vê-se a tua vida, é só um bocadinho mas chega, basta que você tenha de ir buscar qualquer coisa na gaveta dos grampos e já te vejo, você faz um olhar carregado, talvez não goste muito de arquivar documentos, organizar capas e recibos, e eu gosto de parar para não gostar com você, fecho os olhos e tento perceber o que mudou em você desde a noite passada, perceber se você dormiu bem ou não, de que cor é o batom que está usando hoje, quantas vezes olha para a fotografia da tua filha, e não vejo intimidade maior do que olharmos juntos para o que você mais ama.

Da minha mesa vê-se a sua solidão, você almoça contigo e eu vou também, a mesa do canto sempre que você pode, uma comida leve, uma salada ou o peixe do dia, não sei se te disse que você não precisa de dieta para nada, se eu desenhasse o seu corpo seria um homem completo, o dia todo te olhando, mas não sou artista e só te amo, a mesa do canto longe da janela, provavelmente você tem medo das pessoas ou dói-te ninguém, a mim também, fique sabendo, peço o que você pede e vou te acompanhando sem pressa, e não vejo intimidade maior do que almoçarmos a dois cada um no segredo do seu canto.

Da minha bicicleta vê-se a sua liberdade, você corre ao fim da tarde no parque mais perigoso da cidade e eu te protejo para me proteger do seu fim, te vigio a uma distância segura, o rio lá ao fundo, os caras olham para você e eu tremo, um dia isso acaba mal, passo por eles e faço cara de mau, eu que nunca bati em ninguém e que era a chacota da escola, para você me faço de herói e se for preciso sou mesmo, hoje você parou mais cedo do que o costume e está tensa, não sei o que se passa e estou assustado, você não é mulher de parar no meio do que te magoa, agora você se sentou e fechou os olhos de repente, o corpo desligado e eu não aguento mais, paro a bicicleta e te agarro com força, felizmente é só um desmaio e você acorda, eu com você nos braços e os seus olhos se abrindo, e não vejo intimidade maior do que você abrir os olhos e encontrar os meus.

Do meu lado da cama vê-se a sua mão, está pousada no meu peito e a vida bem que podia ser só isso, você dormindo com a sua mão pousada sobre o meu peito nu, a minha respiração e a sua mão a subir com ela, ontem você fumou o cigarro do lado de cá, te contei que o fumava com você, te mostrei por que ângulo te amava, mas o dia acontece, a luz chega e há que trabalhar, você agradece, me pede desculpas por ter sido fraca e vai embora, lança a possibilidade de voltar a ligar, diz que não sabe o que nos une mas que vai tentar descobrir, eu te deixo ir e fumo um cigarro à janela, toda a cidade à procura não sei de quê, e não vejo intimidade maior do que a possibilidade de estar fumando o mais feliz cigarro do mundo.

«Prometo falhar.»

Foi a única promessa que ele fez, toda uma filosofia em duas palavras, eu não acreditava na possibilidade da perfeição, nem sequer fazia o que quer que fosse para alcançá-la, pois se não existe por que haveria de procurá-la?, e se deixava viver pelo que tinha à frente, as opções todas, as portas todas, havia sempre uma hora ideal para a felicidade e era sempre agora, o amor só existe quando alguém desiste de ser perfeito.

«Quero tanto mas deixa lá.»

O abominável medo das pessoas, a abominável capacidade de saciar com metade aquilo que pode ser inteiro, ela tinha medo, tanto medo, medo de errar, medo de não conseguir, medo de não dar o passo certo no sentido certo, muito menos na hora certa, e quando o abraço aconteceu eram dois corpos que se juntavam, sim, mas eram muito mais dois mundos diferentes que não sabiam como se unir, o amor só existe quando dois mundos se unem sem fazer a mínima ideia de como vão se unir.

«O erro das pessoas é procurar o que não existe.»

E ele insistia, abraçava-a depois do sexo e lhe explicava o conteúdo da vida, a urgência de uma pele, esquecer a possibilidade de um casal perfeito para saborear na perfeição o casal possível, ele e ela, imperfeitos como só eles, ele com rugas por toda a cara, a idade estendida pelo desenho do corpo, ela cansada de lutar, cansada de temer, os filhos, a vida, uma história inapagável para trás, ele e ela com tudo para errar e era isso mesmo que os separava, uma vontade apenas mas de viagens diferentes, o amor só existe quando duas pessoas se encontram no meio de duas viagens diferentes.

«Prometo falhar.»

Prometo te amar até o limite, te beijar até a última fronteira, correr quando bastava andar, saltar quando bastava correr, voar quando bastava saltar. Prometo te abraçar com o interior dos ossos, percorrer a sua carne com a fome absoluta, e ir à procura do orgasmo todos os dias, a toda hora, encontrar a felicidade no doce absurdo que nos soubermos destinar. Prometo falhar. Sem hesitar. Prometo ser

humano, aqui e ali ser incoerente, aqui e ali dizer a palavra errada, a frase errada, até o texto errado, aqui e ali agir sem pensar, para que raios serve pensar quando te amo tão desalmadamente assim? Prometo compreender, prometo querer, prometo acreditar. Prometo insistir, prometo lutar, descobrir, aprender, ensinar. Tudo para te dizer que prometo falhar. E Deus te livre de não me prometer o mesmo.

«Você foi a maneira mais bonita de errar.»

E ela sentiu a respiração faltar, hesitou como nunca tinha hesitado, quis pensar naquilo tudo, colocar todas as possibilidades nos pratos da balança, mas quando deu por si não disse «quero tanto mas deixa lá», quando deu por si estava pensando em como tinha conseguido deixar de pensar, um ou dois segundos de ela mesma, o amor só existe quando nos oferece pelo menos um ou dois segundos de nós mesmos.

«Se você voltar a falhar juro que te amo para sempre.»

E ela falhou.

À vida não peço muito, nunca pedi, o meu corpo em condições de te procurar e todo o resto por acréscimo. Poderia haver talvez a possibilidade de um fim de semana a dois, só um aqui e ali, eu e você sem o mundo para incomodar, em qualquer lugar que pode mesmo ser um lugar qualquer. Em seguida gastaríamos os dias fazendo de conta que existia alguma coisa além da necessidade de nós. Eu poderia mesmo arranjar um emprego, trabalhar das nove às cinco, sorrir para os meus colegas quando contassem uma piada, insultar entredentes o meu patrão porque ele não entendia toda a minha competência, tudo para poder chegar em casa, já à noitinha, e te dizer «te amo e até já me esqueci de tudo o que vivi hoje», e depois você poderia dizer «como foi o dia, meu amor?», e eu responderia como todos os chefes de família que não tinha sido fácil mas que se ia levando, até que, após duas ou três falas sem importância nenhuma, chegaria o abraço e depois o beijo e depois o corpo e depois o prazer e depois nós estendidos numa superfície qualquer que tivesse espaço para o que nos queríamos. Haveria mais gemidos do que já houvera, os vizinhos fariam queixa ao porteiro, o porteiro ligaria, diria, sem saber bem como, que estávamos incomodando com os nossos barulhos, eu diria que não seria um porteiro que iria me impedir de amar, e voltaríamos para os gemidos só para mostrar que quando se ama nem os decibéis podem ser medidos.

«Só o que ultrapassa todos os limites pode mudar o mundo, sabia?», você perguntaria, o cigarro na boca, o corpo nu, a janela aberta e os vizinhos da frente, como sempre, apaixonados pela aritmética perfeita do seu corpo, eu te respondendo da maneira possível, dizendo a você que não acreditava que houvesse limites desde que conheci o interior dos seus lábios, você de imediato diria, com aquele seu jeito de menina ingênua e ao mesmo tempo de putinha indomesticável, que você adorava a maneira como eu usava as letras para te abrir as pernas, e sem eu dar por isso já estava outra vez dentro de você, as suas coxas molhadas nas minhas ancas e todos os orgasmos outra vez possíveis.

«Todo mundo conhece o tamanho de um orgasmo», você diria, sem que eu percebesse por quê ou para quê, e você continuaria a sua dissertação com a ideia de que na verdade só existia o prazer para que existisse o homem, e que o prazer vem antes da vida, pela simples e tão elementar razão de que é só com ele e do que dele resulta que existe o nascimento; eu continuaria estendido na cama, vendo a sua silhueta na janela e por debaixo da luz que entra pelo vidro, imaginando o que seria do mundo se não existisse a impotência de não te amar assim, de não te necessitar assim, pensaria também que nada daquilo teria futuro,

que nós não teríamos futuro, éramos dois loucos a brincar de corpos, dois meninos a brincar de orgasmos, tanta inconsequência, tanta incapacidade de criar um futuro, enquanto você não fazia ideia do que eu pensava ou imaginava e você só queria transmitir uma ideia, que julgava imutável e inatacável, segundo a qual o amor consiste na capacidade de encontrar todas as paixões num só corpo, concentrar todos os sexos num só sexo, e você concluiria que não, que não seria capaz, que me pedia desculpas mas era incapaz de amar um só corpo assim como era incapaz de amar uma só vida, e que era por isso que inventava pessoas em você, era a menina e a adulta, a rebelde e a certinha, era tudo o que podia ser, isso e o seu contrário, para que você pudesse resistir, não porque fosse traidora ou infiel, não porque não gostasse de mim até o fundo da pele e até o começo dos ossos, mas apenas porque você tinha a estranha mania de insistir em ser feliz.

Você apagou então o cigarro, a luz da Lua quando você se virou me fez acreditar que se Deus existisse seria qualquer coisa como o que eu vi em você, você me deu um beijo de despedida, disse que era impossível me dar aquilo que eu merecia, e quando você se preparava para bater a porta e sair eu te disse apenas que se você não podia me dar o que eu merecia eu tinha todo o direito de exigir que você me desse o que eu não merecia.

À vida, não sei se já te disse, não peço muito, apenas o meu corpo em condições de te amar e o teu corpo mesmo que velho debaixo de uma lua só nossa.

Éramos tão pequenos e já amávamos um amor tão grande.

Quando começamos a nos amar, eu esperava por você em frente à escola, parava a minha Yamaha junto ao passeio, dava duas ou três aceleradinhas e todo mundo parava para me ver, não posso dizer que não gostava, gostava, mas o que eu queria era que você me ouvisse, me olhasse e talvez viesse correndo para os meus braços, e se valia a pena ter uma moto, só eu sei o que tive de fazer para comprá-la, era para te obrigar a olhar para mim.

Éramos tão novos e já amávamos um amor antigo.

No princípio você não ligava, eu ficava ali dez, quinze, vinte minutos, até deixar de ser interessante estar parado em frente a uma escola secundária, até todos deixarem de me ver como um cara descolado e passarem a me ver como um palerma qualquer que ia para a porta de uma escola dar aceleradinhas na sua moto, e eu tinha de ir embora, muitas vezes, sem ver os seus olhos nos meus ou na minha moto, sem ver o seu sorriso, sem que o dia valesse a pena. Nesses dias eu ia por outros caminhos e esperava que você saísse, te via com as suas amigas, todas elas sem saber que eram amigas da menina mais bonita (é você, sabia?) que o mundo conheceu, e pensava que um dia seria eu, eu e você, de braço dado, sem precisarmos de motos e de aceleradinhas, que desperdício seria ter as minhas mãos ocupadas num volante quando existiria a sua pele para tocar antes que o tempo passasse, eu e você e a ausência de uma moto, assim seria o mundo perfeito por mais que ver você sorrindo já fosse tão bom.

Éramos tão ingênuos e já sabíamos tudo.

É claro que crescemos, você cresceu e deixou de ser a menina mais bonita que o mundo conheceu para passar a ser a mulher mais bonita que o mundo conheceu, eu cresci e deixei de ter uma moto e passei a ter um carro, mas no fundo ficamos as mesmas pessoas, não mudamos um bocado que fosse, você continuava a estudar e eu continuava a trabalhar que nem um cão para poder te ver sair da escola e depois da universidade, havia, claro que havia, de ganhar coragem para te dizer um dia que te queria como um carro precisa de um motor, como uma moto precisa de um escapamento, como as rodas precisam de estrada, sei lá, uma metáfora (é assim que se diz, não é?) qualquer, perdoe-me mas tudo o que me lembro são coisas lá da oficina, eu só queria que você entendesse, logo

aí, que se eu não te abraçava e te dizia que te amava era apenas porque dizer uma vida ainda custa um pouco, mas eu tinha certeza de que um dia, sim, um dia eu seria capaz, você só tinha de esperar um pouco, só um pouco, está bem?

Éramos tão ignorantes e já entendíamos o sentido da vida.

Você me traz toda a sabedoria do mundo, que isso fique bem claro, aconteceu naquele dia eu te ver com aquele rapaz que você provavelmente conheceu na universidade, e se me pedissem nesse dia para explicar o que era o ciúme eu iria responder «aquilo que mata», e se a morte existe não deve doer tanto assim, você nos ombros dele, o sorriso e por momentos a desistência, mas quem ama nunca desiste, li num livro, um dos livros que passei a ler desde que percebi que se queria te conquistar tinha de dizer as palavras certas e não as erradas, no fundo a diferença entre ser feliz e não ser feliz está na escolha das palavras, o mais feliz, aprendi num instante, é sempre aquele que diz melhor.

Éramos tão incompletos e já não nos faltava nada.

Quando me abraçou pela primeira vez, você não viu mas é mesmo verdade, deixei cair o papel que tinha na mão e que tinha preparado com tanto cuidado para te dar, já não sei o que tinha escrito lá com certeza era uma maneira qualquer de te dizer que te amava de uma forma poética, acho que até rimava, veja você, mas quando você me abraçou pela primeira vez, estávamos sozinhos no centro de uma rua cheia de pessoas, eu deixei cair o papel e disse que te amava, não usei poemas nem versos nem rimas, disse «te amo» e os seus olhos abriram e fecharam, depois você olhou para o céu, não sei se agradeceu mas eu agradeci, e você voltou a me abraçar e ao ouvido eu ouvi alguém dizer «eu também» e quis acreditar, ainda quero, que foi você, porque se não foi então está explicado que o amor compensa a cegueira com o excesso de audição, e agora até já tento fazer piada, veja o que você faz em mim, um homem anda treinando para ser poeta e o máximo que consegue é ser ridículo, e talvez até sejam exatamente a mesma coisa agora que penso nisso.

Éramos tão passageiros e já nada nos conseguiria separar.

A vida é uma puta, sabe?, nos obriga a fazer o que não queremos, a dizer o que não queremos, e há as contas, os empregos, as obrigações, o peso dos dias

marcando o tempo, a idade que não para, e quando nos cruzamos com o que não era tão perfeito como nós não aguentamos a pressão, eu cedi ao mais fácil e fui orgulhoso, você cedeu ao mais fácil e foi orgulhosa, e quando demos por nós éramos apenas mais um casal mais ou menos numa casa mais ou menos com uma vida mais ou menos, e nada do que nós fomos merecia uma coisa tão insignificante assim. Foi então que eu decidi partir, levei os sonhos e lá fui eu, você ficou, sei que chorou como eu chorei, sei que você acreditou que por mais que doesse estava certo, e que raios aprendemos nós para sequer colocarmos a possibilidade de algo que dói tanto estar porventura certo? O que dói nunca está certo, eis a única verdade certa, e os anos passaram e havia mulheres e homens entre nós, até rugas e filhos, e eu quando pensava no valor da vida tentava apenas te avaliar por inteiro, perceber onde você estava e o que estava fazendo, até que, já estava completamente careca e completamente velho, peguei na minha velha Yamaha e fui para a porta da escola, onde todo mundo me olhou e disse que eu era legal, um velhote com pinta é sempre uma coisa legal, mas o que eu queria era que você viesse outra vez, pensei que você não viesse, mas quando ouvi uma das crianças, era a mais bonita com certeza, dizer «vem aí a professora» percebi que você estava se aproximando e usava a mesma roupa (como conseguiu se manter tão elegante?) e a mesma certeza de que era, ainda é, a menina mais bonita do mundo que depois passou a mulher mais bonita que depois passou a ser a velhota mais bonita do mundo, e quando você montou na minha moto e eu dei duas aceleradinhas bem fortes para todo mundo nos ver partir eu percebi (você também percebeu?) que nunca deixamos de ser o que amamos.

Éramos tão velhos e ainda tínhamos a vida toda pela frente.

Você é toda boa,

te digo bem alto, em volta as pessoas riem, com a certeza que você não gosta,

quem gosta de um pedreiro em cima de um andaime e de palavras assim?,

mas a verdade é que eu te quero e o que eu te disse é tão inteiro que dói, você é toda boa porque nada em você me faria mal, nem falo do seu corpo, não sou muito de corpos por mais que pareça, gosto é de pessoas e de sentir que existo quando olho para alguém, e como eu te disse tudo em você me faria bem, tudo em você é bom,

não é preciso um intelectual para definir o que é o amor, sabe?,

Você é toda boa,

te conheço desde criança, a menina mais esperta da turma e eu também, depois aconteceu a vida, o meu pai, te amo tanto, Deus te tenha, um acidente estúpido,

como se houvesse alguma morte que não fosse estúpida, não é?,

mas como eu te dizia me aconteceu a vida e a você também, soube que você fez jornalismo, depois comecei a te ver pela televisão, senti-me um vencedor na sua vitória, acredite, ainda hoje me sinto quando te vejo passar, escolhi esta empresa para poder ter você todos os dias, é o ter você possível, o ter você que existe, sou só um pedreiro mas te quero tanto,

não é preciso um intelectual para definir o que é o amor, sabe?,

Você é toda boa,

não é Pessoa nem Hesse nem Neruda, muito menos Herberto ou Beckett, eu os li todos do princípio ao fim, e é tão saboroso, à noite me sento no sofá, desligo a televisão e me dedico a você, te encontro em todas as páginas,

quero ser inteligente e culto para me sentir capaz de você,

sei que não acontecerá, que não chegará o dia, mas todos os dias me preparo para ele,

o amor é estar incansavelmente preparado para aquilo que sabemos que nunca acontecerá,

esta não li num livro, ou se calhar até li, já não sei, ler tanto tem dessas coisas, isso também você sabe, tenho certeza, me quero mais inteligente e culto para ser

capaz de um dia te amar como sei que nunca chegará a hora de te amar, me deixe dizer sem exagero nenhum que me bastava uma palavra sua para ser feliz para sempre, é má poesia mas é você,

não é preciso um intelectual para definir o que é o amor, sabe?,

Você é toda boa,

se eu pudesse alterar algo em você seria apenas o seu marido, Deus me perdoe, quero profundamente que você seja feliz e eu não farei nada para te separar de quem você ama, mas se eu pudesse alterar algo em você seria apenas o seu marido, ele não te merece mas ninguém te merece, tenho de ser sincero, hoje você veio com a calça azul, não é a que fica melhor em você mas fica de matar,

sou um monte de banalidades e até conheço de cor o seu guarda-roupa,

amanhã provavelmente você virá com o vestido preto, disseram que vai chover e quando está assim você gosta de vestir escuro, deve ser uma forma de se encaixar no tempo, sei lá, sei que quase que aposto que amanhã você vem com o vestido preto, em frente às câmeras não vai usá-lo, lá você veste roupa emprestada e tudo te cai tão bem, mas o que sei eu que sou um simples pedreiro num andaime te vendo passar,

o que sei eu de poesia senão que nunca vi mais poema do que você?,

não é preciso um intelectual para definir o que é o amor, sabe?,

Você é toda boa,

e ela parou e respondeu, ninguém riu e ele desceu, ela sorriu, mostrou-lhe uma fotografia antiga, um caderno rabiscado e gasto, alguém a teria ouvido dizer que tinha saudades de falar com alguém inteligente, não se sabe se é boato ou verdade, certo é que desde que tinham visto no YouTube um porco andando de bicicleta nada teria surpreendido tanto as pessoas naquele andaime como aquilo,

não é preciso um intelectual para definir o que é o amor, eles passaram a saber.

Raios, mudar de casa é complicado, mesmo quando é para melhor,

esta parecia boa, mas a localização, estou longe de tudo o que interessa, gosto de sair pela manhã e ter logo a cidade toda à mão, o lugar onde ganho a vida, o espaço perfeito para um almocinho ou para o lanche ou até para o jantar, poder dar dois passos e encontrar o Zé Faria para jogar conversa fora, esta está fora de questão, está visto, se não for exigente com o lugar onde vivo vou ser exigente com o quê, com o lugar em que morro, não?,

talvez esta, aqui está tudo perto, localização ideal, sem dúvida, deixe-me ver, pois, como eu esperava, o conforto fica aquém do desejado, experimento me ver acordando e adormecendo aqui e não gosto, parece pouco iluminada também, não quero luxos mas também não quero desconforto, só o que tiver de ser, e não tem de ser, tenho ainda muitas mais para ver, não tenho de ficar nesta, viva a liberdade de escolha, se não for exigente com o lugar onde vivo vou ser exigente com o quê, com o lugar em que morro, não?,

é por um triz que não é esta, porra, senti-me confortável, a localização ideal, mesmo às portas da cidade, o café do Fonseca aqui ao lado, o restaurante da Guidinha, estava quase me decidindo mesmo por aqui, mas a vizinhança, não gostei do que vi aqui em volta, gente estranha e eu não gosto de gente estranha, pelo menos gente estranha desta, acabo por temer pela minha segurança, podem me chamar de medroso mas sou assim, tenho de me sentir seguro e aqui não sinto, nunca se sabe quem está à nossa frente, é verdade, ainda no outro dia ouvi dizer que os assassinos não parecem assassinos e os ladrões não parecem ladrões, mas eu tenho de discordar, conheço um ou dois ladrões e parecem exatamente ladrões, absolutamente ladrões, ou então sou eu que já sei que são e os vejo assim, de qualquer maneira fico com pena, aqui eu tinha tudo menos a vizinhança que quero, tenho de continuar à procura e sem me lamentar, prosseguir até a perfeição possível, se não for exigente com o lugar onde vivo vou ser exigente com quê, com o lugar em que morro, não?,

eu e a minha mania de ser esquisito, eu sei, aqui não me faltava nada e eu podia perfeitamente encontrar o que procurava, mas os olhos também comem, e vivem, não é?, e eu gosto tanto de viver com os olhos, se não for bonito já não me faz feliz, e aqui não é, muito cinzento, muito escuro, gosto de luz, de alegria, sou uma criança, no fundo, e na superfície também, sou uma criança e gosto de brincar e de coisas sérias bonitinhas e bem-dispostas, fico triste mas tem de ser, venha a próxima que esta também não dá, lamento, se não for exigente com o

lugar onde vivo vou ser exigente com o quê, com o lugar em que morro, não?,

yes, maravilha, aqui é perfeito, a localização ideal, nem perto nem longe, perto da emoção e longe do perigo, li um dia num panfleto de um rali e passou a ser a minha filosofia de vida, a vizinhança é uma simpatia, a senhora do lado é tão amorosa, parece a minha mãe há muitos anos, vamos ser grandes amigos, tenho certeza, e é tão colorido o espaço, tudo me dizendo que estou vivo, adoro quando são os olhos, o que eles veem, me dizendo que estou vivo, e estou, estou feliz aqui, vou ser feliz aqui, finalmente encontrei, yes, se não for exigente com o lugar onde vivo vou ser exigente com o quê, com o lugar em que morro, não?,

eu podia já me abancar, curtir a nova casa e tudo o que ela me pode oferecer, mas já está na hora do jantar e a associação só distribui a sopa perto da igreja até as dez, vou só arrumar aqui o meu papelão para reservar o espaço, não vá o diabo me atrapalhar, espero não chegar atrasado e que ninguém me roube o lugar,

raios, que mudar de casa é complicado, mesmo quando é para melhor.

Você me disse que te bastam o amor e sapatos novos para você ser a mulher mais feliz do mundo e aqui estou eu, a sapataria é pequena, não faço a mínima ideia do que escolher, talvez a senhora que me atende possa me ajudar, digo o seu nome e ela ri, provavelmente não é relevante o seu nome para isso de escolher sapatos, mas a verdade é que eu gosto tanto de dizer o seu nome que não perco uma oportunidade,

Bárbara,

digo, e ela ri, e eu sou tão feliz que o digo outra vez para pedir desculpas por tê-lo dito,

Bárbara,

só mais uma, agora não digo mas penso, ela já não está rindo e só espera que eu diga o que quero, botas provavelmente, ou então sandálias, não faço a mínima ideia, esboço uma explicação para o que pretendo mas não sou convincente,

mas o que quer em específico,

pergunta ela, eu respondo com a verdade, para que raios eu haveria de dizer outra coisa quando a verdade é tão bonita?, o que eu quero é fazê-la feliz, ver os olhos que ela me faz quando acerto, quando digo as palavras que ela quer, ou faço os gestos que ela deseja, ou a abraço quando ela mais precisa, ou a conforto quando tudo lhe parece pesar,

o que eu quero é fazê-la feliz,

digo sem medo à senhora da loja,

o que me recomenda?,

e ela volta a sorrir, as mulheres das lojas de sapatos têm uma condescendência muito peculiar, diz que gostou da minha resposta mas que não lhe serve muito, blasfêmia, tantas blasfêmias, existe alguma vez algo mais útil do que te fazer feliz?, continuo pela loja à procura de alguma coisa, um sinal, algo que me diga que sim, é aquele modelo, aquela cor, aquele material, tantas maneiras de te fazer feliz e eu aqui desesperado sem encontrar uma, a senhora quer saber agora como você é, de que gosta, se é alta ou baixa, que tipo de roupa costuma usar, e sem dar por isso já estou lhe mostrando no celular a nossa fotografia na festa de aniversário do seu irmão, ela vê como você se veste e eu te amo, tão simples, em seguida ela me dá os parabéns porque você é tão bonita e tenho ciúmes até dela, só eu deveria te ver assim tão bonita que arrepia, tenho tantas saudades quando

ela diz aquilo que te ligo, não digo onde estou e digo apenas que te quero e que te preciso, desligo o telefone e não estou satisfeito, te envio ainda uma mensagem escrita,

passo pela vida à procura de você e ainda bem que te encontro todos os dias,

não sei de onde vieram aquelas palavras, logo eu que não sou poeta e nunca escrevi na vida, a senhora da loja já tem algumas possibilidades, quatro ou cinco, olho cada uma com desconfiança, quero descobrir onde você está, em qual está, mas nenhuma me convence da sua felicidade, e os objetos desde que te conheço servem sobretudo para me convencer da sua felicidade, por instantes quero escolher um deles mas sou interrompido pelo som do celular, é a tua mensagem de resposta,

anda que eu estou aqui,

e eu vou, peço desculpas à senhora da loja mas tenho de ir, amanhã volto e te trago pela mão, afinal de contas a mim também bastam amor e sapatos para ser feliz, por que afinal não posso ter tudo ao mesmo tempo?

A manhã é uma faca sinuosa sem a sua mão pousada no ombro,

eu começaria assim um texto sobre as partes do dia, falaria depois da doença de uma tarde completa para poder sentir o fardo do silêncio, e quando chegasse a noite não teria sequer de escrever nada, duas ou três lágrimas e um nó no centro da garganta bastariam, não é suposto haver noite se eu não puder dormir contigo, parece óbvio para mim,

Preciso da sua pele para desmoronar, e para aguentar,

eu começaria assim um texto sobre engenharia civil, teorizaria em seguida sobre os efeitos perniciosos do vento na janela quando me estendo no sofá à espera de que você venha, e você não vem, e ainda sobre a importância de ter alicerces fortes para me agarrar em você e te amar contra a parede, a melhor casa é a que foi construída para resistir à catástrofe natural que é o amor, que faculdades de merda são estas que não ensinam isto?,

A mentira me consola, e eu sei agora que o seu suor eram gotas de veneno,

eu começaria assim um texto sobre a importância exagerada de ser verdadeiro, olharia para a necessidade de inventar desculpas para estar vivo, ninguém no seu estado mental perfeito aguenta a vida, o segredo da felicidade é o segredo da dose exata de loucura, haja alguém que tenha coragem para assumi-lo, e eu tenho, e saudades mais ainda,

Gosto de te lamber e de te ver derreter de amor,

eu começaria assim um texto sobre processos químicos, abordaria a fotossíntese do seu abraço, dióxido de carbono, água, glicose e um orgasmo, e pronto, como a maneira como as borboletas vivendo tão pouco conseguem ser eternas, mais ou menos como a volatilidade invencível da sua mão na minha, quem não acredita em forças sobrenaturais não ama, e eu não acredito, que ninguém duvide,

Só há meio dia quando você chega,

eu começaria assim um texto sobre as horas, me lembraria do nosso almoço na cama, claro, nós chamamos de perda de tempo mas até que é gostoso, os corpos juntos rendidos à urgência de comida, eu poderia igualmente escrever sobre a meia-noite do seu sexo no meu, das duas da manhã do seu sexo no meu, enfim, sabemos que todas as horas são sexualmente ativas, e completamente passivas, só depende de você estar ou não aqui, tome mais esta responsabilidade e faça o

que puder com ela,

Há uma ratoeira e Deus quando os seus olhos cegam os meus,

eu começaria assim um texto sobre oftalmologia, e não conseguiria escrever mais nenhuma palavra, estava incapaz de ver uma letra que fosse, só o seu corpo e a falta da sua voz, havia que calar antes que fosse tarde demais, e já seria, porra,

Descubro diariamente a existência de risos despovoados, espinhas de risos, e nada mais,

eu começaria assim um texto sobre a alegria, desmembraria a ridícula existência de outros risos que não o seu, só deveria acontecer o que tem você dentro, riso ou choro são exatamente o mesmo se não vierem de você, ou de ao lado de você, na pior das hipóteses, entende agora?,

Sinto uma pomba cagando na minha cabeça quando me entrego a outro beijo,

eu começaria assim um texto sobre o voo dos pássaros, a magnitude do que é emocionante não vale a ponta de um corno se você não se emocionar comigo, só tento ser o melhor para você me amar mais, ou para me amar completamente, para que raios um homem sozinho quer um Nobel?, eis o que não consigo entender, você consegue?,

Até primeiro-ministro ou presidente da república corro o perigo de ser, que nojo, só para aguentar a violência estranha do seu lado da cama vazio,

eu começaria assim um texto sobre política, quem não tem quem ama tende a encontrar as mais improváveis ocupações, me entrego no fundo ao que me deixar mais entretido e me afastar de você, pode ser político, autarca ou palhaço, até ver tem sido poeta, e não é de todo mau, mesmo que não dê para comer,

Quero agora, e também depois,

eu começaria assim um texto sobre o amor, mas já chega de te escrever, desculpe, prefiro te amar, é uma sorte você estar aqui lendo e ter gostado do que escrevi até agora, o único erro ortográfico imperdoável é você não gostar, que se danem as obras-primas e os críticos, se é capaz de te amar é arte, mais simples é impossível,

eu acabaria assim um texto sobre coisa nenhuma, e sobre tudo mais ainda, é isso.

Tenho de regressar obsessivamente para você,

aguento dois ou três minutos, às vezes quatro ou cinco quando consigo adormecer um pouco, ler um livro que me leve, e depois volto, enfim, para a estranha necessidade de te encontrar,

há em mim uma voracidade de afeto,

me tira o sossego que você consiga existir onde não estou, a sua pele consegue?, a minha abdica, atira a toalha no chão e se lamenta, é possível ter uma pele que reclama?,

tenho de aprender a prostituir as letras,

tudo o que escrevo e leio te traz, ontem li a bula de um medicamento qualquer e inventei um poema, era mais ou menos sobre as contraindicações do seu corpo, os malefícios do seu suor para a pele, e no final eu só queria tomar todos os medicamentos para que algo de você pudesse me amar,

há em mim uma ferida por proteger,

o seu olhar é definitivo, e todo o resto passa e nem assim deixa de magoar, o restaurante da Dona Laura que ontem perguntou por você, a menina está bem?, e eu sorri, você é a menina de tanta gente e eu te queria só para mim, haverá amor sem egoísmo, talvez, mas eu não o conheço e tenho raiva de quem o conhece, e da Dona Laura também,

tenho de arranjar um nome para os seus lábios,

e para você também já agora, pensei em te chamar de água porque você me entra e sai por todos os poros, depois me lembrei de te chamar de ar porque mesmo invisível você me sustenta, e terminei te chamando de minha porque era tudo o que me bastava,

há uma falta qualquer dissolvida no meu sangue,

gosto de ver um traço de Deus quando você acorda, os seus olhos aos poucos me mostrando a extensão das nuvens, eu podia simplesmente ficar emocionado mas isso seria superficial demais,

tenho de acreditar que a destruição do vazio é o objetivo primordial,

no fundo você existe para dissolvê-lo por inteiro, e só você consegui-lo é a miséria intolerável de tudo isso, há uma instalação de pornografia e de prece quando você acrescenta ao beijo o interior da sua coxa,

tenho de sentir o primeiro arrepio da morte, e o último de você,

me dê todos os dias o inesquecível para me esquecer de mim, sou tão tolo que pensei que você não morria,

e tinha razão,

você pode até ir com o seu corpo para debaixo da terra,

mas nem pense que te deixo descansar em paz.

Querida mãe,

Querido pai:

O tempo passa sobre as lágrimas que eu choro, já nem cicatrizes tenho do que um dia me feriu. E no entanto a memória. A cabra da memória.

Ninguém merece uma memória feliz.

E eu fui. E nós fomos. Felizes. A casa cheia com a nossa alegria dentro. O quintal, o avô contando mil e duas vezes as histórias que já tinha contado mil e uma vezes, a avó sempre preocupada em encher a mesa, os tios dizendo que a vida custa. E custa, pai. E custa, mãe.

Ninguém merece uma casa vazia.

E os cheiros. Os cheiros não passam. Os cheiros são a melhor forma de sofrer. Cheiro a cozinha onde um dia a vida. Onde um dia o sonho. Eu menino na cozinha cheia do avô, da avó e dos tios. Eu menino sonhando com eu grande, grande como os tios — «um dia vou ser rico e comprar muitas coisas». Eu menino querendo crescer.

Ninguém merece um corpo que cresce.

E a perda. A puta da perda. A avó com um câncer dentro. O avô cedendo a cada dia que a sua Maria ia embora. E os tios e as rugas. Todos indo embora a cada dia em que eu crescia. E tudo morre quando morrem os nossos sonhos.

Ninguém merece ficar além dos sonhos.

E já não há avó e já não há avô. Há o cheiro da cozinha quente com os meus sonhos dentro. O cheiro do quarto onde eu me escondia, debaixo da cama, para ver os adultos falarem. As palavras novas, palavras grandes, palavras feias. O abraço apertado do tio André — «você está ficando grande, rapaz» — nas minhas costas de criança. A casa vazia com o que sou dentro.

Ninguém merece sobreviver ao que mata.

E ter um pai e uma mãe. Só quando a casa se esvazia é que se sabe o que vale um pai, o que vale uma mãe. E não interessa o que foi, o que ficou por ser. Não interessam as palavras que um dia dissemos, os erros que um dia não evitamos cometer. Não interessa a voz grossa do pai — «você tem de ser um homem sério» — nem a dor muda da mãe. Não interessa o que se perdeu quando se tem

um pai e uma mãe para apertar. Ainda estamos, mãe. Ainda estamos, pai.

Ninguém sabe o que é perder quando ainda tem uma mãe e um pai para abraçar.

E enquanto eu tiver os seus ombros para pousar nenhuma lágrima morrerá solteira.

«Você podia ter fodido tudo menos a ilusão.»

Na esplanada onde nos conhecemos, o fim do mundo num fim de tarde como o fim de tarde em que a vida começou a fazer sentido.

«A maior filhadaputice do mundo é o fim de uma ilusão.»

E a cidade parece se fechar a cada passo que dou. Já não há as suas palavras. Já não há as suas mãos, a pele rugosa — «são as mãos da minha alma; por dentro sou uma adorável velhinha» — das suas mãos. E o tempo. O tempo é como uma penitência que tenho de pagar.

A cada minuto sem você vivo toda a vida que tive contigo.

A esplanada sem o seu corpo, a esplanada sem a sua voz. A crueldade de um mundo feliz. Como se pode ser feliz quando se amou assim?

«Quando se fode a ilusão está tudo fodido.»

Eu te disse que aguentava. Te disse que o sentido da vida estava em continuar. Acreditei. Acreditei mesmo que havia um continuar. E há. Tudo o que faço é mesmo isso, apenas isso. Desesperadamente isso. Continuar. Sem você continuo. Continuo-me.

Te perder mudou tudo mesmo que tudo continue na mesma.

Já não sei há quanto tempo morri. Há quanto tempo a esplanada vazia. Há quanto tempo as suas costas — «me agarre assim, me aperte assim, gosto de sentir o seu peito atrás de mim, o seu sexo crescendo por debaixo da calça» —, a distância das suas costas na esplanada em que tudo se fez e tudo se desfez. Já não sei onde fica a vontade de mais um dia.

«Não pense que por te odiar não te amo.»

A ilusão. A cabra da ilusão. Deixei que caísse. Deixei que escorregasse. Deixei que a vida tomasse conta de nós. E a preguiça. A cabra da preguiça. Deixei que avançasse sobre nós, que conquistasse, dia a dia, um palmo de terreno. Deixei que a casa onde duas pessoas se amavam passasse a ser a casa onde duas pessoas moravam.

As casas não servem para morar; as casas servem para amar.

A nossa ainda aqui está. Nossa mesmo que só um homem perdido aqui persista. O seu armário intacto, as suas dedadas no vidro como prova de que você ainda existe. O espelho em que você se via depois de vir — «gosto de saber

como parece um orgasmo, o que um orgasmo faz com a minha pele» — e a mensagem que escrevi com lágrimas e o batom que você esqueceu na mesinha de cabeceira: «Há sempre tempo para mais uma ilusão.»

Volte agora ou morra para sempre.

E se já for tarde demais esqueça o relógio e venha correndo.

Um abraço seu nunca chega atrasado.

Silêncio, que se vai amar.

Todos os amores começam assim. No silêncio de um olhar, no silêncio de uma mão dependente da outra, de outra mão vadia a vaguear pela cidade noturna do seu corpo, no silêncio dos lábios trincados, trocados, massageados, abraçados e voltados a abraçar. Todos os amores são silêncio estendido.

E todos os silêncios merecem o amor.

É fundamental mandar a política se foder. É fundamental perceber que só o politicamente incorreto faz feliz. É fundamental negar o que te é vendido e comprar apenas o que não está à venda.

Nada do que vale a pena tem preço.

É fundamental amar o silêncio. Recusar quem o recusa. Insultar quem o maltrata. Exigir que o respeitem como se respeita Deus.

E apenas quem não ama teme o silêncio.

É fundamental decretar o silêncio. Guardar as palavras para depois do orgasmo, para depois do pecado.

Todo pecado te faz esquecer as palavras.

E nenhuma palavra é tão grande que possa dizer o que nos une.

É fundamental o silêncio entre duas pessoas que se querem falar.

É fundamental o silêncio para que o amor se entenda.

E «Te amo » é uma palavra que só se diz assim:

Shiu.

A grande vantagem da vida é nos ensinar outra vez a chorar. A vida infantiliza. Fica-se maior no que nos faz ser menores. Cresce-se fora o que se vai perdendo por dentro. Passamos a infância querendo crescer, a adolescência querendo crescer. E depois percebemos que só quer crescer quem ainda se sente pequeno. Um adulto se sente pequeno mas pensa ao contrário. Sente-se pequeno e quer ficar menor. Voltar ao tempo em que havia sonhos.

Onde se perdem os sonhos?

Todos os sonhos se perdem. Mesmo aqueles que você vai ganhar, e vai ganhar muitos, vão se perder. Porque já deixaram de ser sonhos. Você sonhou aquilo, teve aquilo. E acabou. Lá se foi o sonho. O segredo é conseguir gerar novos sonhos. Sonhos que consigam ocupar o espaço em branco deixado pelo sonho perdido.

Mesmo que tenha sido ganho.

Mesmo que tenha sido ganho.

Eu queria ser como você.

E eu queria ser como você. Queria olhar para a frente e ver que o caminho não acaba, o caminho a perder de vista.

O seu não se perde de vista? O meu me faz perder a vista. Todos os dias vejo menos. E todos os dias vejo melhor para trás. Crescer é a cada dia que passa ver melhor para trás e começar a perder a vista para a frente. Crescer é uma doença dos olhos. Você vai ficando menos e menos capaz de ver o que está diante de você. E mais e mais capaz de ver o que está atrás de você. Como se você andasse de costas.

Envelhecer é andar de costas?

Sim. Você caminha na direção contrária à daquilo que olha. Você anda para a frente e só sonha para trás.

Sonhar para trás é perigoso?

Sonhar para trás mata. É preciso ser criança. É preciso olhar para uma ruga como se olha para um Action Man ou para uma Barbie. Tirá-la da caixa, ficar fascinada por ela, explorá-la, perceber que é apenas pele dobrada: fascinante pele dobrada. Aprender a envelhecer é aprender a brincar. Ser velho é aprender tudo outra vez. O mundo mudou quando você mudou. O mundo envelheceu

quando você envelheceu. O que antes era uma banalidade é agora uma impossibilidade. Você quer jogar futebol e não consegue, quer dançar a noite toda e não consegue. E a sua vida é muitas horas do seu dia isso: você quer e não consegue. O mundo mudou para você. Você tem de aprender tudo de novo. O que fazer, como fazer. Você tem de te inventar para não ser dizimado. Não há momento mais triste do que aquele em que você deseja algo e o corpo te impede de ter algo. O corpo é um cabrão. Tape agora os ouvidos, por favor.

Já tapei.

Então ouça com atenção: o corpo é um filho da puta. Nunca ligue para ele. Se o corpo te der ordens mande-o pastar. O corpo só serve para te oferecer falsas ilusões. Ele te faz crer que você pode tudo, se alimenta de sensações. E depois as vai tirando. Uma a uma, devagar, para doer mais. Você só tem de ser capaz de descobrir novas sensações.

Como uma criança?

Como uma criança. Uma criança que por menos brinquedos que tenha vai sempre ter todos os brinquedos do mundo. Uma criança que faz de um par de meias um avião, de um osso de frango a Torre Eiffel, de uma camiseta rasgada um uniforme de futebol. Envelhecer é fazer de um corpo incapaz de ter as sensações esperadas um parque de diversões por explorar.

Tenho de ir. A minha professora já chamou.

Vá. Aprenda. Mas não muito. Saber demais não termina bem. Limite as suas ilusões.

Gosto de você.

E eu de você. Isso é o que você nunca pode perder. A capacidade de gostar de você.

Um dia vou ser grande.

Um dia você vai ser pequeno outra vez. Prometo.

Se você está conformado só te falta mesmo ser sepultado.

Mais do que as doenças, mais do que a crise econômica, mais do que as derrotas que todos os dias acontecem, o grande drama do mundo é a conformação. A total e absoluta (e triste, tão triste) conformação. A conformação é a ausência de sonhos, a ausência de objetivos, a ausência de projetos, a ausência de vontades: a ausência de revolução. E há cada vez menos revolução no mundo. Se não há revolução você pode ser tudo; mas feliz é que não.

O problema do mundo não é a massificação; é a masificação.

A massificação do «mas». O problema do mundo é linguístico. O problema do mundo não são as convulsões; são as conjunções. A obsessão, diabólica, pelo porém, pelo contudo, pelo todavia. Porém mas é o caralho. Contudo mas é o caralho. Todavia mas é o caralho. Noventa e oito por cento das pessoas dizem «mas» sempre que falam; e os outros dois por cento são felizes. Por mais que tenham dificuldades (e têm tantas, tantas tantas), por mais que por vezes pareça que não vai dar para chegar lá (e são tantas vezes, tantas tantas). Por mais que tudo lhes diga «mas», há sempre pessoas que não se conformam.

O grande segredo para você estar vivo é, por mais evidente que pareça, só morrer quando for sepultado.

Até lá, você tem a obrigação de sonhar, de projetar, de acreditar. Até lá você tem a obrigação de tentar. Pelo menos isso: tentar. E nunca é tarde para tentar. Se você tem oitenta anos e quer ainda sentir o orgasmo melhor da sua vida: vai; tenta. Se você tem noventa anos e ainda quer escrever o livro da sua vida: vai; tenta. Se tem cem anos e quer ainda encontrar a mulher que vai amar: vai; tenta. O mais provável até pode ser que não o consiga. Mas só o improvável vale a pena. Até a felicidade, se for previsível, é uma tristeza.

Acreditar no improvável é, provavelmente, a melhor decisão que você pode tomar na vida.

E ver. Arrisque ver. Ver de verdade. Ver o que só você consegue ver. Você vê coisas que mais ninguém vê; eu vejo coisas que mais ninguém vê. Todo mundo vê coisas que mais ninguém vê. E é dessas visões que eu tenho e você tem que se faz a evolução do mundo. O mundo só avança quando essas visões se transformam em execuções: em atos reais, em matéria palpável. Acreditar no que você vê e arriscar apostar no que vê é a única forma de altruísmo que o mundo dá para você executar. Aposte no que é só seu. É só assim que você

estará apostando em tudo que é nosso.

O mais cego não é o que não vê; nem sequer é o que não quer ver. O mais cego é o que só vê.

Talvez a heteronímia seja a loucura aceita.

E não haja nome para o que não tem definição. Sou por aquilo que penso, por aquilo que sinto — e não por aquilo que me chamam. Mas até o que me chamam me faz. Talvez se eu fosse Carlos não amasse as mesmas pessoas, talvez se eu fosse Fernando não quisesse os meus quereres, não tivesse os mesmos saberes.

Talvez o nome seja a pele de dentro.

E temos vários nomes na nossa pele. Mas quando dói doemos com o nome certo. Se é para doer serei sempre o Pedro. Abraçarei os nomes que amo com as minhas letras todas, não deixarei nenhuma reticência me afastar da frase que me define. Até que chega a fuga. E posso ser o homem com medo dentro da minha temeridade, a mulher vadia dentro da minha razão. Quando chega a hora da fuga todas as pessoas estão dentro de mim. E é só assim que escapo do que, mesmo não sendo, só consigo ser.

Talvez ser muitos seja a solidão permitida.

Passam as noites e os dias, e por entre eles passam as pessoas, passo entre as pessoas que passeiam e que me passeiam, sem saber o que escrevo, para que escrevo, por quem escrevo. E escrevo. Sou sempre eu, o sacana do Pedro, escrevendo o Daniel, o Miguel, a Joana, a Maria. E tudo o que o Pedro escreve é, mesmo não sendo, o que só o Pedro consegue ser.

Talvez inventar seja a verdade praticável.

Há quem não entenda o que é escrever. Eu não entendo o que é escrever. E é por isso que escrevo.

Talvez escrever seja a vitória possível.

O drama de amar é não haver substitutos.

E todo o resto tem gosto de merda. Porque houve o seu abraço, porque existe o seu cheiro. Te amei para sempre mesmo que já não te ame. Ficou em mim a tarde em que pela primeira vez o nosso corpo (o seu arfar mostrando que língua se fala no céu, a sua boca me mostrando o tamanho de um beijo), e a partir daí fiquei órfão de um corpo sempre que não fosse o seu corpo. E quando chegou o dia da despedida eu soube que tinha chegado o dia de para sempre.

O drama de amar é não admitir a morte.

Há uma mulher a mais sempre que amo um corpo que não é o seu. E um homem a menos. Me deito, aperto, espremo (o encaixe perfeito das suas costas nos meus braços, o cheiro dos seus lábios no suor do meu pescoço). E até um orgasmo comprova a hipocrisia da carne. Me despedi de orgasmos quando me despedi de você. Já me deitei com tantas e é sempre o seu boa-noite que me adormece.

O drama de amar é só criar réplicas.

Tudo o que eu amo é você. Uma boca, uma pele, um sexo. Tudo o que eu amo é você. E não há mais perfeito oxímoro[7] do que «amor novo». Só o seu amor é novo. E não existe sucessão quando se reina assim. Te amar é uma monarquia fascista, uma ditadura dentro de mim. O que vem depois de você só vem depois de você. Sempre depois de você. A toda hora depois de você. O que vem depois de você só vem depois de mim, e onde eu estou ou estou sozinho à sua espera ou estou sozinho contigo. Se existe amor é porque existe você.

O drama de amar é te amar.

Chupem-se uns aos outros: eis o que um Deus de verdade deveria dizer.

O corpo não serve para viver; o corpo serve para amar. E há que explorar todas as veias para saber de que sangue você é feito.

«Me use até o impossível», pede ela, ancas de samba ao longo do sexo obediente dele. «Ou é até o osso ou você está na superfície», e nunca os dedos souberam mais do que aquele dicionário inteiro, páginas e páginas de teorias incompletas.

Comam-se uns aos outros: eis o que um Deus de verdade deveria dizer.

O corpo não serve para viver; o corpo serve para comer. E há que explorar todos os paladares para saber de que prazer você é feito.

«Quando vejo que vou conseguir desisto», explica ele, olhar caído, mãos pousadas na soleira das costas. «Ou é inalcançável ou está perto demais», e chega o minuto de descobrir tudo outra vez, a cama se desbravando no cutelo de um quero.

Venham-se uns aos outros: eis o que um Deus de verdade deveria dizer.

O corpo não serve para viver; o corpo serve para voar.

«O melhor de te tocar é me sentir intocável», define ela, respiração difícil na almofada molhada, todo o teto e o céu total. «Abro as pernas para você para tirar os pés do chão», e todas as impossibilidades se insurgiram, todo o divino se amotinou.

Despediram-se à procura da recordação perfeita: o orgasmo final e o amor absoluto. Pareceu melhor para eles (as mãos se despregando dedo a dedo, uma dor tão funda que nem as lágrimas conseguem ser suficientes), impossível.

(«Sempre que você abre as pernas para mim, sinto-me exposto»).

E era.

O mais perigoso é o que é razoável.

O que não é bom nem mau — é bonzinho, é mauzinho. O que não entusiasma nem deprime, o que não oferece orgasmos nem lágrimas. O que nem aquece nem arrefece.

O mais perigoso é o que é razoável.

E a razão. A cabra da razão. Noventa por cento das pessoas passam noventa por cento do tempo à procura daquilo que em noventa por cento dos casos serve para absolutamente nada. A cabra da razão. E depois há o «bem que eu te disse», o «se fosse eu tinha feito diferente», o abominável «foi o que eu disse». Tudo pela cabra da razão. Tudo pela besta da razão.

Só os que não têm medo de não ter razão podem ser bestiais.

Os que sabem que podem falhar. Os que sabem que fazem a toda a hora merda atrás de merda. Não porque querem. Não porque não tentaram. Mas apenas porque fizeram, porque arriscaram, porque deram o passo em frente quando todas as bestas que estavam à volta, cagadinhas de medo, lhes diziam para parar por ali.

Antes um idiota que tenta do que um gênio que aguenta.

E eu sou o cara que tenta. O cara que quer diferente de tudo o que vê. O cara que quando vê algo genial não critica, ressabiado, quem o fez — e que procura, ao invés, fazer ainda melhor. Eu sou o arrogante que acredita que pode fazer melhor do que tudo o que vê. E que faz tudo o que pode para fazê-lo mesmo. Pode não conseguir (e só ele sabe como custa ficar sempre aquém, ficar sempre a milhas daquilo que gostaria de ter feito, daquilo que gostaria de ter produzido). Mas tenta. Tenta mesmo. Tenta sem hesitar. E se sujeita à crítica dos pseudointelectuais. Dos que passam a vida apontando o dedo (e é tão fácil apontar o dedo; qualquer um consegue apontar o dedo; quando você não tem mais do que um dedo para apontar aponta o dedo para aguentar: para se aguentar com o peso da sua incapacidade para fazer). Dos que têm sempre a puta da razão porque nunca ousam, por um momento, fazer mais do que aquilo que outros já fizeram. Dos que são, e serão sempre, adjuntos. Eternos adjuntos. Homens e mulheres que nunca perderão o emprego — porque estão amoitados atrás dos que dão a cara, a alma, a vida, por aquilo em que acreditam.

Antes um idiota chapado do que um gênio acovardado.

Quando alguém me vir replicar a ideia de alguém pode me dar um tiro no meio dos olhos. Quando alguém me vir fazer apenas o que outros já fizeram, escrever como os outros já escreveram, criar o que outros já criaram, pode me dar um tiro na cabeça. Porque será então que estarei morto. Completamente (e todos sabemos como é possível estar apenas parcialmente) morto. Quando alguém me vir criticar alguém que fez diferente, que ousou diferente, que inventou diferente, pode me dar um tiro na cabeça. Estou aqui e dou a cara. Sou o Pedro Chagas Freitas e fabrico ideias. Esbofeteiem-me. Sou o Pedro Chagas Freitas e não há um dia só que passe sem inventar algo de novo. Pode ser um texto, uma construção frásica, um uso radical de um sinal de pontuação. Ou então um jogo para crianças, um conceito de programa de televisão, um livro que é tão especial que nem ordem tem. Eu sou o Pedro Chagas Freitas e sou um idiota: eis tudo.

Antes um idiota ostracizado do que um gênio domesticado.

E as capelas. E a meia dúzia de iluminados. Os que definem o que é bom e o que é mau com um piscar de olhos. Coitados dos iluminados. Os artistas. Coitados dos artistas. Que ninguém ouse, um dia, chamar-me de artista — porque eu sou apenas um suador profissional. O cara que trabalha que nem um cão para criar o que um dia sonhou que ia criar. E cria mesmo. E é pouco. É sempre pouco. Há sempre mais para criar. E quando não houver mais para criar é porque é tempo de desligar. As máquinas, o coração, a respiração. Parar tudo. Quando já não houver o que criar já não haverá o que viver. Me matem antes de esse dia chegar. E escrevam no túmulo, bem claras, as seguintes palavras: aqui está o idiota que só quis fazer o que quis. E conseguiu.

No seu colo cabem todos os meus medos.

E se Deus existir é a calma dos seus ombros, o sossego divino que vai do seu pescoço ao seu peito. E eu ali, tão pequeno que nem meço os centímetros que tenho, e ainda assim tão grande que nem o céu teria espaço para me guardar assim. Somos criaturas além do mundo, pares únicos de uma viagem que nem o final dos corpos conseguirá parar.

Até o pior da vida se acalma quando estou nos seus olhos.

Há pessoas más, mãe. Pessoas que não imaginam o que é resistir por dentro deste corpo, por detrás destes ossos, sob os escombros de uma idade por descobrir. Há pessoas que não sabem que sou uma criança com medo como todas as crianças (uma pessoa com medo como todas as pessoas: os adultos também têm medo, não têm, mãe? todo mundo tem medo, não tem, mãe?), e ontem um adulto me disse para crescer e aparecer, e uma criança menos criança do que eu me agarrou pelos cabelos e me atirou ao chão, a escola toda olhando e rindo, e o adulto dizendo «cresce e aparece» e a criança dizendo «toma pra você aprender».

Ninguém sabe o tamanho de uma criança.

E doeu tanto, mãe. A escola toda rindo dos meus cabelos com sangue, das palavras cada vez piores («vamos ver se este filho da puta aprende de uma vez por todas a não ser diferente de todos os outros»), e naquele momento eu percebi, percebi que afinal toda a estupidez tem a mesma idade, todos os homens e todas as mulheres agem da mesma maneira por mais que os corpos cresçam ou deixem de crescer; chama-se escola o lugar para onde vou todos os dias mas bem que se podia chamar mundo — porque é lá que toda a sociedade existe por dentro como existe por fora, num coro obediente a uma multidão domesticada.

Nenhuma pessoa sabe o que é a liberdade.

E depois veio você, mãe. Você e o seu olhar, as suas palavras («te amo, meu amor; te amo e ninguém vai mudar isso»), o seu colo (eu já te disse que no teu colo nem o diabo consegue entrar?), e parece que todo o meu corpo se ergue, toda a minha vida está pronta para mais um adulto mau, para mais uma criança má. Você chega e os seus olhos e o seu colo e amanhã é um novo dia. Tudo na vida se resume a acreditar que amanhã é um novo dia.

Se Deus existir chama-se Você.

Para que serve um chão senão para ser pisado por você?

Você era criança e o corpo pedia sorrisos, as corridas na rua (aquela onde os carros agora não deixam correr, sabe?), jogar escondido com o corpo como agora com a alma; eu era criança mas tinha mania de ser adulto, não queria corridas na rua nem jogar escondido, apenas pedir ao corpo para crescer, à escola para acabar e à vida para me levar para longe dali. Se eu gostasse de lugares-comuns não podia gostar do lugar onde você está.

Para que serve um corpo senão para transmitir o seu?

Vivíamos vidas diferentes e estávamos tão próximos, não havia mais do que uma parede entre nós, e também a sua mãe (tão linda, a sua mãe) e a minha (tão linda, a minha mãe), as palavras eternas delas («vem para dentro, filho, que está ficando frio», «vem para dentro, filha, que está escurecendo»), o medo de que todo mundo desabasse sobre as nossas costas; as primeiras palavras que eu te disse foram «ganha juízo, menina» quando você me disse que um dia ia ser uma estrela de cinema (você estava com aquele vestido cinzento que hoje a sua filha usou, lembra?), e depois te virei de costas e você ficou, eu sei que ficou, me vendo ir, sem sequer perceber as suas lágrimas e todo o seu castelo de sonhos a desabar.

Para que serve uma lembrança senão para te trazer?

Um dia a rua deixou de ser a nossa, eu fui para o casamento (com a Joana, aquela carrancuda que morava junto ao açougue, sabe?), você foi para a universidade (aposto que aí você já soube que você era estrela sem precisar de cinema), e tudo o que o tempo fazia era nos separar, nos separar cada vez mais, todos os caminhos me levando para longe de te ver.

Para que serve abrir os olhos se você não estiver à minha frente?

Até a rua parou quando de repente os seus passos. Um atrás do outro, a porta do escritório se abrindo e toda a minha paz se fechando. Você entrou, pediu «com licença», acrescentou «vim para a vaga de editora», e nenhuma palavra em mim poderia ser editada, escrita, revista; você disse que vinha para a vaga de editora e eu percebi que você vinha para a vaga de minha dona.

Para que serve obedecer se não existirem as suas ordens?

Eu te obedeci, feliz, os dois anos mais felizes da minha vida fazendo recados, te servindo cafés, tentando te olhar para que você soubesse o quanto eu te queria,

e ao fim dos dois anos mais felizes da minha vida você disse simplesmente «ganha juízo, rapaz» quando eu te disse que um dia queria acordar ao seu lado. E você tinha razão, como eu tinha razão. Nunca cheguei a acordar com você como você nunca chegou a ser uma estrela de cinema. Mas nem isso me fez desistir de você nem isso te fez desistir de ser uma estrela de cinema. Você foi para Hollywood à procura de brilhar e eu fui para Hollywood à procura de você. Um dia um de nós vai ganhar juízo. Espero que seja você.

Para que serve ter cabeça se não for para pousá-la em você?

(ela no colo dele)

— Se eu pudesse escolher tinha nascido nos seus braços.

— ...

— Para não perder tempo. Para perceber, logo ali, onde estava o

motivo para estar ali.

— Todos devíamos nascer nos braços da pessoa com quem vamos

morrer. Por questão de economia de esforços. Para começarmos, de imediato, a ganhar tempo.

(a mão dele no rosto dela, lentamente descobrindo cada ruga no rebordo dos olhos)

— Todas as mães entenderiam que há amores que são urgentes.

— Todos.

— E que encontrar o caminho no meio do caminho é meio caminho perdido.

— Antes de você eu procurava; depois de você continuo a procurar. Mas já encontrei. Procuro mais do que encontrei.

— Amar é isso. Procurar mais mesmo depois de já estar encontrado.

— Na pior das hipóteses te encontro outra vez.

(abraço apertado)

— Você sabe que sempre que acordo ainda te olho, ainda te toco? Para saber que você está, para saber que isto existe.

— E te ver respirar. Fico horas lutando contra o sono para te ver respirar. Sinto cada movimento do seu peito como se sentisse o espaço que a vida ocupa dentro de mim. O seu peito sobe e eu vou com ele, desce e eu vou com ele. E é assim que adormeço, com a certeza de que você respira. Com a certeza de que posso dormir descansado.

(lágrimas no rosto dela, a cabeça perdida no colo dele)

— Acordamos sempre de mãos dadas. Já reparou?

— É como se até nos sonhos precisássemos estar juntos. Adormeço e te levo comigo, mão na mão, para que nenhum caminho que faço, mesmo o que

acontece por dentro do meu inconsciente, se faça sem você.

— Outro dia sonhei que era a mulher mais feliz do mundo. Depois, quando acordei e te vi ao meu lado, é que percebi que afinal tinha sonhado que era a segunda mulher mais feliz do mundo.

— Se eu pudesse ter escolhido o que queria sentir ficaria aquém do que realmente sinto.

(as roupas se despem; primeiro as dele, depois as dela)

— E tudo o que nos dizemos sai da nossa alma. Te falo e o que digo sai de dentro, do mais fundo de mim. Se eu tivesse de mentir para você tinha de te dizer a verdade.

— Nunca tivemos uma conversa. Tudo o que falamos se estende. Fa- lamos a mesma conversa por mais diferente que seja o assunto. Quando nos falamos o assunto é nós. Pode ser biologia, ciência ou política. Quando nos falamos o assunto é sempre nós.

(olhos nos olhos, suor, olhares partilhados, mãos excitadas)

— Me ame como se fôssemos intermináveis.

— Não há outra opção: ou você ama como se fosse a última vez, e isso não é amor nenhum, é apenas tapar o medo com o prazer, a ansiedade com o gemido, o som do silêncio com o som do gemido; ou você ama como se fosse a interminável vez, e é assim que o amor pacifica sem deixar de desassossegar, como uma corrente forte, rápida, mas nunca apressada, nunca desesperada.

Ou desesperada na medida certa. Excessiva na medida certa.

— Tem de ter um sabor grande demais sem ser exagerado.

(o instante de um no outro)

— Me ame como se me falasse com o corpo.

(e chega o momento final)

— Se eu pudesse escolher tinha nascido nos seus braços.

Não sei o que sou mas sei que sou sua.

Não acredito em amores que façam mal apesar de ter certeza de que todos os amores fazem mal. Amar é ter a certeza de que é melhor dois pássaros voando do que um na mão. Nenhum provérbio sabe o que é o amor.

Troco uma vida de orgasmos pelo orgasmo de uma vida.

Há uma quase felicidade em cada minuto sem você, e até o prazer acontece sem que eu venha com ele. Os mais cerebrais me pedem contenção, me pedem anulação. Mas não se pode conter o que nos faz querer. Não se pode conter o que nos faz viver. E se a vida existe é para que seja assim para você, para que alguém, um dia, possa ser assim de alguém.

Só quem nunca deixa de ser completamente de si mesmo consegue ser completamente de outra pessoa.

Sou em você o que nunca poderia deixar de ser, a mulher que nunca fugiu do que a pele lhe dá, que nunca se entregou ao tanto faz. Se faço me faço toda, se quero me entrego toda, se preciso me curvo toda. Se estou aqui para viver estou aqui também para ceder. Para saber que não sou menos só porque não sou rainha, e para que todos os reinos se governem por dentro.

Só quem consegue ficar em cacos consegue ser-se por inteiro.

Só os coitados vão até o meio da ponte. Não admito me encontrar no que nada é. Se quero chegar vou até ao outro lado, sem orgulho e orgulhosa, tremendo mas sem medo, e quando me disserem que fui fraca responderei com o desprezo de quem só admite o êxtase quando o êxtase é possível.

A força consiste em recusar o satisfaz bastante quando se pode ter o satisfaz plenamente.

Não sei a mulher que sou mas sei a mulher que não sou. Não sou a mulher que se esconde nos tachos, a mulher que se cala nas horas, que se entrega ao embuste da segurança, à fraude suportável de ver passar o tempo. Não. Não sou. Não sou a mulher do fado e das lágrimas, a mulher do enfado e das rotinas, dos sonhos que se arrastam pelas esquinas. Não. Não sou. Não sou mulher de sorrisos quando existe a gargalhada, de aldeias quando existe o mundo. Não sou nem um milímetro menos do que aquilo que posso ser, e se um dia cair foi porque tentei saltar e não porque preferi aceitar.

Antes um Titanic afundado do que um barco que não vai a lugar nenhum.

Não sei o que sou mas sei que sou sua.

Quando me pediram para mostrar as veias apresentei uma imagem sua.

E todos riram e eu não entendi.

Nenhuma ciência consegue compreender o amor.

Te arrancar de mim ou cortar os pulsos?

E o que é a morte senão o instante em que você percebe que te amputaram uma veia da alma? Ainda que o corpo persista (os corpos às vezes persistem, teimosos, quando todas as almas já se foram, quando todos os espaços estão vazios e só resta fechar a derradeira fechadura; há corpos teimosos, que não percebem que não depende deles, nunca depende deles, declarar a falência de alguém), ainda que haja a inspiração de sempre e a expiração de sempre, os segundos passando, um a um, lentamente. Pode me faltar até o sonho se você estiver ao meu lado para me fazer sonhar.

Todas as quedas são úteis se você puder me levantar.

Só para sentir que você existe para mim, que está para mim, e que verdade nenhuma (ouço por aí que não posso depender de você assim, que nenhum amor resiste a se amar assim) tem dimensão para se intrometer nesta invencível mentira.

Quando eu não puder te amar assim é porque já não te amo.

Quando eu não sentir o chão parar quando você não está, quando não sentir tudo em mim te abraçar quando te olho, quando houver algum momento imperfeito para ser sua.

Ou me dá um sabor que vale por tudo ou não vale nada.

Ontem fomos ao parque juntos, velhos adolescentes em balanços, em carrosséis, nos carrinhos de brincar onde aprendemos a ser crianças. E quando te dei a mão e te olhei no meio de toda aquela gente quis que até a morte chegasse mais depressa. Para podermos ter um final feliz. Para que nos acabássemos como deve acabar o que é imortal. Nós e o sorriso (há tantos anos o seu sorriso perante o meu esforço para te fazer rir; e as lágrimas sem parar enquanto eu te dizia que era para sempre e você não acreditava) que nos juntou. Já que temos de morrer que eu seja a princesa e você o príncipe.

Que venha então a morte e o casamento final. E que na nossa lápide duas simples frases se escrevam:

Morreram. E viveram felizes para sempre.

Qualquer caneta inicia uma guerra, e é também ela que me deixa em paz,

quando fomos pescar você ficou feliz, um peixe mordeu o anzol, você me abraçou com orgulho, me disse te amo no meio de um beijo, depois o olhou nos olhos e obviamente pediu para devolvê-lo à água,

não sei para que perco tempo escrevendo o que me lembro de você, mas provavelmente é apenas a melhor forma de chorar,

são as lágrimas que salvam as pessoas,

não são os médicos nem os comprimidos, e é por isso que eu escrevo, procuro a palavra que me tire de você, só isso e parece tanto,

só os condenados dizem a verdade,

os outros temem que algo acabe, que algo se perca, só quem perdeu o amor está em condições de dizer a verdade, como eu neste papel aonde te trago, como é possível termos sido eternos se já acabamos?,

uma corda é a representação perfeita de você, tanto é perfeita para matar como para salvar,

o meu próximo objetivo é repartir o silêncio, e a saudade, já agora, fique sabendo, tentar recusar a intimidade do vazio, conseguir pelo menos alguns minutos de absolutamente nada, a respiração é um bem escasso desde que você foi embora,

a partir do dia em que te conheci eu já te amava desde sempre,

sabe-se da inutilidade do tempo em momentos assim, vinte e quatro horas inacabáveis dentro da minha cabeça, e a noite chega e é tão grande, eu gostaria de encontrar um ruído que me servisse, entende?,

é preciso aprofundar a fuga, é isso,

construir muros maiores, esconder as lágrimas, chamar os amigos para cavar melhor, o que mais custa é a memória da pele, eu podia fazer um retrato falado do teu corpo com mais pormenores que uma fotografia sua, te garanto, bastava fechar os olhos e pensar em você, como agora,

se quer um fracassado me ensine a errar, por favor,

Quem é?,

Nada é tão bruto como o seu nome,

Bárbara,
e abro a porta para a corrupção,
Culpado, Meritíssimo,
mas feliz.

Há a urgência de uma coragem quando se chora assim.

J. me pede perdão e diz que não vai voltar a acontecer. Enrola-se no cobertor, limpa as lágrimas com a parte de trás do lençol e passa a tarde sofrendo. Não digo nada, não faço nada — limito-me a ver o tempo passar e a dor se alastrar.

Ninguém sabe o que é o amor.

E é o que não tem perdão que mata. Quem é amado não tem o direito de fazer o imperdoável. Amar é grande demais para aguentar uma pequenez assim. «Esqueça que me odeia e me ame até ao fim», ouço, o peito molhado por dentro, uma mão inteira me espremendo as entranhas.

Te amo tanto que não consigo te perdoar.

Lá fora, um pássaro me ensina a felicidade. Bate as asas e tudo à sua volta faz sentido.

O céu só existe para que seja possível voar.

Aqui dentro se ouve, por trás do silêncio, o grito que ele gostava de dar, a liberdade que nem a garganta consegue falar. E debaixo dos lençóis J. sofre, continua a sofrer — o som das lágrimas me mostrando que nenhum lado do que é eterno é indolor. «Sempre que me lembro dos seus lábios me esqueço do que me impede de você», e seria tão fácil me deixar ir embora, outra vez o abraço, outra vez a fé, outra vez todas as religiões da vida no altar de dois corpos. «Me cure de não te ter ou me mate de uma vez», ela me diz, todos os meus músculos já no abraço dela apesar de só os olhos ainda a tocarem.

É através dos olhos que todo o perdão acontece.

Não há qualquer fundamento para eu te deixar entrar depois da devassidão que você deixou para trás. Todas as sondagens te recusam, todos os inquéritos te abominam, todas as fórmulas dizem que você é impossível. Sei que se você voltar toda esta dor pode voltar um dia. Mas eu sei que se você não voltar toda esta dor vai voltar todos os dias.

Não tenho motivos para te deixar entrar mas entre por favor.

E todos os «ai» se dizem agora, todos os «te amo» se ouvem sem que nenhuma palavra se consiga contar, eu e os nossos fantasmas dizendo a linguagem dos incapazes, caminhando pelo pecado de nos sentirmos sem pernas e de só assim conseguirmos andar. «Fale baixo para que o mundo não saiba que

não está à nossa altura», e adormecemos assim, murmúrios escondidos no interior dos lençóis, à espera de que ninguém saiba que voltamos a ser incompreensíveis.

Ninguém entende o que nos juntou mas ainda é estarmos juntos que é inexplicável.

O mais importante do mundo é a vertigem.

E para haver vertigem tem de haver precipício. Tenho de estar lá, junto ao local onde a queda acontece, para conseguir me manter de pé. Todas as vidas precisam de vertigem. E é nas suas mãos que eu encontro o que me faz cair e que ainda assim me mantém de pé.

Levanto-me todos os dias para a transgressão do seu precipício.

E caminho pelas pedras da calçada a milímetros do instante em que há toda uma derrocada à minha espera. Ou estou a milímetros da derrocada ou não tem graça. Tenho de sentir que pode acabar, que está sempre perto de acabar, isto que nos faz gente, que nos sustém, indigentes da pele, e se não houver o perigo do seu prazer mais vale muito bem morrer.

O mais importante do mundo é saber que um dia você acaba.

E é assim que me agarro ao peso dos minutos sem precisar de balança, as pernas assustadas a cada momento sem você, à espera de que possa ser o derradeiro, e enquanto há a sua vida há esperança. Um dia você vai embora e isso acaba: eis tudo o que preciso para me levantar quando a manhã me pede renúncia. No momento em que te amo (as rugas das suas mãos, a agressividade sexual da sua barba em mim, o diálogo de dois corpos à procura das palavras impossíveis) todos os abismos sabem se abrir. Sei que vou morrer de você mas sei que sem você só me falta mesmo morrer.

Aprendo todos os dias a ser analfabeta de você.

E não escrevo senão o silêncio, ou então as linhas se enchem do que não tem ordem, e se há caos que seja o do nosso suor entornado. Depois me ensine, com paciência e método, que é preeciso saber muito para estar à altura de ignorar o que nos une, e que todos os abraços são uma aprendizagem. Morre-se no segundo em que já não há mais abraços para aprender, mais linhas desordenadas para ocupar. Exijo as suas mãos em mim como no inferno, à espera do chamamento final de uma cólera consentida. Te ordeno que você me mantenha desordenada para sempre. E que o único mandamento seja o que nos obriga a pecar.

O mais importante do mundo é o que mesmo proibido pode ser feito.

Quantas facas tem o teu não?

Como uma puta de uma desesperada aqui continuo, à espera de que você venha, à espera de que diga «te amo», à espera de que digas «te amo e sempre te amei e vou te amar para sempre». Mas a única coisa que é para sempre é o que acaba. Acabou-se e é para sempre. Para sempre sem o sabor do seu beijo outra vez, para sempre sem o «estou indo» do seu toque outra vez. O que nunca acaba é te amar assim.

Quantos homens serão necessários para eu me esquecer do seu abraço?

Sou uma mulher desejável. Sei que sim. Sei que os homens passam e olham, e eu passo e eles olham, e que nunca o meu corpo restará só, sem a presença de corpos para conhecer. Mas nenhum corpo cancela o seu, nenhum cheiro me impede da memória do seu, braços nenhuns me apertam com a forma do seu abraço. O que mais me custa é saber que você existiu. E que depois de te querer assim o que me resta é ser querida.

Resta-me encontrar o que mais me ama depois de ter perdido quem amo.

Até a sua morte me faria bem. Perdoe-me o egoísmo mas às vezes sonho que você morre e me liberta da esperança. Enquanto você estiver vivo vou acreditar. Por mais que não acredite, por mais que saiba que não existe o que esperei que existisse. Por mais que você não me queira vou sonhar contigo, no recanto mais escondido do que sou, na esquina mais fétida do que sinto. Tenho nojo de precisar assim de você. Tenho vergonha de precisar assim de você. E basta um «vem» teu para todos os lugares fazerem sentido.

Posso dar usufruto a outros mas sou sua propriedade inalienável.

Quem me quiser tem de saber. Quem me quiser tem de estar pronto para me perder como eu estou pronta para te ganhar. Sou de quem me quiser mais até que você me queira nem que apenas um bocadinho. Nada é mais injusto do que amar assim. E no entanto nada é tão belo como amar assim. Seríamos perfeitos se você me quisesse um terço do que eu te quero, se me desejasse um quinto do que eu te desejo. Assim somos apenas um casal por ser, e eu a estúpida mulher que vai se oferecendo ao volátil à espera da aparição do que nunca termina.

Quantas vezes terei de morrer para te matar de mim?

Se eu não tivesse sido sua naquela noite jamais teria sabido o que era ser infeliz assim; mas também jamais teria sabido o que é ser feliz até os ossos. Você

me deu, nessa noite em que me curvei perante a felicidade, a melhor noite da minha vida e todas as piores noites da minha vida que se lhe seguiram. Só me arrependo de não te ter amado mais tarde, muito mais tarde, bem junto à última curva. Para que acabar fosse assim. Para sempre assim. Eu e você e a noite final.

Quantas vidas vale uma noite assim?

Hoje não escrevo,

há tanto para fazer e eu aqui fechado,

o que é isto da vida afinal?,

na televisão um homem que diz que é primeiro-ministro fala e que

pobreza, uns tantos outros aplaudem, trocam elogios como se trocam encomendas,

eu te dou isto, você me dá aquilo,

uma mão suja a outra, nem os provérbios resistem à porcaria, isso é certo,

deve ter sido por isso que Deus nos deu a capacidade de nos enojarmos, creio eu,

depois há um jogo de futebol qualquer, adoro a pequena vida durante noventa minutos, há naquilo tudo uma espécie de comicidade dramática, uma emoção que se não der para rir dá para chorar, não se passa incólume a uma emoção assim,

se não ama nem odeia a derrota ou a vitória está morto, diria eu se fosse médico aos meus pacientes depois de os colocar para ver um jogo ao vivo durante alguns minutos,

é o que fazemos perante o que não interessa nada que nos define, sobreviver é estar pronto para dar tudo pelo que não interessa nada,

eu mataria por um beijo seu, por exemplo,

e existem os exageros mas não é o caso, eu mataria mesmo,

sabe aquele ato em que alguém impede outro de estar vivo?,

na verdade eu até podia dizer que morria por um beijo seu mas seria mentira,

como eu poderia usufruir de um beijo seu se estivesse morto?,

e só por isso é que eu não morreria para voltar ao interior dos seus lábios,

da última vez fui tão feliz quando encontrei a sua língua,

vou ao supermercado para olhar para as pessoas,

há uma semelhança incrível entre um supermercado e um livro, por mais inexplicável que pareça,

tudo o que é preciso para escrever um romance está ali, mas hoje não escrevo, que isso fique claro outra vez,

na zona do pão está uma mulher que todos os poetas queriam conhecer, seja lá o que isso for,

quando é que eu aprendo a não olhar para a vida em verso?,

talvez seja isso um poeta,

ou então um miserável, depende da ficção que cada um vive,

até consigo ser normal quando quero, um quilo de batatas, um saco de salada já cortada,

é preciso dar trabalho às pessoas já que não se pode pode lhes dar amor, eis o que explica a existência de um sistema econômico,

só me falta ainda perder alguns minutos falando com os vizinhos, contar-lhes da minha vida,

o escritor só não é muito de conversas porque não tem nada para contar, me ocorre agora e é verdade,

seria bom saber da dor de dentes do senhor Gouveia, ainda ontem o ouvi queixar-se quando estava subindo as escadas,

o mal de uma dor de dentes é nos fazer repensar a vida toda,

se não houvesse dor não haveria poetas, nem eu,

já anoitece e não fiz nada, limitei-me a viver e não tem muita graça, é essa a grande falha de quem inventou os humanos,

só viver é o que nos resta e nunca nos satisfaz, isso faz algum sentido?, daqui a pouco me deito e é tudo, não produzi nada e provavelmente aquele primeiro-ministro gostaria que eu não existisse,

onde é que já se viu existir um cidadão que não produz mais do que estar vivo?,

se hoje eu escrevesse seria sobre a sua voz quando me diz cheguei e chegou mesmo, em seguida eu te abraço com todos os anos que já vivemos juntos, te peço para me falar do silêncio e os dois nos calamos, e é assim que terminamos o dia sem exigir grande felicidade nem especial estrondo, apenas contentados com a hipótese de amanhã acordarmos e continuarmos aqui, pode ser triste, e se

calhar até é, mas também é amor,

ou apenas poesia,

talvez eu te ame, tenho para te dizer,

você vale a minha vida toda e nem sequer ajuda a equilibrar a balança comercial ou o déficit,

o primeiro-ministro que aprenda a lidar com esta.

O que nasceu primeiro: a vida ou você?

Pergunto-me todos os dias como foi possível chegarmos a este ponto, à cama agitada de nós, ao instante recomeçado de todos os orgasmos. Te amo até o termo do corpo, e nem assim me canso de te amar desesperadamente, como se a sua pele fosse uma religião e nenhuma prece tivesse outro destino que não o de te pedir.

Te peço que me devore ou então que me abandone.

Quando você sentir que falta algo terá a certeza de que falta tudo, porque nenhum copo meio cheio me preenche, porque nem sequer um copo quase cheio pode matar o quanto preciso de você. A única rotina entre nós é a de irmos até a insensatez do que nunca experimentamos, inventar inocências que ainda não perdemos, estádios de evolução que nenhum homem sabe que existem, e se algum ser superior existir vai ficar deprimido quando nos encontrar.

Como pode alguém ter criado a euforia sem saber que você existe?

E é quando me lembro do seu abraço que meço quanto pesa uma alma. Todas as almas são a subtração do que tocamos daquilo que sentimos. E quanto menor for a subtração maior é a adição. É isso que sou: viciado em você e todas as contas que os nossos corpos não se cansam de fazer.

Desde quando um mais um é igual a tudo?

E o que é a alma senão a fórmula que derrota todas as matemáticas, a equação eterna que nenhuma ciência compreende? O que é a alma senão aquilo que não tem corpo e ainda assim faz mexer? Você dorme, os lençóis revolvidos de todas as aventuras que ainda há horas não sabíamos que eram possíveis, a janela fechada para que nenhum mundo entenda que é pequeno demais para se comparar com a nossa vida, e quando você acordar sei que até as lágrimas vêm celebrar conosco.

Só o que faz chorar tem cabimento.

Daqui a pouco chega a hora de ir. Eu vou para a minha casa, você vai para a sua. Foi a maneira que encontramos de nos tornarmos raros, preciosidades humanas que passamos o dia a querer viver. Não fazemos promessas, não exigimos todo o tempo, não encontramos uma palavra ou várias que nos possam definir, não acreditamos na capacidade de haver julgamento justo para o que nenhuma lei conseguiria encerrar. Nós nos queremos quando um de nós o

decide, nos amamos quando um de nós precisa amar. Sabemos que é pouco para quem tanto se quer. Mas é apenas o que tem um pouco de graça que nos mantém vivos.

O que morre primeiro: não amar ou amar demais?

A única doença é
não haver paixão.

Há pessoas que encontram no mundo um mero
local de passagem, pessoas que não sentem o que
veem, que não tocam o que encontram; há pessoas
que não percebem que tudo o que existe foi criado
para apaixonar, para absolutamente apaixonar.

Se não houver paixão
para que serve haver a vida?

Há pessoas
e depois existe você.

Você e a loucura de querer devorar o que te
rodeia, você e essa pulsão incontrolável para todos
os segundos serem os finais, para todos os instantes
da vida terem desesperadamente de valer pela vida toda.

Se não houver o que você é
para que serve haver o amor?

E depois existo eu. A apaixonada que você ensinou
a se apaixonar. Antes de você não havia o tesão, havia
talvez uma ligeira excitação quando algo de muito
grande me acontecia. Antes de você eu não sabia a
beleza do medo, a sensação sem igual de um coração nas
mãos. Antes de você eu não sabia que um coração ou está
nas mãos ou anda rastejando pelos chãos. Antes de você não

havia você: eis o suficiente para explicar tudo o que me explica.

Se não houver a possibilidade de te abraçar
para que serve existirem os braços?

O teu riso me apaixona, me apaixonam as borbulhas
na sua pele, a maneira como você rói as unhas, a sua
distração quando enfia descaradamente o dedo
no nariz; me apaixona que você me acorde todos os dias
no meio da noite ou no meio do dia para me encher de
prazer ou simplesmente para me dizer que me ama,
me apaixona que você seja tão falível em tudo o que faz
e que isso, mais do que todo o resto, me mostre
que somos infalíveis no amor que nós somos.

Me levanto para a vida para apaixonar e ser apaixonada:
eis o que todo mundo, pela manhã, deveria ser obrigado
a dizer e a sentir. Me levanto para a vida para apaixonar
e ser apaixonada. E até esse levantar me apaixona.

Se não houver a possibilidade de ser apaixonante
para que serve haver a pele?

Basta explicar o que nos une
para explicar o sentido da vida.

A única doença
é não haver paixão.

«Você é a pior pessoa do mundo e eu te amo para sempre.»

Todas as declarações de amor são incoerentes. Todos os amores são incoerentes. Há um acordo tácito entre quem ama e quem é amado: quando você vir que isto que somos faz algum sentido me dê um tiro na cabeça. Um amor tem de ser estrondoso — quanto mais não seja porque uma bala o termina.

O amor faz tanta tanta coisa mas nunca nunca faz sentido.

As palavras dela na esquina puta da cama: «tenho todos os motivos para não ficar e é por isso que fico». Ele era incapaz de amar. Limitava-se, por isso, a ser amante, a amar os minutos possíveis dela, a amar todos os instantes do corpo dela. Depois, quando chegava a hora do amor, partia. Não precisava dizer muitas palavras. Apenas um simples «te amo até a morte mas nunca te amarei para sempre». Ela sabia que nada daquilo fazia sentido, que aquilo que os unia desafiava todas as leis da física. Como pode algo tão frágil resistir a tudo?

O amor é tão frágil que consegue resistir a tudo.

Encontravam-se nos mais variados locais, sempre em missão de urgência. «Preciso de você antes que a tristeza venha», pedia um. E todos os lugares estavam a distância tão curta de quem se precisa tão perto. Não sabiam o que o outro fazia, nem que idade tinha, nem que cor preferia, nem mesmo como raios se chamava. Ele era o ele dela, ela era a ela dele. «Tenho em você todos os prazeres do mundo.» E todos os nomes serviam por dentro do que se chamavam. Em todos os lugares eram felizes. Todos os lugares tinham pouca graça — para que pudessem, um dia, voltar para descobrir o resto, para tentar o resto.

A felicidade é deixar sempre restos por descobrir, restos por tentar.

Consumir tudo é uma consumição. Consumir tudo mata. «Você é a minha vida e jamais será parte da minha vida», dizia ela, assertiva, sempre que a fraqueza de quererem mais do que aquele tudo tão pequeno aparecia. «Temos de ser o extramundo, o extravida, aquilo que não é parte de nada e por isso nos preenche por toda parte.» E é assim que o amor se eterniza: colocado de lado para estar no centro de tudo, completamente à margem do que aquieta, pornograficamente situado à entrada do contentamento absoluto. «Se um dia eu quiser te amar todos os dias é porque um dia deixei de te amar», explicava ele, sem saber se acreditava no que dizia mas com a certeza de que só podia acreditar no que dizia.

Há que amar por inteiro mas apenas aos pedaços.

E escrupulosamente cumpriam um ritual que não conseguiam ver que existia, uma rotina que só quem ama como se amavam não conseguia ver. Não tinham horas marcadas nem dias definidos. Era isso que os deixava descansados, no último reduto de segurança. Mesmo que, sem nunca perceberem, se encontrassem religiosamente de dois em dois dias, quase sempre no mesmo local, à mesma hora. E eram, sem nunca saberem, o mais entediante de todos os casais. «Só o tédio pode nos matar», alertava ela. E o chamava para o tédio do seu regaço.

Até o que acalma excita quando se ama tão excessivo assim.

Quantos sonhos pode um corpo incluir?

Para ver a sua pele é preciso fechar os olhos, cerrá-los mesmo, senti-la como se sente o momento de Deus, e aguardar que a vida faça o resto. O segredo da felicidade é perceber que há tanto para fazer antes de esperar que a vida faça o resto. É preciso procurar tudo o que é procurável e descobrir o que nem sequer pode ser descoberto. E depois, só depois, aguardar o instante em que a vida mostra o que vale. O quanto nos vale.

Quantas vidas vale o seu abraço?

Você veio como se não quisesse nada, se sentou no avião ao meu lado (a menina me dá licença que lhe diga que é linda), e ainda o avião não tinha levantado eu já estava no céu.

Como você descobriu em segundos que eu era sua para sempre?

Nenhuma viagem pode ser contada pelo que os outros veem. Viajar é um processo interno por mais que o corpo ande daqui para ali, e aquele avião por mais que subisse me levava até o fundo dos meus sonhos, até a raiz do que todos os que respiram deveriam saber respirar. Respirar é fundamental e ao mesmo tempo desnecessário.

Só o que não se respira plenamente se sente plenamente.

Há quanto tempo você é dono do meu ritmo cardíaco?

Casamos dois dias depois (a menina me dá licença que lhe diga que vai ser minha esposa; e só aí percebi que não havia ali, nunca houve em você, qualquer interrogação; você estava me informando o que seria de mim; nada mais; e nenhuma pergunta pode ser colocada junto de nós; se só existíssemos nós ninguém teria inventado o ponto-de-interrogação), e nos recusamos a dizer que estaríamos juntos até que a morte nos separasse. Quem é a puta da morte para querer nos separar?

Quando se sonha do tamanho do que aprendemos a sonhar é preciso saber que se somos capazes de tocar continua a ser sonho. A vida toda nos disseram (que ideia pateta) para nos beliscarmos para sabermos que não estávamos sonhando, e é exatamente ao contrário, absolutamente ao contrário. É apenas quando somos capazes de nos beliscar que o sonho está de fato acontecendo.

Me belisque para eu saber que é um sonho.

E o padre me pergunta, agora mesmo, se eu quero te amar na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, e eu só sei dizer que não. Não. Orgulhosamente não como há vinte anos não. Continuo a não querer te amar na saúde, a não querer te amar na doença. Não. Mil vezes não. Quero te amar sem condições. Quero te amar: eis tudo o que num casamento deveria ser dito.

O problema de Deus é nunca ter amado assim.

E o problema dos casamentos é ter palavras a mais.

Meu demônio favorito:

Te escrevo para te dizer que estimo bem que você se foda.

Quem consegue amar em dobro não ama ninguém. Quem consegue dividir o amor não merece que eu me multiplique em nome dele.

Ou se ama tudo ou é uma merda de nada.

Você diz que é preciso perceber o amor para perceber o que você ama. E eu não percebo. O que se ama, lê com atenção, não se percebe — é essa, provavelmente, a grande dificuldade de entendimento entre nós. Você quer que eu perceba o que só se sente e eu quero que você sinta o que só consegue perceber.

Quando se ama com a cabeça não se ama coisa nenhuma.

Há outra mulher no seu caminho, outra mulher a resgatar os seus braços. Você pede que eu compreenda, pede que eu entenda que é preciso ser altruísta para poder armar.

E eu estimo bem que você se foda.

Não sei para que existe a palavra egoísmo se já existe a palavra amor.

Amar é singular. Singular. Leia bem: singular. Único. Só um. Só aquele. Só o que ocupa tudo e não deixa nem um fiozinho de fora, nem uma migalhinha à vista. Eu te fiz singular e você me fez plural. É isso o que nos separa. É uma questão de gramática, de matemática, até. Mas até o amor merece que todas as contas sejam feitas. E no final o resultado de eu + você é eu sem nada. Eu dolorosamente e ainda assim orgulhosamente sem nada.

Antes mulher solitária do que palerma solidária.

Não te partilho com ninguém. Não me partilho com ninguém. Quando sou sou por inteiro, quando sou sou eu inteira no que me vem inteiro. E tantas vezes já te disse nunca e depois você voltou e eu voltei. Não me considero fraca por ainda acreditar que você volta, que voltará mais uma vez, com esse olhar que me despe do mundo e me dá a vida. E quando você voltar vai dizer «vem, que só existe você». E tudo o que peço, tudo o que desde sempre te peço, é isso: que haja só eu. Que seja só eu. «Vem, só existe você», você diria, e todo o meu corpo se abriria para te deixar entrar, e o abraço aconteceria e todos os sofrimentos fariam sentido.

Amar é saber que até os sofrimentos podem fazer sentido.

Você não voltou. Ainda não voltou. E parece que desta vez foi de vez. Você estará vendido entre os outros braços das outras mulheres que te aceitam em pedaços. E eu aqui estou, em pedaços mas inteira, à espera de que você perceba que isto que nos une é um privilégio tão grande que tem de exigir exclusividade. Se você não voltar não se preocupe comigo. Vou continuar a mesma apaixonada de sempre no lugar de sempre, à espera do homem de sempre. Até que chegue, lentamente, alguém que me ensine a te desprogramar de mim, a diluir tudo o que tenho de você por dentro do que me sustém. Até lá serei sua e ninguém terá sequer o direito de me olhar plenamente. É essa a minha decisão final. Mas depois da minha decisão final vem a sua. A decisão é sua. Sempre sua.

Ou você vem agora ou eu te recuso para sempre.

P.S.: Estimo bem que você se foda.

E te amo.

Espero que venha de você a salvação para você: eis o primeiro mandamento do que me mantém viva.

Chamam de masoquismo mas eu chamo de sobrevivismo. Vivo você para me manter viva. Nada te recomenda, nada te aconselha, e é com a absoluta certeza de que você não me merece que faço tudo para te merecer.

Sou tão imbecil e tão feliz nos seus braços.

Eu gostaria de saber com o corpo o que sei com a cabeça, de recusar com a pele o que recuso com a razão. Mas depois vem o seu toque e até o masoquismo vale a pena. Até os minutos de você em mim chegam para todas as horas da dor de sem você em mim.

Sou tão louca e tão sua quando você me beija.

E estou por dentro do conforto de ser sua mesmo que você jamais seja meu. Me deito para os seus braços, acordo para o calor do seu prazer, e saber que você não está mas podia estar basta para me preencher tudo o que há para preencher.

Um dia te mato em mim mas até lá morro por você.

Morro de verdade. Morro de vontade, de desejo, de sonho. Sonho com a casa de nós, com os filhos de nós, com o mundo de nós, com o quarto de nós. Morro com a vida toda ao seu lado como a vida toda que tenho contigo agora mesmo que você não esteja. Só falta o seu corpo para tudo ficar como está para sempre. Antes masoquista do que vigarista. Todos os que não se assumem precisados viram acabados. E entram na guerra interior de apagar o que nenhum tempo apaga. Só você para se apagar em mim. Preciso de você para deixar de precisar de você. Você é em mim demais para eu poder te expulsar. Você está tão em mim que quando te beijo me sinto beijada.

Sou tão ridícula e tão inteira quando você me abraça.

E aqui prossigo, sem medo de ser absurda (só o absurdo faz sentido, só o que não tem explicação explica a vida), saboreando cada pedaço da sua ausência. E é assim que eu te tenho, tão distante e tão dentro de mim, como uma paisagem que basta ser olhada para ser nossa. Você olha um rio e ele é seu, só seu, naquele exato instante. Você absorve tudo o que ele é, tudo o que ele te dá. Você é tudo o que ele pode ser em você. Por que não pode o amor ser tocado como uma paisagem? Por que não há de bastar te olhar para que você seja só meu? Só sou real quando te sonho onde estou. É a realidade que nos une quando você não

existe em mim. Não preciso de mais do que de mim para te ter inteiro. Vivemos um amor unilateral, uma relação a dois em que basta um querer para os dois estarem. Te amo sem precisar de autorização. Te amo além de você. Te amo sem precisar de você. Te amo por imposição ilegal. Queira ou não você é o homem da minha vida. De quantas vidas você precisa para saber que é meu?

E só o seu orgasmo me faz vir.

Vem.

Vem agora.

De quantas mulheres você precisa para saber que sou eu?

Todo amor começa às escondidas.

Ela sabia que fazia mal em ir, assim, sem saber por quê e farta de saber por quê, encontrar-se com ele. Nunca tinham se visto e já se amavam. Ele não acreditava no amor e ainda assim ali estava, naquele trem em que duas almas aprenderam que havia amar para sempre. Quando ela entrou nada mais continuou a andar. Pelo menos dentro dele. Fechou o computador (manteve-se aberto mas quem quis saber dele?), desligou o celular (continuou ligado mas quem quis saber dele?) e se dedicou a vê-la falar. Foi mesmo assim: vê-la falar. Olhá-la ser.

Todo o amor entra pelos olhos.

Passaram a viagem — as três horas mais bonitas que um comboio algum dia ofereceu a alguém — falando sobre absolutamente nada. Passaram a viagem se amando sem que alguém pudesse notar. Não houve toque (apenas uma mão dele, sorrateira, procurando descobrir o que escondiam as botas altas dela) mas os dois corpos se sentiram mais agarrados e revolvidos e amassados e alvoroçados do que nunca. Era preciso amar também pela pele.

Todo amor precisa da pele.

Ela tinha medo de estar ficando para sempre, ali, por dentro dos olhos dele; tinha medo de que voltar fosse já uma impossibilidade. Como poderia voltar à simples vida depois de ter aprendido a viver? Ele só olhava para ela toda (a franja dela, os olhos grandes dela, a timidez irresistível dela) e sabia que o máximo que lhe restava, agora, era entregar-se, por mais que já estivesse entregue há muito. Era a viagem mais imortal que algum meio de transporte conhecera mas nunca mais acabava o raio da viagem. Havia dois corpos à procura de mais.

Todo amor se encontra à procura de mais.

Chegaram. Chegaram logo a seguir. É claro que ainda houve um carro pelo meio, talvez uma ou outra mão a tocar numa ou noutra mão. Mas só o que estava por vir lhes ocuparia a memória. Todo o universo os esperava num simples quarto dum simples (e tão pequeno) apartamento. E todas as roupas foram demais.

Todo amor recusa as roupas.

Amaram-se para sempre no tamanho daquela noite. Foram ao osso do prazer,

e nenhum suor foi mal empregado. Não sabem se foram horas se foram só minutos; sabem que a partir dali nunca mais entenderam a vida da mesma forma. Adormeceram, cansados e apertados (os corpos encaixados como se tivessem nascido para aquilo: um para receber o outro debaixo dos lençóis; será o tamanho de um corpo definido em função do tamanho de outro?), e quando acordaram perceberam que estavam acordando pela primeira vez.

Todo o amor nos acorda pela primeira vez.

Lá fora, pela janela, entrava o mar que nem tinham reparado que estava ali, tão perto, tão atento. Não sabiam se voltariam a se amar assim mas sabiam que nunca mais deixariam de se amar. A vida, teimosa, exigiu que se separassem poucas horas depois. Ela regressou, triste e feliz, ao trem onde a felicidade fizera história. Ele regressou, triste e feliz, ao quarto onde descobriu que estava vivo. Não havia certeza nenhuma, nada era certo. Mas ambos partilhavam o maior dos segredos, o mais perpétuo dos mistérios da vida. Só os dois sabiam o sabor do mar.

Todo amor guarda o segredo da vida.

Para que serve um cérebro senão para sofrer?

Dias cinzentos espalhados pela casa. Os gatos miam, com fome, e me ensinam que tudo o que interessa é um prato cheio de comida. E depois viver. Há uma lição imensa a cada vez que um gato mia — mas há uma lição ainda mais imensa a cada vez que um gato, absolutamente despreocupado, se deita e passa horas dormindo, descansado pelo estômago cheio e pela felicidade de estar saciado. Quando estarei assim, saciado na plenitude? Quando serei capaz de fechar os olhos, despreocupado, e simplesmente dormir com a felicidade sem igual de um estômago cheio?

Salvar a humanidade seria pedir lições a quem não pensa no futuro e saboreia tudo o que o presente tem para oferecer. Nenhum homem merece saber que existe futuro. É saber que existe um futuro que nos impede de estar, plenamente, no lugar onde estamos, no tempo em que estamos.

Ou você está feliz ou é infeliz.

É preciso entender que tudo o que somos é ficção.

Pessoas atrás de pessoas me pedem conselhos. Acreditam que o que escrevo me torna alguém especial, capaz de entender o que fazem, o que sentem, até o que escrevem. Fico perdido, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer. E é por isso que escrevo. Escrever é estar perdido e procurar, a cada frase, um caminho. Ou um simples sinal de que pode haver um caminho, de que pode haver uma esperança. Escrever é procurar a esperança, todos os dias, no que não existe, no que se escreve para ver se existe. Não sou escritor, nunca fui escritor, não quero ser escritor. Sou apenas o cara que escreve porque tem de escrever, porque os dias exigem que escreva, porque uma urgência qualquer o obriga a escrever. Escrevo como necessidade biológica, e às vezes custa tanto ter de escrever. Não dói mas custa, é uma dor de fora para dentro, como se as letras saíssem da pele, do por dentro dos ossos. E a literatura. O que raios é a literatura? Estou pouco ligando para a literatura. Não quero escrever literatura, não quero os intelectuais do meu lado. Quando tiver a crítica do meu lado é porque cheguei a lado nenhum. Todo mundo quer venerar o intocável, apreciar o que é fácil apreciar, o que todo mundo aprecia, ler o que todos leem porque alguém definiu que se deve ler. Ou se inventa tudo outra vez ou todos os livros serão iguais. Quem está quer continuar: é assim que se para o sonho. Não quero fazer como os clássicos, não quero replicar o que tantos já fizeram. Quero partir

de mim e chegar a mim. Só isso: partir de mim e chegar a mim, a mais longe em mim. Quero fazer o que bem quiser com as palavras que bem quiser, afrontar os críticos e espetar nas fuças deles que escrevo e hei de continuar sempre a escrever. Nem que seja uma bosta, nem que seja uma sucessão de merdas que eles, coitados, não querem que seja literatura. Deus me livre de um dia ser escritor e dizer que tenho um dom em mim. O caralho é que eu tenho um dom. O meu único dom é viver, incansavelmente, e fazer desta vida uma corrida até sabe-se lá onde. Uma corrida até sabe-se lá onde: de repente percebo que é isso o que a vida é para mim. Hei de morrer correndo, com a meta à vista, malvada, sempre à vista e sempre tão longe. E os artistas. Antes gatuno do que artista. E há lá ladrão maior do que um artista? Que corja são os artistas. Essa raça purulenta a quem Deus ofereceu o céu e o inferno de criarem o que mexe com os outros. Nunca serei um artista. Nunca acreditarei que algo em mim é mais do que medo. Tenho medo de ficar parado, medo de não abalar quem me ama, medo de não questionar o que me ocupa, medo de não rir diante da morte. Tenho tanto medo de morrer e é por isso que vivo. Escrever é também isso: ter medo de morrer. Escrevo para evitar a morte e é também escrever que me mata. Sou um pobre coitado que não tem onde cair morto mas que faz questão de desesperadamente encontrar onde se mexer vivo.

O que interessa é a vida, nunca as letras.

«Se me querem feliz, me deem o caos ou nada.»

Havia em nós, desde o começo, a certeza de que nada nos faltava, de que tudo estava pronto para nos receber até a felicidade total. Mas nenhuma felicidade é previsível — e se há algo verdadeiramente alegre na felicidade é essa constante imprevisibilidade, essa sensação de porta se abrindo sem saber o que está por trás.

A vida vale quase só pelas portas por abrir que não sabemos o que escondem.

Todo mundo sabia que tínhamos tudo para sermos felizes e foi por isso que só pudemos ser infelizes. Tínhamos a casa perfeita, os empregos perfeitos, os carros perfeitos, as belezas perfeitas, as famílias perfeitas. E depois até os filhos perfeitos e as educações perfeitas que tão exemplarmente lhes demos. Tínhamos tudo e ainda assim faltava sempre qualquer coisa. E nada é mais diabólico do que o hábito. Nada é mais maligno do que o exemplar. Nada é mais demolidor do que o previsível. Saber hoje o que vamos fazer amanhã, saber amanhã o que vamos fazer depois de amanhã, saber a toda hora o que vai acontecer a toda hora. Sabíamos, soubemos sempre, o que éramos, quem éramos e para onde queríamos ir. E foi isso que acabamos por ir para lado nenhum.

Nenhuma relação resiste à perfeição.

Tudo batia certo, as palavras eram certas, os olhares eram certos, as decisões eram certas. Nunca discutimos aonde ir passar as férias, que móvel comprar para a sala, que nome dar aos nossos meninos. Chegávamos a tudo com a naturalidade com que desde sempre chegamos um ao outro: sem um pingo de conflito.

Nenhuma história é boa sem um bom conflito.

E a verdade é que foi exatamente assim, sem uma discussão, sem uma palavra mais alta, sem uma crítica que fosse, que nos afastamos. Você disses «você é perfeita mas tenho de ir», eu disse «você é perfeito mas estou farta», e demos um beijo dos nossos (até os nossos beijos não tinham conflito; e talvez seja isso o que sustenta uma relação: um beijo em conflito, um beijo roubado, um beijo criminoso que entra pela boca de quem não o querendo o quer mais do que tudo) e depois um abraço dos nossos (como se abraçássemos um fantasma; cuidávamos um do outro como cristais e foi por isso que fomos nos partindo aos pedaços, insuficiência a insuficiência, desistência a desistência), e percebemos nesse instante que estávamos morrendo na altura certa, mudando de direção no

momento exato. Até nisso fomos perfeitos.

Até uma separação do casal de protagonistas pode ser um bom final de história.

Agora que te olho, tanto tempo depois, sempre que você vem aqui buscar as crianças e sorri para mim, percebo que fizemos o que tinha de ser feito. Você continua lindo de morrer (a sua boca como uma paisagem paradisíaca, o seu corpo sem marcas do passar dos anos: você é tão lindo que não se percebe como não me excita até o fundo dos ossos), eu continuo a mulher perfeita que todos os homens querem e de quem todos os homens fogem. E no fundo não deixamos de ser nada nem passamos a ser o que quer que fosse quando nos separamos. É assim, apenas assim, que se percebe que um amor não existe: quando tudo o que está antes e depois dele se mantém imutável.

Somos perfeitos demais para aceitarmos algo tão defeituoso como o amor.

Só brincar com o fogo aquece.

O resto é morno, tão pequeno para me manter viva. Preciso saber que pode queimar para me sentir pronta a arriscar. E se viver não for um risco mais vale estar morta.

Se não houver a possibilidade de correr mal de que serve correr bem?

O que me dá a vida é saber que pode acontecer o pior. Saber que pode doer, que pode ferir. Passar incólume é uma chatice se eu não souber que posso ser atingida. Te quero como se quer um precipício, como se quer olhar para o vazio, como se quer a velocidade, a adrenalina. Você é o maior risco que estou disposta a correr. E todos os dias arrisco mais um pouco. É tão bom ter você sempre no fio da navalha.

Antes um minuto no fio da navalha do que toda a vida sem uma única falha.

É tão humano o que somos. E é isso o amor, só pode ser isso o amor: algo tão humano que pode acabar, tão humano que pode magoar, tão humano que pode errar. Somos feitos da massa do erro, da massa do falível. É com as fendas que construímos a casa, é com as lágrimas que construímos o que nos protege da água. Sabemos que nos falta tanto para sermos perfeitos e que é assim que nos sentimos imaculados: um do outro como um e o outro das insuficiências.

É o que não conseguimos ser que nos faz ser o que somos.

E tentamos. Tentamos tanto, meu amor. Tentamos tudo, tudo. Mesmo tudo. Vamos até o fim do que dói se for preciso ir lá para nunca mais doer assim, vamos até o final do sonho se for preciso ir lá para não pararmos de sonhar. Arriscamos tudo o que somos a cada dia que vivemos. E é só assim que gostamos de viver.

Toda a vida tem de ser posta em questão todos os dias.

Tudo o que temos tem de ir a jogo sempre que estamos vivos. Tudo na mesa. All-in. Sem medos mas tremendo de medo. All-in. A pele toda, a alma toda, o corpo todo em tudo o que trocamos, em tudo o que procuramos, em tudo o que decidimos. Estamos os dois, inteiros, sempre que estamos os dois. All-in. E de um momento para o outro tudo pode mudar, tudo se pode perder. E até isso, esse momento em que porventura, um dia, nos possamos perder inteiros, até isso nos fará maiores mesmo que sem nada, mesmo que a partir do zero, mesmo que sem nada além da perda para nos unir.

Antes partir do zero do que fazer da vida um simples número.

É isso o que vemos à nossa volta. Casais e pessoas e vidas como se estivessem dentro de um número. Um número de circo que eles pensam ser de teatro. Um deprimente número de equilibrismo. E todo mundo é trapezista, e todo mundo procura o ingênuo equilíbrio que só serve para continuar.

Me mate agora mesmo se tudo o que você tem para me dar é continuação.

Continuar que se vá encher de moscas. Continuar que se foda. Eu exijo começar. A toda hora começar. A primeira vez. Todos os dias começar qualquer coisa. New game, all-in. New game, all-in. Se um dia eu for trapezista é apenas para aprender a cair melhor. Para aprender a sofrer melhor, para aprender a escorregar melhor, para aprender a falhar melhor. Se um dia eu for trapezista é também para te amar melhor. Porque te amar ou é estar em cima de um trapézio ou é nada.

Me ame pelo menos agora: eis o único pedido que a toda hora te faço.

Me conquiste neste momento, me arrebate neste instante, me prometa que quando você está está mesmo, que quando beija está no beijo, que quando abraça é o abraço, que quando me tem me tem inteiro. Me ame inteirinha pelo menos agora como eu te amo inteirinho pelo menos agora: aqui está a declaração mais ambiciosa que alguém que ama pode fazer.

Basta um segundo de você para amar a vida para sempre.

Hoje escrevo o poema do ordinário, a ode
do mauzão, a serenata do calão. Hoje mando
à merda o mais ou menos, o politicamente
correto, até o relativamente digno. Hoje
ou quebro a louça ou espero que ninguém me ouça. E
reza assim o que me faz bradar enfim:

«Nem oito nem oitenta» que vá para a grande
puta que o pariu. «Ou oito ou oitenta», isso
sim. Ou o mais excessivo tudo ou o mais
inconsequente nada. Coitado de quem precisa
de olhos para ver. E é tão pouco recomendável
te amar que só te quero em mim em toda parte.

Quem não arrisca um passo maior
do que a perna é paralítico.

Nenhum corpo define o que é estar
em movimento. E não há felicidade alguma
que não comece com «sim, eu quero», ou
então com um simples «vai se foder
e venha já aqui». E é preciso haver quem me critique
o léxico, quem me chame de mal-educado, quem
me acuse de ser ruim — mas nada me impede a
palavra que tem de ser dita, mandar a rica tomar banho, preferir a loucura imunda da aflita.

Ou você é indecente ou
nem sequer é gente.

E se é para estar vivo que haja perigo, e
se é para falar que seja capaz de
chocar. Porque a vida é obscena, porque
amar é tentar o inaceitável, porque a
euforia é o que fica depois do razoável. E eu
abomino o impecável, e atiro ao rio o
saudável, e vou à procura do indescritível, da
demência de quem só quer
descobrir, da extravagância de quem
nunca aprendeu a não sonhar.

Se eu tiver de morrer que seja da queda, e
que seja eu a prova de que é possível voar.

O que é mais pretensioso do que acreditar no amor?

Para amar há que ter vaidade, autoconfiança e alguma dose de demência. Reformulando: para amar há que ter uma dose louca de demência. Todo o resto vem por acréscimo — ou por decréscimo. Quem acredita em amar acredita que a poesia existe e que há um poema a cada beijo dado, a cada abraço trocado, a cada corpo descoberto a dois. Quem ama é Pessoa, Camões, Sophia, Neruda. Quem ama ou é poeta ou não ama nada.

Quem não é pretensioso quando ama é porque afinal não ama.

E é tão bom ser assim. Escrever com a parte do osso dos dedos, ir buscar as palavras depois da lógica, por dentro da gramática. Nada é mal escrito quando se escreve o amor. Ou tem o amor inteiro ou não é poema nenhum. Há que escrever sem o obstáculo do porquê para escrever o amor. Há que recusar os coitados que não o conhecem e que analisam um texto de amor como se analisa um texto qualquer. Mas um texto de amor não é um texto qualquer — pela simples, e tão óbvia, razão de que um texto de amor nem sequer é um texto; é amor. Só ele. Quem escreve um texto de amor está pouco ligando para a literatura.

O que é a literatura quando se ama assim?

Quem escreve um texto de amor se coloca todo nas letras que nem imagina como lhe saíram assim — mas que só podiam mesmo ter saído assim. E só quem ama tem a mania de ser poeta, a mais doce das manias, a mais deliciosa das ilusões. E junta os versos como se juntasse os corpos, e beija as palavras como se beijasse as bocas. Só quem ama cai no ridículo de fazer poesia — porque só quem ama cai no ridículo de ser poesia.

Ou é literatura medíocre ou é amor medíocre.

E amor medíocre até pode ser bonito — mas não é amor. E é por isso que eu te escrevo assim, minha tudo, com a certeza de que quando os críticos (desgraçados, não sabem o que escrevem) me lerem me verão como se vê um escritor — e não como o felizardo que te ama e que se limita a fazer tudo (até escrever) para te amar ainda mais, para poder te mostrar a dimensão do que te sente, o tamanho do que o sufoca. Não ligue para eles, meu amor. Não ligue para os que quando veem palavras só veem um texto.

Te amo até depois do ridículo.

Te amo com falhas de concordância verbal, com palavras que nem existem

(como podia existir algo que nos descrevesse quando nós ainda não existíamos?), com construções gramaticais despropositadas; te amo com verbos no lugar de nomes, com adjetivos no lugar de advérbios, com singulares no lugar de plurais. E é por isso que posso dizer «te céu» ou «te parasempre» ou até «te eternamente». Porque estou pouco ligando para algo que não seja saber que é isto, só isto, que se pode dizer quando você está em mim.

Quando alguém te disser que escrevo literatura quando te escrevo me deixe. Já deixei de te amar há muito.

De que são feitas as palavras
senão do material do que te amo?

As peles projetam a linguística
do amor, pronomes de prazer na
tentação dos versos, e quando você se deita
sobre mim é toda a filosofia da vida
que se levanta, em aplausos, para ouvir
a explicação absoluta do orgasmo.

De que é feita a sintaxe
senão do estudo do momento
em que os nossos dois corpos
se encaixam?

Os acadêmicos não ensinam o que
nos une, os alunos não aprendem
o que a vida em você me faz, e nem
a lexicologia saberia como nos colocar
no dicionário nem o dicionário saberia
se teria espaço para nos definir. Invento
ao olhar para você a única linguagem que
entendo, e é quando ouço o seu
«Ah» que sei que o alfabeto que
vale a pena conhecer vai começar.

De que é feita a fonética
senão da análise, científica
e com a pele, do ruído

insustentável dos seus suspiros?

Só existe a língua para existir
o seu beijo, porque recuso a
necessidade de falar quando
encontro tamanha utilidade na
existência das bocas, e os diálogos
se fazem sempre mais com o
tamanho dos silêncios do que com
a dimensão das palavras. Quando
um dia Deus vier à Terra
vai saber que você já existe, e
todas as religiões serão inúteis.

De que é feita a fé
senão da crença inabalável
de que existe um ser superior
situado abaixo de você?

Ele chegou atrasado ao momento mais importante da sua vida. Eis o que pode transformar uma vida. Um minuto antes tudo estaria diferente. Ela ainda lá estaria, impaciente, olhos no relógio, no cabelo, no céu — à procura de um motivo, só um chegaria, para esperar mais um pouco, para racionalmente se poder dizer que valia a pena esperar. O sol estaria brilhando, bem alto, dando a entender, falso, que não sairia dali. E depois ele chegaria (desculpe o atraso mas o trânsito), ela começaria por se fazer de aborrecida (eu estava mesmo quase saindo, vê se lá se volta a me fazer uma destas) mas depois, aos poucos, com as palavras sempre leves e bem dispostas dele (estar chateado dá muito trabalho, o verdadeiro preguiçoso está sempre rindo porque assim só estará eliminando se meter em coisas que custa muito resolver), acabaria por ficar bem como nunca, na verdade, deixara de estar (você é tão bonito, sacana, é tão bonito que eu só quero te dizer que te amo como uma louca, que só queria te agarrar nesse pescoço e te puxar todo para mim, beijar todas as suas peles, e parece que você tem tantas para me dar, até não haver mais lábios disponíveis para beijar. Até os meus lábios arderem de tanto te beijar; você é tão bonito que não consigo não te perdoar de tudo o que faz para mim), iriam ao café de sempre, à loja de doces na rua velha de sempre, ele mortinho para lhe dizer que a amava como nunca e desde sempre, ela mortinha para lhe dizer que só ainda acredita na vida porque só ainda acredita que ele existe, nenhum diria uma palavra que fosse sobre o que lhes ia por dentro, continuariam na conversa de sempre (e este governo isto, e este clube aquilo, e este filme aqueloutro) até que um deles, não interessa qual porque no fundo seriam os dois, ao exato mesmo tempo e com a exata mesma intensidade, a fazê-lo, iria agarrar o outro com toda a coragem do mundo, iria abraçá-lo como se encolhesse a dor, e iriam deliciosamente asfixiar-se naquela loja de doces na rua velha que mais uma vez os estava a ver se amando como sempre se amaram mas desta vez com o corpo fazendo o que há muito as almas já haviam feito. Chegaria em seguida a hora dos lençóis, talvez na cama dela (anda que todos os dias desde que te conheci eu preparo os lençóis para nós, todos os dias eu acordo pensando que será hoje o dia e escolho os lençóis preferidos, aqueles que eu não sei se você gosta mas que tenho certeza de que você vai gostar, os lençóis que cheiram a nós mesmo que você nunca tenha estado), o momento das cabeças perdidas, dos gemidos roubados, de tudo aquilo a que quem se ama tem direito. Acabariam a noite na manhã seguinte, cansados e prontos para mais noites assim, no café da manhã mais delicioso que a vida tem para oferecer. Alguns meses depois chegaria o momento de juntarem as casas, desta vez na dele (quando escolhi esta casa pensei em você, pensei que

seria grande demais para mim mas perfeita para nós, e escolhi a possibilidade remota de um nós à certeza dolorosa de um eu), e ali começariam a sua história. Haveria filhos, um rapaz que se chamaria Pedro como o pai, uma menina que se chamaria Bárbara como a mãe, e por ali ficariam, na casa onde aprenderam a felicidade e onde todos os dias a ensinavam aos filhos, até que a morte de um (primeiro ela, porque até nisso ele era um cavalheiro) os afastasse durante um, dois meses — o tempo em que o outro (ele, que para ela, para variar, estava atrasado até na hora de morrer) fosse também. Os filhos, esses, chorariam a perda como todas as perdas tão grandes se choram, mas capazes e com todas as ferramentas para caminhar para a vida. Um deles, certo dia, iria apaixonar-se pela mulher mais bonita que algum dia tivera a oportunidade de ver. Iriam se tornar amigos e ele iria prometer, antes de se deitar, que no dia seguinte lhe diria o quanto a amava. Assim seria, não fosse o trânsito. Chegou atrasado ao momento mais importante da sua vida.

De pé em frente ao botão, coração apressado e pele suada, L. tremia. Aquele botão. Bastava apertar. Uma vez. Bastava apertar uma vez e tudo ficaria em movimento. Um simples toque e já estava. Que fosse o que Deus quisesse. Mas o problema dos humanos é, quase sempre, não confiar no que Deus quer. E preferir agarrar com as duas mãos tudo aquilo que podem agarrar, tentar limitar estragos, reduzi-los ao mínimo possível. Os humanos criaram um Deus em que não acreditam, em que só acreditam em desespero, pensava ela, o dedo pousado sobre o botão, o suor cada vez mais denso, todo o corpo sem conseguir parar. Pensava mais. Pensava que toda a sua vida lutara por ter o que nunca na verdade quisera. Lutara para ter a casa em frente ao mar que leu nas revistas e nos livros que era bom ter, lutara para ter o carro conversível que os filmes a ensinaram a apreciar, lutara para encontrar o emprego dos sonhos dos outros e a carreira que agora a impedia de sonhar. Lutara pelo sonho dos outros. Dos seus pais, dos seus amigos, de todos os que estavam à sua volta. E se esquecera de quem era, do que era, do que pretendia. Esquecera-se da noite em que dormira, um dia, muito pequena, abraçada ao seu urso de pelúcia e de ter pensado que tudo o que pretendia na vida era aquilo: tempo, espaço e vida para se deitar abraçada a quem a protegesse como aquele simples urso. Esse é outro dos problemas dos humanos, pensava agora, o dedo trêmulo em cima do botão, passam a vida sem perceber para que serve ela, passam a vida querendo encher a vida, ocupá-la com coisas para fazer, com desígnios para cumprir. Os humanos passam a vida chafurdando-a de inutilidades. Talvez seja a melhor maneira de não sentir o vazio, concluiu depois, o dedo quase quase apertando com força o botão. É como uma casa cheia de móveis. Por mais móveis que tenha uma casa vazia está sempre vazia, e quanto mais vazia está a casa mais móveis as pessoas tentam colocar nela. Para apagar o vazio, para colmatar o nada. Para acabar com o silêncio. É isso, disse para si mesma, como se tivesse acabado de descrever o segredo da felicidade eterna. As pessoas usam as coisas para tapar o silêncio. E lá continuou ela, silenciosa, com o dedo, agora é o indicador da mão direita, em cima do botão que a faz tremer, em cima do botão que vai decidir se não passa de mais uma pessoa, sem coragem, sem força, sem nada mais do que coisas para apagar o espaço em branco dos seus dias. Tenho de decidir, convenceu-se. Agora ou nunca, decretou. Mas antes pensou ainda na perversidade mórbida do conforto. É ele, o conforto, o que mais mata os humanos. Querer estar sempre bem. Não ótimos, não eufóricos, simplesmente bem. E ter um medo louco de estar mal, de doer. É a fuga constante ao que dói que mais magoa os humanos, que mais os vai afastando da vida, pensou. Pela segunda vez na sua vida depois

daquela noite em que adormeceu com o urso ursinho de pelúcia, aproximou-se de si. E apertou, sem hesitar mais, no botão. Só esperava, agora, que ele ouvisse o telefone tocando.

Encontravam-se todos os dias, à mesma hora, no banco de jardim. O terceiro à esquerda de quem entra pelo lado sul do parque. Nunca se falaram mas sabiam tudo um do outro. Ele sabia que ela se chamava Isabel, que tinha quarenta e cinco anos e que era divorciada há cerca de um ano, quando ela, ao telefone no banco de jardim, deu ordem, com as lágrimas nos olhos, ao seu advogado para avançar com o processo custasse o que custasse. Ela sabia que ele se chamava André, que tinha quarenta e sete anos e que estava casado com a mulher que não ama há mais de vinte anos, como quase diariamente escrevia no diário que ela, sem querer mas não deixando de querer, conseguia ler pelo canto do olho enquanto ele, naquele banco, o escrevia com uma frequência quase religiosa. Hoje, estranhamente, ela ainda não chegou. Ele olha para o relógio e confirma que há um atraso de mais de meia hora. A noite ameaça cair e nada. Ela não chega. Ele procura, vezes sem conta, os ponteiros do relógio. Nada. Depois olha ao redor, como se procurasse a cura para a morte. Nada. Perdido, desesperado, resolve ir à procura dela. Sabe o seu nome completo, sabe qual é o bairro onde mora. Não será difícil encontrá-la, pensa, ao caminhar velozmente pelas ruas da cidade. O suor escorre abundantemente pelo seu rosto, fotografia perfeita do estado de nervos que move os seus passos. Os minutos parecem dias naquele caminho que nunca mais acaba. Mas eis que chega. É uma rua pacata num bairro pacato. O lugar ideal para uma pessoa pacata, diz ele para si mesmo, ao mesmo tempo em que olha em volta, à procura do rosto dela, das pernas dela, do corpo dela, do sorriso dela. Como é lindo o sorriso dela, recorda-se, e sem dar por isso já não é suor o que cai pelo seu rosto. Não a vê. Mas não desiste. Vai, casa a casa, tentando perceber qual é a casa que a merece. Nunca havia precisado de qualquer tipo de pergunta, de qualquer tipo de palavra, para saber tudo sobre ela. Não seria agora que isso seria necessário. Percorre uma, duas, três, quatro, cinco, seis pequenas mas simpáticas moradias. E chega à sétima. As flores, o jardim, a árvore, o cão latindo à entrada, o balanço onde a imagina à procura do céu possível, nem que por segundos. Ela só podia estar ali. Sem hesitar, ele avança, já depois de enxugar tudo o que teimava em escorrer pela pele. Está a menos de um metro da porta, marrom e de madeira, e espera estar a menos de um metro de encontrá-la. Dá um último retoque na camisa, recolocando-a centrada nos ombros, e faz o que tem de fazer. Um segundo. Dois segundos. Três segundos. Passos do lado de lá. Ele sorri, reconhece os saltos dela no andar dela, e sabe que está no lugar certo. Ela abre a porta e o sorriso. Em seguida o abraça, beija-o, leva-o para o quarto e o ama enquanto ele a ama com a exata mesma intensidade. Nem mais nem menos. Se amam da exata mesma maneira, e talvez seja essa a

única forma de comprovar a existência de um amor, foi o que ele percebeu, mais tarde, quando, sem uma única palavra como sempre foi sem uma única palavra, se despediram. Até o dia seguinte, em que, à hora marcada, se encontrariam no banco de jardim. O terceiro à esquerda de quem entra pelo lado sul do parque. Nessa altura tudo estará como sempre esteve, apesar de ele já ter dado ordem ao seu advogado para iniciar, o mais rapidamente possível, o processo de divórcio.

A vida estava acabada e ainda havia tanto para viver.

Tinha ficado para trás a história de um final insuportável. Eu sabia que não amava o homem que escolhi, e talvez tenha sido por isso mesmo que o escolhi: para mostrar que havia a possibilidade de decidir o meu destino além do que o destino havia decidido por mim. Eu quis me fazer de Deus quando o escolhi. E rezei para que Ele me ajudasse.

Mas nem Deus consegue calar um amor. Vivemos em guerra sem quartel durante vinte anos. Vinte anos vendo quem mandava em quem. E o amor, doentio e irracional como todos os amores, sempre nos comandando por dentro. Tudo o que fazíamos era por amor, para vencermos o amor. Era assim que, todos os dias, íamos nos derrotando. Havia, claro, as fugas do costume. Um filho, para começar. Para esconder os silêncios, para não termos de nos suportar, para nos obrigarmos, diante dele, a calar. E fomos nos calando. Conosco, era também o amor que silenciava, como uma fera que, aos poucos, com o cair da idade, vai se deixando cair, sem perceber que é só em movimento que consegue caçar.

Há sempre um filho a mais quando um casal que não se ama tem um filho.

Fomos insistindo. Fomos nos insistindo. Sempre na guerra mas agora em silêncio, na surdina, cada um na sua estratégia fria de combate. Ele deixou de ser o meu amor — apesar de, agora eu sei que cinicamente, me continuar tratando pelo pequeno e insignificante «mor» de sempre — e passou a ser apenas e só o alvo de todos os meus movimentos internos. Quando é que alguém deixa de ser a nossa vida para passar a ser o que nos impede de viver? Só a teimosia nos mantinha juntos, uma teimosia tão grande que nos segurou a totalmente nada durante mais de duas décadas. Duas décadas. Foda-se. Vinte vezes trezentos e sessenta e cinco dias da minha vida perdidos assim, vendo quem era mais resistente, vendo quem não cedia só pelo prazer de ver o outro ceder. Aposto que ele sonhava, como eu sonhava, com o dia da libertação, com o dia em que chegasse em casa e eu dissesse: «estou farta, vamos acabar com esta merda». Mas o dia não chegava. E a porcaria crescendo. E o nosso filho cada vez mais percebendo que vivia com duas pessoas diferentes em duas esferas diferentes e nunca com um casal. Havia três casas na nossa: a minha, a sua e a nossa com ele. E ele, esperto como nunca deixou de ser, sabia exatamente como agir com um e com o outro. Fazia tudo para nos obrigar a encontrar acordos, a chegar a abraços, por mais forçados (e esforçados) que fossem. Eu era capaz, juro, de aguentar assim até o derradeiro dos dias da minha vida. Que filha da puta de burra que

prefere a vida inteira a ceder do que ceder uma vez na vida?

Ia ficar tudo na mesma se não acontecesse você. Digo acontecer porque é isso mesmo o que define o momento em que te vi. Aconteceu você em mim. E aconteceu eu. Provavelmente é essa a melhor maneira de descrever o que você fez em mim: você me fez acontecer. Me fez outra vez entender que ainda havia espaço para tentar. Do começo. Outra vez tudo de novo. Não precisou dizer muito. Disse «Carlos, prazer» e eu ouvi «Carlos, até morrer». E assim foi, meu amor.

Até hoje.

O sol brilhava e o vento soprava e o mundo
continuava a ser tão lindo como só ele podia
ser, mas você não estava lá e nada disso importava.

O pior do mundo é a semivida, o limbo cruel
onde a esmagadora maioria das pessoas
repousa, sentada sobre uma cama de coisas
razoáveis. Existe o emprego razoável, a casa razoável,
as sensações razoáveis, até a felicidade razoável, e só
depois existe você para além de toda a razoabilidade.

A Lua estava cheia e a praia tinha a areia mais
luminosa que alguma vez existira, mas você
não estava lá e nada disso importava.

A semivida consiste em evitar o sofrimento como
se estivesse nele a própria morte, abdicar de ir
à procura do que pode magoar e por isso mesmo
abdicar de ir à procura do que pode euforizar. Existe
a euforia possível, o prazer possível, os dias possíveis, e
só depois existe você para além de todas as possibilidades.

Os pássaros voavam alto e livres, os poemas
continuavam a ser as criações mais abençoadas
do homem, mas você não estava lá e nada disso importava.

Eu acreditava que estar viva não passava daquilo, tudo o
que eu sempre quis em dose média, em dose suficiente, a
vida servida em parcelas pequenas. Eu sorria porque sorrir

era tudo o que eu conseguia, abraçava satisfeita o que se cruzava no meu caminho, tinha a convicção de que seria assim que todo o meu percurso se faria, e só depois percebi que existe você para além de todas as satisfações.

O restaurante era miserável, a comida uma desgraça, o tempo estava horrível lá fora, o seu uniforme de garçom era um atentado ao bom gosto, mas você já estava lá e só isso importava.

Foi estranho o sabor do seu beijo, tão imenso quanto fúnebre, e só então, depois do primeiro toque dos seus lábios nos meus, entendi que havia um adeus na união das nossas bocas. Era toda a construção da minha semivida que cedia diante do seu sobrebeijo. A partir de nós e das nossas bocas era uma existência inteira que se afigurava executável, e nós a executamos durante toda a noite.

A cama era desconfortável, as molas faziam ruídos insuportáveis, os seus gemidos eram tão estridentes que doíam nos meus ouvidos, mas você ainda estava lá e só isso importava.

— Metade de mim é você e a outra metade é pecado.

— Como se percebe o pecado? Como se separa o pecado bom do pecado mau?

— A dor. A dor separa as águas. A dor separa todas as águas.

— O que dói é mau?

— O que dói é. O resto não é nem deixa de ser. É preciso preferir, sempre, aquilo que pode doer. Só aquilo que porventura pode magoar é passível de porventura fazer amar.

— Se não dói não é amor?

— Se não é capaz de fazer doer não é amor. Pode nem doer. Pode até nunca te doer. Mas tem essa capacidade, você sabe que tem essa capacidade. Porque está no teu estrato mais fundo, na tua dimensão mais profunda. Até as vísceras.

— Me ame até as vísceras.

— Te amo até me encontrar. Você é a minha perdição e a minha encontração. Preciso de você para me perder e preciso de você para me encontrar. Se olhar em volta e não te encontrar estou perdido, por mais que esteja num local familiar. Se você não estiver em volta de mim é porque não sou eu.

— Quer pecar comigo?

— Todos os dias. Você é todo o pecado que há para viver. O bom e o mau. Mas no final das contas só há um tipo de pecado: o que nos mantém vivos. Quem vive sem pecar e morre sem pecar nunca na realidade viveu. Limitou-se a andar por aí. Quem nunca pecou não é santo; é defunto. Nasceu morto. É o pecado que gera a inconstância, a irregularidade. A vida, apesar de ser um ciclo regular, tem de apresentar irregularidades. São as curvas que dão encanto a um caminho. Andar sempre em linha reta me dá sono.

— Ou você é pecador ou é desolador.

— Ou é pecador ou não sabe o que é o sabor. Não sou bom em rimas. Não sou bom em nada, na verdade. Mas me esforço para ser bom em te amar. É esse o único talento que procuro ter: o de te amar com competência.

— Competência. Palavra tão feia para algo tão bonito como o que nos une.

— Não gosto de palavras bonitas. Acredito que todos temos um limite de

beleza para gastar ao longo da nossa vida. Eu prefiro gastá-lo em atos e não em palavras. Quem fala o bonito depois fica sem saldo para fazer o bonito. Eu prefiro ser o poema, o romance, a literatura. Não quero que você seja a minha musa mas quero que seja a minha tusa[8].

Eis mais uma expressão nada bonita.

— E no entanto eficaz.

— Tem razão.

— Venha.

— Vou.

Descobriram enquanto dançavam que o corpo de um não encaixava na perfeição no corpo do outro. Foi o suficiente para que, logo aí, se separassem. Ele era um fanático adepto da perfeição matemática e foi bastante claro naquilo que o fazia partir para longe: há dimensões erradas entre nós. Ela ouviu, percebeu que não havia muito a fazer quando algo era tão impossível assim, e disse apenas: há corpos que a matemática não consegue medir. Mas o deixou ir, sem uma reação, sem um gesto contra. Acreditava que o amor era feito de momentos assim, em que havia que aprender a perder, com tranquilidade, o que já não era possível ganhar.

Sim, aceito, responde ele ao padre. Encontrara finalmente o encaixe pretendido, depois de uma busca incessante, que incluiu viagens a três continentes diferentes e uma dança de poucos segundos com milhares de mulheres das mais diversas espécies. Mas estava alcançado o grande objetivo. Aquela mulher, que agora o beija na boca como celebração de um matrimônio consumado, é matematicamente perfeita nas suas dimensões. Nunca uma dança havia sido tão intocavelmente perfeita. Os corpos como se compusessem, juntos, uma sinfonia segunda ao som da sinfonia primeira. Corpos como notas musicais, concluíra ele muitas vezes ao dançar com ela, emocionado, e perceber que valera a pena todo o sacrifício. Você é a prova de que a matemática é a ciência total: até o amor ela é capaz de medir, disse-lhe ele, instantes antes de, na cama, se entregarem pela primeira vez ao prazer incomparável da carne.

Não faz sentido, não faz sentido, repetia ele, inconsolável, enquanto olhava a sua esposa nos olhos. Você tem o mesmo tamanho deitada e de pé, eu tenho o mesmo tamanho deitado e de pé, e no entanto parece que nos falta aproximação, que há espaço a mais entre nós. Tenho o seu corpo todo no meu e te sinto longe. É como se os corpos mudassem de tamanho quando se deitam. Não faz sentido, não faz sentido, voltava, com o dia já nascendo e entrando pela janela do quarto, repetindo. E, de máquina de calcular na mão, levantou-se da cama.

A matemática arde bastante bem. Foi essa a primeira conclusão dele quando atirou à lareira da sala os seus manuais grossos e densos, pelos quais se guiara durante toda a sua vida. Até hoje. Até ao momento em que, depois de amar a mulher que um dia a dança lhe mostrara que não podia ser perfeita para si, percebeu que havia uma deficiência irreparável na ciência, uma insuficiência gritante ao nível da capacidade de medição do que se ama. A matemática não

entende a diferença entre um amor deitado e um amor de pé; é como se apenas medisse o que os corpos têm para mostrar e não equacionasse que, em alguns casos, o que mede o tamanho de dois corpos não é o próprio tamanho dos dois corpos mas a distância que eles permitem que seja criada entre um e outro; é em exiguidade que se mede o amor: quanto menos espaço existe separando mais tamanho os corpos atingem, escrevia agora, consciente de que estava a poucos segundos de iniciar uma revolução histórica, uma nova corrente de pensamento, quem sabe até uma nova disciplina que, doravante, iria ser estudada nas escolas e nas universidade de todo o mundo. Mas, estranhamente, abdicou, logo nos momentos seguintes, de tudo isso. A mulher que amava continuava, a olhá-lo, ali ao lado. Estava, desesperadamente, a pedir mais um abraço. E ele foi.

Me ama até deixar de se conhecer.

Foi assim que você começou a entrar em mim. De repente, sem nunca nos termos visto, as suas palavras como balas no meio da biblioteca do bairro: me fode até deixar de saber quem você é. E eu em silêncio por dentro, por mais que por fora não evitasse um sorriso e algumas palavras de circunstância inventadas na hora (como raios se há de saber quais são as palavras de circunstância de uma circunstância que nunca existira antes?): gosto da maneira como você brinca, eu disse. Mas você não estava brincando. Dez minutos depois você estava em cima de mim com a roupa já fora de você e eu já fora de mim. Confirmou-se: eu já não sabia quem era e não estava nada preocupado com isso.

Se você me abandona eu fujo.

Foi esta a sua ameaça quando, já farto das suas excentricidades (um dia cheguei em casa e você estava nua mostrando as particularidades da cor do seu mamilo esquerdo ao meu melhor amigo, noutro dia você resolveu me cortar com uma faca de cozinha um pedaço de um dedo para saber que gosto tinha o meu sangue, noutro dia você se atirou da janela da sala para ter certeza de que as suas asas eram apenas interiores), eu estava de malas na mão junto à porta de saída. E reforçou: se você sair por essa porta pode ter certeza de que nunca mais vai me ver. Não acreditei. E pensei que estava certo quando, menos de um mês depois, já estava de volta à casa, à nossa casa, moído de saudades do seu amor que me impedia de saber quem era. Mas você tinha razão e estava certa mais uma vez: aquela que estava comigo já não era você. Você, mais do que eu, tinha fugido naquele dia. E a culpa tinha sido minha.

Ou você volta a ser louca ou eu fico louco.

Foi com estas palavras que eu te pedi para ser você. Desesperadamente você. Eu já não suportava a demência de você ser a pessoa normal que, ao longo dos últimos meses, estava sendo. Você mantinha a casa sempre arrumada, era a dona de casa perfeita, a esposa atenciosa e carinhosa (fazíamos amor como os adultos e deixamos de foder que nem loucos) e a loucura maior que fez nesse período foi a de experimentar, um dia, não colocar açúcar no leite que tomava no café da manhã. Você estava sã demais e isso estava me enlouquecendo.

Ele é um filho da puta de um gênio e é por isso que eu o adoro.

Foi a frase que você me disse quando, pela enésima vez, fomos chamados à escola para apagar o fogo colocado pelo nosso menino. Desta vez (já depois de, por exemplo, ter conseguido colocar a Judiciária para cercar a escola julgando que havia um rapto com reféns; ou, em outra ocasião, ter convencido centenas de alunos a pintar a fachada da escola de uma nova cor pensando ser um pedido do próprio Conselho Diretivo) tinha feito, numa hora, a sua prova e a de mais cinco amigos seus. Os seis tiveram nota máxima mas, sabe-se lá como, alguém percebeu a embrulhada. Você estava orgulhosa dele quando eu, já em casa, lhe disse com ar ríspido: tenho vergonha desse seu tipo de comportamento; assim você não é meu filho. E você, pode não acreditar mas eu vi, sorriu.

Me chamo Filipa mas não sei quem sou.

Foi assim que a namorada dele se apresentou quando foi jantar lá em casa. E acrescentou: sou do Barreiro mas não sei onde fica isso. Tive ao mesmo tempo pena e inveja dela.

«Só unimos os lábios para que um grito único e mudo se ouça no mundo.»

Esta foi a versão poética do que ele lhe disse. Depois havia a outra. A que dói. A que destrói. A que humilha. Esta:

«Te amo; agora vai embora.»

Sem um aviso, depois de tanto tempo juntos, ele lhe pediu para ir embora. De vez. Não fez alegações. Não deu explicações. Disse apenas para ela ir embora, semblante carregado, sem um sorriso, sem mover um músculo. Vai, disse ele. E ela, carregada de malas e de lágrimas, foi.

«Prometa que nunca vai me questionar para poder me amar.»

Foram as únicas palavras dele quando ela já estava do lado de lá da porta. Ela cumpriu. Nada perguntou, por mais que quisesse saber o que havia acontecido, onde se perdera o que sempre os juntara. Durante anos não o viu. Conheceu um novo marido, acreditou estar apaixonada por ele, teve os filhos que sempre quis ter e todo mundo, até ela, confiava que era uma mulher feliz. Eis senão quando.

«Sim; por favor, sim.»

Foi a resposta dela quando, do outro lado da linha, alguém lhe perguntava se aceitava uma chamada a cobrar. Tremeu. Não sabia por quê mas sabia que era ele, que só podia ser ele. Era. E tinha novidades para contar.

«Te amo demais para te dizer a verdade.»

Foi a explicação dele já depois de ter revelado que estivera, durante todo esse tempo, curando-se de uma doença grave qualquer (cujo nome ele se recusava a pronunciar porque acreditava que o que era dito passava, nesse instante, a existir). Preciso de todas as forças para sentir que não desiludo a dimensão que nós somos, acrescentou ele. Ela começou por recusar a explicação, em seguida o mandou se calar, e finalmente, sem hesitar, desligou a ligação sem uma só palavra.

«Te amo demais para você poder me amar.»

Foram as palavras dela, meses depois e sem um sorriso, antes de lhe fazer uma proposta que ele aceitou de imediato. As buscas por ambos os corpos, após o acidente que envolveu os veículos dos dois, duraram várias semanas, e ainda hoje há quem jure tê-los visto, muitos anos depois, nadando, juntos e felizes, num lago perdido numa terra distante. Mas todo mundo achou rebuscado demais

para ser verdade.

Estava tudo pronto para receber a felicidade,
e você não vinha.

Te amei muito antes de te amar. Éramos o que
os amantes eram e nem precisávamos de
corpo para isso, porque o que dizíamos nos
satisfazia, e sempre que a vida acontecia era um
ao outro que tínhamos de falar. Se existe uma coisa que
eu temo no mundo é o seu fim. Passo horas me sentindo
indestrutível, tendo certeza de que nada me
toca, de que nada poderá doer o suficiente em mim para
me fazer recuar, e depois vem você. Você e a sua imagem
a perder de vista, os seus olhos quando você me olha, a
sua boca quando você me fala, e é então que eu percebo
que sou finito, pobre humano, e desato a chorar à
procura do telefone e de uma palavra sua que
me convença de que você ainda existe. É na possibilidade
do seu fim que eu encontro a humildade.

Era o dia mais lindo de sempre na terra onde eu estava,
e você não vinha.

Não se sabe onde acaba o mundo mas eu sei que
a vida acaba no fundo dos seus lábios. Eu tinha as
palavras preparadas para te dizer que havia mais do
que tudo precisando que fizéssemos aos corpos o que
todo o resto em nós já fizera. Depois eu iria te dizer que
desde que te olhara eu já sabia o gosto do seu beijo

e que era tempo de as bocas o saberem também. Em
seguida eu iria lentamente despir a sua língua sem que
você notasse que ao redor nem os relógios ousavam mexer
para não perturbar o movimento da Terra. Por fim
você diria que era previsível que acabássemos assim e
que a única surpresa era que tenhamos acabado assim,
apenas para comprovar que dentre todas as coisas
completamente imprevisíveis o amor é a mais previsível
de todas. Acabariam aí todas as palavras desse dia e dessa
noite, ou então dessa noite e desse dia, e lá fora já não
saberíamos se estaria luz ou sombra, sol ou chuva, pois
seria certo que os olhos têm muitas capacidades
(beijar, abraçar, tocar, lamber, sugar, agarrar, apertar)
quando se ama mas nenhuma delas é ver.

Pela primeira vez na vida limpei o pó atrás dos móveis de casa,
e você não vinha.

Já não havia explicação possível para você não estar e
eu ainda acreditava que você vinha perfeitamente a
tempo desde que viesse. Tentei te telefonar mas
você não atendeu; tentei chorar por você mas nem as
lágrimas caíam, e quando o corpo toma decisões à
revelia é porque sabe perfeitamente o que está
fazendo. Foi isso o que me descansou. Resolvi me deitar
um pouco e dormir. Dormir é sempre a melhor forma
de te esperar, pois se existe algum momento em

que me aproximo de você é quando me é
permitido sonhar. Quando acordei você não estava e
eu quis gritar. Felizmente não o fiz porque
poderia te acordar. Eu estava dormindo, percebi depois,
na cama ao lado, depois de você ter chegado atrasada
na noite anterior e ter me encontrado
já de olhos fechados. Foi então a minha vez
de me deitar sem uma palavra e esperar que
você acordasse, ou esperar que adormecesse, porque
no fundo o que interessa é que você permaneça. Você tinha
chegado tão atrasada que mais valia não
ter vindo, mas ainda bem que você veio.

Me doía a vontade toda de te apertar e de te falar,
mas você já vinha.

Quando você acordar prometo que vamos adormecer
todos os dias
juntos para sempre.

Era um homem como outro qualquer e por isso estava, neste preciso momento, a chorar. Toda a casa silenciosa, parada, a ouvi-lo sofrer. Silêncio, que vai doer.

Era uma mulher como outra qualquer e por isso estava, neste preciso momento, a sonhar. Toda a praia silenciosa, parada, a ouvi-la voar. Silêncio, que se vai saltar.

O encontro aconteceu à hora mais inesperada de todas — que, para dizer a verdade, poderia ser qualquer uma porque todas as horas seriam as mais inesperadas de todas para quem nunca, nem por sombras, imaginara que este encontro pudesse um dia acontecer. Ele estava, como estava grande parte do seu dia, a chorar. Ela estava, como estava grande parte do seu dia, a sonhar. Mas por fora ele era o homem que limpava a piscina da casa de praia dela e ela era a mulher rica casada com o homem rico que tinha uma casa junto à praia. Já se tinham visto muitas vezes até ao momento em que se olharam. Toda a piscina silenciosa, parada, a ouvi-los sentir. Silêncio, que se vai tentar.

Perto de você me perco de mim. As palavras dela ao ouvido dele. Ele sorrindo, e ainda assim chorando cada vez mais. Lamento mas só gosto de coisas pequenas e isto que sinto é grande demais para eu sequer o admitir como uma possibilidade. As palavras dele para ela ouvir. Agradeço que a senhora não volte a se aproximar dessa forma de mim. E ela a virar as costas. Mas apenas durante um segundo. Depois se vira novamente, beija-o, ele a beija de volta. Você está cada vez melhor ao fazer isso. Quem não te conhecesse quase acreditava. As palavras dela entre lábios lambidos. O parvalhão do teu marido acredita sempre que eu sou um santinho. E ela ri, e ele ri, e ali ficam os dois, junto à piscina, descobrindo a extensão dos corpos. Todas as paredes silenciosas, paradas, a ouvi-los mentir. Silêncio, que se vai justiçar.

A pistola deste homem, de cano encostado à cabeça de outro homem, é uma pistola como outra qualquer. É de supor, por isso, que seja capaz de matar. Parece ser esse, pelo menos, o medo da mulher que, com as mãos na cabeça, assiste ao espetáculo que se segue. Por favor não faça isso com ele. É o que ela pede. O homem da pistola concorda. Ela se aproxima de ambos e, em poucos segundos, tira a pistola da mão de um e dispara sobre o outro, que cai, imediatamente e com estrondo, ao chão. Era assim que você devia ter feito. Eu

estava farta de te ver perder tempo. Você dispara e pronto, foda-se. Ele baixa a cabeça e concorda. E ali ficam, os três, corpos nus, abraçados e sorridentes no meio da piscina. A poucos metros, e a toda a volta, há muitas pessoas de batas brancas e outras muitas pessoas sem bata branca mas com gestos estranhos (um anda em círculos há minutos, outra olha para o céu e abana a cabeça de forma vigorosa há ainda mais minutos, outro simula um discurso sobre a paz no mundo em voz muito alta e ninguém liga). Toda a sala de cinema silenciosa, parada, a ouvi-los representar. Silêncio, que se vai acabar.

Saber que você esteve
é o que me impede
de estar.

A sua voz ao acordar: vem, me ama. E eu te amando
sem pensar no tempo, o relógio estendido na
cabeceira da cama, farto de saber que até
ele, o tempo, teria de esperar que você estivesse
pronto para me deixar ir. E depois.

Como posso inventar quem te substitua
se você ainda está aqui?

Depois você foi embora e não deixou nada para trás, e foi essa a
sua maneira de ficar inteiro. E se ainda consigo me levantar
para a vida é porque ainda espero que você venha, de lágrimas
nos olhos, me pedir desculpas por ter ido, por
ter ousado extirpar de mim o que me fazia querer.

A única coisa que eu quero
e sempre quis
é que você me queira.

No nosso quarto há um museu à sua espera. Os seus
sapatos abandonados no mesmo local onde
você os deixou: todos os dias eu os limpo religiosamente
como você todos os dias os limpava religiosamente. O seu
lado da cama desocupado — e ai de quem ousar entrar
no que te pertence. Nem eu ouso entrar no que te

pertence. Quando você voltar vai estar tudo na mesma
para te receber. Será uma maneira diferente de te absolver.

O que você fez para mim é imperdoável
Mas você não vir imediatamente aqui para te perdoar
não tem perdão.

Pode ser tarde — e é. Mas entre esperar toda a vida
que você venha e temer toda a vida que você vá embora
eu prefiro a segunda alternativa.

Antes a sua mão na mão
do que duas outras mãos
sem amar.

Esperarei por você por mais que me convença do contrário. E
podem vir os melhores homens do mundo, as mais
perfeitas criaturas do universo, e ainda assim bastará
saber que os seus defeitos querem os meus de novo
para sempre para ser tua para sempre outra vez.

Por favor volte e traga as suas imperfeições.
É o que basta
para você me fazer feliz.

O padre já deu a ordem para fecharem o caixão, e eu nunca te disse que te amava.

O pior das palavras é sentir as que ficaram por dizer, o peso irrespirável do que nunca existiu e que ainda assim nunca deixará de existir: nunca deixará que eu exista. Tive toda a sua vida para te dizer o que via em você e falhei. Te dei companhia, amizade, te ofereci tanto, e nunca acreditei que um dia você fosse embora sem avisar. Ingênuo. Eu devia saber que tudo o que você fazia era sem aviso. Por que haveria de ser diferente na hora de morrer?

Tenho um apartamento vazio que sonhei que seria para nós, e eu nunca disse que te amava.

Fomos cúmplices sem corpo, encontramo-nos todos os dias para oferecermos a vida que tínhamos para oferecer, você ria tanto e eu te queria tanto, algum dia você soube que quando eu adormecia era na imagem da sua felicidade que eu pensava? Eu te imagino, até aí onde você está agora, espalhando a felicidade, e o que me descansa é ter a certeza de que você terá uma morte feliz para sempre. Alguma vez você soube que eu precisava tanto de você?

A sua escrivaninha está sendo arrumada pelos seus pais, e eu nunca disse que te amava.

Fomos quase amantes perfeitos, quase um casal perfeito, quase a felicidade perfeita. Houve dias em que os corpos quiseram, dias em que os corpos forçaram. Foi nesses dias que nos abraçamos, as minhas mãos em volta de você, as suas em volta de mim, um abraço inteiro comprovando que tudo o que nos bastava era coragem. Bastava eu dizer o que nunca parei de te dizer, o que todos os dias ensaiava te dizer, para que este peso que agora será meu para sempre se diluísse em suor. Você me perdoa te amar para sempre em silêncio?

Os seus pais estão lendo as cartas que nos escrevemos, e eu nunca te disse que te amava.

Até as mãos se calavam quando era preciso dizer o tamanho do que eu sentia por você. Tantas vezes fomos capazes de dizer o que doía, como quando eu te disse que era vergonhosa a forma como você estava fugindo de um emprego só porque não gostava de uma das colegas, e você ficou, você me ouviu e resolveu ficar; ou quando você me disse que eu estava sendo estupidamente egoísta ao não aceitar ir com os meus irmãos para a Disney World quando isso os faria mais felizes do que o sonho, e eu resolvi ir, eu te ouvi e resolvi ir. Tantas vezes fomos

capazes de nos escrever tudo o que havia para escrever, e nunca nos dissemos, eu nunca te disse, as únicas palavras que escritas ou faladas teriam de ser ditas, para que nada sobrasse do que éramos, para que nada agora sobrasse do que fomos. Se eu tivesse dito que te queria para sempre você teria conduzido mais devagar naquela noite?

Os seus pais me mostram um rabisco seu em que você dizia que eu sou o homem da sua vida mas que nunca me disse que me amava, e eu nunca disse que te amava.

Como pudemos ser tão idiotas e tão felizes?

O país arde. Por todo o lado há pessoas com dores e terra queimada. O inferno anda no ar. E é quando o inferno chega que é importante um pequeno céu para fugir. Um espaço de absoluta não-vida para poder viver. É nestes momentos, em que tudo o que o mundo sabe trazer é dor, que a melancolia chega, sorrateira, à espera de uma defesa ferida para poder ferir. É então que chega a arte, heroica, para salvar a honra do momento.

É preciso haver sempre um livro para ler para nos salvar a vida.

Ou então uma nota musical, um pedaço de gênio para nos mostrar que a vida vale a pena, que o mundo merece continuar. Se não for por um verso perfeito ou por uma nota que nos muda a vida para que serve a vida? Para que serve o mundo senão para acolher em si a arte? E tudo o que somos é pessoas e tudo aquilo de que precisamos é de pessoas. É quando a melancolia chega que percebemos que são as pessoas que nos salvam do abismo. As pessoas que escrevem o que nós queríamos sentir, as pessoas que criam a música que nos obriga a continuar, as pessoas que desenham o quadro que nos faz acreditar. As pessoas. É quando o abismo se aproxima que as pessoas servem para nos agarrar e para nos permitir a salvação. Não é o planeta que tem de ser protegido; são as pessoas. É preciso protegê-las ao máximo, mostrar-lhes que são elas a razão de haver vida. O país arde e é ironicamente a milímetros da desgraça que as outras pessoas se salvam da desgraça. É por vezes necessário haver baixas para o mundo crescer.

E os cabrões dos políticos e as suas contas. Como se pode pensar plural quando não se respeita o singular? O problema dos políticos é o ângulo com que olham o mundo. Olham para a vida como Deus olha para ela e depois pecam pela falta de poder. Por estarem nos vendo de cima quando estão embaixo. É preciso pisar na terra para saber como se caminha. E partem do todo para o individual, e se esquecem de que é do indivíduo que se faz o todo. Basta uma pedra fora do lugar para que alguém tropece. É tão simples viver quando se pensa com arte dentro. Governar como se escreve um poema: eis a minha proposta. Governar como se compõe uma música: eis a minha proposta. Fazer de cada decisão a mais bela do mundo. E cumpri-la. É quando a melancolia chega que o indivíduo corre o risco de ir.

Hoje quero desistir mas ao mesmo tempo quero viver para sempre. Porque haverá sempre um poema para descobrir ou uma melodia para desbravar. Basta um poema para estar vivo fazer sentido. E o abraço. Oh, meu Deus, o abraço. A

arte e um abraço: assim eu poderia definir a felicidade.

O país arde e há homens e mulheres que salvam homens e mulheres da absoluta desgraça: eis um motivo mais do que suficiente para ser digno do privilégio de estar vivo.

Por cada cabrão que se levantar há-de haver sempre dois ou três heróis para fazê-lo vergar.

Desaprendi com a vida tantas coisas que a vida me deu.

Desaprendi a amar o futuro — porque o que me resta dele é esta alma tão pronta para continuar e este corpo tão pronto para esticar. Para que serve haver depois de mim se não estarei aqui para vivê-lo?

Desaprendi a descobrir o que faz mexer os mais novos, o que os obriga a serem aquilo que são, aquilo que constantemente têm de ser. Não sei para que existe a inveja, a ambição, a soma de notas guardadas num cofre. Não sei para que existe a saúde se apenas serve para ganhar dinheiro. Para que serve a juventude se não sabemos para que serve a juventude?

Desaprendi a perceber as pessoas que o mundo contém. Há pessoas que gastam a vida na vida dos outros, na felicidade dos outros a martirizar a sua, pessoas que não se agarram ao tanto que têm e preferem agarrar-se ao tanto que nunca terão. Há pessoas que se gastam na vida. Para que serve toda a vida pela frente se tudo o que fazemos a faz virar as costas?

Desaprendi a desprezar o instante — porque tenho já tão poucos instantes para desprezar. As imagens vêm e ficam, restam por aqui, como se soubesse que cada uma delas pode ser a final, a que levo sabe-se lá para onde mas para onde não é, certamente, aqui. Quantos sorrisos me resta ver? Quantos abraços me resta apertar? Quantas euforias me resta sentir?

Desaprendi a devorar o tempo que corre. Agora consumo a vida aos bocados, cada pedaço no seu devido lugar. Existe um lugar indicado para cada momento, o espaço certo para a sensação exata. Agora não quero mais do que o fragmento — e é assim que me sinto inteiro. Para que serve ter tudo de uma vez agora se ainda há um depois para ocupar?

Desaprendi a desperdiçar o prazer. A felicidade é evitar a vida de golada, dar um cheirinho aqui, outro cheirinho ali, manter a meta bem alta mas nunca a tocar no céu. Acima do céu só há a morte, e há ainda tanto que eu quero subir até chegar ao topo absurdo do final. Quantos orgasmos há por cada vida?

Desaprendi com a vida tantas coisas que a vida me deu.

Mas o que eu nunca desaprendi foi o tamanho da sua pele, a eternidade ilógica de te gostar assim. Fiz ontem as contas e foram mais de trinta mil os dias em que adormecemos e acordamos juntos, na cama onde agora te escrevo e de onde espero sair para ir de novo até você. Trinta mil dias olhando você dormir, conhecendo o frio ou o calor do seu corpo, percebendo o que te doía por dentro,

amando cada ruga a mais que ia aparecendo. Trinta mil dias de eu e você, desta casa que um dia dissemos que seria a nossa (que será de uma casa que nos conhece tão bem quando já aqui não estivermos para ocupá-la?), das dificuldades e dos anseios, dos nossos meninos correndo pelo corredor, da saudade de nos sabermos sempre a caminho de sermos só nós. Trinta mil dias em que tudo mudou e nada nos mudou, das suas lágrimas tão bonitas e tão tristes, das poucas vezes em que a vida nos obrigou a separar (e bastava uma tarde longe de você para nem a casa nem a vida continuarem iguais). Trinta mil dias, minha velha resmungona e adorável. Eu e você e o mundo, e todos os velhos que um dia conhecemos já se foram com a velhice. Nós ainda aqui estamos, trinta mil dias depois, juntos como sempre. Juntos para sempre. Trinta mil dias em que desaprendi tanta coisa, meu amor. Menos a te amar.

Já não há o sol nem o seu corpo despido, e a praia em que me deito é um espaço vazio.

Você veio sozinho, os seus passos decididos me dizendo a vida. Eu sabia que você vinha para a despedida, para o momento em que todas as dores se fazem pequenas. Por que você tem de partir para onde eu não estou? Por que existe a possibilidade de uma vida de você em que não esteja toda a minha vida? Você veio sozinho, e na sua solidão à chegada estava a certeza de que você queria a solidão à partida. De quantos abraços você precisa para saber que é meu?

A luz já não é a mesma nem o mar parece seguir o seu rumo, e a praia em que me deito é um espaço vazio.

Você disse que havia que operar o último beijo, que construir o último instante; disse ainda que estava nas nossas mãos conseguir evitar o impossível, a separação absurda que nem eu nem você queríamos. E você deixou que fossem os lábios a dizer o resto. Sou a mulher mais linda do mundo quando sei que você me ama, o corpo mais sensual do mundo quando sei que você me quer. A areia quente nunca tinha visto nada assim. O seu corpo sem roupa e o meu corpo desalmado mesmo que com toda a alma, à procura de evitarmos a dissolução do que para sempre vai nos unir. Todos os beijos se ergueram e todas as mãos se encontraram. Por que tem de acabar o que é eterno assim?

A Lua já não parece tão cheia nem a água parece tão infinita, e a praia em que me deito é um espaço vazio.

O problema de tudo o que existe é um dia ter de parar de existir. Acabou no orgasmo a certeza de que havia um futuro. Olhamo-nos durante vários minutos, a praia parada nos vendo sofrer. Você foi outra vez o primeiro a falar. Você disse «queria que fôssemos possíveis» e eu ouvi. Disse «prometa que me ama sem condições» e eu ouvi. Disse «se não disser nada nos próximos trinta segundos vou embora para sempre». Depois você olhou para o relógio e foi fazendo a contagem e eu ouvi. Eu queria dizer que daria a vida para que você não fosse embora, que só existe a eternidade para haver tempo suficiente para enquadrar o tempo que preciso de você. Mas eu só ouvi. Você disse «acabou o tempo» e eu ouvi. Disse «te amo até que me falte a pele» e eu ouvi. Disse «adeus» e eu ouvi. Para que raios você exigiu palavras quando tudo em mim te dizia tudo em você?

A noite já não é tão calma nem o vento parece tão humano, e a praia em que me deito é um espaço vazio.

Longe de tudo o que é terreno, procuro regressar, aqui, ao colo das suas lembranças. Sei que fiquei a uma frase de ser feliz. Imagino que você pode voltar numa noite de arrependimento, ou num instante de revelação. Mas depressa deixo de imaginar.

A água já não é tão fria nem as ondas parecem tão grandes, e a praia em que deito é um espaço vazio.

Eu havia que encontrar o começo da vida,
e o maior encanto do seu sorriso era ser meu.

Eu te dizia que Deus habita a carne do
poema, que as palavras que eu escrevia
estavam tão longe de te merecer, depois
te agarrava com força e te mostrava que até
o amor sabe a importância do corpo.

Eu havia que encontrar o final do beijo,
e o maior sonho que podia existir era você ser real.

Nós nos encontrávamos na esquina do orgasmo, após
o suor e a descoberta inteira do prazer, as
pessoas sabiam que quando nos uníamos todo
o prédio tinha de saber, e até aposto que quando
você vinha era a diva que todo mundo aplaudia.

Eu havia que encontrar a ciência do êxtase,
e o maior gênio humano é ter
observado a existência da felicidade.

Morávamos num parque de diversões, reformulamos
a definição de cada divisão e a cozinha servia
para amar, e às vezes também para cozinhar, a sala
servia para amar, e às vezes também para estar, o quarto
servia para amar, e às vezes também para dormir; tudo
o que nos servia servia para amar por mais que servisse
para outra coisa qualquer.

Eu havia que encontrar a lógica do abraço,
e o maior embuste do mundo é ter inventado a coerência.

Ao final do dia eu te contava o interior do que te
tinha amado enquanto te amava, te descrevia cada
sensação que você me oferecia, você fechava
os olhos e procurava sentir o que andava por dentro de
mim, em seguida era a sua vez de me dizer como
você se mexia, em que se mexia, e quando dávamos por nós
já não sabíamos se a sensação que nos excitava era nossa ou
do outro, e percebíamos que a pele
e o osso não existiam para nos separar
mas apenas para nos proteger.

Eu havia que procurar a frase perfeita para te dizer,
e lamentavelmente o melhor resultado
que encontrei foi «Eu te amo».

Sinto-me preso na nossa casa, e
ai de você se me deixar sair.

O verão acaba e o mundo recomeça. As ruas se enchem de pessoas apressadas, que pensam na melhor maneira de perderem a vida para conseguir ganhá-la. Nestas alturas, gosto de perceber o que mexe com as pessoas, o que corre no seu olhar, o que as obriga a não desistir. Sento-me em pontos de ônibus, em salas de espera de hospitais, em cafés mais ou menos povoados, em bancos de jardim onde vidas acabadas se juntam para celebrar com menos dor o final do caminho. E é a verdade o que acontece. Um homem acabou de abraçar uma mulher. Não sei a idade dele nem a idade dela, porque o abraço que dão só deixa uma sombra difusa para ver. É como se conseguissem desaparecer um no outro, e se não é esta a melhor maneira de amar então já não sei nada. Depois uma criança curiosa procura algo por detrás das plantas do jardim. Sabe que não pode, mas faz. Afasta uma planta, depois uma flor, vai olhando pelo canto do olho à procura de se salvar de ser apanhado. E consegue. É uma bola, pequena mas o planeta inteiro daquela criança, o que o faz feliz. E há toda uma filosofia impregnada num menino que, mesmo sabendo que é proibido, procura uma bola insignificante que para ele vale tudo, por detrás das folhas intocáveis de um jardim. As crianças são os melhores professores de vida que Deus criou, acredito até que são o depois dos adultos, a evolução do que os adultos são. Se houvesse uma ordem justa no mundo seria isso o que aconteceria: seríamos primeiro adultos e depois crianças, e começaríamos por temer tudo o que mexe porque somos adultos e o adulto tem medo de que tudo acabe porque sabe que tudo vai acabar, e depois acabaríamos sem medos, sem temores, à procura do que gostamos onde bem gostamos. À procura do que gostamos no que bem gostamos. E se não é esta a melhor maneira de viver já não sei nada. Mais à frente, um casal discute dinheiro. Por todo o mundo, a esta hora, há casais que discutem dinheiro, casais que se matam por dinheiro. Ela parece desculpar-se, ele parece insistir na inutilidade da compra. Em seguida ela retruca, fala em não sei o quê que custou não sei quanto, e é então que eu decido não prestar mais atenção àquilo, porque percebo que dali já saiu o mais belo aforismo do dia, o da mulher que disse que há não sei o quê que custa não sei quanto. As notas são não sei o quê que vale não sei quanto. E se não é esta a melhor maneira de definir o dinheiro já não sei nada. A noite parece cair e a rua, depois dos empregos acabados e das pessoas acabadas nos empregos acabados, começa a despir-se de ansiedade, de agonia, os carros já escasseiam, as buzinas deitaram-se até a manhã de um novo dia, e toda a humanidade parece existir outra vez. Os homens e as mulheres já não procuram destinos, e andam pelo passeio a saborear o passeio, pelo jardim a saborear o jardim. Quando o dia acaba e as correrias

terminam, só os humanos resistem na parte de fora do mundo. Os outros permanecem, agora em casa, em frente aos televisores, na procura desenfreada de uma manobra qualquer que lhes permita não desistir. Um gol num campo de futebol, um beijo numa novela, mesmo uma morte numa sitcom. A mim, quando a humanidade regressa às ruas, continua a me servir apenas o que a toda hora procuro. A sua mão amando a minha, o seu olhar, aqui e ali, me procurando à procura de validação, a sua cabeça por vezes pousada no meu ombro, e as palavras que nunca tiveram de correr para serem imortais: te amo.

Sempre que falo uso a primeira pessoa do plural. É a minha maneira de ter você comigo, como se fosse possível, pelas palavras, definir o que as palavras definem. Uma inversão da ordem natural de todo o processo de vida: primeiro você diz o que vê, depois vê o que disse que viu. E sempre que me vejo me vejo contigo.

— Não pode ser. Dói demais para ser.

— Vais.

— Tenho de ir. Tenho de fugir. Dói demais para ser suportável.

— O que posso fazer?

— Me amar. Continue a me amar. É tudo o que eu te peço.

— Esquecer o corpo. Esquecer o toque.

— Lembrar o corpo. Lembrar o toque. Acreditar na possibilidade de por vezes nem tudo precisar de tudo. Acreditar na possibilidade de mesmo só uma parte cumprir na perfeição o papel do todo.

— Vou ficar amputado de mim se você for embora. Arrancar você de mim é me arrancar de mim. Vai e me leva contigo. Como poderei viver completo se nem a mim mesmo tenho?

— Veja ao contrário. Pense que se ao ir embora te levo comigo então você vai estar comigo como você verdadeiramente quer. Se ao ir embora te levo comigo então vamos estar juntos para sempre. Não é isso o que você tanto deseja?

— Sim. Obrigado por me fazer feliz.

— Agora eu vou embora.

— Vai. Seja feliz para sempre.

Você foi. Não sei se feliz. Mas foi. E agora percebo que foram as palavras, são sempre as palavras, você e essa capacidade sem par de me convencer do impossível. Você me abandonou e eu agradeci. E fiquei sem você pensando que com você. E o pior é que apesar de tudo te sinto como minha mulher mesmo que não faça ideia de quem você é mulher. Imagino você onde quer que esteja me levando contigo, me imagino passeando em Paris, de braço dado com a mulher mais linda da cidade; me imagino na sua aldeia, a sua família toda à mesa, e você dizendo que estamos felizes, os dois, nesta nossa forma de nunca estarmos mais do que sempre juntos, depois imagino a sua mãe te dizendo mais uma vez

«tome juízo, menina» e você respondendo mais uma vez «lá está a mãe sempre me desejando o pior», e finalmente viria o seu pai, apaziguador como sempre, abraçaria as duas e diria furtivamente para não te magoar muito «tenho tanta inveja e tanta pena da minha menina», e ali ficaríamos os quatro, eu em você e você nos seus pais, abraçando um abraço impossível que para mim é tudo; te imagino em todos os lados de todo o mundo porque sei que você é louca o suficiente para ir a todos os lados de todo o mundo, mas sei que você não é louca o suficiente para não me levar para onde vai. Até porque, você sabe, isso não depende de você.

Quando perguntam o meu nome eu respondo «somos o Pedro».

Descobri hoje o perfil de Facebook de quem morreu ontem,

que dor, meu Deus,

que merda é esta da tecnologia afinal?, uma pessoa morre e anda por aí na mesma, como se estivesse viva, somos exatamente o mesmo e já nem existimos,

não somos nem sequer um esquecimento, se formos rigorosos,

o senhor advogado morreu ontem e hoje tem o seu perfil intacto, a saúde perfeita e os amigos de sempre, quase que aposto que vão precisar de muitos meses até saberem que ele morreu, há ironias tão tristes que nem deviam chamar-se ironias,

ninguém nos toca na mão mais íntima,

não aguento muito o que sinto, tenho mania de me colocar do lado de lá,

e os filhos dele, e a mulher dele, e a vida dele?, foda-se que é intolerável haver a morte,

a vida é um longo apagamento,

todos os dias desaparecemos um pouco, e levamos um pouco de quem nos ama, se o céu existir terá um bocado da minha mãe, provavelmente o sorriso, a maneira como o mundo se abre quando olha para mim, um bocado do meu pai, quase aposto que será a sensibilidade estranha, o egoísmo intolerável, um bocado da mulher que amo, certamente a pele na minha quando acordo, os lábios perfeitos no interior dos meus, um bocado da minha irmã, da minha sobrinha, se não houver um pedaço de cada um deles não existe céu nenhum, isso é certo,

o que não posso ser me desfaz a boca como uma mordaça,

o problema é a possibilidade, a existência de opções, tudo à mão de uma tentativa, as sensações, os orgasmos, as ligações, o afeto, e depois o final de todas elas,

acabar é um bullying intransponível,

massacra-me diariamente o fim, sei que é estúpido, devia pensar no que tenho e não no que não posso ter, mas na verdade se penso é porque acredito, raios me partam se não vou viver para sempre,

acumulamos eventos como acumulamos lixo, para haver algo que não nós para deitarmos fora,

o senhor advogado

que descanse em paz, mas sobretudo em alvoroço, que para chatice já chega não ter corpo, não é?,

fez anos há pouco, basta andar um bocado pelo seu mural para perceber, antes estivera na República Dominicana, até no Congo, parecia feliz com a sua mulher, tudo impecável e morreu,

como se limpa a morte da Internet?,

há que ensinar as emoções aos programadores, e a mim também já agora, todos os dias para eu não me esquecer,

qual terá sido a sua última litigação?,

façam dela um poema, que se conteste a perenidade, eis aquilo a que um advogado deveria dedicar-se enquanto está vivo, comprovar sem margem para recurso que nenhum homem merece terminar, ou pelo menos ter consciência disso, alguma vez se viu um animal deprimido por saber que vai morrer?,

ou a imortalidade ou a ignorância,

quando eu morrer criem vários perfis de Facebook para mim, e me matem aos poucos, ou então nunca,

lol.

Hoje te escrevo sobre os ses importantes da vida. Te agarre bem a eles, e depois, quando se sentir assustada em algum momento, volte a se agarrar a eles. Vai ver que nunca vai te faltar nada. Prometo.

Se você amar com toda a segurança, desista de amar, porque, fique sabendo agora, quando se ama com toda a segurança não se ama coisa nenhuma.

Se você não tiver medo de dizer que ama, como se sentisse que estava expondo o seu lado mais imenso, desista de amar, porque, fique sabendo agora, é só o que nos faz ter medo que vale a pena ter medo perder.

Se você não adormecer todos os dias com uma inexplicável vontade de voltar a acordar só para estar nos braços da pessoa com quem adormeceu, desista de amar, porque, fique sabendo agora, só o que nos faz adormecer felizes sem deixar de nos fazer ter vontade de acordar felizes é que é mesmo amor.

Se você não acordar todos os dias com uma vontade inexplicável de voltar a adormecer só para poder adormecer em paz ao lado de quem você ama, desista de amar, porque, fique sabendo agora, só o que nos faz acordar felizes sem deixar de nos fazer ter vontade de adormecer felizes é que é mesmo amor.

Se você não ficar perdida sempre que está sem a pessoa que ama, nem que seja uns simples segundos, desista de amar, porque, fique sabendo, quando se ama apenas se está no lugar certo quando se está no lugar onde está quem você ama.

Se você não ficar estupidamente feliz só por ver a pessoa que ama feliz, desista de amar, porque, fique sabendo, quando se ama a felicidade só existe em par, e quando um dos dois está feliz sem o outro estar feliz então é porque estão os dois infelizes enquanto não estiverem os dois felizes.

Se você não se imaginar ficando velhinha ao lado de um velhinho que é a pessoa que ama e se isso não for uma imagem que te arrepia de felicidade da ponta dos pés à ponta dos cabelos, desista de amar, porque, fique sabendo, quando não se percebe que envelhecer é legal porque te oferece a possibilidade de poder amar até o fim dos seus dias a pessoa que ama então se calhar não se ame nada.

Se ao ler estas palavras todas que te escrevi você não quiser vir ficar comigo atrás do pavilhão de ciências e me dar o abraço mais apertado que algum dia apertou, desisto de amar, porque, fique sabendo, decidi há muito, quando te vi

entrar na aula de Psicologia pela primeira vez, que você era o amor, e se não houver você mais vale haver apenas eu. Afinal de contas, antes passar a minha vida apenas sonhando que sou seu que passar a minha vida apenas fingindo que sou de outra.

Com amor infinito,

Pedro, do 10º J (aquele que senta ao seu lado nas aulas de Português)

É a dor que aperta os nós. O resto aperta, no máximo, pequenos laços.

Há que ir ao fundo do que existe para ir para conseguir suportar o que ainda está por vir. Há sempre mais um estrato de dor para experimentar — e só quem está sólido em todos os estratos até esse consegue aguentar o impacto do que aí vem.

Viver ao invés da dor é não suportar os reveses da vida.

Abominar a dor sem deixar de encará-la como natural: eis o segredo para a sobrevivência saudável.

A dor acontece. Não há nada a fazer. A dor acontece. E é imprevisível. Ninguém consegue prever a dor — pelo menos naquilo que a dor consegue doer. Estar preparado para a dor é saber todos os seus passos, medir cada movimento seu. E atacá-la sem deixar de aceitá-la.

Negar a existência da dor é negar a existência da vida.

O que nos une é o que nos doeu. Nada de especialmente grave. Mas o que nos une é o que nos doeu. Soubemo-nos capazes, quando a dor chegou, de nos juntarmos sem cedermos à tentação fácil de cada um sofrendo por si. Amar não é o salve-se quem puder; amar é o salvo-o para poder. Salvamo-nos sempre que há lágrimas para chorar. Não condescendemos, não aceitamos com resignação. Mas nos salvamos. Se te dói eu vou, acolho parte do que te dói, partilho parte do que não me dói. E é assim que nos equilibramos. Você com metade do que não me dói e eu com metade do que te dói. Você sofre metade do que podia sofrer e eu sofro metade do que você podia sofrer. Nem sequer penso na equação que resolvo. Penso apenas que estou extraindo metade da sua dor. E basta isso para a metade da dor que me dói ser, até ela, feliz. E depois é ao contrário. Quando me dói, você vens e me divide o que quer me matar. E lá vamos, os dois, ao sabor da maré mas nunca sem tentar, a toda hora, reverter o correr das ondas.

Uma relação sem dor não é uma relação; é uma representação.

Há tão pouco para saborear mais do que o que nos coloca assim, únicos sem deixarmos de ser tão iguais. Somos feitos da massa da vontade de viver. Olhamos para a vida como uma criança olha para um brinquedo. Queremos saber o que faz, o que vale, quanta diversão nos pode oferecer. E nos divertimos. Às vezes, é claro, o brinquedo nos magoa. Uma roda sai do lugar e precisa ser substituída, a perna de uma boneca salta e precisa ir ao hospital das bonecas. É então que nos tornamos os mais responsáveis adultos do mundo. Assumimos as

deficiências e vamos à procura de solucioná-las. Amamo-nos como crianças loucas por brincadeira e nos salvamos como adultos super-heróis. Somos metade inconsequência e metade salvadores do planeta. É a nossa maneira de nos dizermos amados.

Te amo irracionalmente. E com toda a razão.

Use desodorante.

Diga pelo menos todos os palavrões que queira dizer.

Escove os dentes.

Faça algo que te assuste.

Conte piadas.

Não escolha o fácil só porque te parece fácil.

Não coma com a boca aberta.

Não faça o difícil só porque te parece difícil.

Ame sem olhar a quem.

Coma chocolates.

Ame só quando se sinta alguém.

Beije de língua.

Sonhe com algo impossível.

Orgulhe-se de cada ruga.

Experimente novas posições sexuais.

Ria de si mesmo.

Sonhe com algo possível.

Ria dos outros.

Imagine o seu pior inimigo sentado no vaso sanitário.

Ria de tudo.

Nunca pense que brinca demais.

Chore.

Pule corda.

Leve quem você ama para um motel.

Jogue-se ao mar sempre que puder.

Ame o sol.

Abrace.

Ame a chuva.

Perdoe quem você ama.

Ame o vento.

Perdoe quem você não ama.

Tome banho todos os dias.

Nunca desista de um orgasmo.

Partilhe.

Ajude.

Olhe.

Faça questão de tocar com a pele.

Sorria para quem te quer bem.

Abrace com força.

Sorria para quem te quer mal.

Não tenha medo de desistir.

Seja único.

Não tenha medo de não desistir.

Respeite a maioria.

Seja feliz com tudo o que você teme.

Cague na maioria.

Dê tudo o que você tem a todos os que você ama.

Vá ao contrário só porque você quer.

Use cremes hidratantes.

Faça o que te der na telha.

Case por amor.

Ria para sempre.

Viva por amor.

Arrisque.

Corra o risco.

Seja pornográfico.

Vicie-se em adrenalina.

Prossiga.

Avance.

Lave periodicamente o sexo.

Faça todas as opções em nome do prazer.

Ame periodicamente com o sexo.

Insista em estar vivo.

Continue esta lista.

Todos os dias.

A toda hora.

Já.

Havia a pele para me convencer de que você existia, e quando
eu te tocava encontrava também a prova da existência de Deus.
A saudade existe para me mostrar a pequenez da morte, porque
depois de te perder só a certeza da extinção me descansa, e nada
magoa mais do que olhar para a vida e não te descobrir.

Eu gostaria de definir a imortalidade como se não fosse
a presença de você na mortalidade de mim, passo o dia
tentando planos alternativos, manobras que me divirtam a
dor, e à noite quando me deito juro que tento evitar o
seu cheiro em tudo nos lençóis vazios.

Não pode acontecer a vida se você deixou de me acontecer, acontece
apenas a respiração, a obrigação, os passos que nem preciso
ter vontade para conseguir dar, porque até o que é mau
deixou de ter razão de ser por não poder
digeri-lo junto a você, e não há a quem contar que eu te amo como um
louco se você não estiver aqui para eu te amar como um louco.

A loucura maior é você ser a minha sanidade, eu precisar
de você para não cair no inepto mim, na
incapacidade de aguentar o que contigo era mera vida.

O segredo do amor é transformar a mera vida, fazê-la
vida maior, e até um dia comum é inesquecível
quando se faz com você.

Ou você volta para mim ou me mato para sempre, não
com armas, não com venenos ou suicídios estéreis, apenas

assim, todos os dias, vivendo a nossa morte,
lentamente, como se todo o sentido da vida
fosse de mim para você.

Se você regressar
me traga contigo.

Quantas vidas tem a sua vida?

«Quando eu morrer pisem em mim até a morte», você dizia, aquele sorriso escondido por trás dos lábios, malandro, sempre que alguém te falava que um dia você teria de ir embora, como todo mundo tem de ir. «Estar vivo consiste em não morrer», você acrescentava, «e eu até agora tenho me dado bem nesta tarefa de ser imortal», e todo o seu olhar me trazia esse desprendimento que eu nunca soube ter e que você nunca soube deixar de ter. Por que é que a morte só mata os que não a temem?

Passo a vida tentando me esquecer de você e é por isso que não paro de lembrar de você a toda hora.

O seu lugar no sofá intocado, o seu cheiro espalhado, tanto tempo depois (você se foi há um ano e não me disse nada?), pela casa. E a sua voz. É contigo que eu comento as notícias (há um governo ainda pior do que o anterior, sabia? E as pessoas estão fartas mas não mostram que estão fartas, deixam-se andar e vão falando mas não se mexem), é contigo que assisto às séries que tantas vezes, madrugada adentro, partilhávamos. Eu no meu lugar e você no seu, como tem de ser. E te juro que quando fecho os olhos sinto as suas mãos no meu cabelo (a sua pele; morte nenhuma acaba com uma pele assim), e todas as lágrimas fazem sentido depois de se amar tão forte.

Dedico a minha vida à sua morte como antes a dedicava à sua vida.

E não sou infeliz, meu amor. Não se iluda mas continuo a ser a mulher de sempre, a sua mulher de sempre, com as mesmas imperfeições de sempre e a mesma vontade de te ver feliz de sempre. Sei que te falta o corpo, sei que nos falta o toque, mas continuo todos os dias a me levantar e deitar para te ver. Antes de ir embora eu abria os olhos e te via; agora fecho os olhos e te vejo. E talvez morrer seja isso, talvez morrer não seja mais do que uma vontade incontrolável de passar mais tempo de olhos fechados do que de olhos abertos.

Adormeço para te encontrar e sou feliz.

Os médicos estão preocupados, me falam em luto, a minha família (os seus filhos estão lindos; o Carlos entrou para a faculdade em Engenharia, como o pai; a Joana é a melhor aluna da turma e já começou a namorar; parece boa gente, o rapaz; e todos te amam até a morte; e todos te amam até na morte) me pede que me desapegue de você, que abandone esta casa onde somos felizes e procure outras casas, outros corpos, outras vidas. Desgraçados, não sabem o que dizem.

Não sabem que quando se ama como nos amamos a morte vale muito pouco, é uma viagem mais longa, nada mais. Me espere na casa final como eu te dedico a nossa casa até o final.

Há uma felicidade absurda sempre que me lembro de você.

«Quando eu morrer não se esqueçam de ir à procura do que por minha culpa não encontraram», você disse, a cama branca da sua morte, os médicos de lágrimas nos olhos (só você para fazer chorar os médicos; só você e esse seu senso de humor até o último suspiro; e esse sorriso por trás dos lábios, tão malandro, tão lindo que dói), «e por favor nada de choro durante o funeral; façam uma fogueira em volta do caixão e dancem até o sol nascer», você pediu, todo o quarto (era o 23 daquele piso onde perdi o chão) com as entranhas em ferida, e já não sei se ainda disse mais alguma coisa antes de os olhos fecharem para longe de mim. A melhor homenagem que te fizemos foi ter o melhor DJ do país na rave do teu funeral. Houve dança, alegria e dor, tanta dor por debaixo da música, e nenhum som conseguia calar o seu adeus.

Quantas músicas tenho de ouvir para não te ouvir em mim?

Agora somos outra vez só os dois. Vivo você à procura do esquecimento e é assim que todo o tempo é escasso e ao mesmo tempo inútil. Quando quiser que eu vá embora eu sei que você me chamará. Até lá fecharei os olhos sempre que te quiser. Como agora, agora mesmo, eu te quero.

Até já.

Um dia, talvez, eu queira ser livre, mas hoje prefiro ser seu. Acordar preso à sua pele como se não houvesse alternativa, beijar cada lábio seu como castigo desejado. E me manter aprisionado neste recanto de liberdade a que chamamos lençóis.

Um dia, talvez, eu queira ser perfeito, mas hoje prefiro ser falível. Falhar quando você me pede para tocar sem precisar assim, ou quando me exige que eu te abrace sem colocar até as lágrimas no quanto te aperto. E subsistir, insuficiente, no todo-poderoso momento de te amar.

Um dia, talvez, eu queira ser normal, mas hoje prefiro ser estranho. Experimentar o medo como se experimenta um par de sapatos, caminhar por estradas que ninguém quis percorrer, e saber que se me olham com espanto é apenas, tão simples, porque sou espantoso. E insistir assim, teimoso e feliz, na possibilidade de inventar impossíveis ainda não testados.

Um dia, talvez, eu queira ser juiz, mas hoje prefiro ser julgado. Fazer coisas que alguém pode criticar, coisas que alguém pode até nunca apreciar, ou simplesmente coisas que não servem para nada e que faço apenas porque sim. E ficar inconsequentemente feliz, por ser tão leviano que me basta criar para me sentir à altura de estar vivo.

Um dia, talvez, eu queira ser imortal, mas hoje prefiro ser finito. Acreditar na raridade da vida, no mundo limitado da pele, mesmo na contagem em suspiros do tempo em que eu realmente soube estar vivo. E permanecer plenamente às portas da morte, desgraçado e eufórico, todos os dias, sempre quase morrendo e sempre estupidamente vivo.

Um dia, talvez, eu queira ser independente, mas hoje prefiro ser pertencente. Pertencer ao seu colo para haver a existência de mim, ao instante em que você me olha para existir eu como matéria olhável, ou assumir de uma vez que é por dentro do seu corpo que descubro a existência do meu. E saber que enquanto para os outros há um Deus para mim há você para que a minha fé em Deus persista.

Um dia, talvez, eu queira terminar este texto, mas hoje prefiro deixá-lo assim, incompleto e franco, à espera de que você ou alguém (ou simplesmente a vida) cheguem para lhe encontrar o parágrafo derradeiro, o que obriga a todos os Ah’s. E ir embora assim, sem ligar às palavras, para outra vez o seu corpo aberto.

Um dia, talvez. Hoje não.

As pessoas que eu amo.

As pessoas que eu amo têm defeitos, podem até cheirar mal nos pés, acreditam na vida eterna, e sabem que o céu é o momento em que aprendemos a amar. Não fogem de tentar sempre que o mais fácil é dizer «não sei» e «não posso», não receiam a crítica sempre que se expõem ao fazerem o que querem fazer. E prosseguem, orgulhosas, falhando que nem loucas e sempre loucas por deixarem de falhar.

As pessoas que eu amo.

As pessoas que eu amo têm rugas no rosto mesmo que sejam crianças, uma pele que lhes ensina todos os dias que há que ir em frente antes que fiquemos para trás, e uma vontade inabalável de mudar o mundo em cada gesto que fazem. Não se esquivam das suas responsabilidades enquanto gente, muito menos negam o envelhecimento como uma constante de estar vivo, sofrem que nem desalmadas porque no fundo é essa a prova maior de que têm alma. E insistem, despudoradas, num caminho de perdição estável que as leva ao encontro das suas felicidades desequilibradas.

As pessoas que eu amo.

As pessoas que eu amo são complicadas de entender, falam por vezes em coisas estranhas, têm desejos inalcançáveis e o pior de tudo é que vão à procura de os saciar. Não perdem tempo falando mal de quem fez, não desperdiçam energia à procura das insuficiências de quem tentou. E continuam, levianas, desenvolvendo as suas próprias teorias da existência, os seus próprios manuais de todas as especialidades que a especialidade de estar vivo abarca em si.

As pessoas que eu amo.

As pessoas que eu amo passam a vida na galhofa, mandam pastar quem lhes exige uma gravata vestida na alma, são fãs da pornografia reiterada de despir os sonhos e fazer por eles, e se alguém lhes pedir uma mão não têm problema em lhes dar o braço todo se puder ser. Não recusam prazeres, não dizem «não» ao orgasmo, não creem na fé que castra e em todos os deuses que vendem a privação. E se atiram, quase sempre de cabeça, para a vontade de pela primeira vez tudo, pela primeira vez a vida, o dia, a noite, todas as tardes que nunca se atrasam.

As pessoas que eu amo.

As pessoas que eu amo não são as melhores pessoas do mundo. Mas são pessoas.

Basta-me isso para poder amá-las.

O poeta sentou-se, respirou fundo e escreveu:

«A Frase Infinita Para o Amor Infinito

Um dia passamos o dia definindo o que nos
rodeava, começamos pelo que estava mais perto
e percebemos que a felicidade, bem vistas as
coisas, consiste em olhar para o que não faz doer, e
foi assim que passamos aquela tarde daquele dia
em que passamos o dia definindo nos olhando, sem
uma palavra, porque todos sabemos e nós também
sabíamos que todos os fins começam em
palavras, ditas ou por dizer, e tudo aquilo o que queríamos
era que nada daquilo, eu te olhando e você me olhando
para ambos estarmos olhando para a felicidade
depois de a termos definido, acabasse, e a verdade é
que não acabou: eu continuei a estar feliz te olhando,
você continuou a estar feliz me olhando, quase que aposto
que você me disse que eu era linda e eu tenho certeza
de que te disse que você era linda, sem uma palavra
te disse também que era preciso estender o tempo para
que toda a vida que nos restava fosse um bom começo
para todos os minutos em que eu queria te amar, depois
resolvemos ir à procura de novas definições e voltaram
as palavras, você disse que seria bom definir o medo, e
quando demos por nós estávamos os dois abraçados
dizendo um ao outro que o medo era que aquilo que nós

éramos acabasse, e era preciso apertar muito para não
deixar fugir, e assim, sem notarmos, já estávamos definindo
o abraço, essa coisa que, no fundo, mais não é do que o
meio que os humanos, impotentes, encontraram para terem
a ilusão de que assim não deixam fugir quem
mais gostam; e enquanto nos abraçávamos já estávamos
pensando que havia muito mais para definir, o mar ou o
vento, por exemplo, você começou por dizer que o mar
é o que quando você me olha parece tão pequeno e eu
disse que o vento tem como única utilidade empurrar a
sua voz até mim, em seguida eu disse também que não acreditava
no azul do mar depois de ver os seus olhos e você disse
que às vezes tem medo do vento porque há palavras que ele
pode levar de você e que você quer tanto ouvir; foi então que eu disse
te amo e nem o vento o impediu, você disse me ame e
o diz sempre nem que por cima de todos os ventos, e de repente
o abraço já estava outra vez mais apertado, a felicidade
já estava outra vez mais definida, e a única definição que
nos restava era a maior de todas; comecei eu, com medo, e
afirmei com convicção que o amor é o que suspende a
vida, você concordou e acrescentou que o amor
perfeito é aquele que suspende a vida durante a vida
toda, eu quis ainda especificar que em alguns contextos
as pessoas dizem que amor e vida podem ser sinônimos
perfeitos mas que eu discordava firmemente, porque
está mais do que visto que a vida não está nem estará

jamais à altura de ser tão grande como o amor; foi
nessa altura que você desistiu do abraço e preferiu
o corpo todo, e a única definição que voltamos a aflorar
nesse dia e nessa noite foi a de gemido, que deixamos,
educados como somos, para todos os vizinhos que
tiveram a paciência de ouvir o nosso prazer

E assim, sem um ponto que seja como tem de ser, termina o poema infinito»

Escreveu o poeta, antes de se deitar, solitário, e passar a noite chorando enquanto ouvia o prazer dos vizinhos de cima.

Ele acreditava que devia ter duas mulheres: uma para amar e outra para o acompanhar.

«Não é possível juntar dois lados do que eu quero: se por um lado eu quero paz por outro quero guerra. A mulher que eu amo me desassossega; a mulher que me acompanha me aquieta», ele dizia, sempre que lhe perguntavam a razão de tão estranha forma de olhar para o que sentia. «Sou um homem de duas mulheres só», concluía, e sorria, enquanto beijava de forma terna a mulher que o acompanhava, e, logo em seguida, de forma quente e apaixonada a mulher que amava.

Um dia, uma delas, a mulher que amava, morreu de forma súbita. Consternado, abandonou, ao fim de alguns minutos, os familiares dela e o seu choro insuportável e procurou, desespero sem parar, consolo na mulher que o acompanhava. Chegou em casa, disse o «cheguei, querida» de sempre mas não ouviu o «estou aqui, amor» de sempre. Revirou vezes sem conta a casa. Depois revirou vezes sem conta a cidade, os hospitais, as casas dos amigos. Telefonou para todo lado. Até que, finalmente, dirigiu-se à polícia. Disse o nome dela e, enfim, alguém lhe disse que sabia exatamente onde ela estava, sem adiantar mais nenhum pormenor. Quase sem respirar, anotou o local e seguiu viagem, ansioso por um abraço que pusesse pelo menos um dos seus lados em paz. Até que chegou, no limiar da angústia total.

«Ainda bem que voltou», gritou para ele, dolorida, a mãe da mulher que amava, vestida de preto e de lágrimas, quando o viu aparecer ao longe. «Não sabíamos aonde tinha ido sem dizer nada a ninguém», acrescentou. E pousou a cabeça no colo vencido dele.

Parecia um homem normal mas era um homem sem amor. Parecendo que não, um homem sem amor não é homem nenhum.

— O senhor dança?

A mulher, que ele nunca tinha visto antes, olhava-o nos olhos, fixa em cada movimento da boca dele como se esperasse ouvir o segredo para a vida eterna.

— Desculpe, mas não tenho jeito para dançar.

A resposta esperada dele, sempre que havia a possibilidade de algo que o pudesse magoar. «Se não pode vencê-lo se enrole com ele» era a sua máxima relativamente ao medo. Mas aquela mulher não tinha medo. Ou, se o tinha, estavase lixando para ele.

— Não ter jeito para algo é, para mim, o maior motivo possível para executar, vezes sem conta, esse algo. É só aí que fazer algo dá tesão: quando não sabemos bem, ou mesmo nada, como o havemos de fazer. E vamos experimentando, testando, ousando, pisando riscos e inventando caminhos. Fazer algo que não temos a mínima ideia de como se faz é, provavelmente, a coisa mais excitante do mundo. Depois do amor, claro.

Tudo isso sem um sorriso, sem uma réstia que fosse de brincadeira: aquela mulher não brincava em serviço. E o seu serviço estava bem definido.

— O senhor dança?

Em silêncio, sentindo-se observado como se dentro de uma ecografia de emoções, o homem tentou fugir. O homem tentava sempre fugir. (o homem tenta sempre fugir).

— Não tenho jeito, como lhe disse. E além disso não gosto. Nada. Não gosto mesmo nada.

Plano B em marcha. O mais curioso com o medo é que nos obriga, para não fazermos algo que tememos fazer, a fazer algo que tememos ainda mais fazer. Fugir é um ato de coragem encapotado. Mas, já que é para ter medo, que seja um medo sensual, um medo sexy. Um medo com orgasmo dentro.

— Não gostar de algo é o segundo motivo mais forte para se fazer esse algo. Quando não se gosta de algo o problema não está nesse algo; o problema está em nós, que não conseguimos extrair desse algo o que ele tem para nos dar. Temos de revirar esse algo, olhá-lo de todas as maneiras possíveis. E depois encontramos sempre motivos para fazer, e gostar de fazer, esse algo. Por vezes temos de fazer primeiro e só depois perceber porque o fizemos.

A mulher insistiu. A mulher era daquelas, raras, pessoas que só desistem quando ganham. É esse, no fundo, o único argumento possível para desistir de ganhar.

— O senhor dança?

Enfim dançou. Em volta as pessoas nem repararam nele nem nela. Eram apenas mais um casal, apenas mais um amor a vencer a batalha. Apenas o mundo a vencer a batalha. É a coragem, talvez mais do que o sonho (o sonho imagina; a coragem é), que faz o mundo pular e avançar.

— A menina dança?

Perguntou estranhamente ele, no dia mais especial da sua vida, no meio de mais uma das vezes em que ambos saíram para dançar. E ela percebeu que, desta vez, o convite era para parar. Parou. E disse sim.

Até que a morte os separasse.

«Eu gostaria de esquecer o nome dos lençóis quando te tenho, o espaço por ocupar da cama quando você me falta, mas o tempo passa e pode ser tarde demais.»

Foram as primeiras palavras que ela escreveu para fazê-lo voltar. Mas duraram pouco tempo. Olhou para elas, sentiu-as demasiado poéticas para dizerem a verdade, tão rude, do que sentia. Apagou-as. E recomeçou.

«Dói-me o estômago por não te ter. Há um buraco que não cura no centro do que sinto. Volta para o meu colo ou nem sei para que quero o corpo.»

Foi a sua segunda tentativa. Pareceu-lhe que estava muito melhor, as palavras certas no lugar correto. Mas depois leu de novo. Percebeu que talvez fosse demasiado visceral, que talvez fosse demasiado físico. Queria algo mais equilibrado — e ainda assim capaz de lhe demonstrar o desequilíbrio de não não tê-lo. Precisava de algo que ligasse a falta física à falta toda. Sem palavras bonitas, sem metáforas exageradas, sem ceder à tentação dos clichês que em todos os livros de bolso se podiam ler. Tinha de ser única. E tentou de novo.

«Você é a melhor maneira de viver. Eu podia te dizer que te quero por tudo o que você é. Mas eu estaria mentindo. Te quero por tudo o que sou contigo. Te quero pelo que sou. Porque me sinto, em você, a pessoa que quero ser. Você é a minha melhor maneira de viver. Te quero por egoísmo. É isso. Te quero por egoísmo. Espero que você me queira pelo mesmo motivo.»

Agora é que era. Leu uma vez. Adorou. Era aquilo, exatamente aquilo, que queria dizer: a honestidade teria de ser, nesta altura, o melhor caminho. Não serviriam ideias complexas, poemas belos mas vazios. Apenas a sinceridade, a mais pura sinceridade, poderia ser capaz de fazê-lo regressar. Antes de ordenar a impressão do texto, numa folha branca e seca, leu mais uma vez. Gostou ainda mais. Conseguira o texto perfeito para um momento tão imperfeito quanto este. Estava já com o dedo sobre o botão «Print», prestes a apertar, quando percebeu que, afinal, ainda não encontrara o que queria. Ele acabara de chegar, olhara para ela e lhe abrira os braços. Ela o olhou de volta e nem precisou dizer nada.

O texto, esse, permaneceu quieto, o cursor excitado a vê-los se amarem.

A vizinha da frente insiste em aspirar a casa quando eu te amo, eu ouço cada partícula dela sendo sugada enquanto a vontade de você me aspira, e se há algo que atravessa a luz são os seus olhos e o seu beijo.

Há tanto medo no quarto quando você vai embora, me deito, embrulhado, à espera de que você venha, as janelas me trazem a vida que continua, como se fosse possível continuar sem você , as pessoas que me olham, deitado e embrulhado, e sentem pena do velho que espera apenas que alguém o leve para nunca mais.

A vizinha da frente aspira, já não sei há quanto tempo a vejo assim, todos os dias, à hora de sempre, nem muito de manhã nem muito de tarde, ou talvez seja nem muito de manhã e nem muito de tarde apenas dentro de mim, e sempre que ela aspira eu estou te amando.

Como agora, em que procuro nas rachaduras do teto, um dia trato delas, prometo, algo que não sei bem o que é, talvez um buraco mais profundo, ou uma mancha de uma cor diferente, em redor há uma escuridão que não suporto, a imagem do seu cheiro a ver-se a cada vez que tento abrir os olhos.

Preciso mais do seu cheiro do que preciso da vida, e nunca te disse, covarde que sou, que existe uma coragem em mim que depende de você, porque algo me diz que você é a justificação para tudo, e que até matar por você não seria pecado. E o raio do aspirador, quando você volta?, não pare e não me deixe parar, provavelmente nem existe aspirador nenhum nem vizinha nenhuma, serei eu à sua procura, e você já sabe, eu já te disse?, que sempre que a vizinha aspira eu estou te amando.

Ontem te vi lavando a louça e pensei em deus, ou noutra coisa qualquer que seja assim tão grande, pensei que há uma declaração de amor sempre que te olho, e que descobrimos que a vida não passa quando nos convencemos do seu fim. Depois deixei de pensar e fui ficar com você, passei a mão pelas suas costas, o seu sorriso enquanto eu te descobria, e você me ajudou a te amar enquanto eu te ajudava a colocar os pratos na máquina. Que deus é este que deixa que algo assim termine, que permite que haja algo tão pequeno como dois corpos a sustentar coisas tão grandes como as nossas vontades de para sempre?

A vizinha aspira e nós nos amamos, e se há algo que atravessa a carne são os seus olhos e os seus beijos, e sempre que a vizinha aspira, já te contei?, eu estou te amando.

O dia me adormece debaixo dos olhos, e as suas mãos são a pele que Deus escolheu para tocar o mundo; não existe nenhum lugar mais divino do que o seu beijo, e quando quero voar me deito a seus pés.

Te peço que não vá embora, que fique apenas para eu ficar, que permaneça no seu lado da cama, e eu no meu, nós dois sentindo que o tempo corre, e você pode até adormecer, pode ler a revista das mulheres dos tapetes vermelhos e os homens com os abdomens que ninguém tem, ou simplesmente olhar para o teto e pensar em você; eu fico aqui, te olhando para saber que existo, pensando no quanto te quero e no tamanho que tem o seu corpo dentro do meu. Saber que há a curva das suas costas para encontrar a curva da vida, percorrer com os olhos o cair do seu suor, e perceber a eternidade possível.

A imortalidade é um orgasmo contigo.

Você geme até o fim do mundo por dentro dos meus ouvidos, todo o meu corpo vem quando você está vindo, e a verdade do universo é a física exígua do espaço entre nós. Me aperte para sempre até o princípio dos ossos, até que a carne seja impossível e tenha de haver algo mais para explicar a nossa existência.

Só sei que sou mais do que um corpo quando você vem para me apertar.

Quando te abraço até o poema se curva, pequeno na sua poesia para o intangível do que nos une, as pessoas não acreditam que aconteça algo assim e é isso o que nos salva da excomunhão. Depois você vai, pede para sair, que a vida também existe e as contas têm de se pagar, e eu entendo enfim que o problema disto tudo é ninguém entender o mais importante da vida.

A faxineira chega e me encontra de caneta na mão, te escrevendo estas palavras e outras quaisquer, estendido no meu lado da cama à espera que você outra vez, e em silêncio vai limpando o que há para limpar, já sabe que não limpa as marcas dos seus pés no chão da cozinha (tão bonitos os seus pés espalhados pela casa), muito menos os cigarros já fumados que você deixa no cinzeiro, e eu continuo escrevendo o que não sei o que é, o que só escrevo para me livrar de você por momentos, não sei para onde vão as frases e suspeito que elas também pouco saibam de mim, e muitos minutos ou horas depois, tantas frases já entre nós, a porta se abre, a faxineira já não está, na cozinha já há provas de que enquanto te escrevia eu alimentei o corpo para estar vivo, porque só vivo posso te amar, e o seu sorriso. Todas as frases, todo o trabalho de um dia, e o seu sorriso. Para quê escrever quando existe o seu sorriso ao fim do dia? Eu

queria rasgar tudo, as folhas todas e todas as minhas horas sem você, e procurar o verso perfeito por dentro do que te vejo quando ao fim do dia a porta e você e o seu sorriso. Só ainda existe quem me leia porque ainda existe quem não te conheça. Sou tão pequeno para o tamanho de você, meu amor.

Quando te abraçar de novo terei um texto para te dar, prometo todos os dias. Até que você chega e nada está à altura, e o grande artista, ouve bem, o grande artista é só aquele que está sempre aquém daquilo que ama.

Era capaz de resistir a tudo menos ao irresistível. Era, no fundo, como todos os homens e todas as mulheres: suportava até o insuportável.

Foi então que ela chegou. As palavras baixinhas, os passos pequenos, a pele como se fosse intocável. Pediu um café e ele percebeu que estava perdido. Depois disse «obrigada» e nem percebeu que ele, por dentro do «sim senhora», já estava rendido aos olhos dela, à timidez dela, à fatalidade de a amar como se não houvesse outra possibilidade.

Era capaz de evitar o amor desde que não amasse. Era, no fundo, como todos os homens e todas as mulheres: amava até o odiável.

Nesse dia, andou com ela o dia todo. Ela não soube, mas andou com ele a cada mesa que ele servia, a cada «sim senhora» que ia dizendo. Quando saiu do trabalho, enquanto despia a camiseta do café onde há mais de vinte anos servia, reviu mentalmente a cara dela, os trejeitos dela, a voz dela encostada ao ouvido dele mesmo que estivesse a mais de um metro de distância. Tentou saber o gosto da boca dela, a pele dela como seda, o momento em que os lábios se unissem. Adormeceu assim, a beijá-la, e acordou assim, agarrado a ela para protegê-la do mundo.

Era capaz de ser corajoso desde que não sentisse medo. Era, no fundo, como todos os homens e todas as mulheres: temia até o que o podia fazer feliz.

Foi no terceiro dia mas podia ter sido noutro dia qualquer. Ela chegou, ele encheu o peito de coragem e disse o máximo que conseguiu sobre a beleza dela. Aguardou, coração revolto, apenas alguns segundos. Ela disse «muito obrigada» e pediu o café de sempre da maneira de sempre. Continuou, em seguida, a ler o jornal e a fazer anotações num pequeno bloco que todos os dias trazia consigo. Ele foi buscar o café mas já estava morto há alguns segundos. Permaneceu por ali, olhando para ela, para provar a si mesmo que era capaz de resistir até à morte. Depois ela disse «bom dia, fique bem» e foi-se encaminhando para a saída como sempre ia, ele respondeu o que respondia sempre, mas ela acrescentou um estranho «boas leituras» quando já estava da parte de fora da porta.

Era capaz de viver para sempre desde que fosse mortal. Era, no fundo, como todos os homens e todas as mulheres: vivia até do que podia matá-lo.

«Se você estiver aqui amanhã te garanto que vai ter de me amar para sempre», era o que estava escrito no papel que ela deixou em cima da mesa. Nessa noite

ele dormiu no café, debaixo do balcão, não fosse o despertador fazer das suas. E ela chegou.

Há qualquer coisa de Deus na forma como você me ama, mãe.

As pessoas não são tão grandes como você, as pessoas não aguentam tanto a vida como você. As pessoas choram, as pessoas sofrem, as pessoas passam pela vida à procura da melhor maneira de viver. Mas você me ama, mãe. Você me ama assim, sem condições, e parece que quando me ama nem sequer existe. Apenas fica ali, me vendo existir, e é assim que você descobre e me ensina que a vida se resume a ver quem você ama viver.

Há qualquer coisa de impossível na forma como você me ama, mãe.

O possível teria de exigir que você parasse quando te dói, que parasse quando o mundo, filho da puta do mundo, te obriga a inventar novas maneiras de me dar tudo o que eu preciso. O possível iria te dizer que não, que uma só pessoa, tão pequena e tão grande como você, não pode suportar todo o peso de duas vidas. E você ainda está aí, tão forte como só você, tão impossível como só você, sorrindo quando me vê de caderno na mão dizendo que sou o melhor aluno da turma. É claro que é bom ser bom aluno, mas o meu maior orgulho é ser filho da mãe mais impossível do mundo.

Há qualquer coisa de genial na forma como você me ama, mãe.

As pessoas não inventam o tempo como você, as pessoas não conseguem entender qual é a equação que permite estar sempre onde se tem de estar, as pessoas chegam atrasadas, as pessoas falham em responsabilidades, as pessoas por vezes se esquecem do que têm de fazer, as pessoas não conseguem fazer com que metade do que precisariam para viver chegue para viverem sem nada lhes faltar. E você consegue o milagre da multiplicação dos pães e dos corpos, está no local exato onde te preciso na hora exata onde te preciso com as palavras exatas de que preciso, me falando de como é importante acreditar que sabemos tudo mesmo que seja importante acreditar que não sabemos nada, e eu te ouço e percebo que o segredo da sua existência é você saber que só o amor derrota a matemática, e que número nenhum está à altura de quando você me abraça.

Há qualquer coisa de eu todo na forma como você me ama, mãe.

E quando me perguntarem que idade tem a minha mãe direi apenas que para sempre.

E o seu cheiro espalhado pela cama.

As meias que você usava para sair à noite, dobradas na perfeição como se nelas se descobrisse uma teoria matemática complexa, os sapatos de salto alto alinhados por cor, os vestidos organizados por tamanhos, o chão e os riscos dos seus passos pesados quando você estava com pressa e a vida te esperava.

E a cozinha desarrumada, os pratos amontoados, um odor insuportável da sua falta pela casa toda.

Sou o homem mais frágil do mundo quando não te tenho, vagueio por entre estes móveis à procura de um motivo para andar, sento-me no sofá sem saber para onde ir, e a verdade da vida é que não existem os seus braços e eu não tenho onde me deitar.

Como hei de acreditar em Deus se nem o seu corpo foi eterno?

Resta o espaço só nosso da memória: quando você estava zangada e nem assim deixava de ser linda, quando você chorava e nem assim deixava de ser linda, quando contava que te doía o corpo todo em todo o lado e nem assim deixava de ser linda, quando você morreu e nem assim deixava de ser linda.

Amar é quem você ama nunca deixar de ser lindo, você me disse, não sei se foi uma ou duas horas antes de você se deixar ir embora, e eu vim para casa com a sua morte e dediquei os dias seguintes a te amar. Visitei o seu celular, os seus e-mails, as folhas soltas que você foi escrevendo aqui e ali, as mensagens que íamos trocando para nos mantermos juntos. Não encontrei uma única falha no seu caráter, uma única incoerência. Você era a mulher mais saudável do mundo e talvez tenha sido por isso que morreu. Para que a vida possa continuar a ser desequilibrada, para que o mundo seja feito de pessoas que falham como você nunca foi capaz de falhar.

Você é perfeita demais para merecer algo tão falível como um corpo. Nenhum corpo estava à sua altura e foi preciso acabar contigo antes que a sua perfeição acabasse com o que equilibra o mundo.

A sua fotografia grande no móvel da sala, a forma como você sorria sempre que não sabia o que fazer. Você é tão bonita, meu amor.

E agora há tempo a mais para uma vida sem você. Os dias não passam, as palavras não saem. Tristes daqueles que pensam que um escritor vive da dor. Vivesse eu da dor e tinha escrito mais do que estas pobres linhas desde que você

foi embora. Vivesse eu da dor e estaria vivo para sempre.

A sua escova de dentes ao lado da minha. Como pode haver algo mais filho da puta do que te precisar assim?

O pior da vida é precisar dormir. Os olhos fecham e você está, os olhos abrem e você não está. Há comprimidos que me obrigam a parar. Mas depois há o sonho e tudo o que nele você me faz e é. Que crueldade é esta de ter de acordar para onde você não está? O pior da vida é precisar acordar.

As pessoas têm pena de mim, me olham como se olhassem um morto, e é nesses momentos que eu te invejo; você está morta e ninguém te vê, e eu continuo precisando andar, precisando comer, precisando dizer «bom-dia» a quem nada me traz — porque não te traz. Da próxima vez me prometa que quando for embora me leva contigo. Nem precisa ser nada romântico, nada dramático. Basta que você faça o que sempre fez: vai e me leva, simplesmente.

E o seu cheiro espalhado pela cama. Talvez seja por ele que ainda me mantenho vivo. Ou seja lá o que for este estado em que estou.

Te escrevo todos os dias para tentar te recordar de novo. Para que as palavras te reconstruam, para que o poema te dê vida. Escrevo todos os dias para tentar te recordar de novo. E todos acabam com um grito final, que todos os vizinhos já conhecem e nem ligam. Este também.

Tinha decidido que não passaria daquela noite. A vida estava doendo demais para poder continuar e era preciso terminar com aquilo o quanto antes. Em cima da mesa estavam as várias possibilidades de final feliz: os comprimidos que, ele lera na Internet, em poucos minutos, se tomados em quantidades altamente exageradas, fariam o seu serviço sem grande dor; a pistola do seu falecido pai, Deus o tenha, já carregada e pronta para fazer das suas, bastava apontá-la para o local correto, que ele estudara atentamente num antigo manual da escola; um prato cheio da sua comida favorita, que mais não era do que um prato cheio de veneno letal, uma mistura, que aprendera há muitos anos numa estranha conversa com um amigo médico, que incluía veneno de rato e até um bocado de vinagre balsâmico; e finalmente uma almofada de dimensões bem generosas, que comprara um dia para ler na cama mas que poderia, agora, servir perfeitamente para se despedir em silêncio do mundo. Além de todas essas possibilidades, tinha ainda algumas outras, que não estavam em cima da mesa mas que não deixavam de estar em cima da mesa: a janela estava aberta, e um salto do 14º andar não resultaria, certamente, em nada menos do que a morte; e a banheira estava bem cheia, para que um afogamento não pudesse estar fora de hipótese.

Só faltava, agora, escolher. E, claro, escrever o bilhete de despedida que, vira nos filmes, ficava bem escrever. Nele, não iria culpar ninguém em concreto — apenas a vida, essa desgraçada que lhe tirara o emprego, a mulher amada e, com ela, os filhos que já não vê há meses. Iria escrever que nem sequer guardaria rancor do que quer que seja, de quem quer que seja, mas que simplesmente sentira que chegara a hora de encontrar um outro caminho e de experimentar coisas novas. A morte parecia-lhe, então, a experiência certa nesta fase da sua vida.

Enquanto escrevia, pensava em quem seria a primeira pessoa a ler aquelas palavras. Talvez o homem da ambulância, o senhor Gouveia, um amor de pessoa, que fora incansável quando do falecimento da sua mãe. Mesmo sabendo que não havia nada a fazer, não deixou de a levar a toda a velocidade para o hospital da vila, colocando-a com todo o cuidado na maca e tratando-a, nos seus últimos minutos de vida, como uma verdadeira princesa. Sim: provavelmente seria o senhor Gouveia. E provavelmente iria olhar para o corpo morto e pensar que era um desperdício, que a vida é tão grande e tão bonita que ninguém deveria ter a possibilidade de terminá-la sem justa causa. E a única justa causa para morrer, diria ele como diz muitas vezes, é não conseguir estar vivo.

Depois, pensava ele enquanto continuava a escrever, o senhor Gouveia ligaria para a Carla. Ela viria com aquela cara de sonho, aquela pele sempre de bebê, e iria ler, com as lágrimas a fazerem-na injustamente ainda mais bonita, o que ele escrevera. Iria entender perfeitamente as suas palavras, os seus motivos, e depois iria abraçar-se ao senhor Gouveia, que apenas lhe diria vezes sem conta: deixe para lá, a menina não teve culpa.

Chegaria, em seguida, a vez dos filhos. O Antônio, o mais velho, ficaria desiludido. Certamente pensaria que era mentira, onde é que já se viu o seu superpai, que não tem medo de nada, ter feito uma coisas destas? A Joana, a pequenina, nem iria entender bem o que estava acontecendo. Perguntaria por que o papai estava tão quieto, ou simplesmente não perguntaria nada porque ninguém a deixaria voltar a vê-lo. Não mais o veria e acabaria por esquecê-lo para sempre. A mãe, ainda assim, iria lhe falar dele da melhor maneira, que nisso a Carla (tão bonita, foda-se; tão bonita) era exemplar: jamais deixaria de manter a história de que o pai, o covarde do pai que desistira de viver, era o maior herói do mundo.

A carta estava, enfim, escrita. Era tempo de decidir onde colocá-la, e isso só poderia ser decidido se outra decisão fosse tomada antes. Decidir de que forma e onde se vai morrer é um privilégio, sim, ele pensava; mas também pensava que nunca imaginou que pudesse ser tão complicado. Devia só ter lançado uma possibilidade e ir com ela até o fim, concluía, enquanto se recordava das muitas vezes em que acompanhara a sua Carla (tão bonita, foda-se; tão bonita) às compras e, depois de três ou quatro horas, saíra de mãos abanando porque ela, gostando de tudo, não conseguira comprar nada. Morrer — ele decidia agora ao mesmo tempo em que afagava, um de cada vez, o revólver, a almofada e o prato cheio de comida — era uma complicação.

A comida. Estava decidido. Sentou-se tranquilamente, colocou um guardanapo preso ao pescoço, fazendo as vezes de babador, como aprendera com o seu pai (homem que é homem não suja a roupa, meu filho), e, de faca e garfo na mão, começou a morrer. Vou ter uma morte com tempero, teve ainda tempo de ironizar consigo mesmo, antes de colocar o primeiro pedaço de comida na boca e de ser interrompido pelo toque do celular. Já não se pode morrer em paz, brincou, mas ainda assim não resistiu à curiosidade e se levantou a caminho do pequeno aparelho, pousado na bancada da cozinha. A curiosidade é, sarcasticamente, uma das poucas coisas mais fortes do que a morte, teorizou, como se quisesse, nos seus últimos minutos de vida, deixar uma tese filosófica

qualquer como legado aos que ficavam. Pegou o celular e leu, com um sorriso nos lábios, o nome do remetente. Carla. E uma mensagem simples: «Sabe de uma coisa? Está amanhecendo!».

Ninguém acredita nas palavras da pele, existem
os medos, os passos que fogem, a vergonha
impossível, e a única frase certa é a do corpo.

Nas noites dos nossos lençóis, o silêncio
estava sobrevalorizado, eu entendia o verbo
pelos seus olhos, e você percebia que tudo
o que havia para dizer tinha de ser tocado.

Mais fácil do que falar é amar, observar os
movimentos gramaticais do prazer, ouvir o
discurso absurdo e irresistível do orgasmo.
Nos amamos por palavras sem precisar
falar, porque quando você mexia um braço
era toda a linguística que se mexia contigo,
havia toda a sintaxe a se movimentar, o léxico
alterado no interior da nossa euforia, e
por mais silêncio que se ouvisse nunca
a nossa vida esteve tão pouco calada.

Foi no momento em que precisamos falar
que o silêncio indesejado chegou. Comecei
te dizendo da sua beleza, da dimensão imparável
dos nossos momentos, você respondeu que só
a poesia poderia falar o que fazíamos, mas o
problema das palavras é serem finitas, há sempre
mais gente do que adjetivos, mais pessoas
do que advérbios, e ficar dependente de um som

é assumir desde logo que um dia o silêncio para sempre.
De quem foi a ideia de inventar o verso quando já havia o prazer?

Agora estamos sozinhos com as palavras, você
onde os meus olhos não vêem e eu isolado
na necessidade de escrever para poder te sentir
debaixo das letras. Todo o amor existe
mas está calado desde que desaprendemos
o instante do silêncio. Talvez um dia eu seja capaz
de voltar a te encontrar na penumbra da noite
vazia, na harmoniosa construção de uma ausência
ruidosa. Até lá vou continuar a te olhar na fotografia
pequena que você deixou na mesa da sala, em tão alegre
silêncio. É a minha única maneira de te ouvir.

De quem foi a ideia de inventar o texto
quando já havia o amor?

Foda-se, que eu te amo tanto. Que eu te quero tanto, que eu te preciso tanto. Foda-se, que é tão bom te amar assim, como se me faltasse o ar quando você me falta e ainda me faltasse mais o ar quando te tenho.

Hoje quero esquecer as palavras bonitas, as palavras mansas, e ser selvagem, duro e forte como é selvagem, duro e forte o que sinto por você. Hoje não quero a poesia — senão a poesia de te querer como um louco, de te desejar como à vida. Hoje te amo em palavras grandes, em palavrões: foda-se, que eu te amo tanto, meu amor.

E o seu corpo. O cabrão do seu corpo, a perdição do seu corpo. Procuro-o como um dependente insaciável, como se não houvesse mais mundo além da sua pele. E a verdade, a puta da verdade, é que não há. Há a curva dos seus ombros, o espaço vazio do seu colo quando não estou em você, a boca gulosa do seu sorriso. E as suas pernas a se abrirem para mim como se todas as necessidades se concentrassem na necessidade de você, como se o prazer fosse o dono do mundo. E é.

Quero que todo o resto vá para o caralho se você estiver nos meus braços. Eis a mais cruel das sentenças, e que me perdoem os outros, que me perdoe até Deus e o seu pecado, que me perdoem os politicamente corretos e os coitadinhos que ficam pelo meio do caminho. Que me perdoe todo mundo mas tudo o que eu quero é a certeza do seu corpo e a verdade da sua alma. É o que me basta para ter a certeza e a verdade de mim, deste mim que só você trouxe, deste mim que só contigo existe. Este mim que só quer a vida, a mais pura das vidas: amar até o fim do dia, amar todos os dias, amar até que a noite chegue e amar até que a manhã volte a chegar. Te amar para que nada me falte. Apetece-me em você o fim do mundo. E você me basta para nada me faltar. Me basta que você venha, com esse seu passo de princesa e de demônio, esse seu olhar de «me proteja com carinho mas nunca deixe de me foder com força», e me peça para te dar a ternura sem te tirar o suor, para te dar a cumplicidade sem te tirar o gemido, para te dar comunhão sem ter medo de te devorar, até a última gota, no chão. A mim basta que você venha e que te venha, que me queira e me precise. A mim basta que você seja essa espécie de tudo, essa espécie de absoluta senhora do que eu sou e sinto, do que sinto e penso. A mim basta que você seja.

Hoje eu precisava te dizer que só os pequenos amores resistem com pequenas palavras. Com um simples «te amo », com um doce «você é linda». Só os pequenos amores resistem com pequenas palavras. O nosso é grande demais para

sequer resistir com palavras como as outras, com palavras que já existem, com palavras que alguém um dia, por tanto serem ditas, colocou num dicionário. Não. O nosso exige palavras novas e grandes, como «teamocaralhomeudeus», ou «teamoatéofimdosossosfodase», e tantas outras que todos os dias e todas as noites, na cama, no sofá, na rua e em todos os locais em que nos amamos (e nós nos amamos em todos os lugares, graças a Deus), vamos inventando para dizermos um ao outro. É a nossa maneira de nos fazermos em palavras. É a nossa maneira, ainda assim incompleta, de nos dizermos inteiros ou nenhuns. E não somos nada saudáveis, nada recomendáveis, nada equilibrados. Queremos a total pertença ou preferimos a total ausência. Pode ser impraticável manter esta força, este tesão, esta intensidade, este «éagoraounu nca», este «oumedátudooupodecairfora» para sempre. No fundo, você sabe e eu sei que podemos muito bem ser impossíveis. Mas para que merda serve o que é possível?

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois da cerveja, o jogo já está acabando, entretanto eu vou me entretendo a arrumar a cozinha, há alguma louça para lavar, roupa também, limpar o chão num instantinho, engomar as suas camisas e pronto, penso no abraço que você vai me dar, sou feliz quando você me abraça, sabe?, na maneira como o seu corpo protege o meu,

já falta pouco para você ser meu, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois do jantar de amigos da empresa, você é o funcionário mais apreciado de todos, não me surpreende, é natural que te queiram presente em tudo, você ainda tentou não ir, encontrar uma desculpa qualquer, que eu bem vi, mas não deu, exigem que você esteja lá e quando voltar é que vai ser, sou feliz quando você me toca, sabe?, você tem de vir rápido para que nada me falte,

já falta pouco para você ser meu, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois de acordar, você tinha me prometido que no fim de semana seria meu, já são quatro da tarde e você não acorda, está cansado por estes dias, a empresa fechando uma encomenda e você sem tempo para respirar, não é?, mas você não demora a acordar, tenho certeza, gosto de limpar as suas ramelas, veja você, te deixar bonitinho para mim, tenho saudades da profundidade dos seus braços, do interior da sua boca, sou feliz quando você me beija, sabe?, mais uns minutinhos e você está aqui, já não me aguento, confesso,

já falta pouco para você ser meu, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois do orgasmo, você foi tão distante quando me quis, me agarrou ao longe e eu te queria tão perto, você quase nem me olhou nos olhos, anda muito cansado, não é fácil a sua vida, claro, mas quando acabar a necessidade vai chegar o amor, você vai me apertar com aquela sua forma de me salvar do

mundo, sou tão feliz quando você me aperta, sabe?, vai me dizer o te amo até os ossos que há tanto tempo não diz, e tudo vai voltar a fazer sentido nesta cama suada, estou certa disso,

já falta pouco para você ser meu, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois da frustração, estas coisas passam, não tenho dúvidas, você sente que eu fui um marido ausente, e eu fui, você quer que tudo seja diferente, nada mais, hoje te enviei flores e um beijo pelo correio, te escrevi umas dez ou vinte mensagens, talvez umas cinquenta, vá, você não respondeu nem tem de responder, você tem toda a razão mas essa revolta vai passar, você vai regressar para casa, a nossa casa, lembra?, nem a reconheço desde que você não está, sou tão feliz quando você está em casa, sabe?, mais um dia ou dois e você volta, com certeza,

já falta pouco para você ser minha, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

Daqui a nada você me amas, eu sei,

depois de assinar isto, você faz questão e eu entendo por quê, a sua tristeza existe e eu a respeito, não vou desistir, vão continuar os bilhetes, as mensagens, as flores, hoje exigi do meu chefe um horário normal, quero chegar em casa com tempo suficiente para te amar, você só tem de voltar, por favor, vou assinar isto para você perceber que o mais importante para mim é a sua felicidade, sou tão feliz quando você é feliz, sabia?, e sobretudo para que me olhe outra vez como a pessoa que me ama, promete?, está assinado, tome, você é uma mulher livre para me amar outra vez, venha à hora que quiser que eu te espero na cama de sempre, coloquei lençóis novos e durmo no sofá, vou estreá-los contigo, custe o que custar,

já falta pouco para você ser minha, há muitas maneiras de amar e a sua é essa, tenho de perceber.

«Não sei para onde vou, mas vou comigo.»

Ela, sentada na cama, pijama com flores, pelas costas o suor de uma noite de prazer a escorrer.

Ao longe a manhã.

«A liberdade é uma puta cega, que se abre para mim como o inferno se abre para a morte.»

Ele, ainda deitado, corpo sem roupa e os lençóis a cobrirem apenas as pernas e o começo da barriga.

Ao lado a vizinha a esfregar o chão.

«Tenho de me livrar do seu corpo. Sempre que penso em prazer penso no toque da sua pele. Sempre que me cheira a orgasmo me cheira ao sabor agreste do seu sexo. Sempre que quero ser feliz te imagino em mim. Não me suporto sem você. Não me aguento sem você. Tenho de me livrar do seu corpo. Ir para longe, para onde você não esteja. E esperar que não venha. Esperar que esteja no corpo o princípio de tudo.»

Ela, já de pé, em frente ao espelho do banheiro, os olhos molhados de suor e talvez do começo das lágrimas.

Na sala as roupas espalhadas pelo sofá.

«E para que interessa a saúde se não houver o prazer? Para que preciso de mim se não existir o orgasmo?»

Ele, a agarrá-la por trás, o espelho começando a embaciar. No quarto a cama vazia.

«Eu precisava de muito mais do que os seus braços, de muito mais do que a sua pele. Precisava de muito mais do que você se tudo o que você pode me dar é isto. A insuficiência de tudo isto. Eu precisava de muito mais.»

Ela, virando-se para ele, os lábios estendidos e a imagem no espelho de duas bocas excitadas.

Na janela a chuva batendo.

«Para que você pensa em mais se isto vale por tudo?»

Ele, os braços embrulhados ao redor dela, o corpo todo pronto para amar.
Ao lado a vizinha lavando a louça. «Para ser puta que seja de você.»

Ela, a cama ocupada, outra vez as costas e o suor.
E depois ele.

«Para ser incompleto que valha por tudo.»

E enfim o amor.
E enfim o amor. Todas as vidas deviam começar assim.

Você me pede um conselho, agora que vou embora, agora que nesta cama há mais um morto do que um vivo, e eu penso que poderia te falar em tantas coisas, te dizer tantas palavras bonitas, que te inspirassem; poderia até te citar um poema de Pessoa ou de Rilke, um pensamento de um filósofo famoso qualquer; poderia te contar da importância de aproveitar cada segundo, ou da magia que é saber que se ama; eu poderia ser o velho mais culto do mundo mas prefiro apenas te dizer para olhar. Tão simples, apenas isso. Olhar.

Olhe. Olhe sempre. Olhe muito. Olhe com olhos de tocar, com olhos de sentir, com olhos de abraçar, de amar, de odiar até. Mas olhe. Nunca deixe de olhar. É pelos olhos que a vida acontece. Mesmo que você esteja com eles fechados, mesmo que eles não consigam ver. É pelos olhos que a vida acontece.

Olhe o espaço inútil entre o sonho e a realidade. Preencha-o. Tente preenchê-lo com tudo o que você é. Há dificuldades grandes para ultrapassar, momentos em que você vai querer não olhar. É nesses momentos que você tem de olhar mais ainda, é nesses momentos que você tem de abrir mais os olhos. Para ver o que pode fazer para passar a ver outra coisa. O segredo do sucesso é ver bem. Perceber quem você tem à frente, quem tem ao lado, quem tem atrás. Você tem de ver bem para escolher bem, para decidir bem. Nem que doa, nem que custe, nem que queira não olhar. Olhe. Olhe sempre.

Olhe o que você tem. E é tanto o que você tem. É sempre tanto o que você tem. Olhe o que te ama. Olhe quem te quer bem, quem te procura para ser feliz. Olhe ainda a rua cheia, milhares de pessoas que você pode conquistar. Arrebate. Nunca queira menos do que arrebatar, nunca dê menos do que tudo, nunca entre numa tarefa qualquer se não for para devorar, para consumir, para lamber, para saborear sem deixar um único pedaço intacto. Olhe com olhos de viver. Olhe com olhos de querer, com olhos de raptar, com olhos, mesmo, de roubar. Roube o mundo que está destinado a você e roube mais ainda o mundo que não está destinado a você. Olhe tudo o que puder, tudo o que souber. Os mais felizes são os que veem melhor, os que veem primeiro e mais rápido — e sobretudo os que veem do lugar certo. Tudo tem um lugar certo para ser visto. Procure o seu. Todos os olhares têm um lugar feliz. Olhe pelo ângulo exato. Você pode até se cansar, fraquejar porque fraquejar é de homem. Mas nunca deixe de olhar.

Levo da vida o que olhei. E quando fecho os olhos é o que olhei que me ocupa, que me mantém entretido enquanto a dor magoa cada vez mais e a morte se aproxima. Penso na sua avó naquela tarde em que pela primeira vez toquei na

mão dela. E olho. A mão dela, tão pequena e linda como só ela, e depois o ligeiro sorriso quando o meu corpo, sem querer mas já querendo, roçou no dela. É o que olhei que me resta da vida. A imagem da sua mãe no meu colo, e depois você, o seu irmão. Levo quem amo comigo por dentro do que olhei. Até os espaços. A esplanada do bairro onde tantas vezes li o jornal (levo comigo os jornais, as letras impressas, os títulos mais fortes — às vezes olho a notícia do incêndio do Chiado, sabe?), o banco de jardim onde fui mestre demolidor do dominó, senhor absoluto da sueca (Deus te livre de não o ser também, que a tradição da nossa família tem de ser mantida), e ainda as férias lá longe, o mar, a areia e o horizonte a perder de vista. Levo de mim o que olhei. Levo em mim o que fui capaz de olhar. E é por isso, só por isso, que te quero aqui, agora que o último olhar está chegando. Me deixa te olhar com força, te apertar, te consumir no interior do olhar. Me deixa te olhar para sempre, deixa?

A mulher se senta na cama, costas contra a parede, abre o notebook, e escreve, enquanto vai limpando, como pode, as lágrimas que vão caindo no teclado.

«Não sou mulher de meio copo. Se não está cheio: não o quero. Se não está cheio: nem sequer é um copo. Prefiro não beber do que beber apenas o possível. O possível que se dane. O possível é demasiado fácil para me arrebatar.

Isto para te dizer que você me perdeu no dia em que foi embora. Sei exatamente como foi, sinto-o exatamente como o senti. Num minuto você estava e no outro minuto já não estava. Magia negra, talvez. Você me falou da vida, que tinha de ser assim, que as pessoas, por vezes, têm de tomar decisões. E você decidiu partir.

Há quem diga que tinha de ser, que as decisões mais difíceis são as mais importantes, que é preciso escolher, muitas vezes, entre o péssimo e o insuportável. Você escolheu o péssimo e me deixou com o insuportável. Mas o que tem de bom o insuportável é que já está resolvido logo de cara. Não se suporta. E ponto final.

Ao contrário do péssimo, o insuportável não te deixa esperança. Você sabe que não o suporta, que não há maneira de o suportar. E procura outros caminhos. O insuportável é muito mais humano do que o péssimo, sei agora, que te escrevo estas letras sabendo que você está a milhas daqui e que jamais voltará. Não suporto a imagem do que fomos, o seu sorriso quando eu te contava uma das minhas piadas a que mais ninguém achava piada, a maneira como você me fazia rir quando tentava cozinhar como via os grandes chefs cozinharem na televisão, e, claro, a forma como a sua pele parecia descobrir a minha. Não suporto o que fomos e isso me basta para estar pronta para o que eu quero ser.

Um dia você vai saber que amar a distância só acontece quando não se ama. Quando se ama, até a distância de um beijo é longe demais. Você quis nos testar, nos colocar à prova. Fez promessas de amor eterno e depois o que ficou de você foi tão pouco.

Você ficou de você.

Custou-me, no começo, perceber como poderia existir a vida se não existia você. Acordava, todos os dias, à procura do seu corpo, à procura do seu colo, à procura da sua mão, e acabava por ficar assim, a noite toda e o dia todo, à procura de você em todos os locais em que fomos felizes. Nada magoa mais do que a felicidade que não volta, a felicidade que você perdeu e que, sempre que a

recorda, te martiriza tanto como tanto te deixou feliz.

Mas passa.

O melhor da vida é que tudo passa. Passou a procura, passou a mágoa. E ficou isto. Eu e isto. Eu e um buraco sem fundo no centro da vida.

E a coragem chegou. Hoje mesmo, agora mesmo, neste momento mesmo. Vou embora da distância para sempre.

Se temos de estar longe que nunca o corpo fique fora disso.

Da outrora sua,

Eu»

A mulher se levanta, se veste, caminha até o escritório ao lado do quarto, recolhe a folha que tinha acabado de imprimir, pousa-a em cima da cama, no local onde estava sentada há pouco, e vai embora, não mais de um minuto antes de o homem, ao abrir os olhos, perceber que está sozinho na cama e que tem uma folha de papel ao lado.

A melancolia é a filosofia do corpo, o instante em que todo eu me encontro para refletir. Sento-me dentro do que penso e vou desfiando, ideia a ideia, o que me faz estar vivo. É preciso a melancolia para que a alegria faça sentido, é importante perceber cada momento de distância para que todas as presenças aconteçam.

Os olhos do meu gato a me ensinarem a vida.

Há dias, como o de hoje, em que a felicidade consiste em estar assim, melancólico, a perceber a razão da vida. Escrever algumas letras, como estas, olhar para o mundo que resiste a mim e vai persistindo: a senhora no semáforo, os olhos caídos, à espera de que a luz verde apareça para fugir de si mesma outra vez; a criança que, indiferente à chuva, vai jogando a bola contra uma parede onde imagina a glória e um estádio completo a aplaudir; o universitário que pensa no exame de amanhã enquanto hesita entre telefonar para a moça de quem gosta para lhe pedir em namoro; e eu, refletido no vidro desta janela, à espera de que esta felicidade melancólica se vá.

Há um espaço tão grande entre o que vejo em mim e o que sou.

Dói tanto ficar aquém. Eu gostaria de ser genial, de fazer destas linhas o script da humanidade, todas as mulheres e todos os homens dizendo as minhas palavras como se dissessem a lei da vida, e no entanto o que consigo são ideias soltas, vazias, quando diante da aparição da carne. No princípio era a pele, diria Deus se tivesse corpo. É na minha pele que vivo, é nela que encontro todos os caminhos para o que quer que seja que haja em mim. O problema da alma é precisar de matéria, e no final das contas sofrer é o ato mais físico que se pode viver.

A velhota escolhendo com a filha o lugar onde vai morrer.

O abismo sem igual do prazer, a lembrança daquilo que fui, a tristeza muda de já não voltar à primeira vez. A maior crueldade da vida é haver só uma primeira vez, apenas aquela aparição da descoberta, num momento você não sabe e depois é; a maior crueldade da vida é só permitir uma primeira vez para um primeiro beijo, uma primeira vez para um primeiro chocolate; a maior crueldade da vida é não existir mais do que isto, um homem ou uma mulher e a sua evidência, a sua tão pobre limitação. A maior crueldade da vida é ser só uma.

O bebê que chora como se já soubesse que vai ter de crescer.

É nestes dias que me esqueço de continuar, e prefiro ficar parado vendo o que

resta de mim se mover. Há toda uma construção dogmática naquilo que vejo, porque só existe o que passa pelo meu crivo, porque só existe o que existe em mim. Penso no mais fundo espaço de intimidade, fecho-me sem poder voltar, mas depois me sento à mesa, toda a família reunida para viver e comer, e sei que tenho de sorrir e de saber dos outros, inventar novas felicidades para as novas melancolias, e acreditar na possibilidade de continuar. A única certeza é a de que vai doer.

Quando a dor chegar é bom que me encontre aos saltos por aqui.

Quero saber como se resiste ao momento de você não estar, perguntou-lhe ela, a porta já aberta e os passos dele. Quero saber como se resiste ao momento de você não estar, repetiu, e ele continuou, e a porta aberta e os passos dele. Não aconteceu nada senão o final de tudo. Foi o que ela pensou, sozinha, estendida no chão como outrora estendida para ele, tapete insano e sem escrúpulos. É preciso amar depois dos escrúpulos, além de todas as éticas, detrás de todas as honestidades, escreveu, horas mais tarde, nas teclas magoadas de um computador que ele deixara ficar. Não se recorda de ter escrito o que em seguida escreveu, as mãos sozinhas, abandonadas à precisão de um toque, viciadas na necessidade de possuí-lo nem que apenas no instante de um dedo numa tecla. Do tamanho dos seus braços nem Deus se recorda, porque é preciso apertar o que está no interior do que sinto para saber como se mede um abraço. As lágrimas, frágeis como todas as lágrimas, e um quarto vazio e uma mulher vazia e as letras nas teclas e as teclas magoadas. Como se aprende a não amar, você pergunta sem fim nas palavras sem fim, ela e as dúvidas de quem de repente perdeu todas as dúvidas. Como se aprende a não precisar, como se aprende a não haver você naquilo que me faz estar viva, como se aprende a procurar a salvação quando você não está aqui para me salvar. Sem ponto-de-interrogação, sem qualquer questionamento, porque as perguntas que mudam a vida nunca exigem respostas, porque as perguntas que mudam a vida nunca chegam a ser perguntas, somente o método mais fácil para aprender a responder. Eu gostaria de entender o que te faz não estar, e o pescoço vadio, à procura do corpo dele, ele a entrar pela porta, ele a entrar pela boca, ele a entrar pelo corpo todo. Mas não há ele, nunca na verdade, talvez, tenha havido ele. Há o quarto como a casa imóveis a ver uma mulher passar, um quarto e uma casa sem amor dentro, como se houvesse um quarto e uma casa sem amor dentro, como se um quarto e uma casa não fossem, mais do que espaços para morar, espaços para amar. De repente a esperança de um telefone que toca, ele do outro lado, «desculpe», ela do lado de cá, «te amo e isso não tem perdão», ele do lado de lá, «preciso de mim outra vez para estar pronto para te amar outra vez», ela do lado de cá, «se você demorar mais do que vinte minutos para voltar nunca mais vai me ter, te garanto», e ela sabendo que é mentira, que se só conseguisse dizer a verdade diria «você tem toda a minha vida toda para voltar, te garanto», e ele do lado de lá, «tenho de me entender em você para poder te amar», e ela sem uma palavra, o telefone desligado, as teclas do computador outra vez, e as perguntas outra vez, as respostas outra vez, as lágrimas outra vez. Os gatos deitados sem saber que o mundo acabou. Quero te amar sem precisar te amar, escreveu, e pensou ser a frase final, para que pudesse

inventar um novo corpo, uma nova pessoa, pensou que não precisaria de mais nenhuma palavra, que bastaria aquela frase, aquela sentença, para a justiça da solidão estar decretada; mas havia outro momento em que tudo mudaria, ela mais tarde iria chamar-lhe, eufemisticamente, vida, e a verdade é que foi mais do que isso, provavelmente o instante em que tudo o que existe se concentra naquilo que está existindo. Houve um oceano, tão grande como a distância daqueles dez, quinze minutos, a separá-los, até que a porta se abriu, ele entrou, e até os gatos perceberam que mais nenhuma frase, pelo menos com letras, precisaria ser escrita. O cursor, no centro do monitor, continuou a piscar, ela o abraçou como se abraçasse a sobrevivência, e sobreviveu. Só mais tarde, um dia ou mais depois, é que a frase final foi escrita. Ninguém, ela não deixou, teve a oportunidade de lê-la, pelo menos até o momento em que, mais de cinquenta anos depois, o computador foi encontrado entre os despojos de uma mulher morta. Foi ele, com vontade de morrer também para acompanhá-la, quem o encontrou. Diz-se que deixou de respirar no exato momento em que terminou a leitura, mas talvez seja exagero. Todo mundo sabe que ela nunca precisou de uma frase que fosse para tirar a respiração dele.

O amor serve para muitas coisas mas nunca para receber.

Amar é uma felicidade — mas amar também é uma calamidade. Mas para que serve o mundo se não houver calamidades?

Hoje te amei com tudo o que tinha, como sempre te amo com tudo o que tenho. Te dei o sexo todo, o suor todo, as lágrimas todas, as veias todas a palpitarem todas, os beijos todos por dentro dos lábios, toda a minha vida em segundos, em minutos, todo o sentido da vida estendido numa cama. Passei pelo seu corpo como se passasse pela eternidade — e se houver algo eterno na vida é apenas o prazer, o instante imortal de um orgasmo, o segundo inapagável de uma euforia.

A ironia da vida é durar apenas o tempo necessário para ser eterna.

E é aí, só aí, que entra o amor. O amor é o cabrão mentiroso que nos convence de que algo que faz parte da vida, mesmo que a vida seja finita, pode ser infinito. O cabrão que nos convence de que apesar de fazer parte de algo que vai acabar e que tem de acabar nunca mais irá acabar em nós. O amor não existe — e é por isso, só por isso, que é a coisa mais real que podemos ter na vida.

O amor serve para muitas coisas mas nunca para viver.

O amor mata. Mata violentamente. Mata com toda a força. Mata todos os dias. E é apenas nessas mortes, nessas pequenas mortes, que reside a importância da vida. É nessas pequenas mortes, e só nessas pequenas mortes, que a vida acontece. Hoje você me matou mais uma vez e eu era capaz de passar a minha vida toda sendo assassinado assim por você.

Amar é uma graça — mas amar também é uma desgraça. Mas para que serve o mundo se não houver desgraças?

Você toca na minha pele e eu sei que vivo, as mãos procuram o seu corpo à procura da salvação dos seus ossos, da perenidade do seu calor. Não existe código de ética entre nós, nos comemos como podemos, quando podemos, da maneira que podemos, cada um à procura do seu prazer absoluto, do seu pedaço de imortalidade tangível. Há uma batalha sem misericórdia pelo orgasmo, o corpo de um a ser o sustento do corpo de outro, as necessidades e as pulsões e as excitações como donas de todos os nossos movimentos. Não pensamos um no outro, nem por um segundo, quando escolhemos a maneira como nos amamos. Não queremos saber do prazer do outro quando nos fazemos felizes no interior dos nossos prazeres. Estamos pouco ligando para o orgasmo do outro, estamos

nos lixando para o que outro quer e deseja. Queremo-nos, em nós, inteiros e plenos, dando o que temos a nós mesmos. Somos os mais egoístas amantes do mundo, os mais execráveis parceiros sexuais do planeta. Fodemo-nos em nome de nós mesmos. E é assim, só assim, que nos partilhamos totalmente.

Há quem nos chame egocêntricos, filhos da puta, egoístas. Nós nos chamamos de felizes.

O amor é muitas coisas mas nunca politicamente correto.

A prova de que as palavras são mentirosas é saber que «roubo» é uma palavra tão má e ainda assim pode ser tão linda, como quando alguém como você entra pelo meu corpo e me leva a alma, e fica sabendo que foi um roubo, nada menos do que isso, e se eu pudesse gostaria era de ser roubada assim por você todos os dias,

Um dia escrevo um dicionário de palavras feias que você transformou em poemas,

Como «sequestro», por exemplo, coisa horrível, todo mundo sabe, menos eu, depois daquele dia em que você veio me buscar no trabalho e me disse «anda que eu não aguento mais», e eu disse «não posso», e você disse «pode pode», e a verdade é que podia mesmo, pode-se sempre tudo quando se quer com tudo, e lá fomos os dois, eu sequestrada por você, amar-nos na parte de trás do seu carro estacionado numa rua suja e sem saída do bairro, e foi aí que eu percebi que os lugares também são como as palavras, nunca se sabe o que eles são ou valem até sabermos como vamos tê-los, como vamos vivê-los, e esse beco perdido no centro da cidade, malcheiroso e quase inabitável, conseguiu ser, na tarde em que você fez da palavra «sequestro» uma peça de arte, o mais lindo destino do mundo, e se me pedissem para escolher um dos locais mais deslumbrantes do planeta eu escolheria aquele, porque os locais mais lindos do mundo, você me ensinou nesse dia e em tantos outros dias como esse, são apenas os locais mais felizes do mundo,

Um dia escrevo uma gramática de erros crassos que você transformou em regras,

Como a minha ausência de pausas longas quando escrevo de você, ou para você, ou sobre você, quero respirar mais, mais longo, usar pontos-finais, e não consigo, e só me saem vírgulas, pausas curtas, como estas, apenas estas, uma semirrespiração, uma quase-respiração, talvez porque pensar em você me tire o ar e me impeça de respirar, talvez apenas porque não quero pontos-finais, nada que signifique distância entre nós me permito, e depois quero fazer transições de outra maneira que não usando o «e», e não consigo, só uso «e» e mais «e», tudo é ligado por um «e», e isso acontece, quero crer, porque há sempre eu e você, só eu e você, mais nenhuma palavra nos pode separar, só um «e», um «e» que liga, que nos faz juntos também por dentro das palavras, e agora talvez fosse a altura de terminar este texto, ou pelo menos este parágrafo, talvez um ponto-final viesse mesmo a calhar, uma frase forte e um ponto final e tudo ficaria perfeito,

redondinho, fechadinho, literariamente perfeito, e a crítica diria que «sim senhor, temos poeta ou escritor», e os meus leitores gostariam mais e não diriam, como estão dizendo, que este texto é chato, repetitivo e pouco melodioso, mas se quer saber estou pouco ligando para a crítica e para os meus leitores, te escrevo e quando te escrevo não admito que haja um ponto-final, neste texto e em nenhum texto que nos escreva, e por isso vou deixar isto assim, pendurado e com um «e» para terminar, para todos saberem que é assim que todos os textos de amor, de amor de verdade, devem terminar, sem um ponto-final e com um «e» no fim, só te peço para nunca esquecer que te amo e que se escrevo é para te escrever, e que se houver um momento em que eu tenha de escolher entre escrever bem e te escrever bem vou sempre preferir te escrever bem, te amar bem, te apertar com parágrafos e sinais de pontuação, inventar recursos de estilo que te mereçam, te amar além de todas as letras, e

A eternidade é saber que você existe, abrir os olhos enquanto você dorme, ou então adormecer enquanto me olha, e depois viver para sempre.

Estou me lixando para ser eterna, confesso, porque a eternidade dá muito trabalho quando não somos mortais. Bom mesmo é saber que morro e você acontecer. Tenho certeza de que a grande vantagem da vida é mesmo acabar, ser finita, valer o tempo de um sopro e de um orgasmo. Querer eternizar a vida é querer acabar com a vida, retirar o seu valor, reduzi-la a apenas mais uma das coisas eternas e desinteressantes que o mundo tem.

Que me interessa se uma pedra é eterna se nunca deixa de ser uma pedra?

A raridade da vida é o que me encanta na vida, a certeza de que é tão pequena, tão frágil, quase nada, e se me dissessem que eu ia morrer para sempre eu me matava agora mesmo.

Me ame como se fôssemos acabar: eis o pedido que te faço para sermos eternos.

É assim que me imortalizo na pequenez da vida. Me apaixono pelo que me fascina, me entrego ao que me apaixona, estou inteira naquilo a que me entrego. Não penso na possibilidade de para sempre, não anseio, sequer, que o momento perfeito se estenda no tempo, porque por sorte aprendi que o momento perfeito, quando se estende, passa a ser um momento estendido e não um momento perfeito. O valor das coisas valiosas está na sua perenidade, na sua incapacidade para serem infinitas, e só assim se fazerem infinitas.

O que é a imortalidade senão o momento em que algo inesquecível acaba?

Quando você me aperta no centro dos braços, existe em mim a certeza de que é corrupto aquilo que somos, há eternidades a mais no momento dos nossos corpos, como se Deus nos tivesse oferecido vidas extra, vidas enganadas, e o mais interessante na vida é querermos a todo custo manter-nos vivos quando o que é eterno é o que nos mata.

Me mate todos os dias enquanto você for vivo: eis o pedido que te faço para você me manter viva.

Eu gostaria de subsistir como me parece que o mundo subsiste à minha volta. Pessoas cansadas de viver pedem ao médico que lhes prolongue a vida, pessoas que nunca viveram nem assim desistem de estar vivas, como se a vida se medisse em números ou em horas, como se uma pessoa assim com noventa anos

tenha mais vida do que eu. Sei que já vivi o que tinha para viver, e se houvesse justiça morria agora mesmo e dava lugar aos mais novos, aos que podem ter largas dezenas de anos de vida mas nunca viveram. O mais perverso na ciência é acreditar que a vida é científica, que algumas máquinas e algumas medições podem definir o sentido do que quer que seja. E depois há a segurança, a estranha mania de querer saber tudo quando o que faz a magia de tudo é não saber, nem nada que se pareça, tudo. Gosto dos espaços em branco, das explicações por dar, dos fenômenos por perceber.

Se um dia eu souber o motivo por que você me faz vir assim aposto que nunca mais me venho assim.

Não quero que você viva para sempre nem quero que o nosso amor seja eterno. Quero que um dia acabemos para nunca mais voltarmos a acontecer.

Agora venha aqui e por favor me foda até à eternidade.

Levantava-se à hora que queria, normalmente por volta das dez ou onze horas, por culpa de uma vizinhança que, uns dias mais que outros, costumava estar bastante alvoroçada logo pela manhã. Depois, com toda a calma do mundo, vestia-se, sempre aquela roupa branca que adorava usar sempre que não tinha de sair, confortável e capaz de o deixar mexer-se à vontade, tomava o café, às vezes sozinho outras vezes acompanhado, e dedicava o resto da manhã a sonhar.

Ficava, assim, olhando para uma mancha na parede ou para o exterior da janela, durante muito tempo — nunca menos de uma ou duas horas. Nesse período, ia percorrendo o mundo, as lembranças, imaginando o que poderia, um dia, vir a fazer com a sua vida. Já fizera, como seria de esperar, muitos planos, e tinha a firme certeza de que haveria de os concretizar.

Em seguida, quando o sonho era interrompido pelo estômago, e muitas vezes pelo incansável ruído que os seus vizinhos iam fazendo, era hora de almoçar. Alimentava-se bem, gostava de saborear o que lhe era dado, e acreditava que a felicidade era também essa capacidade de saborear sempre, da melhor maneira possível, o que lhe era dado.

À tarde, gostava de brincar lá fora, no jardim verde e amplo que tinha a sorte de ter — e tamanha era a sua diversão que nem se lembrava de lanchar. Às vezes disfarçava-se de soldado e imaginava conquistar novos territórios com o seu poderoso exército, outras vezes fingia ser um craque da bola, que, com os seus dribles e técnica individual ímpares, conseguia ludibriar todas as defesas. Fosse qual fosse a brincadeira, o certo é que, ao final da tarde, quando a noite já começava a tomar conta do céu, se sentia sempre cansado — mas, acima de tudo, sempre afortunado e vencedor.

Era então o tempo de, desta vez com mais fome porque a brincadeira cansa mais do que o sonho, comer outra vez. Devorava o que havia para devorar, trocava as palavras possíveis com quem calhasse, e lá ia, feliz como sempre e consolado como nunca, para o seu quarto, onde todas as noites, sem exceção, recebia uma ligação por volta das onze da noite.

Era o seu irmão, que trabalhava fechado num escritório, das oito às doze e das treze às dezenove ou vinte ou vinte e uma ou mais, seis dias por semana e às vezes também aos domingos, e que o internara ali, já lá iam mais de dez anos, por pensar que seria ele o maluco da família.

Estendeu-se na cama, fechou os olhos e se concentrou em chorar. Havia tanto para chorar. A perda do filho mais velho, o barulho insuportável da chapa esmagada contra o muro; o desemprego, depois de quarenta anos dedicados à sapataria da vila; a tristeza imensa de não amar o homem que a vida lhe escolheu para casar. Tanto para chorar e apenas uma cama como companhia. Deu mais uma volta, os olhos sempre fechados, e ficou, cabeça na almofada, a procurar chorar mais ainda, mais fundo ainda. Sentiu a carne toda a apertar-se dentro de si, uma sensação de mundo acabado, o fim ao virar da esquina. E adormeceu.

Chegou mais cedo em casa do que o costume, talvez porque sentisse que havia um motivo qualquer para chegar mais cedo em casa do que o costume. Pelo caminho, como sempre, chorou por dentro dos óculos escuros, a lembrança do filho mais velho sempre a cair nos seus braços. Como se resiste à perda de um filho, pergunta-se todos os dias, sem resposta, desde o dia em que ele se foi. Às vezes pensava que tinha de aguentar, que a vida tinha de continuar, e que se aquilo tinha acontecido alguma lição haveria de trazer; outras vezes, pelo contrário, só queria desistir daquele ônibus em que todos os dias se embrenhava para que o ruído lhe impedisse as memórias, daquela vida em que nada mais do que sofrer lhe parecia reservado. Mas nesse dia chegou mais cedo em casa. Passou pelo sofá onde não estava ninguém, pelo quarto do seu filho mais velho, intocado desde que se foi, a palavra Ricardo colada na parede no pôster que lhe oferecera no décimo aniversário, pela cozinha vazia, e chegou finalmente ao seu quarto, um silêncio estranho a fazer-se ouvir.

A solidão tinha as suas vantagens, pensava ele, sentado no café do costume, enquanto folheava as folhas do jornal de sempre na mesa de sempre. Permitia-lhe escolher as horas que queria para fazer o que queria, preencher os espaços em branco com o que bem quisesse, encontrar as melhores soluções para os problemas que lhe surgissem. A solidão é a melhor maneira de estarmos em paz, concluiu, e levantou-se, disse o bom-dia habitual ao senhor Gouveia, o até amanhã final e a despedida costumeira. Já não acreditava há muito na vida e suspeitava que o sentimento seria recíproco. Na verdade, ela já lhe roubara tudo o que amava e o deixara ali, um resto de lixo à espera de ser recolhido pelo tempo. Até que os olhos dela.

A vida é o momento em que as pessoas. Só assim. Sem mais uma palavra. A vida é o momento em que as pessoas, disse-lhe ele, embrulhado nos braços dela,

o corpo velho como se fosse novo. Há sempre uma pessoa para cada milagre, respondeu ela, a mão já no sexo inesperadamente entusiasmado dele. Há sempre um corpo extra para cada vida, acrescentou, o corpo velho como se fosse novo. Amaram-se, ali, ele nem se lembra bem onde nem de como chegou lá, como se não houvesse passado, como se não houvesse futuro. Amaram-se ali no momento exato da vida. Ela chamava-se Carla e o amava desde sempre. Ele chamava-se Luís mas ultimamente nem sequer se chamava — limitava-se a gritar-se e a chorar-se. Conheceram-se num café que não fora feito para as pessoas se conhecerem, num café que fora feito para a solidão ter um espaço. Estavam ambos a poucos anos de acabar, a morte cada vez mais perto. Decidiram, no meio da cama onde os corpos jovens outra vez, amar-se até o fim e não chorar a morte do outro. Quando eu morrer quero que você viva para sempre, que encontre mais pessoas para te manter viva, pediu ele. Ela acenou com a cabeça, o abraço sem distância, a pele eriçada como se não fosse velha. Depois as bocas juntaram-se, os lábios procuraram a eternidade. E a encontraram.

Foi sem querer mas tudo o que vale a pena nesta vida é sem querer. Você estava no canto da sala quando o meu pai foi enterrado. E de repente uma vontade inexplicável de sorrir. O meu pai — Deus o tenha, e como eu o amava, como, tanto que ainda hoje me dói cada segundo de distância — indo embora para sempre para debaixo da terra e os teus olhos. Uma vontade absurda de sorrir. A vida toda me dizendo para continuar por dentro dos seus olhos. Você nem sequer era especialmente atraente, um homem como outro qualquer no meio de tantos homens como outros quaisquer. O padre se despedindo em nome de Deus do meu pai e os seus olhos furtivos nos meus. Todos os lugares são bons para amar, lembro-me de ter pensado naquele dia, ao perceber que até um funeral de quem você ama pode ser o momento mais romântico de uma vida. Não houve, nesse dia, qualquer tipo de avanço. Mas também não houve qualquer tipo de recuo, o que para quem ama é sempre um bom começo. Foi o meu pai que nos apresentou depois de morto e haveria de ser o meu pai a nos juntar mais uma vez. Foi sete dias depois, na missa de praxe com os choros de praxe — e como chorei nesse dia, como se só então, uma semana depois, tivesse percebido que sim, que o meu pai tinha ido e não voltava. O mais irônico da perda é poder chegar aos poucos e às vezes com dias ou meses de atraso. Chorava o fim da vida quando os seus olhos na segunda fila. Como você aprendeu a olhar assim, perguntei a mim mesmo, nem sei bem se aguentei mesmo o sorriso que sorria dentro de mim. Você me olhava e parecia que me pedia perdão por me olhar assim quando me doía tudo em mim toda. Todas as lágrimas são pequenas quando se perde um pai, sabe? Você sabia, claro, e por isso, no final da missa, à porta da igreja, ganhou coragem e veio me dizer o que nunca ninguém, naquele dia, me dissera. Você começou pelo trivial «os meus pêsames», e eu pensei que você era apenas mais um e que os seus olhos afinal não existiam, mas depois você disse «parabéns» e as minhas pernas fraquejaram. Você viu o meu silêncio desconcertado, repetiu «parabéns» e acrescentou apenas «por olhar assim», antes de me passar levemente a mão pelo ombro e virar as costas. Juro que vi a vida toda indo contigo para dentro do carro branco e pequeno onde nunca percebi como você conseguia caber com esse seu tamanho todo. Eu soube aí que podia morrer tudo em mim que nunca morreria o que eu via em você. Houve depois tantas pessoas entre nós, fizemos mil e uma asneiras, percorremos mil e uma estradas, até que, mais de cinco anos desde a primeira vez, você chegou à porta da minha casa, era eu já mulher casada e mãe de dois filhos, e disse, com toda a naturalidade do mundo, «boa tarde, eu sou o Pedro e sou o homem da sua vida», em seguida me entregou um papel onde se lia somente «Escreva aqui qualquer

coisa se quiser que eu vá embora agora mesmo» e eu pensei em escrever mas as mãos pararam, o meu marido na sala perguntando quem era e eu ali, diante de você, com um papel em que tinha de escrever qualquer coisa se não quisesse que fosse você o homem da minha vida. Não escrevi. Nunca te escrevi qualquer palavra, pelo menos até hoje, até te escrever estas letras contigo deitado ao meu lado como sempre você está ao meu lado quando trabalho, e quando me pergunto se alguma coisa ficou por dizer entre nós respondo sempre que sim, que houve palavras que não tive a coragem de dizer ou de escrever. E ainda bem.

«Um café e um amor eterno, por favor», disse ele, o olhar dela como se fosse a vida. Havia à volta todas as mesas e todas as pessoas nas mesas, o cheiro ácido e quente da cafeína, o sol vadio a entrar pelas janelas grandes de vidro sujo. A necessidade de mais palavras apagou-se quando o silêncio ficou, um segundo ou dois, a falar o que havia para dizer. É claro que ambos sorriram, é claro que ela não lhe trouxe o amor eterno mas lhe trouxe o amor possível, escondido no papel de um dos pacotes de açúcar. Ele não quis ler logo, quis fazer-se de forte e aguentou, tomou (ele pensa que devagar, mas na verdade não demorou mais do que dez ou vinte segundos) o café enquanto lançava possibilidades sobre o que ali estaria escrito, e dentre todas a que ele escolheria seria a mais simples de todas, qualquer coisa como «saio à meia-noite» lhe bastaria.

«Saio à meia-noite», repetia ele, vezes sem conta, a nota na mão (ele pensa que rija, mas na verdade tremia tanto que o empregado não conseguiu pegá-la na primeira tentativa) e a respiração perdida algures entre o medo e a esperança. «Então até amanhã», despediu-se (ele pensa que normalmente, mas na verdade ninguém naquele café entendeu patavina do que ele disse, tal foi a velocidade com que o disse), os passos a correr e o pacote de açúcar pequeno tão grande a ocupar-lhe todo o corpo. Ele queria que tudo fosse perfeito para lê-lo, queria lê-lo num lugar que o merecesse, para que aquele momento nunca mais se esquecesse, e já se imaginava muitos anos depois, em frente à lareira, contando aos netos como conhecera a avó, as suas aventuras, um simples pacote de açúcar como personagem principal; pensou depois que a história passaria de geração em geração, que dali a quatrocentos ou quinhentos anos, quando talvez já não houvesse açúcar, ainda se saberia a história daquele pacote que tornou possível toda uma família. «Saio à meia-noite», disse mais uma vez, como que pedindo a quem manda no mundo que lhe fizesse a vontade.

«O mar é sempre um bom lugar para amar», pensou, já sentado na areia, dois ou três metros entre ele e a água que ia e vinha. O papel amarrotado na mão, o suor frio e os braços doloridos, o organismo inteiro lhe pedindo clemência. Ganhou coragem, abriu a mão, o sol já se punha ao fundo do mar (pensou que mais perfeito seria impossível, enquanto sem perceber já uma lágrima caía na areia), e foi desdobrando o papel, alguns grãos ainda vivos a fazerem-se sentir. Olhou uma vez, olhou outra, passou a palma da mão pela cara para limpar as lágrimas, voltou a olhar. Meia hora depois, a noite e a Lua e o mar frio, voltou a olhar e tudo continuava na mesma. Não havia uma única palavra ali escrita, nada, mesmo nada, apenas a marca do açúcar, a empresa fabricante e os

ingredientes, talvez, em letras pequenas, a data de validade, e teve a certeza de que se enganara no pacote, e que só podia haver um outro perdido num lixo qualquer com tudo o que havia para ler. A Lua pareceu escura quando, olhos no chão e o peso de todas as ilusões nas costas, abandonou a praia, um sem-teto com pena a olhá-lo com uma palmadinha nas costas. Viu toda a família desaparecendo, os netos junto à lareira, o mito de tantas gerações do pacote de açúcar e da mensagem que criou a vida. Nada disso, tinha certeza, já sem lágrimas mas com os olhos vergados, iria acontecer. Não havia qualquer bilhete para ler. Mas ela sairia mesmo à meia-noite.

A chuva começa a cair no chão molhado,
e é por isso que eu te amo.

É claro que há o seu sorriso, a maneira como
você corta o peixe quando nos sentamos
à mesa, o esforço dos seus olhos para
não chorarem quando te beijo,
e é por isso que eu te amo.

A sua pele tem o sabor do que me mantém vivo,
e é por isso que eu te amo.

Quando você acorda fica de mau humor, não
usa palavras nem abre os olhos todos, como
se pedisse à luz para não te tirar do que eu sei
que é um sonho em que nos amamos para
sempre, você se vira para o outro lado à espera do
meu corpo a apertar o seu outra vez, se encolhe
toda para me apertar em você,
e é por isso que eu te amo.

Saímos para a rua e existem as pessoas mesmo
que nem eu nem você as vejamos mais do que
o necessário para podermos nos amar em segredo,
sabemos que tudo o que beijamos é a dois e
ninguém pode vê-lo por mais homens ou mulheres
que nos vejam abraçados e beijados na fila do
supermercado ou quando esperamos as pipocas antes
de nos partilharmos no cinema, com os pés mal-educados

por cima da cadeira da frente e as mãos
tantas vezes a procurar o debaixo dos corpos
no escuro adolescente da sessão tardia da noite,
e é por isso que eu te amo.

Quando quero sorrir me lembro
Que você existe e estou sempre sorrindo,
e é por isso que eu te amo.

No meio de tanta gente eu tinha logo de encontrar a única
mulher no mundo que como eu não gosta de viajar,
e é por isso que eu te amo.

Passamos a vida de um lado a outro porque
tem de ser, sabemos que é preciso trabalhar e
essas coisas assim para nos amarmos
sem pensar em trocos,
conhecemos as cidades para onde levamos o
amor, as camas a quem mostramos o valor de
mercado do suor, andamos à procura de parar num
local onde possamos nos amar em paz e percebemos que se estamos
juntos estamos nos amando e em paz,
e é por isso que eu te amo.

Na primeira vez que te vi prometi a mim
mesmo que não te iria amar,
e é por isso que eu te amo.

Deitamo-nos sem hora certa, já o dia

existe ou está para existir, rimos muito
na cama, você diz coisa alguma de interessante, eu
digo alguma coisa sem interesse, as nossas
gargalhadas seriam o bastante para estarmos
juntos, mas ainda há a maneira como chegamos
ao orgasmo, que consiste na difícil tarefa de nos
amarmos, você me ama e eu te amo e é assim que
estranhamente chegamos ao orgasmo,
e é por isso que eu te amo.

Tenho a certeza absoluta de que ficar contigo é
a mais estúpida decisão da minha vida,
e é por isso que eu te amo.

A profundidade dos gemidos dela ouvia-se por todo o prédio, ou então era apenas dentro dos meus ouvidos que se ouvia por todo o prédio. Quando você aprendeu a me amar assim?

Levantou-se depois do orgasmo, pés descalços no chão frio do quarto, foi para a cozinha, beliscou qualquer coisa, e pensou que o mais importante da vida é o momento em que, todos os dias, se volta a nascer. Pela janela viu os barcos no mar, imaginou todas as possibilidades que tem um mundo, pessoas e mais pessoas a fazerem as vidas diante do olhar de outras pessoas e mais pessoas, pensou que talvez fosse egoísmo da sua parte só se preocupar com a sua, mas quando ia pensar nisso mesmo a fundo ela apareceu, nem uma única peça de roupa a cobrir-lhe o corpo.

A partir de hoje nunca mais te amo, foi mais ou menos assim que eu te disse que era seu para sempre. A casa em silêncio sorriu, você ficou com a certeza de que não havia espaço para mais do que nós, e nos amamos sem que os corpos soubessem. A única certeza que tenho é a de que a sua pele não existe, nem o seu cheiro, nem mesmo o seu toque — são irrealidades que me prendem à vida, memórias sensitivas que me impedem de morrer.

É a sua sensação que me mantém vivo e que vai me matar, repetiu, dez vezes depois da primeira vez em que o havia dito, num outro orgasmo qualquer numa outra cama qualquer. Nenhum orgasmo se repete mas todos nos transformam, e aquelas palavras na voz dela pararam todas as respirações. Quando ela aprendera a mentir assim?

O almoço havia sido no restaurante mais barato do bairro, ela e os olhos dela, e ele que estava ali por acaso pensou que ser milionário implicava amar uns olhos assim. Foi desta maneira que tudo começou, isso ambos sabiam. Mas nada dura para sempre, sobretudo o que é eterno.

Gosto de passear contigo pela rua, te dar a mão e te mostrar minha, saber que tenho a felicidade da sua companhia por alguns minutos, todo mundo, tenho certeza, pensando que se você me ama algo de especial tenho de ter. É claro que há o dinheiro, todas as coisas que te dou, mas nem este pedido que agora você me fez para te acompanhar ao banco me convence de que você me quer para mais do que só eu. Quando você aprendeu a me enganar assim?

Ela disse «aqui» e ele assinou, depois ela disse «aqui também» e ele assinou, dois ou três empregados do banco sorrindo por fora e abanando a cabeça por dentro, a sensação de um cassino em que alguém entregara a roupa que vestia apenas para continuar a jogar. Aconteceu a despedida, «foi um prazer», disse ele, e apertou a mão do gerente do banco, que pela primeira vez na sua vida não teve nojo de apertar a mão de um pobre vadio sem um tostão ali depositado. Na saída a senhora da recepção olhou-os com comiseração, esboçou o sorriso mais natural que conseguiu esboçar naquele momento, a porta se abriu e eles foram, os dois de pé mas ele, apesar de tão grande, cabendo perfeitamente nas duas mãos divinais dela. Na saída deram o primeiro beijo sem o dinheiro a incomodá-los. Quando ela aprendera a libertá-lo assim?

Não tenho mais do que esta casa onde vivemos, você ficou com tudo que era meu e eu estou feliz. Ontem quando chegou você disse que havia mais uma criança com fome que eu fizera crescer e que agora o mundo era um lugar mais feliz. Eu fiquei feliz, claro, pela criança e pelo mundo, mas se quer saber a verdade estou pouco ligando para a criança e para o mundo, só quero saber do seu corpo e de você estar aqui. A grande utilidade do dinheiro é te ajudar a me amares, e se quer que te diga a verdade não sei mesmo se não foi para isso que ele foi inventado. Quando você aprendeu a me ensinar assim?

Há uma fresta de luz entrando pela cama,
e a maior injustiça da vida é você existir e ser mortal.

Nas madrugadas em que descobrimos o prazer,
os lençóis agarram-se aos corpos, as mãos procuram
a pele em desespero, e até a felicidade se encolhe
para poder nos entender. Você me ensina a encontrar o
interior das suas pernas, o espaço em que todos
os orgasmos se reúnem, depois há toda uma textura
para procurar, as rugas sapientes do redor dos seus olhos,
o toque macio de todas as curvas do seu peito, até
que a verdade absoluta se impõe. Toda você me puxa
para dentro de você e todo eu me empurro
para o calor do seu ventre. E acontece o céu.

Há uma linha fina de suor unindo a cabeceira ao fundo da cama,
e a maior injustiça da vida é você existir e ser mortal.

Chega a manhã e a sua luz ilógica, a certeza de que
a noite se foi e que é importante continuar. Cada vez
que te amo encontro a morte perfeita. Erguemo-nos,
as almas preguiçosas sem saberem o que fazer com
a vida lá fora, o secreto desejo de que não existisse
mundo. É então que você desaparece, em poucos minutos,
e me mostra o vazio de todas as coisas. Tudo o que te
serve só existe para te servir. Quando a manhã cai e você não está, toda a casa se cala à espera de te ouvir, percorro
os corredores como um vadio de mim, e basta

um «amanhã eu volto» seu para todos os móveis e todas
as camas fazerem sentido outra vez. Ou estou contigo
ou estou sozinho, penso sempre que você não está, e termino
sempre embrulhado em mim e em lágrimas no espaço
da cama que te pertence, derrotado pela
possibilidade de haver um abraço final, um dia,
para entregar, pela cruel existência de vida em você.
Por que você haveria de ser humana se te amo assim?

Há uma porta que lentamente se abre, o gato já sabe que é o mundo inteiro que aí vem,
e a maior injustiça da vida é você existir e ser mortal.

Você era a mulher mais linda do mundo e o pior de tudo é que o mundo já o tinha percebido. A sala parada te vendo chegar, vestido comprido, aquelas coisas que você me disse que eram lantejoulas ou sei lá como se chama isso, os seus tornozelos nus, só eles, a sustentarem o peso de Deus inteiro. E os olhares, todas as pessoas, mulheres e homens, apaixonadas pelos seus passos, um atrás do outro, a sua cabeça erguida e o seu sorriso. Quando você sorriu, nesse dia em que entrei contigo de braço dado pela primeira vez numa festa com fotógrafos e câmeras e nós dois sozinhos como se no sofá, todas as pessoas pararam para te ver passar, e o meu corpo ao lado do seu era invisível como sempre sonhei que o amor deve ser, como sempre te pedi que o amor fosse. Tudo o que eu queria era ser o acompanhamento de você, ter a oportunidade de ver o seu sorriso quando você sorria, e ter a certeza de que você só sorria assim porque me tinha ali. Que outro sentido pode ter a vida senão o de te fazer sorrir?

Homens, tantos homens, ao redor do seu corpo, à procura de te descobrirem uma falha, um espaço, um caminho para o que nos uniu. Você me olha a noite toda me pedindo perdão por tanta gente te querer assim, e eu sabia que doía tanto, apertava tanto, mas depois me lembrava de que você só existia assim, tão grande e tão insuportavelmente bonita, porque existíamos nós. Te amar é um privilégio, eu sei, eu não precisava de toda aquela multidão te querendo inteira para saber; e quando você me diz que se sente a mulher mais abençoada do mundo por existirmos assim eu tenho certeza de que é verdade — é verdade que eu sou só um homem qualquer como outro homem qualquer, não invento personagens, não sou convidado para festas requintadas, não dou entrevistas nem sou perseguido por fotógrafos, não tenho quem me venere, mas tenho em mim todo o amor do mundo e basta isso para nada me faltar. Que outro sentido pode ter a vida senão o de nada nos faltar?

Você me ensinou nessa noite o significado de mim, me disse, entre um aceno de cabeça forçado e outro sempre que o mundo te pedia reação, que quando pensava em ir para a cama dizia o meu nome, não falava em sexo nem em sono, falava nisso, só nesse simples ato de um corpo pegar noutro e dizer «vem dormir», e o outro vai, os dois amarrados por aquelas tão sinceras palavras, «vem dormir», você dizia, e eu ia, e podia ser ao contrário, eu dizia «vem dormir» e você vinha, e lá íamos os dois, braço dado, ou um no ombro do outro, ou outro ao colo de um, para o espaço intocável de debaixo dos lençóis, onde toda a vida se resume ao essencial: ou o amor ou nada. Nessa noite não foi diferente o essencial da vida. Depois das fotografias e dos pedidos todos, depois

dos sorrisos todos (eu já te disse que quando você sorri eu ganho pelo menos dez ou vinte minutos de vida?) e dos autógrafos todos, regressamos os dois ao espaço mais clandestino do que somos, à existência mais primária de duas criaturas. E ainda me lembro, como se fosse agora mesmo (e na verdade é sempre agora mesmo quando se lembra assim), das palavras que eu te disse quando você me olhou nos olhos e sem uma palavra me pediu o abraço perfeito. «Te como enquanto te cobiçam», sussurrei, o seu riso aberto e os lábios urgentes. Nessa noite, como tantas outras noites em que dormimos juntos, não dormimos nada. Felizmente é para isso que existe a manhã. É nela que estamos, agora mesmo. Vou parar de escrever para te deixar dormir mais um pouco, sim. Que outro sentido pode ter a vida senão o da possibilidade de uma manhã contigo debaixo dos lençóis?

Resta-nos ao menos o futebol, dizia o velhote no ponto de ônibus, os olhos pesados pela vida inteira que se fez para trás, e eu ali, sem saber o que dizer, queria dizer-lhe que não me interessava nada o futebol e essas merdas todas, se a Naná, a boazona do 10º B e aquela que, tenho certeza, seria a mulher da minha vida, não queria saber de mim para nada, ou até se a minha mãe, chata como só ela, não me deixa ir à festa de final de ano no bar da secundária. Resta-nos ao menos o futebol mas é o caralho, ó velhadas, que vai ser de mim se não posso ter a Naná nem ir à festa onde a malta vai estar toda?

E o ônibus parou de repente. E o que vi depois nunca tinha visto antes em toda a minha vida — já lá vão mais de sete décadas nesta terra do diabo. Dois adolescentes, que não deviam ter mais de treze ou catorze anos, entraram, línguas unidas por dentro da boca, embrulhados como se não houvesse amanhã e como se não houvesse ali mais ninguém. Ele enfiava a mão por onde podia entre a roupa justa e a pele dela e ela se roçava nele como se esperasse o aparecimento do gênio da lâmpada. É uma pouca-vergonha, esta juventude, é o que é. E lá foram eles assim a viagem toda, nem precisaram falar muito, só percebi que ela se chamava Naná, que raio de nome é esse, e ele Carlos, não sei dizer, sequer, como o descobri, Deus saberá se não tiver vergonha, porque as bocas deles estavam demasiado ocupadas para se ocuparem com palavras. Este país está completamente perdido, isso é certo, e eu já o digo desde sempre. Resta-nos ao menos o futebol, resta-nos ao menos o futebol.

Se você soubesse que te amo tanto, meu geniozinho. Se você soubesse que se me enrolo assim com este é porque quero te provocar, te olhar nos olhos aqui no meio desta gente toda e perceber se você me quer, se me precisa, se me procura como te procuro quando penso no que vai ser de mim. E agora que você me olha, neste ônibus cheio de gente, e me diz sem uma palavra que gostaria de ser o Carlos, que gostaria de ser o corpo que sente o meu, eu sei que vale a pena. Vale a pena isto tudo, este esforço todo, porque o amor exige sacrifícios e eu estou disposta a provar os corpos que forem necessários até encontrar a alma perfeita. Sou uma romântica moderna, que se entrega a muitos para ser só de um, e ai de mim se a minha mãe souber mas tem mesmo de ser assim. Te amo, meu geniozinho, te amo como dizem que o amor deve ser, e só espero que um dia você ganhe a coragem que nunca teve e venha falar comigo e me diga que me quer para sempre; espero que você venha, com essa cabeça linda que você tem, e invente as palavras todas para estas sensações todas, e depois a escola vai parar toda para nos ver amar. A escola parada nos vendo amar, quando é que você vem

até mim e me dá esse momento?

E então eu fui, dizia o velhote, algumas crianças sentadas à sua frente, mais de cinco ou seis, de boca aberta ouvindo a história. Cheguei junto dela, mesmo sabendo que ela namorava com o capitão da equipe de futebol da faculdade, e lhe disse assim: se ficar alguma palavra, nesta minha vida, por dizer, que essa palavra não seja te amo. Te amo. Os netos entreolharam-se, um deles limpou até uma lágrima, e outro perguntou: e depois, avô, e depois? Depois o velhote não disse nenhuma palavra, levantou-se, abriu uma gaveta e retirou, de lá, uma velha fotografia, onde se podia ver um casal jovem abraçado junto ao portão de entrada de uma Universidade. Depois houve isto, explicou enfim o velho, exibindo a fotografia como se exibisse a cura para a morte, depois houve a vida que todos vocês têm de saber que existe, eu e ela e família, eu e ela e futebol, eu e ela e filmes. Depois houve eu e ela, reforçou o velhote, talvez aquilo que lhe molhava então a cara fosse uma lágrima, e, com serenidade absoluta, os olhares dos pequenos cada vez mais embaciados, disse apenas as palavras que ainda hoje me doem quando as penso: a mim nem o futebol, sem ela, me restava.

Gosto tanto, gosto tudo, de quando isto acontece, a televisão ligada e de repente você me olha e me ama, o toque dos meus joelhos no interior das suas pernas, o peso insustentável do seu corpo no meu, a televisão continua, com os filmes e as séries e até o futebol, que também nos ajudam a sermos felizes, mas quando chega a hora de um corpo no outro, ou de um olhar no outro, ou de apenas esperar que passe uma dor, o colo para aguentar o que dói, quando chega a hora de nós nada do que nos faz felizes basta para nos fazer felizes, é preciso nós em absoluto, absolutamente entregues à tarefa de fazer a puta da vida ser imensa, mesmo imensa, sabe?; e, perdoe-me, há sempre um momento por dentro desse momento em que me lembro do meu velho e da sua história, e lhe digo que sim, sempre sim, resta-nos ao menos o futebol, avô. E todo o resto que, foda-se, é tão bom.

Diga a ela que a amo, por favor. Antes de mais nada diga que a amo. Que dói no interior mais escuro das lágrimas, e que as coisas dela espalhadas pela casa me dizem que tudo o que se pode fazer quando se ama é perdoar. Diga que se estou aqui tão longe é porque preciso de tempo para sentir que preciso dela, como um esfomeado que resolve ficar mais um dia sem comer só para a comida lhe parecer ainda melhor. Diga a ela que a amo, por favor. Que quando fecho os olhos ainda vejo o outro homem com ela, os corpos nus e a casa de nós com ele dentro. Diga a ela que quando fecho os olhos ainda não aguento o peso do que dói, que imaginá-la sendo de outro no lugar onde fomos sagradamente de nós me endoidece, e que se há coisa insuportável é ter de suportar o que ela me fez para poder tê-la de novo. Diga que o que ela fez não se faz mas que prefiro ter a traidora que amo do que uma fiel qualquer que nunca serei capaz de amar. Diga a ela que a amo e que sou estúpido o suficiente para querê-la de volta. Diga a ela ainda que o amor é esta coisa imbecil, ilógica, sem qualquer ponta de coerência. Que acordo com ela nos olhos todos os dias, que quando encontro o futuro ela está sempre por lá. Diga a ela que a amo, por favor. E que perdoá-la não tem perdão. Que a maneira como me trata e sempre me tratou ultrapassa todos os limites, que não sou o cãozinho dela mas que se ela quiser até sou homenzinho para latir. Que ela nunca me deu o valor que eu tenho, nunca me disse como eu sempre lhe disse que só existe vida para que ela exista, nunca me levou o café na cama, nunca me acariciou o cabelo enquanto eu me deitava no seu colo, nunca sequer me abraçou quando algo em mim apertava. Diga a ela que nem pense que me merece mas que quero ser dela para sempre. Que tudo o que é recomendável não a recomenda, que continuar a minha vida ao lado de quem nem sei se me ama não faz sentido. Que quando olho para a escova de dentes que ela usava, e que trouxe, sabe-se lá por quê, comigo, só penso em parti-la aos pedaços para ver se me livro dela, para ver se a parto em mim, para ver se me liberto desta prisão de gostá-la tanto assim, querê-la tanto assim, de ser tão escravo assim de quem talvez nem como escravo me queira. Diga a ela que tenho saudades até da sua má disposição, das lágrimas furiosas sempre que algo não corria como queria, da forma quase infantil, ou mesmo infantil, como amuava durante horas só porque no supermercado não havia o seu chocolate favorito. Diga a ela que ainda acordo no meio da noite para lhe puxar o cobertor para cima, que ainda a procuro ao meu lado para tentar adormecer, que o frio da cama sem ela não tem palavras que o definam e muito menos cobertores que o aqueçam. Diga a ela que sou dela para sempre. Que é preciso haver tantas vidas em nós, tantos homens e tantas mulheres, e que mesmo assim será ela, sempre ela, a mais inesgotável ela,

a mais desaconselhável ela, a mulher de mim. Que se eu tivesse de escolher um lugar para morrer escolheria o fundo dos seus braços. Diga a ela que a amo, por favor. Antes de mais nada diga a ela que a amo. E diga também que não volto mais.

Primeiro eu era feliz, depois adulteci,

oxalá venha a velhice para me salvar, um pouco de inconsciência e é mais fácil subsistir,

o que fere é a presença obsessiva do cérebro,

só a ficção é eterna, o que não existe, o que acontece no interior do que sinto, um beijo, claro, um toque na sua mão, uma palavra sua no ouvido, ou simplesmente o cheiro do vento,

só um velho ou uma criança para saber o cheiro do vento, não é?,

há uma relação indesmentível entre um corpo nu e a felicidade, o prazer quase sempre acontece sem roupa, valha isso o que valer, mas raramente uma pessoa despida é infeliz,

sufoca-me o peso indeciso dos remorsos,

fiz tanta coisa que não devia ter feito e às vezes me arrependo, noutras vezes orgulho-me, não sei como pode algo que foi tão bom ser tão mau, há uma inconsistência imperdoável em quem criou isto tudo,

há quanto tempo não tenho um dia completo?,

falta qualquer coisa nas minhas horas e não sei se o suporto, tenho de confessar, preciso com urgência de uma vida, ou de uma pele,

a felicidade é amar como um turista, e nunca pertencer a lado algum,

vista de fora até a guerra é bela, é preciso mais algum argumento para abominar o juízo dos olhos?,

morrer não é um verbo imóvel,

a idade mexe-se mas é a vida que mata, os dias intermináveis e curtos demais, pessoas com vidas próprias instaladas nas nossas, não existe egoísmo, apenas sobrevivência,

só um imbecil divide carne e alma, como Deus, por exemplo,

a velhice é uma ressurreição triste, ensina a viver e depois mata, o fascismo do corpo dói que se farta, tenho a dizer,

dói-me o tempo inacabado, a festa desmesurada em que não posso entrar, queria regressar ao princípio da desorientação, começar tudo outra vez,

e chorar melhor,

não quero morrer, isso posso anunciar,

não é a morte que é uma intransigência, é o corpo final, a sarjeta

mentirosa, o começo e o final do caos, apenas o que se pode cortar a faca é perecível, eu não,

não é a morte que é uma intransigência, mas é intransigente morrer, enquanto estou vivo.

— Você é, apesar de ainda não saber, a mulher da minha vida.

— Eu sou, apesar de você ainda não saber, um homem.

A vida tem destas coisas: por vezes acaba. A minha, naquele instante, terminou. Foi-se. E, estranhamente, deixou-me ficar. Abandonado por duas mulheres nos últimos cinco anos, estou, agora, fatalmente apaixonado por uma terceira que é, na verdade, um homem. No fundo, é apenas o meu subconsciente sendo fiel a uma promessa que fiz a mim mesmo quando Joana me deixou: jamais voltar a me apaixonar por uma mulher.

— Você tem um lado feminino.

— Sim, o esquerdo. É o que está maquiado.

— Você é, apesar de ser lindo, linda.

— Ok, Ok. Eu deixo você me comer. No seu quarto ou no meu?

Seduzir tem destas coisas: por vezes resulta. Este é, sem dúvida alguma (até porque é o primeiro que tento conquistar), o homem mais fácil da minha vida. É preciso decidir: o meu quarto, mesmo só sendo meu há algumas horas (desde que cheguei ao hotel), já é demasiado meu para ser partilhado com alguém. Muito menos com um homem. Tenho, confesso, alguns preconceitos contra os homossexuais.

— ... Você é a mulher com o maior pênis que já conheci.

— ... Mas agora, por favor, chegue-o para o lado, Ok?

— Grato.

A heterossexualidade tem destas coisas: por vezes se inverte. O maior problema (por menor que seja) do sexo com uma mulher com pênis é o próprio sexo — que desencadeia uma, evidente, dificuldade logística: de arrumação; de encaixe. Felizmente, habituei-me, desde bem pequeno, a viver com coisas em falta; deparar-me com coisas a mais é, por isso, bastante simples.

— Eu sou o Rúben.

— Prazer.

— Não. Por agora estou satisfeito. Mas obrigado.

O mais curioso nos amores impossíveis é que por vezes acontecem.

Escolheu, depois de muito ponderar, a saia azul, bem justa, para levar ao momento mais importante da sua vida. Maquiou-se com o cuidado de quem prepara uma bomba atômica, cada fio no seu lugar, escolheu as botas de cano alto para se sentir mais protegida, como se a pele tapada a protegesse do mundo, olhou-se com medo ao espelho no final, e esboçou o sorriso possível, os lábios trêmulos e um aperto nos olhos, a ansiedade inteira a governar o corpo.

«Perdoe-me», em frente ao espelho ele ensaiava o que tinha para dizer, «perdoe-me por algum dia ter acreditado que havia vida sem que houvesse você», com ar confiante, seguro de si, «te quero para sempre e tenho certeza de que vai saber daqui a pouco», e saiu para a rua, a roupa impecável, os sapatos impecáveis, o amor impecável, a realidade, só ela, manchada de um erro que queria agora corrigir.

Encontraram-se no café de outrora, a mesa vazia como se os esperasse. Ele chegou primeiro, as palavras ensaiadas bem decoradas na sua cabeça, os gestos, até os gestos, pensados até o mais último pormenor. Até que ela chegou, os passos como se pisassem pessoas, a saia azul justa e os homens todos olhando. Ele disse o que tinha para dizer, ela ouviu o que tinha para ouvir. Quiseram os dois abraçar-se logo ali, antes que o mundo acabasse. Mas nenhum assumiu o risco. Ele esperou que ela dissesse «sim, te perdoo », ela esperou que ele dissesse «desculpe mas vou te abraçar toda mesmo que contra a sua vontade». E o tempo certo para o momento certo perdeu-se.

Em casa, ela despiu a saia azul, descalçou as botas de cano alto e cedeu, o corpo pousado na cama como se de repente sem sangue. Ele ainda ficou no café alguns minutos, apenas se despedindo do que não fora capaz de fazer, antes de lentamente voltar para o quarto vazio, o cheiro dela e as roupas dela, se fosse um homem corajoso teria tido a covardia de desistir da vida.

Casaram-se e foram quase felizes para sempre. Não um com o outro, claro. Ela encontrou um homem perfeito e ele encontrou uma mulher perfeita. Foram andando e, com o tempo, foram desaprendendo a maneira como um dia correram, o que um dia os fazia correr e saltar — mas nunca andar. Vieram os filhos, novos desafios, as rugas, os netos, a pele a ceder e o tempo todo a fazer-se de episódios cada vez mais raros de paixão. Haveriam de morrer distantes, tão distantes quanto a geografia o permitia, até o tamanho insuportável de um mar a separá-los. Certo é que, estranhamente, as lápides de ambos continham o mesmo

erro, «um erro tipográfico imperdoável», segundo os respectivos marido e mulher: a data do falecimento apontava para há mais de trinta anos, nunca ninguém conseguiu entender por quê. A inscrição, essa, imediatamente abaixo da data, é que não tinha qualquer falha.

«Não é parar que é morrer; é ir andando.»

Ela está nua e todas as células da pele se erguem para a passagem da língua dele. Ouve-se um barco partindo, uma mulher com os seus passos curtos e o salto alto, e a língua dele desliza agora no interior das pernas dela, talvez se ouça também a respiração sem ar de um dos dois. A cama como um altar e a devoção calada de dois corpos que se curvam perante a fé maior. Ela se contorce ligeiramente, desloca-se um pouco para a direita, a língua a encontrar um outro ângulo, ele segue o rastro do que ela procura, os dois unidos na busca de uma alma escondida no meio dos lençóis (ouço a voz de Deus quando você me toca assim). A mão dele a subir pela sua barriga, o suor e os dedos, ao longe um cão latindo, uma criança brincando com outra, o ônibus das sete chegando, a mão dela na cabeça dele, os dedos no cabelo, agressivos e suaves, como se quisessem conduzi-lo, e o quarto parado para vê-los vencer.

Me use inteira para poder me amar por todas as partes.

Foi o pedido desesperado dela. Estavam no hotel mais caro da cidade, só se ouvia agora o desassossego e a respiração apertada, lá fora a vida toda e nada do que importava. Ele não respondeu logo, olhou-a, pensou que poderia falar-lhe da dimensão do quanto a gostava, da incapacidade profunda de se imaginar além dela; pensou ainda que poderia contar-lhe que estava perdido, que toda a sua vida se desperdiçara no momento em que a encontrara, e que a única capacidade que lhe restava era a de amá-la; depois pensou que nunca seria capaz de lhe dar o que ela queria, os carros, as casas, muito menos as viagens, pois se estava na ruína por causa dela não poderia ser por ela capaz de voltar a ser o que era; finalmente pensou na ironia de tudo aquilo, em como seria tão perfeita e tão estúpida a sua vida sem ela. Não sabia se a odiava mas sabia que a amava. Era perfeitamente dela. Perfeitamente dela, tanto quanto pode ser perfeito um louco e um desgraçado. Podia ter-lhe dito tanta coisa, tudo o que lhe corria na cabeça, tudo o que o fazia pensar que estava a minutos de perdê-la para sempre se lhe dissesse que a queria para sempre. Podia ter-lhe dito tanta coisa importante, tanta coisa decisiva, mas bastou que ela o agarrasse e o puxasse para dentro de si para perceber que só o silêncio era urgente.

Serviram-se dos corpos para se servirem da vida.

Escreveu e leu o padrinho de casamento, as mãos já trêmulas da idade, todo mundo vestido de preto para se despedir dos dois velhotes que desistiram de tudo na vida menos do orgasmo. A foto na lápide não tinha o rosto de um nem o rosto de outro, apenas os lençóis suados e os dois, como sempre, ela nua e todas

as células da pele erguidas para a passagem da língua dele.

Se ela tivesse entrado naquele trem, março frio e a estação cheia, talvez a sua vida tivesse sido diferente. Talvez ele estivesse, na última fila no último lugar no último vagão como sempre, à espera dela, os olhos abertos à procura de um risco que ainda não conhecia. Depois, decerto, ela percorreria o corredor como se percorresse a estrada até o destino, cada passo e ele mais perto. E então o olhar, o trem partindo e um olhar parado, ele a olhá-la como se a despisse inteira, ela a olhá-lo como se já nada mais houvesse a fazer.

Já nada mais haveria a fazer e seria por isso que não perderiam tempo a fazê-lo. O trem estaria cheio, tantas pessoas e tantas vidas e nem uma delas se colocaria entre eles, mais ou menos três horas de viagem e toda a contagem do tempo se reiniciaria para o resto do que haveria deles. Falariam de tudo, ele sério e excitado, ela tímida e excitada, mas na verdade desde sempre que só falariam de amor. Do deles, claro, que nascera sem que ninguém soubesse, como todos os amores nascem sem que ninguém, muito menos quem o ama, saiba. Saberiam muito um do outro, ela conheceria o que ele criava, palavras sem sentido quando diante dos olhos dela (tão grandes, tão nele, tão fundos), quando diante do corpo dela (nem uma única veia quieta com vontade do momento da pele); ele conheceria os medos dela (quereria protegê-la, com todos os ossos, do que dói, pedir-lhe para entrar nos seus braços e respirar), até um pouco do passado e do que havia perdido para trás.

Certamente entenderiam que todas as derrotas têm um sentido e que tudo o que haviam perdido os havia trazido ali. Seria a viagem mais curta da vida dos dois e nunca voltariam a viajar para tão longe. Não haveria, quase até o fim, avanços ousados, nem tentativas de mais do que os olhos a fazer o prazer. Até, ele não saberia explicar depois como, ela não saberia explicar depois como, que aconteceria a mão. Ele iria amá-la com a mão no interior da bota alta dela, ainda hoje saberia definir com exatidão o toque dela, o instante em que lhe descobriu um pedaço da pele e acreditou ter descoberto o segredo da existência da fé. Ela iria corar um pouco mas deixaria continuar, perceberia imediatamente ali que o amor pode muito bem consistir em corar um pouco mas em deixar continuar. A mão ficaria, iria ficando, a estação final e duas pessoas concentradas, a mente toda, nos poucos centímetros em que a mão de uma estava no interior das botas altas de outra.

Ninguém perceberia, o trem a rolar como se tudo na mesma, mas seria o

mundo que estaria a mudar ali, irremediavelmente, sem que Deus algum pudesse impedi-lo. Porque chegaria o segundo do beijo, chega-se sempre ao segundo inicial do beijo. Nada como nos filmes, não haveria correrias, não haveria abraços desmesurados, muito menos movimentos ensaiados, apenas ele com a coragem do fundo a arriscar um beijo no limiar de tudo, e ela sem saber como recusar o que não acreditava que fosse recusável. O amor total pode muito bem ser um beijo tímido no último lugar do último vagão de um trem que sem saber estaria mudando o sentido do mundo.

Acabaria então a viagem e já nada poderia impedi-los de iniciar o percurso fatal. Haveria, claro, a cama e o orgasmo, mas nada daquilo estaria completo sem o que muito tempo passado, quando ela já só acreditasse, descrente, que todas as aventuras tão grandes só poderiam ter um final errado (a realidade só poderia castigar com severidade a existência da perfeição, e isso até teria alguma lógica, a justiça poética para equilibrar o mundo), ambos denominariam, eufemisticamente, amor, à falta de uma palavra mais condizente com o que, vinte e quatro horas por dia (mesmo vinte e quatro, porque vinte e dois ou vinte e três seria desperdício inexplicável de algo tão absurdo que nem poderia existir), haveriam de viver.

Se ela tivesse entrado naquele trem, talvez hoje estivesse, ao lado dele, na cama onde um dia a primeira vez, lendo um texto exatamente igual a este, que ele escreveria segundos antes de beijá-la no ombro, passar a mão lentamente pelos seus lábios e lhe dizer que se pudesse voltar atrás faria tudo absolutamente da mesma forma, ela, ele e o trem onde o mundo mudou, e o insuficiente te amo, enfim.

— Te amo.

«Só hoje de manhã já arrumei duas namoradas novas.»

Ninguém sabe o seu nome mas todos conhecem as suas palavras, os adultos têm medo dele como têm medo de tudo o que é estranho, as crianças o adoram e dizem que ele é o «cabeça cansada», e não há nada mais fascinante do que a sensibilidade das crianças, só mesmo elas para perceberem, num instante e sem pensar, que aquela cabeça já fez o que tinha para fazer e que está, agora, em modo repouso, perdida para não ter de se encontrar com o que deixou para trás.

«Um dia mudo o mundo só com uma palavra.»

E pelas ruas de Cascais, a baía a perder de vista, lá vai ele, daqui para ali e dali para aqui, todo mundo sem saber se rir se chorar com os passos e as palavras do maluco que só tem, dizem as crianças, a cabeça cansada. O que pode ser a loucura senão o momento exato em que a cabeça se cansou demais?

«A menina é tão bonita que eu nem sei.»

A menina ri, é realmente bonita, talvez trinta anos, não mais, sorri e segue em frente, não o olha, não tem coragem de o olhar, ele continua a olhá-la mas não a segue, já arrumou duas namoradas só hoje de manhã e parece não estar especialmente preocupado em fazer mais uma, o que vier virá, é preciso dar mais uma volta à vila, para mais pessoas (tantos turistas e a magia de um maluco por cada ponto turístico só para animar a ralé) se esconderem dele, os loucos assustam mais do que os maus, o sol começa a cair lá longe, no final do mar, e o cabeça cansada não esmorece, continua a cansar o corpo para equilibrar as contas no centro de si.

«O mundo todo só depende de uma palavra minha.»

Ao lado um homem, provavelmente inglês pelo sotaque marcado, olha para ele e quer lhe dar uma nota, ele recusa sem precisar recusar, não precisa de esmolas, apenas de palavras, prossegue o seu caminho pelo meio das pessoas, a luz do dia cai, o inverno alto e o frio, o cabeça cansada regressando ao lar, dia ganho, mais um, antes de voltar à caixa de papelão na parte de trás da churrasqueira do centro, um boa-noite caloroso aos vizinhos, uma pequena passagem pelo caixote do lixo só para não morrer de fome, e o descanso do sono de um guerreiro que se cansou de lutar.

«Ainda existe você.»

Ela o acordara como tantas vezes o acordara antes, na casa a centenas de

quilômetros que ele um dia abandonou, nunca ninguém soube por quê, passou a mão pelo seu rosto, não lhe disse nada, ele abriu os olhos, nunca uma cama de papelão lhe parecera tão aconchegante, não quis acreditar no que viu, esfregou os olhos uma vez, outra vez, e percebeu que sim, que era ela, apertou-a no meio dos braços, a pele branca e limpa na camisa suja e preta dele, e disse mais uma vez, agora mais baixinho, talvez só ela o tenha ouvido, que um dia mudava o mundo só com uma palavra.

«Te amo.»

E mudou.

Esperara toda a sua vida pelo amor da sua vida e teve de morrer alguém para ele aparecer. Vestia negro, como todas as mortes vestem, e só ao fim de quatro ou cinco meses é que o viu sorrir. Era um homem que tinha perdido a sua mulher, o cemitério cheio, e ela ali, sem saber o que fazer com o que sentia por quem nunca vira mas já amava.

«O mais estúpido do amor é ser tão estúpido que nem precisa conhecer quem ama», escreveu nessa noite numa folha qualquer de um caderno qualquer. Sentia-se uma adolescente e só queria lidar de forma adulta com o que lhe corria no meio das veias. Mas como se adultece perante o amor? Como se faz de alguém apaixonado um adulto se o amor consiste, em grande parte, em levar-nos de volta à infância, ao momento em que tudo pela primeira vez outra vez? Estas foram duas das perguntas que ela não escreveu mas bem que poderia ter escrito, não fosse dar-se o estranho caso de, ao invés de ter medo do que estava acontecendo, ter começado a ter medo do que não estava a acontecer.

«Ninguém espera uma vida toda por algo que não possa valer por toda uma vida», escreveu depois, e o que se seguiu foi muito simples: telefonema para aqui, telefonema para ali, e em poucos minutos estava mais sossegada apesar (ou: por isso mesmo) de estar muito mais desassossegada. Saber onde ele morava era, naquele momento, a vitória perfeita, a vitória possível, havia a dor dele e a impossibilidade de alguém que acabou de perder quem ama voltar a amar com a mesma dimensão. Quem esperou uma vida espera duas, terá pensado, especulação pura porque nada escreveu. Sabe-se apenas que se deitou, com um sorriso nos lábios e um papel com algumas letras e uma morada na mão direita, e adormeceu, como se já amasse.

«É no momento em que se adormece como se já amasse que o amor começa», a manhã chegara, ele continuava na morada que ela tinha, ela continuava perdida de vontade de que fosse já. Não foi. Havia que esperar o primeiro momento, mas podia haver momentos intermédios: «momentos de solidão a dois», como mais tarde haveria de chamar. Iria amá-lo sem que ele soubesse, há lá amor mais infalível do que esse? Iria segui-lo, calmamente, por onde tivesse de segui-lo, conhecê-lo para amá-lo melhor. Iria amá-lo em silêncio, há lá amor menos ruidoso do que esse?

«Se um dia você me olhar eu prometo que te olho de volta», era assim a declaração de amor que lhe restava e à qual prometeu ser fiel; não iria entrar pela sua vida se ele, sabe-se lá como ou por quê, não entrasse pela sua. Até que houve

o momento em que todas as promessas deixaram de contar. Ela o seguiu até a ponte no centro da cidade, não entendeu por que iria ele para ali, passada fraca e provavelmente algumas lágrimas no chão, e ficou a vê-lo olhar lá para baixo, a vida toda ou a morte toda a um passo de distância. Foi quando percebeu o que estava prestes a acontecer que ela fez questão de olhar, não pediu permissão e olhou para ele. Ele olhou para ela, olhou para ela com profundidade, e terá sido ela, certamente, a última imagem que viu na vida.

«Foi quando você me obrigou a descer daquela ponte que me percebi nascendo outra vez», escreveria ele, um dia, num post-it que colaria na geladeira da casa de ambos, um apartamento com dois quartos, pequeno mas tão grande que nenhum dos dois precisava de mais do que um quarto exíguo e um sofá para tudo o que queria.

«Esperei a vida toda por uma morte assim», não escreveu ela, nem escreveu ele. Disseram-no, sem que mais ninguém ouvisse, ao ouvido, e todos os gemidos desistiram de esperar.

Ame.

Escovar os dentes ao lado de quem você ama.

Apalpar descaradamente o seu rabo.

Comer chocolates até se fartar.

Passar a noite dizendo asneiras.

Beijar sempre de língua.

Passar o dia dizendo asneiras.

Mandar o chefe pastar.

Passar a vida dizendo asneiras.

Deixar declarações de amor escondidas pela casa.

Fazer o seu pai feliz.

Preguiçar regularmente.

Fazer a sua mãe feliz.

Atirar o despertador à parede periodicamente.

Fazer quem você puder feliz.

Dormir quinze ou vinte horas seguidas.

Pôr a mão para fora do vidro do carro.

Pintar o cabelo de azul ou de amarelo.

Pôr a cabeça para fora do vidro do carro.

Cantar no banho para todo o prédio ouvir.

Lamber a tampa dos iogurtes.

Correr que nem um louco na praia.

Falhar que nem um burro só porque você tenta.

Praticar sexo oral com frequência.

Tentar que nem um burro só porque você quer.

Mudar a decoração de casa num dia só.

Dançar quando você está feliz.

Passar horas só cuidando de você.

Dançar quando você está triste.

Falar bem de quem você ama.

Enfiar o dedo no nariz às escondidas.

Falar bem de quem você não ama.

Dançar enquanto você está vivo.

Guardar segredos inconfessáveis.

Experimentar posições sexuais improváveis.

Contar segredos inconfessáveis.

Masturbar-se sem qualquer culpa.

Ter segredos inconfessáveis.

Ver quanto dá o seu carro.

Dizer o que não se pode dizer.

Cagar assiduamente nas convenções sociais.

Sonhar com o que não pode acontecer.

O orgasmo sempre que você puder.

Coçar e ser coçado nas costas.

O gemido sempre que você souber.

Passar muitas horas contando anedotas.

Adormecer todo torto no sofá.

Passar muitas horas ouvindo anedotas.

Rir que nem um desalmado.

Fazer um penteado estrambólico só porque quer mudar.

Rir por tudo e por nada.

Chorar a torto e a direito.

Rebolar na areia quando você está todo molhado.

Chorar porque também é um direito.

Abraçar o seu gato ou o seu cão.

Mandar a austeridade tomar no cu.

Beijar incansavelmente.

Não se levar minimamente a sério.

Dispensar quem te chateia.

Tocar um instrumento qualquer.

Perdoar quem é humano.

Desistir do que não te serve.

Lutar pelo direito à loucura.

Escrever um livro.

Dar prioridade ao prazer.

Ler um livro.

Nunca desistir de quem você ama.

Aprender desvairadamente.

Fazer cadeirinha com quem você ama.

Ensinar desvairadamente.

Perder a respiração pelo menos uma vez por dia.

Nascer pelo menos mais uma vez do que as vezes em que você morrer.

Viver desvairadamente.

Te.

Era um bom homem mas amava duas mulheres.

Uma era a mulher pacífica, a mulher quietude, a mulher partilha, a mulher cumplicidade. Sempre que precisava de um ombro ela estava lá, braços abertos e um colo inteiro para ele pousar o que dói. Não era especialmente sensual, não era especialmente atraente, mas era de uma beleza que ele conseguia descobrir por debaixo do rosto cansado de todos os dias, uma família, uma casa, dois filhos e a vida toda sobre os ombros. Amava-a em absoluta paz, em doce tranquilidade, sem um simples arrepiar, é certo, mas também sem um pedaço qualquer de mágoa violenta. Era a mulher perfeita para viver — e ele sabia que sem ela não seria capaz de resistir, não seria capaz de aguentar o que tantas vezes o atacava. Era ela a barreira intransponível, o último reduto do que ele conseguia aguentar. Era nela que aprendia a sobreviver, era nela que aprendia a não desistir. Amava-a porque era a melhor forma de continuar a se amar enquanto pessoa, alguém tão bom como ela só poderia amar alguém igualmente amável, como ele por vezes não se sentia. Amava-a por egoísmo, é certo, mas fazia tudo o que podia para fazê-la feliz, era romântico e carinhoso, oferecia presentes de surpresa e nada do que ela quisesse ele deixava de ir até ao fim do mundo para poder lhe dar. Era a mulher da sua vida por mais que houvesse outra mulher da sua vida.

A outra era a mulher tesão, a mulher vulcão, a mulher adrenalina, a mulher prazer. Bastava um olhar para todo o mundo tremer, para todos os fios de cabelo se levantarem, para toda a pele se erguer para a passagem da pele dela. Não era equilibrada nem era ponderada nem era amestrada nem era domesticada. Era um animal feroz que ele amava enquanto animal feroz, e se um dia ela se acalmasse certamente que ele deixaria de a querer. Não havia, ao lado dela, paz possível, sossego exequível: ou era o orgasmo ou nada. Não acreditava na existência do cinza e via na possibilidade do prazer a única comprovação real da existência de Deus. «Ou você me fode agora ou bem pode me perder para sempre», dizia-lhe sem medos sempre que sentia nele qualquer tipo de hesitação na hora de ir à procura do maior gemido do mundo. Era profundamente superficial, talvez fosse essa a melhor maneira de descrevê-la; tinha uma fé inabalável de que nada havia de mais profundo do que o direito ao agora perfeito, e provavelmente se descobrisse um dia que nada mais havia para sentir de novo se mataria de frustração. Era viciada em primeiras vezes e por isso sempre que se encontravam tinham de começar por ser completos estranhos que lentamente se iam descobrindo. Era a mulher da sua vida por mais que houvesse outra mulher da sua vida.

O problema de amar duas mulheres é o perigo de um dia, por uma incômoda coincidência, elas se encontrarem. Foi o que acabou de acontecer. Ele estava com a mulher pacífica, bata vestida e a comida no forno quase pronta, quando a mulher tesão apareceu. Não pediu autorização e pediu («ou você me fode agora ou bem pode me perder para sempre»), logo ali, o prazer absoluto. Foi o que sucedeu. A outra, coitada, desapareceu num instante, o tempo de uma bata despida espalhada pelo chão. A vantagem de amar duas mulheres é o perigo de um dia, por uma encantadora coincidência, elas se encontrarem numa só.

«A loucura da vida é o corpo, sabe?»

À frente dele uma mulher com as lágrimas presas por arames, um sorriso forçado, a sensação de que a qualquer momento ele vai, o homem de sempre, a vida de sempre, e agora se pudesse queria outra vez as discussões todas, outra vez a forma como ele por vezes não prestava toda a atenção a ela, tudo para tê-lo fora daquela cama que como todas as camas de hospital cheira a qualquer coisa muito próxima do cheiro da morte. A que cheira o que cheiramos quando estamos perante alguém que vamos ver morrer?

«Promete que vai ser feliz com o primeiro que te fizer feliz.»

Pode até haver lágrimas, e agora há mesmo, ela não aguenta e chora mesmo, mas há também a certeza de um futuro, ele lhe pede que continue além dele, o amor pode muito bem ser, muitas vezes, perceber que o outro lado pode continuar além do nosso.

«Por que não se levanta e vem brincar comigo, papá?»

A criança chegou, não era suposto ter chegado mas chegou, não sabe ainda o que está acontecendo ali mas sabe que é o seu pai ali parado, como se fosse um preguiçoso que não quer se levantar, e o que é a morte ou a proximidade da morte senão uma preguiça que não passa?

«O pai agora não pode.»

Nenhum pai deveria ser obrigado a dizer que não pode, «não pode» é impossível para um pai, «não pode» é impossível para uma mãe, todos os pais e todas as mães deveriam saber que têm em si superpoderes, e que se há coisa que não podem é dizer que não podem o que quer que seja. A prova disso mesmo vem já em seguida.

«Vê como você pode, papá?»

Afinal pode, demorou alguns minutos mas aconteceu, o pai, puxado por toda a sua vida e toda a sua força nos braços, um na mulher com quem casou outro na mulher que viu nascer, conseguiu erguer-se, está de pé, os tubos que saem do seu corpo parecem até nem existir, está ele e quem ama, e ele de pé, os olhos delas como sempre, apaixonados pelo que ele é, o amor inteiro aparecendo inteiro, nunca serão uns simples tubos a impedirem um amor inteiro, há um homem que

ama duas mulheres e duas mulheres que amam um homem, só isso, apenas isso, à volta tudo é perfeito quando por dentro de nós há o espaço ocupado, todo ocupado, por quem amamos em nós.

«Vem, vamos passear, papá.»

Se quiséssemos ver o que está acontecendo pela negativa diríamos que este era o último passeio da vida deste homem, amparado por duas pessoas, uma de cada lado, uma pequena e uma maior, os tubos vão com ele, um carrinho de soro também, os passos são pequenos, as pernas esquálidas, magras que doem, a fazerem de cada centímetro uma vitória, de cada avanço um herói, mas não há nada disso, não há um último passeio, há apenas um passeio de três pessoas que se amam e que corpo algum conseguirá separar, ele pode andar mais devagar mas é ele, ele pode estar magro e acabado mas é ele, e quando se ama nenhum corpo acaba o amor, o que valem umas pernas incapazes ao lado de quem se ama assim?

«Olha ali a nossa casa, papá.»

E vão os três, os olhos na janela e lá longe, perdida entre tantas casas, está uma casa aonde os três chegam agora, imaginam-se novamente lá, a menina brinca e salta no jardim, a mulher e o marido a olham junto à entrada, sorriem e se abraçam, valeu a pena, dirá um, te amo e a amo, dirá outro, depois ele vai lhes ensinar as regras de um jogo qualquer, os três jogando num jardim onde todas as memórias ficaram, e ali ficarão, haja o que houver, por dentro do espaço reservado a quem só se consegue imaginar quando imagina ao seu lado outras pessoas assim.

«Amanhã volto para você me levar para passear outra vez, sim, papá?»

Sim, amanhã voltará, voltará sempre, mesmo que a cama um dia fique vazia e o papá tenha de ir passear para outro lado, para um lado em que ela não pode vê-lo, amanhã a criança voltará e quando um dia for adulta não deixará de voltar, à casa onde levou o seu pai, à casa onde o seu pai a levou, para lhe ensinar que nada do que se toca com a pele fica na pele, e o que é estar vivo senão ainda ser capaz de trazer sensações aos outros?

«Sempre que você voltar eu vou estar aqui.»

E está.

Quando me levanto gosto de me deitar ao seu lado, esperar o momento em que o sono volta, perceber a dimensão imparável do absurdo de estar vivo, e adormecer até você.

Te amo emocionalmente, e com toda a razão.

Prefiro a madrugada porque é ela que me acorda para você enquanto você dorme, e quando te toco e você se abre para mim não sei se haverá vida que chegue para nos amarmos completos.

Seria preciso explicar o começo do mundo para explicar o começo de nós.

Hoje você está distante e o som dos carros não é o mesmo, a janela vazia sem o seu corpo recortado no meio da luz de fora, as palavras do meu pai sem o seu olhar e os seus ouvidos parecem sinais de que só existe o que passa por você.

Não te preciso até a morte; preciso-te até a vida.

Cai a noite e a saudade levanta-se ainda mais, deixei você há poucas horas e perdi anos de vida, já não me lembro do que existiu antes de você, e se quer que te diga a verdade até as mãos doem de velho enquanto te escrevo estas palavras.

Só temo os silêncios quando não te ouço calada ao meu lado.

É tão incompreensível o que te gosto, como se acontecesse o que me acontece só além de você, como se só acontecesse o que acontece contigo, as pessoas ao lado, as luzes, a televisão ligada, tanta gente que eu amo mas que não são o meu lugar no mundo.

Diz por favor aos seus pais que inventaram Deus.

Procuro nestas letras aproximar-me da sua pele, provavelmente todas as obras nasceram dessa vontade violenta de cercear distâncias, de aproximar os corpos através das palavras, e quando me disserem que sou um gênio saberão que falam de você.

O segredo da literatura é abdicar da linguagem.

Ninguém ama pensando nas palavras, são as palavras que servem para amar e não o contrário, e te hamo é sempre a palavra mais certa do mundo — porque nada, muito menos um insignificante código ortográfico qualquer, consegue tornar errado um hamor assim.

Só quem ama mal escreve mal.

— O que está desenhando?

— Deus.

— Mas ninguém sabe qual é o aspecto de Deus.

— Esperem uns segundos que já ficam sabendo.

Foi assim que conheci o Zambé, o puto de quem hoje quero falar a vocês. Menino traquina, uma cabeça linda, a vida toda no interior dos olhos quando me olhava, naquela sala daquele colégio, e quando me fazia crer que só não existia aquilo que não se imaginava. Com o Zambé aprendi a ser criança e estimo bem que não haja ensinamento mais valioso do que esse.

— O que você quer ser quando for grande?

— Pequeno outra vez.

E foi. Foi mesmo. Ainda há uns meses, quando cruzei com ele, ele lá estava, o mesmo olhar, a mesma vontade de descobrir tudo pela primeira vez, levava uma criança no colo e eu percebi que só foi pai para ter uma desculpa para não crescer.

— Então o que você faz?

— Invento.

— O que inventou hoje?

— Uma nova maneira de abraçar.

Ensinou-me logo ali aquele abraço, a rua toda imóvel rindo de nós, alguns olhares de escárnio, e o Zambé e eu aos saltos numa forma de abraço que ninguém entendia mas que sabia bem comó caraças[9]. No final das contas, o que levamos da vida é aquilo que ninguém entende mas que sabe bem comó caraças.

— O que está fazendo?

— Ensinando o meu filho a ler.

— Mas ele tem dois anos.

— Sim, mas ainda consegue recuperar o atraso.

— E ele já sabe as letras?

— Quem precisa saber as letras para saber ler?

E lá ficou ele, aquele sorriso inconsequente como só as pessoas livres conseguem ter, uma criança de dois anos no colo no meio do jardim público onde todo mundo pensava em contas, em crises, em coisas tão insignificantes como sobreviver, esquecidas de que o mais importante estava acontecendo e se chamava vida, e já agora o sol que estava bem alto a brilhar. No final das contas, o que levamos da vida é ela acontecer e o sol bem alto a brilhar.

— O que vai dar para ele no Natal?

— Estava pensando em lhe dar um beijo.

Com toda a seriedade do mundo, Zambé brincava, talvez estivesse nisso o segredo para a felicidade das crianças, há lá algo mais sério para uma criança do que brincar?

— Eu gostaria de assistir ao meu funeral.

— Mas por quê?

— Era a prova de que eu ainda estava vivo.

Zambé era, perdoe o pleonasmo, uma criança filósofa.

— Você tem medo da morte.

— Não.

— Por quê?

— Quando ela chegar sei que não me vai apanhar vivo.

E não apanhou.

É insuportável te querer assim mas é impossível não te querer assim.

E tudo consome quando se precisa tão apertado, quando se percebe que todas as lutas são possíveis menos a que me opõe ao que te gosto. Todos os sonhos são sem graça quando não te sonho dentro deles.

O que é a felicidade senão aquilo que nos acontece quando estamos juntos?

Quero tanto um abraço como quero não querer um abraço.

E te abraço. Com todo o desespero de uma precisada, uma mera dependente de continuar contigo, e é tão triste ter de ser tão sua como é arrebatador estar no miolo dos seus braços.

Falta-nos tanto e basta um abraço para termos tudo.

Todo o poder se desfaz em beijos.

«Quero adormecer na imortalidade dos seus lábios», te digo, e o seu sorriso me diz que você está pouco ligando para as palavras, e a sua boca aberta à procura de me arruinar me diz que você só me quer pelo que te dou.

Mas o que é amar senão ser viciado no que quem amamos nos dá? Só quem precisa do irrecomendável merece existir.

O que ninguém acredita que exista é o que vale pelo que existimos, e a realidade é uma sucessão de enfados até você encontrar o que te descalça e te deixa confortável. Quando me pedirem para definir vida vou dizer «tolos», e eu e você sabemos que apenas a tolice prova que a felicidade existe.

Antes dois tolos voando que um certinho no chão.

Em volta há amores regulares, amores que se estabilizam, amores que se tornam sólidos a cada dia de concessão. Mas entre nós não há concessões. Entre nós há uma batalha sem restrições que envolve, muitas vezes, choques frontais. E tantas vezes sem qualquer roupa cobrindo o nosso corpo.

A parte boa de estar em guerra contigo é saber que mesmo quando perco saímos ganhando.

Porque estamos os dois em trincheiras diferentes mas ainda assim do mesmo lado. Você quer me amar à sua maneira, eu quero te amar à minha. Mas ambos queremos que este amor continue.

E o que é a vida senão lutar todos os dias para que o amor continue? São tão

estúpidas, as pessoas que não são estúpidas.

E não percebem que até a rotina pode ser excitante, que todos os dias existem para que o imprevisível aconteça, para que algo nos deixe de coração nas mãos. E sustêm. Guardam desejos para mais tarde, fantasias para depois, revoltas para até nunca. E é assim que se vão adiando à espera do dia da felicidade marcada, do momento da libertação agendada. Mas a felicidade pode ser tudo mas nunca pode ser agendada. Se é uma felicidade agendada não passa de uma bagatela, de uma imensa ninharia. Porque só o que nos tira o ar nos enche o peito, e criar novas maneiras de te amar é a homenagem que diariamente te faço.

É para a ingenuidade que me levanto todos os dias. E noventa por cento da felicidade é ingenuidade e os outros dez são ignorância.

Antes todos os dias inocente do que para sempre culpada.

No dia em que te abandonei, foi você que não quis ficar.

Vendo bem as coisas o mundo é simples, pelo menos o mundo que interessa:

existe o seu sorriso e a vida, e logo ali se entende com facilidade o que é um pleonasmo, e sobretudo o desperdício de palavras que há por aí.

O dicionário perfeito teria a sua foto na capa e todas as folhas em branco por dentro, e então a linguagem voltaria a nascer, o seu rosto por si só ocuparia o começo da língua, todos os historiadores falariam na revolução do seu corpo, e quando se chegasse à última página já eu tinha rasgado todas as outras para que ninguém descobrisse que é com palavras esforçadas que vou te conquistando.

No dia em que te abandonei eu quis que você ficasse para me ver voltar, é assim, sabia?, que os poetas amam, imaginei que você me esperava com a lingerie da nossa primeira noite, o sorriso maroto das suas pernas entreabertas, os lábios pintados só para você me marcar a sério, eu iria me fazer de difícil, sabe como é, um olhar sério aqui, uma palavra seca ali, talvez até uma lágrima que treinei em frente à loja de eletrodomésticos antes de voltar, você iria pedir por favor para eu te perdoar do que, nessa altura, te juro, já não sei o que seria, eu só queria os lençóis fechados e o seu corpo frio no meu para inventarmos o calor perfeito.

Quando voltei para te perdoar você não tinha me perdoado, a casa vazia com tudo dentro, o lugar onde eu te perdoaria só tinha o cobertor e o sofá morto onde eu tinha certeza de que você haveria de me perdoar do que eu já não sabia que você tinha feito (o que raios você fez para me pedir perdão?), te procurei por todo lado para te perdoar, e aos poucos percebi que você tinha ido embora porque eu te abandonei para poder te amar com mais força, vá entender os poetas e as suas manias.

Vendo bem as coisas a poesia é simples, pelo menos a poesia que interessa:

existe o seu amor e o poema, e logo ali se entende com facilidade o que é um pleonasmo, e sobretudo o desperdício de palavras que há por aí.

Eu quis puxar a corda para impedir que arrebentasse, perceber que você ainda me queria depois do orgulho, te dar insegurança para me sentir seguro, e quando

me deitei você não estava e era eu e o poema, todas as mentiras que a literatura criou logo ali desfeitas, mas que treta é essa de o artista ser solitário quando todos os dias procuro escrever uma obra de arte e só escrevo para você?

No dia em que te abandonei, foi você que não quis ficar, e agora (juro que estou pronto para voltar e que você está perdoada):

você já quer, já?

Me garantiram que eu nunca mais ia conseguir caminhar, e eu aceitei à minha maneira,

um dia o meu avô me disse enquanto corria ao meu lado no parque, eu menino e ele me puxando,

Me garantiram que eu nunca mais ia conseguir ter filhos, e eu aceitei à minha maneira,

o meu pai deve ter nascido um ano depois, e então eu fui percebendo que aceitar não é desistir, é preciso prosseguir depois da aceitação,

Me ofende que queiram decidir por mim, só isso,

o herói é no final das contas apenas um homem mais teimoso do que os outros, mais irascível do que os outros, mais insuportável do que os outros, se existem heróis suportáveis então de fato não existem heróis,

Você só é gente quando souber se safar sem dizer uma palavra,

foi assim que aprendi a escrever, ele ao meu lado e as palavras dele, um homem do campo me ensinando a importância da linguagem, uma frase aqui, outra ali, antes me emprestou as botas de adulto e eu me fiz gente pela quinta[10], não era grande mas cabia ali o meu sonho todo, o gado, eu e as minhas botas de adulto,

Temos de aprender desde cedo a estar nos sapatos dos grandes,

ordenhar, lavrar a terra, andar de trem, o meu avô era revisor e era o melhor revisor do mundo,

Até urinando faço questão de ser o melhor,

eu que nem sabia o que era urinar,

por que raios é que não ensinam a um menino de cinco anos o que é urinar?,

a mão dele nas minhas costas, tanta vida naqueles dedos, cada pele tem mil livros para escrever,

Tome esta caneta e faça dela o que quiser, nem que seja dinheiro,

me fiz escritor só para experimentar o seu presente e as suas palavras, uma caneta Parker de tinta permanente que ainda guardo religiosamente,

Não acredito em Deus mas tenho fé que ele exista,

falta-me a sua voz áspera para me acalmar, a sua forma rude de amar, Não preciso da sua avó para nada, só para estar vivo,

a declaração de amor mais profunda que alguma vez ouvi, nada do

que li depois de você se aproxima do seu olhar quando você dizia a verdade, e você só dizia a verdade,

O que fica à superfície me enoja,

que nojo, avô, você provavelmente nasceu no mundo errado, sei lá, queria ir até o osso da humanidade e só te davam a pele em troca,

Me indigna a humildade, é a arrogância que muda o mundo,

e as falinhas mansas, o será que dá, o deixa ver se consigo, o desculpe lá se estou indo longe demais, sem soberba só o medíocre acontece no mundo,

É preciso arriscar ser o melhor de todos e de sempre, ou então nada,

vou tentando, avô, vou tentando e sou tão altivo que até magoa, sabe?, tenho certeza de que ninguém faz melhor do que eu e nem assim paro, só para criar uma distância maior, para ser impossível alguém um dia, e há sempre alguém um dia, não há?, saber como se respira onde eu estou,

Vivo para desmantelar os impedimentos,

e eu te perguntando o que era desmantelar, ensinar palavras é ensinar o mundo, de que vale um abraço se você não sabe sequer o que é?,

Vejo no desconhecido a solução, nunca o problema,

se existe já não é para mim também, se existe não tem graça para mim, inventar é o mínimo que podemos fazer para agradecer a nossa existência, estamos aqui para fazer a diferença ou para fazer número afinal?,

Me garantiram que eu ia morrer disto, e eu aceitei à minha maneira, mas pelo sim pelo não diga à sua avó que a amo como a um campo inteiro por semear,

e eu disse.

Você me diz para levar contigo o lixo à rua, e a vida é tão bela.

Prometi nunca gostar de alguém como gosto de você e nem assim me sinto incoerente, ou talvez sinta e a coisa mais bela do mundo seja mesmo a incoerência, fazer agora o que não seria capaz de fazer antes, toda a razão está sobrevalorizada, pois se o que nos faz feliz raramente tem qualquer motivo por que haveríamos de colocar a razão acima de tudo?

Abraçamo-nos bem apertados encostados ao muro ao lado do lixo e a vida é tão bela.

Temos o mundo inteiro contra nós quando nos amamos assim, antes de você eu acreditava na possibilidade de não existir a felicidade, seria uma fábula infantil contada desde cedo, os escritores seriam criaturas diabólicas que haviam criado o que só nos fazia sofrer, e amar para sempre só existia nos filmes, duas pessoas apaixonadas correndo uma para a outra no centro do areal quente de uma praia, mas depois você chegou à minha loja de doces, não é minha mas é como se fosse porque só é meu aquilo que eu amo, você sorriu com medo e pediu um bolinho de laranja, eu não sei como, até porque não sou de piadinhas nem nada disso, eu respondi que não, que não era um bolinho, e muito menos laranja porque nem gosto de política[11], e você, ainda me derreto todo quando me lembro disso, te garanto, riu muito, até teve de tapar a boca com a mão, de tão envergonhada do seu riso que estava, e eu acreditei, logo aí, nesse segundo, em todos os escritores do mundo, afinal os sacanas inventaram o que já existia, e provavelmente é esse o papel primeiro da arte (o que sei eu da arte?, mas aqui vai): inventar o que já existe é a maior de todas as criações.

Um velhote traz o lixo e passa por nós abanando a cabeça, e a vida é tão bela.

Gosto da sua língua encontrando a minha, a vida deveria ser assim, o que mais lambesse seria o mais rico, se calhar até seja, se calhar até seja e as pessoas é que nunca descobriram, se calhar a riqueza seja lamber o que a vida nos dá, a tampa de um iogurte, a língua de quem amamos, a língua até de quem não amamos mas que nos apetece de paixão, não sei de nada disso, nunca soube de nada disso, sei que quando você me lambe a minha língua com a sua me esqueço de quem sou e me sei profundamente eu, o amor é provavelmente isso, o amor só pode mesmo ser isso: aquilo que nos faz não sabermos quem somos e nos faz sabermo-nos

profundamente nós ao mesmo tempo.

Subimos juntos pelas escadas porque o elevador é rápido demais para a vontade que nos temos, e a vida é tão bela.

Depois marcamos encontro, você disse que chegava às seis e eram cinco e meia e você nunca mais chegava, eu encharcado de chuva, ainda faltava meia hora mas eu não podia correr o risco de não chegar a tempo, eram quatro da tarde e eu já estava feliz como se fossem seis, para dizer a verdade ainda era de manhã e eu já estava feliz como se fossem seis, mas de qualquer forma eram cinco e meia e eu estava na chuva e quando você chegou me perguntou por que eu não tinha guarda-chuva e eu te perguntei para quê, você riu (eu trocaria a minha vida toda por um riso seu por um segundo) e não entendeu que não era sequer uma piada, eu estava ali encharcado e nem me lembrei da porra de um guarda-chuva porque só esperava que você viesse e estava feliz desde manhã (ou antes, não posso garantir que não foi mesmo antes), depois você perguntou por que eu não me tinha abrigado junto à entrada do café ou da loja, e eu te perguntei outra vez para quê, e você desta vez riu menos, e quando você ri menos o mundo pára e eu tenho de fazer qualquer coisa para corrigi-lo (não será isso o amor, fazermos tudo para corrigir um riso menos riso de quem amamos?), te agarrei então no colo, sabe Deus como fui capaz de fazer aquilo mas fiz, e lá fomos os dois, sem guarda-chuva (você deixou cair o seu no chão e ficou por lá, oxalá alguém que não estivesse apaixonado lhe tenha dado algum uso), percorrendo o caminho até o restaurante com a certeza de que estávamos percorrendo o caminho até para sempre.

Você me faz cócegas na chegada em casa e eu me contorço todo até me estender como um louco no chão frio, e a vida é tão bela.

Duvidei tanto dos escritores e agora te escrevo como se fosse um, espero que você não pense na gramática e em coisas assim quando ler isto, pense apenas que há de haver quem não acredite em mim quando me ler, mas depois haverá uma loja de doces qualquer e uma outra você para esse alguém, e toda a literatura passará a fazer sentido.

Você adormece no interior dos meus ombros e eu choro ao olhar para você, e a vida é tão bela.

— Me ame como se tivesse me descoberto agora.

Na última noite do ano eu gosto do que gostei em todas as noites do ano: o seu corpo junto ao meu, pode até nem haver o orgasmo que continuo feliz na mesma, e a vida, bem lenta, a passar com a sua pele na minha.

— Me ensine a envelhecer feliz.

Sou uma mulher de gostos simples, não digo que exijo o melhor, limito-me a dizer que tenho o melhor ou não tenho nada.

— Prometa que se esquece do tempo quando me toca.

E ele prometeu. Era quase meia-noite, no mundo daquele país se tremia de ansiedade, havia foguetes quase estourando no ar, um novo ano é sempre motivo para celebrar, e o toque aconteceu.

— Tudo acontece por uma razão, só que não. Tudo o que realmente acontece é o que não tem qualquer razão.

Não foram, não são, talvez nunca venham a ser, um casal como os outros, não acreditam em viver juntos, não acreditam em casamento, não acreditam sequer em filhos ou em família. Provavelmente até nem um casal são, se quisermos ser rigorosos. Acreditam no instante do amor, como decidiram chamar-lhe. Amam-se como se amassem a vida, consomem-se desesperadamente, inventam novos pedaços de pele para provar. Depois, vai cada um para a sua casa e se dedicam a se amar sem que os corpos tenham qualquer relação com isso.

— Não sei se amo mais a sua pele ou a memória dela.

Acreditavam sobretudo numa máxima que haviam criado a quatro mãos, segundo a qual não poderiam deixar nenhuma felicidade por tentar. Era por isso que, embora nenhum dos dois o tenha feito alguma vez, permitiam que o outro fosse livre para fazer o que bem entendesse com quem entendesse.

— Temos que tentar o que agrada.

Nesta noite, em que se festejava a passagem de mais um dia, voltaram ao ritual de sempre. Ela o apertou, pediu-lhe para nunca mais ele a largar, ele a apertou e pediu para nunca mais ela o largar, ficaram assim alguns minutos, foram mudando de posição enquanto se apertavam, até que ela pediu para ele nunca mais a largar e o largou, e depois ele pediu para ela nunca mais o largar e a largou. Foram, a pé, silenciosos, para a rua, onde cada um seguiu o seu caminho e onde, separados, sentiram que a verdadeira ligação era a deles, a que lhes permitia guardar do que se ama apenas a melhor memória, apenas o melhor instante. Sentiram-se, então, plenamente consumados.

— Por favor me ame com defeitos.

Ou não. Ou então não foi nada assim. Ou então ela percebeu que o que amavam era uma espécie de amor, e ela não gostava de espécies de coisa nenhuma.

— Ou eu gero uma espécie ou sou uma espécie de pessoa.

E ele a recebeu no seu apartamento ao qual ela nunca tinha ido porque tinham resolvido encontrar-se sempre em território neutro (para quê trazermos um espaço ocupado a algo que vamos ocupar por inteiro?), e ela lhe disse «te quero mesmo que você seja fraco, mesmo que tenha problemas, mesmo que por vezes me irrite ou me magoe, mesmo que tenhamos de sofrer como cães para nos mantermos juntos», e ele abriu os braços para ela, disse-lhe «nunca esperei que você me quisesse como eu te quero, sinto a sua falta desde que te tenho, as memórias são tão boas mas para dizer a verdade prefiro o original à imitação».

— Hoje eu quero viver contigo para sempre.

As grandes decisões são as que se tomam sem pensar, e hoje eu quero que você seja meu sem que mais ninguém te toque, hoje quero ser a sua mulher e nem te permitir uma tentação que seja, me chame de egoísta se quiser mas do que você não me pode me acusar é de deixar a felicidade por tentar.

— De quantos anos você precisa para saber que é para sempre?

Ele não ficou triste por ser só de uma mulher de repente, pois se sempre o

havia sido mesmo quando não tinha de ser, abraçaram-se e desta vez resolveram nem festejar mais o novo ano, havia decisões para tomar, a casa para escolher, tudo aquilo que todos os casais têm de fazer para começarem uma vida juntos.

— Nunca pensei que ser normal fosse tão extraordinário.

Casaram e foram eles para sempre: todos os contos infantis deviam terminar assim. O deles, no entanto, é entre adultos. Mas não é por isso que deixa de ser infantil.

Casaram e foram eles para sempre.

A única coisa que tinham como certa era amarem-se, e pensavam já então que tinham tudo.

Eram jovens e não sabiam o que faziam, não estudaram o que deviam e não aprenderam o que podiam; depois ficaram adultos e continuaram a não saber o que faziam e quando velhos exatamente a mesma coisa, talvez fosse mesmo próprio dos humanos fazer o que não sabiam fazer, e talvez seja a isso que se chama aprendizagem, sei lá. Acreditavam que bastava o amor para a vida acontecer, mas esqueceram-se de que havia a vida para ganhar. Tudo isto para dizer que ela adorava ler mas não tinham qualquer dinheiro para comprar livros; e ele não adorava ler — talvez porque não soubesse, sequer, ler.

A verdade é que o amor uniu estranhamente uma mulher viciada em leitura a um homem que não sabia ler nem escrever, e se este não é um mau começo para qualquer romance então não existem maus começos para um romance.

De maneira que ele trabalhava onde calhava, tinha alguma habilidade com as mãos, e ela trabalhava como cozinheira num restaurante, o que tirava ao fim do mês dava para comer e nunca para ler. É claro que havia as bibliotecas e coisas assim, mas a mais próxima (moravam isolados e longe dos pais: os dele estavam emigrados e os dela a fizeram escolher entre eles e o homem analfabeto que amava, está bom de ver qual foi a escolha dela) ficava a muitos quilômetros de distância e para apanhar o ônibus até lá tinha de sair mais cedo do trabalho, o que nunca, ou quase nunca, conseguia fazer. Trabalhava todos os dias, até aos domingos, e só nas férias, quando as tinha, conseguia matar o vício e ler quatro ou cinco grandes clássicos numa semana e ficar pronta para sobreviver no resto do ano.

Mas havia o amor e se há coisa que o amor não faz é desistir.

O que aconteceu foi então o seguinte: ele, sem que ela soubesse, deixou de ser analfabeto, nunca ninguém percebeu muito bem como, diz-se que um cliente teria lhe emprestado uns livros do filho mais novo que estava na quarta classe, e que ele, sem que ela notasse o que quer que fosse, conseguiu perceber sozinho como se junta uma letra à outra e outra a outra, e depois vieram as palavras e enfim vieram os textos. Era, sem dúvida, um esforço louvável em nome do amor, provavelmente ele estava a fazê-lo para poder ler com ela, ou simplesmente para

poder acompanhá-la na leitura das poucas coisas que ela ia podendo ler, o amor é partilha e amizade também; ou então queria apenas que ela o amasse ainda mais, o quisesse ainda mais, assim poderiam falar sobre o que iam conseguindo ler, e o que segura o amor é, bem vistas as coisas, a capacidade de ir conversando sobre as coisas.

Temos então um homem que aprendeu a ler e a escrever por amor, e isto por si só já seria uma grande história de amor.

Mas havia mais, este homem não amava um amor qualquer nem era um homem qualquer, sabia bem o que queria quando aprendeu a ler e a escrever, e para isso nada poderia deixar de ser feito, e quando alguém ama suporta até a sua própria infelicidade mas nunca a infelicidade de quem ama. Havia uma dor imensa por dentro da mulher porque não tinha livros para ler e precisava de livros para ler (conta quem viu que lia vezes sem conta o cardápio do restaurante logo à chegada para ver se encontrava, por lá, qualquer pedaço de literatura que a alimentasse), e havia um homem que agora já sabia escrever pronto para resolvê-lo, pois se já sabia escrever por que raios não haveria de ser ele a dar à sua mulher aquilo de que ela tanto precisava?

Todos os grandes livros são escritos por amor, e o primeiro que ele escreveu estava a milhas de ser um grande livro mas não foi por isso que deixou de ser um grande livro.

As construções frásicas eram básicas, as palavras usadas eram absolutamente rudimentares, a encadernação, manual e feita com uma corda fina e com os papelões que ele recortou de pacotes do leite, era no mínimo de gosto duvidoso, mas a verdade é que ela, quando recebeu das mãos dele (tome, leia, é seu, espero que goste) aquele livro, só precisou ler uma frase, ou nem isso, para ter a certeza de que estava começando a ler a obra mais impressionante da literatura universal.

Quando ela acabou de ler, olhou para ele agradecida e quis beijá-lo até o fundo dos ossos, mas ele apenas aceitou um beijo rápido e uma crítica feroz, e foi o que ela lhe deu sem misericórdia.

Não havia tempo a perder, ele anotou todas as críticas e colocou mãos à obra,

todos os tempos livres eram para aquilo, para o seu livro, e sem dar por isso (é sempre sem dar por isso quando é autêntico, quando é de alma) já não era um biscateiro qualquer, um habilidoso qualquer, era já, isso sim, um escritor, porque quem passa a vida a escrever é escritor e mais nada.

A segunda obra estava pronta, já tinha um outro aspecto, tinha a mesma capa feia e a mesma encadernação grosseira, mas o que faz um livro é a maneira como ele fala e não a maneira como se veste, nisso os livros são como as pessoas sem tirar nem pôr.

No final da última frase ela estava chorando, ele quis saber por quê, mas ela não conseguiu falar, deu-lhe apenas um beijo com a vida dentro e lhe pediu um tempo para respirar.

«Li o melhor livro da minha vida», foi o que ela disse alguns minutos depois, ele sorriu, pensou que ela estava sendo condescendente, e lhe pediu a crítica feroz de que ele precisava. Ela desta vez preferiu nada dizer, ele primeiro ficou triste mas depois aceitou, e continuou a escrever, claro, é isso, continuar a escrever, o que um escritor sabe fazer sem tirar nem pôr.

Havia um casal que tinha tudo para dar errado, mas havia o amor e bem vistas as coisas é isso o que basta para dar certo.

De maneira que ela percebeu que era a sua vez de agir pela calada, há segredos dentro do amor que são provas de amor, e entregou o livro (o melhor da minha vida, sem dúvida o melhor da minha vida, e eu já li tantos e tão bons, é o melhor da minha vida e não é por ser do homem da minha vida que o digo) ao dono do restaurante onde trabalhava, o dono do restaurante leu e chorou e adorou, e deu a um amigo que era amigo de um amigo de um editor importante e quando, mais de três anos depois, alguém bateu à porta da pobre casa do pobre casal, o que se ouvia não era o pum-pum na porta, era o pum-pum de dois corações que, sem saberem, haviam conseguido se sustentar por inteiro no amor inteiro, há lá melhor sustento do que esse?

Era um alto representante de uma alta editora com um alto contrato para ele assinar, ele leu com orgulho (sei ler e posso ler contratos quando os colocam à minha frente), que imagem única é a de um escritor feliz como uma criança por

saber ler, e assinou na hora, tinha a estranha mania de confiar nas pessoas, não sem antes exigir um pequeno adendo (sim, um adendo, é mesmo assim que se diz, e eu sei que é mesmo assim que se diz), exigiu então o orgulhoso escritor que a editora lhe garantisse a entrega diária, em casa, de pelo menos quatro livros, porque por mais que tentasse o seu ritmo de escrita não acompanhava o ritmo da leitura da mulher que amava.

Assim foi, todos os dias, ao final da tarde, um furgão da editora parava à porta da casa deles e deixava ficar quatro livros, às vezes mais, e era assim que eles passavam os serões, ela a ler e ele a vê-la ler, todo o mundo e todo o esforço faziam sentido para sempre.

É claro que o livro dele fez um sucesso estrondoso, é claro que todos os livros dele daí em diante fizeram um sucesso estrondoso, é claro que ela abandonou o restaurante, pelo menos a cozinha do restaurante (mais tarde viria a tornar-se sócia do homem que também ajudara o seu homem a ser o seu escritor publicado favorito), é claro que deixaram de viver naquela pobre casa, mas também é claro que os serões nunca deixaram de ser aqueles, ela feliz a ler e ele feliz a vê-la ler, todo o mundo, no fundo, se resume a isso, alguns a lerem felizes e outros a verem ler felizes, assim haja livros para que a vida sobreviva.

A única coisa que tinham como certa era amarem-se, e pensavam já então que tinham tudo.

E tinham.

Era um bom homem, mas odiava a pele. Sentia repulsa pelo toque, nojo do calor. Amava a distância, em segurança. Ou, como insistia em explicar, «como se ama uma paisagem».

Era uma boa mulher, mas era viciada na pele. Sentia uma necessidade obsessiva de toque, uma precisão incontrolável de calor. Amava em contato, em músculo. Ou, como insistia em explicar, «como se ama um alimento».

Um dia encontraram-se, numa festa qualquer de um amigo qualquer. Ela disse o seu nome e quis aproximar-se para um beijo de circunstância, ele disse o seu nome e chegou-se dois metros para trás. Ainda assim, por um impulso qualquer a que ambos, mais tarde, dariam o estranho nome de amor, mantiveram-se conversando. Ela lhe falou da sua família, dos seus sonhos, dos seus medos, enquanto avançava, aos poucos, na direção dele; ele lhe falou da sua profissão, dos seus projetos, das suas paixões, enquanto recuava, aos poucos, na direção da parede. Percorreram pelo menos duas vezes a sala toda, uns bem razoáveis cinquenta ou sessenta metros quadrados, assim: ele recuando diante do avanço dela.

Até que resolveram falar nas diferenças.

Ele lhe explicou a sua teoria, segundo a qual as pessoas são seres de alma e não de toque, e que por isso o grande prazer é o de sentir o imaterial, saborear o intangível. Ou, como repetiu vezes sem conta, «tocar com os olhos».

Ela lhe explicou a sua teoria, segundo a qual as pessoas são seres de veias e não de espíritos, e que por isso o grande prazer é o de alimentar o palpável, devorar o corpóreo. Ou, como repetiu vezes sem conta, «olhar com a pele».

Saíram da festa juntos, embora separados por uns bons dois ou três metros, e entraram no mesmo táxi embora fosse cada um no seu. Depois ele a deixou tocá-lo por um segundo, talvez dois, e ela o deixou apenas olhá-la por um segundo, talvez dois. Em seguida deitaram-se juntos, como se deitariam juntos a partir daí, cada um na sua cama de uma mesma casa. Viveram — e, dizem todos os que os conheceram, felizes — assim. Um amigo mais próximo viria a contar, certo dia, que se amavam por fases: ora ele se deixava anestesiar para ela poder tocá-lo durante algum tempo, ora ela se deixava parar para ele poder só olhá-la durante algum tempo. Nunca houve provas de que isso tivesse acontecido. Mas o que é certo é que todos os que estavam junto de ambos no momento em que ele faleceu ouviram as suas derradeiras palavras que ele lhe dirigiu: «quero o seu abraço», ele disse a ela, para espanto geral. E fechou os olhos. «Agora que já não

pode amar à maneira dele quer amar à minha», teria dito ela, segundos antes de seguir os passos dele. E passaram, felizes para sempre, a se amar de uma só forma.

O porteiro me disse que te viu passar, você ia com a saia azul do colégio e corria, aposto que cantava a canção do Ralph ou sei lá como é que ele se chama, aquilo é intragável mas se você ouve eu tenho de ouvir, e se você gosta eu tenho de ouvir, talvez um dia você ganhe bom gosto e comece a ouvir a Adele ou coisa assim,

de qualquer maneira se você passou pelo porteiro àquela hora já deve estar quase chegando, só vai ao café da Gaby falar com a Joana e a Andreia e depois vem,

já me sentei na carteira do canto, bem aqui atrás, à espera de que você venha, espero que se sente no lugar de costume, afinal de contas nem almocei para estar aqui, para poder te dizer olá quando você chegar, e para depois podermos ler os textos juntos na aula de Português, fiz por me esquecer do meu livro e sei que o professor me vai dizer que com esta atitude não vou a lugar nenhum e vai me falar do futuro e blá-blá-blá, mas o que interessa é que me vai juntar a você, tenho certeza, você vai estar aqui ao lado e vamos ler juntos o chato do Camões,

pode até aparecer um verso bonito e eu vou lê-lo enquanto te olho, talvez você perceba que eu estou te dizendo o que sinto e ria, Deus queira e mesmo que não queira eu vou querer.

Você vem mesmo com a saia azul do colégio e não me leve a mal mas olhei para as suas pernas, como eu esperava você veio para o meu lado e não foi só porque gosta de vir cá para trás e este era o único lugar vago porque eu o ocupei até você entrar com a minha mochila grande do futebol, se você gostasse de jogadores de futebol é que era, você ia saber que eu sou craque e que sou o melhor jogador da turma, mas você gosta é do tal do Ralph mesmo que ele não saiba cantar e seja feio, tenho de te respeitar, já li tantas vezes que o amor é respeitar o outro e nunca mais aprendo, desculpe,

Agora você está cantando baixinho enquanto a turma debate um verso qualquer, e a sua voz é tão bonita que eu podia ouvir a minha vida toda as músicas todas do Ralph desde que fossem cantadas por você, o mais incrível é que estou cantando contigo, só você para me fazer cantar esta porcaria de que eu gosto tanto,

o pior é o que setôr já nos viu e está se aproximando, mantenha-se firme que eu te protejo, digo ao professor que fui eu e ele me dá uma dura, ele pergunta se era só eu e se não era você também e eu sem hesitar digo que não, que você tem

bom gosto e nunca cantaria algo assim, a turma ri e você está rindo também, meu Deus que é tão bom te fazer rir,

o professor já foi e você olhou para mim e passou a mão pelo meu braço, juro que a minha pele se levantou toda e que a minha respiração parou agora, e em poucos minutos já está a turma debatendo outro verso qualquer e você canta outra vez uma música sem piada nenhuma do Ralph e eu rio inteiro ao te ouvir cantar e canto com você, um cara qualquer que o meu pai gosta de ouvir diz que não se ama quem não ouve a mesma canção e se ele tiver razão você vai ser minha para sempre por muito que me custe, claro que vai,

e lá vem o professor, você se agarra em mim com força e me pede ajuda, o «João Maluco» está rindo porque já sabe que vamos para a rua, ele tem razão e lá vamos nós, eu e você e um processo disciplinar e mesmo assim sou o homem mais feliz do mundo, te amo tanto e um dia você vai saber disso, prometo,

agora me dê a mão e vamos os dois ao bar do Tó comprar balas e pensar no que vamos dizer aos nossos pais para explicar que eu te amo.

Você me pediu que eu te escrevesse algo feliz, talvez o segredo para a abertura perfeita do seu sorriso, ou a maneira como você cruza as pernas como se não soubesse que você é o fim do mundo e o começo de mim.

De qualquer maneira você pediu que eu te escrevesse algo feliz e o que me ocorreu foi te contar que uma gaivota vive na ponta dos meus dedos, não sei o que isto pode significar mas é o que sinto e é tão bonito e voa, e no fundo é isso o que nos une, algo que eu e você não sabemos mas que é o que sentimos e é tão bonito e voa.

Eu podia também te falar do silêncio que nos junta, você deitada ao meu lado, eu escrevo, lá dentro os gatos estão estendidos no sofá ao sol, em cima e embaixo há vizinhos que fazem coisas que fazem barulhos, lavam a louça, arrumam a casa, falam entre si e veem séries na televisão, mas acontece que estamos neste quarto, a luz apagada e só eu e as minhas palavras para você, a cama desgovernada, o cobertor bem apertado junto ao seu pescoço, a sua deliciosa necessidade de encostar a sua pele na minha para conseguir dormir, uma ausência total de palavras, e agora você se chegou outra vez mais para mim, que prova de felicidade é maior do que esta?

Sei que um dia vamos morrer e isso dói, sabe?, sei que vamos cair de podres também, a pele, estes corpos que agora se encostam, vão ficar flácidos, posso até ficar ainda mais ranzinza e você ainda mais teimosa, veja você, e o que resta quando as pessoas deixam de valer pelas peles e pelos corpos é o que define as pessoas, algumas ficam insuportáveis e feias, porque tudo o que tinham está indo embora, e depois há as outras, as que continuam além do que perderam, ganham novas vidas à medida em que esta termina, deixam de ter a pele e o sonho, mas ficam tão lindas, os olhos profundos, têm histórias para contar, dizem a sabedoria de quem já viveu muito e acredita viver outro tanto, o mais bonito da beleza é não estar só naquilo que os olhos veem.

Eu gostaria que fôssemos dois velhos adolescentes, você fique sabendo, gostaria de acordar todos os dias ao seu lado e olhar para você durante longos minutos só para saber que você está aqui e respira, ao meu lado como sempre ao meu lado, em seguida íamos encostar as peles acabadas uma na outra, eu ia te beijar levemente, sentir que os seus lábios ainda existem, te dizer o te amo mais profundo que alguém pode dizer, e adormecer de novo pela manhã adentro, os

corpos dobrados pelo tempo e pela vontade de procurar o outro para aguentar,

à tarde iríamos passear, descobrir o que a cidade tem de novo para nos mostrar, falar com as pessoas que nos amam, os filhos, os netos, provavelmente até bisnetos, perceber que todos os dias somos jovens da nossa existência, e finalmente regressar para casa, há palavra mais bonita do que essa?, a nossa casa, o jantar que faríamos a dois, eu descascando as batatas e as cenouras, cozinhando o arroz como tu gostas e como eu aprendi a fazer só porque você gosta, você dando o tempero que só você sabe dar, podíamos até jantar à luz de velas, dois velhinhos apaixonados e um jantar romântico,

haveria depois o sofá, um filme de jovens belos que se amam, só para nos podermos imaginar outra vez como quando nos conhecemos, a vida toda pela frente, e enfim a cama, eu e você e a nossa vida toda debaixo dos lençóis, eu aconchegando o cobertor junto ao seu pescoço, os nossos pés frios se aquecendo juntinhos, e se a morte chegar que seja aí, quando estou com você e penso que valeu a pena levar tantos anos para construir um momento assim.

Você me pediu que te escrevesse algo feliz e eu me lembrei de nós, há felicidade maior do que essa?

«A desgraça do mundo é haver números.»

Foi a maneira que ele encontrou para lhe dizer que se sentia a mais no interior daquela cama, e o mais irônico é que tudo aquilo era um número.

«Quem inventou os números não sabia amar.»

Ela estava mais preocupada em contar orgasmos do que em ouvir palavras, e prosseguiu com a descoberta dos dois corpos que estavam ao seu lado, muita gente iria chamá-la de vadia se soubesse os seus gostos, mas essa gente não sabia que muitas vezes é preciso quantidade para calar a qualidade do que nos faz doer, antes encher a vida de ruído do que ouvir para sempre o vazio insuportável de um buraco no centro das veias.

«Nada como sustentar o corpo para calar a alma.»

Ao fim de alguns minutos, e entre uma pele e outra, ela se recostou um pouco e mostrou o que pensava, apresentou a sua teoria segundo a qual é fundamental dar o que a carne quer para que alma, nem que por instantes, se esqueça que existe.

«Eu gostaria de ser o que te impede de precisar de mais.»

Me ame todo nem que seja por pena, era mais ou menos isso o que ele queria dizer com aquilo, andara a vida toda à procura de ser a vida dela, esperou que os tempos passassem, que o caos se organizasse, e o máximo que conseguiu ser é o que está sendo agora: um corpo, um número naquela soma complexa em que dois homens mais uma mulher resultam numa frustração só.

«Eu gostaria tanto de não te ver como um corpo mas por favor se cale e venha para a terceira rodada.»

Os números continuavam, o corpo dela estava satisfeito, a alma ameaçava sair, ela sabia que quando chegasse em casa o silêncio iria voltar, iria sentar-se em frente à televisão e tudo o que visse iria trazê-lo de volta, depois iria colocar a música que ambos ouviram quando se casaram, iria sentir a esperança e a felicidade que nunca mais voltaria a sentir, a vida enfim batendo certo, e iria

acabar passando a noite em branco a amá-lo sem saber sequer onde ele está.

«Se tenho de sofrer que pelo menos retire algum prazer disso.»

Ela perdeu a vergonha quando perdeu o amor, há alguma coisa que não se perca quando se perde o amor?, e eles sabem o que são: dois corpos, duas evasões, duas matérias sem nome. Estão ali para tapar o mais que puderem o sol, para dividir o que dói, para entreter o que sobra de uma mulher que um dia amou e nunca mais deixou de amar, o pior da vida pode muito bem ser o amor, e o melhor da vida também.

«Não sei o seu nome mas me leve com você.»

Eu estava desesperada e não o temia mostrá-lo, ele acedeu, antes um pedaço do que nada, e lá foram os dois, o outro homem ficou, não queria saber de mais do que o prazer, provavelmente o segredo da felicidade é isolar o prazer, fazê-lo dono de um espaço único a que nem o amor tem acesso.

«Vamos construir o amor exemplar.»

Ela ouviu a promessa que ele fez e acreditou, acreditou que iria enfim ter o que merece, uma casa, alguém romântico, viagens, filhos até, tudo equilibrado e com toda a razão, haverá algo mais insensato do que procurar sensatez no que se ama?

«Me deixe te ensinar um amor que faz bem.»

E ela deixou, continuou todos os dias a ver o outro, o que não fazia bem mas que a fazia toda, via-o no interior dos olhos, no interior dos atos, no interior do que era bom e no interior do que era mau, mas aos poucos ele foi ficando menor: «menos numeroso», como ela gostava de dizer, e o mínimo que alguém que amamos pode ser é menos numeroso.

«O máximo que tenho para te dar é um ou dois minutos de esperança.»

Estavam no casamento dela, tudo batendo tão certo, e o outro chegou, aspecto desleixado, as roupas sujas e no entanto ainda ele, disse o que tinha para dizer, o

que tinha para oferecer, ela ouviu e sorriu, tinha de escolher entre a vida toda de bom ou dois ou três minutos de para sempre. Escolheu, como sempre escolhera em momentos de decisão, a matemática.

«A desgraça do mundo é haver números.»

E amor também.

«Te deixo quando encontrar uma razão para estar com você.»

O sentido da vida é o ascendente ou então é nenhum, continuou ela, desta vez só pensou, mas lá por dentro a ideia continuava, ele não a ouvia, ninguém amaria ninguém se os pensamentos todos se falassem, coçava o queixo e olhava pela janela, o céu nu como ele, as estrelas vazias e a sensação de que o mundo provavelmente estava para acabar.

«Quero te amar mas só consigo me desesperar de você.»

O abismo do amor é a liberdade que nos tira, a certeza de que está uma corda junto ao pescoço que não conseguimos dominar, continuou ele, não disse mas pensou, a história dos dois na sua cabeça, um acidente provocado como nos filmes, ela apanhando os livros do chão, ele a ajudá-la, e depois disso até o liceu desistiu de separá-los, veio a universidade, os sonhos, as profissões, e de repente a razão das coisas aparecendo, como se chega a um estado em que é preciso perceber de onde veio o amor?

«É impossível existir o que nos juntou, e é por isso que estamos juntos.»

Há um território estrangeiro em cada pessoa, ela entendia que o amor era noventa e nove por cento de descoberta e um por cento de prazer, ou então ao contrário quando se aproximava o abismo do orgasmo, mas o que não admitia era que existisse o carinho a interromper as veias, muito menos a ternura a acalmar a respiração, ou sentia tudo estremecendo ou estava parada, e parar não é morrer: é pior.

«Às vezes eu gostaria de parar com você só para olhar para o que somos.»

Os opostos se traem e nunca nenhum cientista entendeu o amor, as estrelas continuam, um gato vadio mexe no lixo à procura de mais um dia de vida, ele acende um cigarro, os lábios tremem e apertam o filtro como se apertassem o medo, amanhã voltará o dia, e ele procura no silêncio a importância das palavras, o que se pode fazer quando se quis demais?

«Hoje da sua boca só quero o beijo.»

Nem as janelas se fecharam nem as palavras continuaram, ele cedeu como sempre cedera, bastava ela hesitar para ele vergar, mandar em alguém é ser amado por alguém, e ela não queria mandar nem ser mandada, acreditava apenas no estado perfeito do que não é explorado, preferia o que fica por dizer, o que fica por saber, para restar em si a esperança de que o que não está à vista é o melhor que há para ver, e quando os corpos se cansaram calou-se e se afastou, para muitos era frieza mas para ela era amor, usava o que era perfeito para se salvar das lágrimas: e chorava.

«Amanhã juro que te vou querer por amor mas hoje te quero por sobrevivência.»

Foram as palavras finais dele nessa madrugada,

e em todas as outras que se seguiram.

o pior de tudo nem é chorar, nada disso, chorar sofre mas acalma, o que magoa desfaz-se em água e todo mundo sabe disso, é preciso molhar o que corta para cortar doer menos, e

o pior de tudo nem é chorar, te digo outra vez, eu sei que você dorme e não me ouve, eu preferi ficar acordada a perceber como se fecham as suas pálpebras, a forma arredondada dos seus olhos quando você adormece profundamente, te tocar de leve na pele e agradecer a sorte desta cama e nós, as suas pernas sobre as minhas, tão pesadas que doem e eu aguento, antes a dor do seu peso do que a sua ausência a pesar sobre mim, pousar a minha cabeça entre o seu braço e o seu ombro, te ouvir respirar, e finalmente respirar, e

o pior de tudo nem é chorar, não sei se te disse, quando acordo te procuro com os braços, talvez seja ainda antes de acordar, o meu corpo dormindo e já desabrigado, como se quisesse garantir a sobrevivência antes de nascer, você está dormindo e não sabe mas eu te amo também com o corpo, um amor musculado, pode chamar assim, e quando você adormeceu e logo depois disse três ou quatro vezes «te amo, Carla» eu entendi que o amor é assim e é por isso que se ama, para que nem o sono nos impeça de amar, e nisso somos iguais, amamos mesmo quando dormimos, e é tão bonito amar tão grande, e

o pior de tudo nem é chorar, é a última vez que te digo, te prometo, porque o pior de tudo nem é chorar, é ninguém ver as nossas lágrimas, o mundo em derrocada e tudo à volta como se acontecesse, o pior de tudo, afinal te digo mais uma vez, nem é chorar, é chorar sozinho, as nossas lágrimas e ninguém com elas, lágrimas sem teto, e

o pior de tudo é ninguém ver as suas lágrimas,

e eu não me chamar Carla, claro.

«Preciso de um euro para continuar a não precisar de dinheiro.»

Há uma paz estranha em quem não tem teto, o mendigo que me pede um euro sorri sem que eu entenda por quê, não tem nada e sorri e eu com tanto custa-me tanto acreditar, talvez ele esteja ali porque quer, não me parece drogado, tem bom aspecto e está feliz, mas ninguém dá uma esmola a quem tem bom aspecto e está feliz, a esmola só se dá a quem precisa e quem tem bom aspecto não precisa, é essa a lei das aparências, noventa por cento do mundo são aparências e os outros dez têm mau aspecto.

«Já fui advogado mas depois cresci.»

Que preço deve ter a liberdade, provavelmente o preço de uma casa, uma carreira, quando imagino este feliz desgraçado de terno e gravata diante de um juiz não deixo de ter pena dele, para que serve o dinheiro senão para impedir?, não sei se lhe dou um euro ou a minha vida toda, a minha roupa, o meu carro, tudo o que sou, que tentação absurda é esta?

«O problema do dinheiro é não ser de chocolate.»

Ele se senta ao meu lado, eu e um mendigo ao lado do carro que estacionei no parque dele, e estamos os dois olhando o tamanho do céu, há mais estrelas do que ontem, e sem dar por mim estou percebendo o valor do dinheiro, o de chocolate, pelo menos, ele me oferece uma nota de cinco euros bem doce, e num instante deixo de entender por que vale mais o papel que tenho no bolso do que este pedaço de chocolate, a mão dele me dando palmadas condescendentes nas costas, quem é o desgraçado quando entre duas pessoas uma trabalha para ter pedaços de papel no bolso e a outra passa a vida com pedaços de chocolate na boca?

«Deixei de acreditar na ciência quando me disseram que eu tinha de morrer.»

E lá vai ele, pede perdão por ter de ir mas está chegando a onda perfeita, pega num pedaço de madeira que tem encostado ao muro e nem se despede, a onda perfeita está chegando, e eu ali fico, uma reunião importante pela frente, dezenas de gravatas e senhores doutores, os horários e os salários, entro no prédio de escritórios e ainda tenho tempo de vê-lo ao longe, a onda perfeita não chegou

mas ele não precisa dela para poder senti-la, a ciência da vida é sentir sobretudo o que não existe, e quando chego atrasado à reunião digo apenas que estive à procura de mim.

«Deem-me só um minuto para eu nunca mais voltar.»

E eles deram.

«Se um dia eu não estiver aqui, procurem as minhas palavras.»

A fundação da Humanidade é a sintaxe, ele acrescentou, via na palavra o começo do mundo, quando encontrava alguém não queria saber quem era, como era, o que tinha, apenas queria perceber o que dizia, a mulher perfeita era aquela que usasse as palavras perfeitas, por mais que todo o resto fosse insuficiente bastavam as palavras para todo o resto acontecer, e então ela chegou e disse.

«Vejo em você o começo do mundo.»

Noutras alturas seria o mote ideal para um debate ideal, ele iria dizer com a força inteira das suas convicções que não era ele mas sim a palavra o lugar onde tudo começava, depois daria exemplos de grandes poemas que mudaram a geografia do mundo, em seguida abriria um ou dois livros e leria duas ou três frases e em instantes quem o ouvisse iria perceber que sim, não poderia ser menos do que sim, ouvir aquelas frases muda o mundo todo, haveria finalmente um abraço e a certeza de ter conseguido converter mais pessoas, e tudo aquilo de que necessitaria seria a palavra, sempre a palavra, sem a palavra somos animais, repetiria até que ninguém o esquecesse, mas agora ela falara e ele não respondera, estava olhando para ela e esperava que ela falasse mais, até o silêncio antes de a palavra começar é uma forma de palavra, diria ele se não estivesse calado e não conseguisse deixar de estar calado, de que beco escondido chega a linguagem?

«A fundação da Humanidade é a sua pele.»

Quando ela se aproximou já o tinha tocado todo, mas é claro que as mãos também contam, sobretudo quando lhe agarram o corpo, o puxam para si, havia também a boca, a dela na dele, a língua, a mulher a consumi-lo e ele sem uma palavra, a mulher a consumi-lo e ele sem uma palavra e ainda assim tudo a fazer sentido, que raios é isto que diz tudo e nem precisa de falar?

«Me diga agora ou desapareça para sempre.»

Há alturas em que as pessoas têm de ser ditas, ele sabe antes de todos os outros, mais do que todos os outros, mas não diz, quer dizer mas não diz, só olha para ela, ali, diante de si, os corpos pedindo a palavra certa, a frase certa, e nada,

nada lhe sai da boca a não ser a vontade de beijar, de apertar com a boca a boca dela, ela está longe, mais de um metro e continua à espera das palavras dele, o especialista em palavras calado, todas as veias sem entenderem a sintaxe.

«Se um dia eu não estiver aqui, procurem as minhas palavras.»

Foi o que ela disse antes de ir embora, via na palavra o começo do mundo, quando encontrava alguém não queria saber quem era, como era, o que tinha, apenas queria perceber o que dizia, o homem perfeito era aquele que usasse as palavras perfeitas, por mais que todo o resto fosse insuficiente bastavam as palavras para todo o resto acontecer, e então ele chegou e disse.

«Quando eu te vir de olhos abertos pode muito bem me matar que já estou morto.»

E você prometeu que sim, que mataria, as pessoas podem até ser interessantes mas têm o problema de existirem, o que me interessa é o que não existe, é aí que você entra, você é a pessoa menos possível do mundo, nada te explica e eis aí a razão para tudo o que procuro.

«Ando o dia todo à procura de você quando te tenho ao meu lado.»

Era o que ele lhe dizia a toda a hora, os dois de braço dado e ele a lhe explicar que nada do que interessa se via com os olhos, depois lhe apresentava uma teoria segundo a qual só de olhos fechados se via aquilo que interessava, expunha ainda alguns exemplos, o orgasmo, a adrenalina, até o medo, tudo o que valia a pena era o que não se podia ver de olhos abertos, quando se vê existe uma não vida, uma vida de trazer por casa, e ele a levava para todo o lado menos para casa só para prevenir o fim do que o mantinha vivo.

«O seu corpo é sempre pela primeira vez.»

Hoje estão num motel pouco recomendável mas por descobrir, ele só a quer como se fosse de novo, os olhos fechados e ele nela, as pernas, o interior das pernas, a boca, o interior da boca, por vezes abre os olhos só para saber onde está mas é quando os fecha que se encontra, e ela sem saber o que vê, olhando para ele com os olhos todos, com ela toda, o corpo suado dizendo que existe.

«Feche-me dentro dos teus olhos para poder me amar.»

Ela acreditava no amor à primeira vista, pedia-lhe todos os dias que a olhasse com os olhos abertos, que a amasse com os olhos abertos, tinham maneiras opostas de amar e era assim que conseguiam se amar, até que ele um dia percebeu que estava errado, que ela merecia que a olhassem, não se sabe quantos anos passaram até que isso acontecesse, mas aconteceu, ele a encontrá-la tantos anos depois, tantos anos a amá-la e finalmente a olhá-la.

«Estava cego quando não queria te ver.»

Foi o que ele disse, mas de repente sentiu uma faca espetada no meio do peito, uma faca física, pelo menos doía como uma faca física, a dor se espalhando por todo o corpo, uma dor vazia, uma dor que não magoava senão pela falta de algo, uma dor semelhante à de perder um dedo, uma mão inteira talvez, ele olhando para ela e tendo certeza de que a amava mas ao mesmo tempo tendo certeza de que viu demais, viu o que não devia, as ilusões completas na lâmina afiada de uma faca por dentro de si.

«Amar é a incapacidade de abrir os olhos.»

Queria ser insuficiente, queria tentar te ver e não conseguir, os olhos sempre fechados, mas vi demais e agora existe você, e se há coisa que não se ama é aquilo que existe, se existe tem explicação, haverá uma ciência que sustente a sua existência, a sua forma, tudo aquilo que é, se existe uma ciência a explicá-lo já não pode ser o que eu amo, ou se ama ou se explica, não se pode amar o que a ciência compreende, te vejo tanto e nem assim te consigo amar.

«Te amo completamente e ainda é insuficiente.»

Teria ele dito antes de se despedir dela, havia uma promessa para cumprir, e ela nunca lhe faltaria ao prometido, ele certamente compreenderia, a polícia é que não.

Intragável é estar parado. Não mudar. Aguentar. Sobreviver. Permanecer. Mesmo que seja pouco, mesmo que seja insuficiente. Manter tudo como está apenas para não correr o risco de ficar pior. Intragável é não perdoar, não ilibar. E só criticar, só apontar, só atacar. E não criar, não refazer, não imaginar. Intragável é não acreditar. Intragável é o que não é maravilhoso, o que não é delicioso, o que não é fantástico, monumental, abençoado, miraculoso, espantoso. Intragável é acordar para o dia recusando o dia, não querendo o dia, a não gostando do dia, não pensando nas mil e uma maneiras de torná-lo inesquecível. Deixar estar. Não mexer, não querer a ferida se for através da ferida que se chega à cura. Ser cauteloso, prevenido. Intragável é o que não é exagerado, o que não é desproporcionado, o que não parece incomportável. Se não parece incomportável é insuportável. Não quero. Não admito. Não me admito. Intragável é repetir. Hoje como réplica exata de ontem e como réplica exata de amanhã. As mesmas coisas, as mesmas palavras, os mesmos atos, os mesmos movimentos. Sempre igual. Sempre o mesmo. Intragável é continuar por continuar, andar por andar, viver por viver. Intragável é o normal, o regular. O que nunca matou ninguém mas que também nunca mudou a vida de alguém. O que não mexe nas entranhas. O texto que não revolve, a decisão que não transforma, o beijo que não arrepia, o sexo que não faz gemer, gritar, saltar. Intragável é não estar apaixonado. Por uma mulher, por um homem, por um gato, por um cão, por um cheiro, por um sol, por uma casa, por uma pele, por um sabor, por um sonho, por um trabalho, por um caminho, por um desejo, por um pecado. Apaixonado. Como um louco. Apaixonado. Inconsequentemente, desvairadamente. Sem parar. Apaixonado. Com todas as veias à procura da paixão, com todo o corpo à procura do prazer. Intragável é o que não é extraordinário. E as coisas extraordinárias não exigem atos extraordinários. As coisas extraordinárias só pedem momentos fáceis. Tão ordinários como aconchegar um cobertor, partilhar uma sobremesa, dar um mergulho no mar, roubar laranjas da árvore do vizinho, passar a tarde contando anedotas, ouvir as histórias dos pais, ir ao parque com os filhos, partilhar a mesa com os amigos. As coisas extraordinárias não te exigem nada de extraordinário. E é precisamente por isso que são extraordinárias. Como as pessoas extraordinárias. Ah, as pessoas extraordinárias. Sou viciado em pessoas extraordinárias. Nas que conseguem feitos incríveis. Como me fazerem feliz, por exemplo. A minha mulher é extraordinária. Tão linda que nem se diz. E me ama. Como me ama. Como me quer. Como a quero. E todos os dias é mais extraordinária. Ai de mim se não fosse. E o mais difícil é manter a paixão. Evitar o intragável. O intragável

replicar, o intragável vamos andando, o intragável vai-se aguentando. O intragável gerúndio. Ir vivendo é o mesmo que ir morrendo. Intragável é o normal. Eu exijo o extraordinário. E todos os que amo são extraordinários. Sou tão feliz, meu Deus. Tão feliz. Mesmo quando choro, mesmo quando dói, mesmo quando custa, mesmo quando parece tão pouco isto tudo que sou, isto tudo que vivo, isto tudo que preciso. Sou tão feliz. É tão extraordinário sentir assim, querer assim, existir assim. Até ao final das vísceras, até o fundo dos ossos. Intragável é não sofrer, não custar. Intragável é o que não é demais. E só o que não é demais é erro. Intragável é não errar, disso estou certo. Mas mais intragável é não amar. Te amo excessivamente, desculpe. Mas intragável mesmo, não sei se te disse, é não amar.

O que já fui dói tão perto,

as pernas se abrem lentamente para a morte, sabe?,

o pior de tudo é o corpo que a vida tem de aguentar, somos feitos de merda e temos de suportar, é nos pequenos gestos que o velho acontece, quando tenho de me dobrar para apanhar um papel do chão, quando tenho de descer as escadas e os joelhos doem, quando até os braços ao escrever me mostram que hei de acabar,

aos vinte anos faltavam quarenta para os sessenta e agora que tenho sessenta tive vinte há um mês ou dois, no máximo,

o tempo passa-nos inteiros, e o pior é que nos lembramos perfeitamente do que já fomos capazes de fazer, que desgraça,

todas as lembranças têm a precisão de um alvo,

quando eu era criança os velhos eram criaturas estranhas, figuras distantes, de um mistério absurdo, estava tão longe deles como estou de mim, na verdade, mas preciso de um corpo para viver, é essa a maior injustiça disto tudo,

você já viu do que seríamos capazes se não houvesse a necessidade de carne, pele e ossos?,

não é o que tem de ser que tem muita força, é o que já não pode ser,

só um estúpido pode ter inventado a fotografia,

que felicidade podem trazer as imagens do que já morreu em nós?,

era uma vez e já foi, a melhor maneira de um velho sofrer é acreditar no que não existe em si, como o coitado que mora aqui em frente, um mês no hospital porque quis competir com um garoto de bicicleta, bastava trocarem de corpo e o velho ganhava, tenho certeza,

bastava trocarmos de corpo para continuarmos, parece simples para um Deus que inventou isto tudo, não parece?,

um velho é uma biblioteca, que miséria a minha, eu só queria aprender e tenho de me contentar com ensinar,

a sorte é que a morte mata mas o orgasmo também,

anda, isso, vem,

e nem assim eu deixo de estar aqui,

se tenho gratidão é pelo prazer, quem não acredita em milagres nunca gozou assim,

ouçam o velhote e aprendam.

Finalmente você foi embora e agora posso experimentar a liberdade, ver futebol todo o dia, sair com os amigos até às tantas, beber as cervejas que bem quiser, ultrapassar os limites que a sua presença me impediu, experimentar visitar aqueles sites todos que o Heitor lá do escritório me indicou, a vida existe e é tão boa.

Finalmente você foi embora e o espaço da casa é só meu, nem preciso arrumá-lo muito, estendo-me no sofá e o tempo vai passando, de vez em quando recebo uma convidada, o prazer é tão fácil afinal, nada a me prender, sou um homem livre e tenho de aproveitar, a vida existe e é tão boa.

Finalmente você foi embora e eu tinha saudades de mim, me olhar sem ruídos, pensar no sentido do mundo, perceber o que sou e o que quero, dedicar-me a descobrir onde começo e onde acabo, entender a importância dos erros, construir um novo Eu, e sobretudo sorrir, a vida existe e é tão boa.

Finalmente você foi embora e hoje não me atendeu o telefone, talvez estivesse na reunião de pais, mas podia ter atendido que era importante, eu queria te dizer que estou bem e que posso recomendar-me, te agradecer por não estar e me fazer feliz, daqui a nada tento outra vez, a vida existe e é tão boa.

Finalmente você foi embora e eu gostei de jantar contigo ontem, as suas mãos me tocaram levemente quando pegamos no copo ao mesmo tempo, há coincidências que valem a pena, e o seu cabelo tão grande, tão livre, você falou de um papel que temos os dois de assinar, nem te ouvi e só te olhei, o interior dos seus olhos é tão bonito, mas tenho uma outra mulher que conheci na biblioteca e sou feliz sem você, a vida existe e é tão boa.

Finalmente você foi embora e daqui a pouco vou te buscar em casa, comprei um terno na loja do shopping, o perfume é o que você me deu de aniversário há dois anos, te imagino com o vestido verde que realça os seus olhos, o restaurante já está reservado, eu e você em frente ao mar, ou ao lado do mar, tanto faz, vai estar você e o seu cabelo aberto, certamente falaremos das nossas vidas e do que temos feito, pouco me importa, na verdade, vou ter duas horas ou mais de possibilidade de te olhar, quem sabe depois possamos caminhar um pouco no parque, um sorvete a dois talvez, a vida existe e é tão boa.

Seduz-me a existência de um dia depois do outro, as mãos rugosas do meu pai nas minhas, o sorriso aberto da minha mãe desde sempre. Seduz-me ouvir as histórias do senhor da mercearia, as confissões desassombradas do meu avô, as anedotas do meu primo mais velho. Seduz-me a insatisfação absurda de estar vivo, o preço insuportável da tentação, a cor do sol na pedra da cidade. E a mulher que vende castanhas na rua, o professor que ensina como se ensinasse a vida, o mistério dos gatos, a cauda feliz do cão quando chega o dono. Seduz-me a criança que tem a vontade de todo o mundo nos olhos, o sabor quente do chá, a intimidade de uma carta de amor escondida na gaveta, até a maneira altiva como o pássaro inicia o voo. Seduz-me a modéstia dos gênios, a forma como o mar consome a areia, o silêncio ensurdecedor da cumplicidade, um amigo dentro dos braços do outro, as lágrimas solitárias de uma euforia. Seduz-me a pergunta constante do adolescente, os primórdios do prazer, a vontade de viver para sempre debaixo dos lençóis. E o barulho da chuva no vidro quando se ama, as mãos aquecidas na xícara a ferver, o vapor no rosto a libertar-me da mágoa. Seduz-me ainda levantar-me para o dia, acreditar na existência das pessoas, ler na varanda nas noites de verão, escrever o verso perfeito, fechar os olhos e conseguir sonhar. Seduz-me partilhar um jornal no trem, inventar a história do desconhecido, oferecer uma nota ao sem-abrigo. Seduz-me tanta coisa, tanta coisa, mas nada me seduz como o movimento das suas pernas quando se abrem para mim, o pequeno gemido que só eu consigo ouvir quando você me beija, o quase segundo em que sem uma palavra você me pede prazer, a geometria perfeita das suas roupas espalhadas pelo chão da casa, o algoritmo complexo da soma das nossas peles. Seduz-me tanta coisa, tanta coisa, mas nada me seduz como saber que tanta coisa me seduziu desde que te conheci, e que ainda assim só você me seduz. Seduza-me, e eu obedeci.

«Acabou porque ocupava demais.»

Ela lhe explicava por que tinha de ir, esquematizava motivos (você é inconsequente, não quer a vida que eu quero), explanava conclusões (não dá, você é grande demais em mim para o espaço pequeno que quer de nós em ti), mas a verdade é que ele já tinha ido há muito e ela continuava a falar sozinha, desistir de quem não nos quer é menos doloroso do que ser abandonado, por mais que seja exatamente a mesma coisa, as palavras sempre foram a melhor forma de sofrer.

«Cale-me com o corpo, por favor.»

Desde que o perdera (onde você está que não me procura?) que tentara a diversão, peles alternativas, cheiros alternativos, encontrar a salvação na perdição, e por mais homens que tivesse (quem é você e o que faz no interior do meu corpo?) era sempre com ele que adormecia, recolhia os lençóis que guardara no armário, pousava-os no sofá, enrolava-se neles e imaginava que a porta se abria e toda a vida regressava, as lágrimas impotentes, saber que deveria aguentar, que deveria sobreviver, mas ninguém sobrevive a um amor, pelo menos com vida.

«Um dia acordei e você já não era.»

O que acontece quando vai embora um amor?, você adormece com ele e depois chega o dia, a luz, você olha para o lado e já não é, e quando te olhei naquela manhã e você me olhou de volta eu vi que não, estava um buraco no centro do peito, você era a mulher mais linda do mundo mas eu já não te amava, e nenhum motivo é maior do que não amar a pessoa com quem acordamos, um dia se acaba como se começa, e eu comecei a te amar sem saber como, eu e você e o primeiro beijo, a primeira cama, eu acordando e você ao lado, a sensação de para sempre, há sempre uma cama e um acordar para decidir quem ama.

«Deite-se em mim e me faça acordar.»

Ele se deixou seduzir e regressou à casa, à cama, queria perceber se ainda acontecia, se o amor se explicava, deitaram-se, ela feliz outra vez, tão feliz outra vez, e se amaram, os corpos e a saudade, gemidos, orgasmos, e finalmente o

sono, chegou o sono e quando os olhos se levantassem se perceberia o que havia a uni-los, há sempre uma cama e um acordar para decidir quem ama.

«Basta-me a incerteza para poder te amar.»

Não havia uma conclusão exata, a manhã chegou, ele olhou para ela e não a viu como a mulher de para sempre nem deixou de vê-la como a mulher de para sempre, olhou para ela e quis abraçá-la, dar um beijo leve no começo do rosto, depois lhe disse qualquer coisa que a fez chorar, ela só disse cale-se e faça, em poucos minutos já os sexos mandavam, a cama suada, ele submisso perante a impossibilidade de uma explicação, o amor pode muito bem ser o que nos faz não ter certezas, ou então não é nada disso, mas estar com ela valia por tudo, isso é certo.

«Um dia acordo e não sei se te amo, e é assim que nos amamos.»

Não lhe perdoava amá-la assim.

Um dia lhe pediu que deixasse de ser perfeita, ela respondeu com toda a perfeição que sim, fez uma cara feia e ele disse «linda», depois se despiu, o corpo inteiro, os defeitos todos, chamou a atenção dele para as estrias na parte de trás das pernas, uma cicatriz no meio da barriga, implorou-lhe que olhasse com atenção, e quando percebeu já ele chorava, os olhos e a perversidade de até o que a estética reprova ser admirável, o amor é cego e abre tanto os nossos olhos.

Depois da tempestade vem o orgasmo.

Abraçaram-se com a vida toda nos braços, não se sabe ao certo o quanto apertaram mas se sabe que quando se despregaram, mais de meia hora depois, havia marcas profundas nas costas e na pele de cada um, havia que regressar aos empregos, a rotina a limitar o eterno, ela lhe falou da dimensão do medo, do intervalo curto entre a coragem e a loucura, ele preferiu dissertar sobre o intervalo curto entre a morte e a rotina, tudo em segundos e o relógio a doer, há um momento em que há que escolher entre perder-se na vida e vida perdida.

Restava-lhes a loucura para se manterem sãos.

Perderam horas debatendo a inutilidade de amar e quando terminaram tinham mudado as suas vidas, ela disse que o amor doía, apagava, acendia, chorava, criava, destruía, construía, adoecia, saltava, gemia, desconfiava, sobrava, ria, rasgava, cortava, colava, cosia, tocava, fugia, libertava, prendia, olhava, escondia, ele acrescentou que além disso o amor ainda matava, mentia, seduzia, ensinava, conduzia, possuía, descobria, dominava, excitava, contagiava, controlava, alegrava, receava, e era por isso tudo que não servia para nada.

Perceberam profundamente a estupidez de amar e só então amaram.

Não houve notícias de que tivessem regressado aos empregos, nem sequer alguém alguma vez percebeu de que viveram e como subsistiam, soube-se apenas que estiveram sempre juntos, e que quando lhes perguntaram, mais de quarenta anos depois, o que faziam, responderam apenas «amamos», e quem perguntou percebeu a palermice absurda do que tinha acabado de perguntar.

Os contos de fadas não existem, contou a fada.

«Anda que eu te pago um sorriso.»

Foi o que a mulher disse, o homem e um tubo a entrar pelo nariz, outros dois ou três espetados nas veias, o braço magoado de tantas curas por fazer, em redor o cheiro de pessoas caídas, as paredes brancas sujas, as doenças cheiram a algo indecifrável, talvez exista uma maneira de morrer sem precisar deste cheiro.

«Não me olhe assim que ainda salto para cima de você, seu desgraçado.»

E ele sorriu, sabia que não, que não podia, que o sexo parara, como todo o corpo parara, desde que tudo aquilo começara, a sua mulher ali, tão bonita a sua mulher, e o sorriso dela, se a vida lhe dera algo de bom fora aquele sorriso, os olhos estendidos sempre que ela o olhava, a certeza de que fora amado como se fosse o único homem do mundo, e a doença interrompendo o amor, onde é que já se viu o corpo querendo interromper algo assim?

«Se Deus existe não está no meio de nós.»

Agora foi ela que sorriu, ou riu mesmo, com as palavras dele, sentia falta de tê-lo ao lado na cama, sim, o corpo apertado dele, os braços fortes, o medo todo a espremer-se no interior do seu peito, sentia falta de tê-lo ao lado na cama, sim, mas sentia mais ainda a falta das suas palavras, a maneira como a fazia rir por tudo e por nada, as piadas de bolso sempre prontas a sair, a forma como era tão desastrado em casa e precisava dela para tudo, amar é mais do que tudo precisar para tudo.

«Anda que eu te pago um sorriso.»

Insistiu ela, ele acedeu finalmente, levantou-se a custo, a bata azul deixando ver metade do seu corpo magro, ela colocou a mão dele em redor da cintura, apalpou disfarçadamente a sua bunda e ele riu baixinho, levou-o até a uma sala grande, ampla, a luz entrando e eles dois como se fossem um casal de namorados, depois ela lhe deu um beijo leve, muito leve, do lado esquerdo do rosto, sentiu as rugas e a pele áspera e teve o sabor de amor, ele ergueu a mão e agarrou a dela, a força toda ali, no momento em que as mãos se uniram, uma enfermeira a passar limpando as lágrimas, talvez uma morte na cama ao lado, e ele e ela a saborearem o sorriso, ela a abri-lo todo, ele feliz a sorrir com ela, os

tubos e o sangue invisíveis, os dois de olhos fechados, tanta saudade, todas as lembranças servem para sarar e matar em doses iguais.

«Não diga a ninguém mas essa bata me excita.»

Ele podia chorar mas estava rindo, ele de regresso à cama, a hora de visita acabada, a vontade de ficar ali, de não sair dali, de morrer ali, com ele, ele a sorrir na despedida, ele dizendo «o que você quer eu sei bem», sabe tão bem brincar quando algo é tão sério assim, talvez amanhã possa ser diferente, talvez amanhã a enfermeira diga que pode ir, que está tudo bem, que a porcaria da doença recuou, talvez amanhã, hoje não que ela já foi, talvez amanhã, há momentos em que chega a haver um amanhã.

«Anda que eu te pago um sorriso.»

E ele sorriu,

e foi.

Acabei de te conhecer e isso prova a inexistência de passado.

E ela chegou atrasada (peço desculpas, o trânsito, o trânsito), sentou-se com pressa na mesa e esperou pela pergunta dele, de gravador na mão (vejo o mundo exato nos teus olhos, não sei o que isto significa mas vejo o mundo exato nos teus olhos), ela sorriu (sim, essa é uma das passagens do meu último livro, ainda bem que leu, haja alguém que leia, gostou?), corou um pouco, perdeu os olhos na parede do café, depois no teto, finalmente na empregada que veio de bandeira na mão (bom dia, o que vai ser?), e ele (o beijo dela e a morte depois) pediu uma torrada e um copo de leite, a vontade de chorar e de um abraço, quantos abraços deve cada pessoa ao mundo?

Não encontro beleza alguma no seu rosto, e você é tão linda.

Ele disse que sim (o seu melhor de sempre, li-o três vezes numa noite, falo sério, não exagero), as mãos tremiam e queriam tocar, nem que fosse de leve, as dela, ela quis dizer qualquer coisa inteligente e por isso teve de ficar calada, esperou uma pergunta, era para isso que estava ali, para ser perguntada, não teve de esperar muito (quantos homens escreveu no homem que amava?), não era bem o que ela estava à espera, não era mesmo nada do que estava à espera mas estranhamente tinha a resposta na ponta da língua (apenas você), a mão puxou a dele, a terra deixou de rodar, mas era brincadeira (sim, gosto do título, foi uma das coisas que mais me fascinaram na obra), ela largou a mão e sorriu, quantas verdades deve uma pessoa ao mundo?

Deve ser insuportável viver contigo, quer casar comigo?

E o pior é que ele disse mesmo aquilo, desta vez não era uma citação, pelo menos ela não se lembrava, quis sorrir e não conseguiu, quis ficar séria e não conseguiu, quis ficar quieta e não conseguiu, quis não se levantar e não o abraçar e não conseguiu, ele não conseguiu nada, muito menos não chorar enquanto a tinha nos braços, muito menos não lhe dizer que a amava mesmo que não a conhecesse, muito menos não lhe dizer que tinha a certeza de que ela não era nada do que escrevia e era por isso que a queria, ela disse apenas que sim, casava, uma vez, as vezes que fossem necessárias, todos os dias se fosse preciso, saíram do café e nem pagaram nem levaram o gravador, correram para longe para poderem estar perto, o dono do café de gravador na mão, a empregada sem

perceber a quem entregar a conta, o sol no alto, uma velha sentada no jardim e um sorriso, quantas pessoas deve uma pessoa ao mundo?

Não acredito em Deus mas acredito em você, sim, aceito.

A vida existe no momento em que você muda, ou é incoerente ou está morto, e ser à noite o que fui de dia é um dia perdido.

«Olá, eu sou o Jaime e já não mudo há quarenta e oito horas.»

Aplausos na sala, todo mundo tem medo do vício, e é essa a mais desleal das servidões.

«Você está e conseguiu mudar tudo em mim.»

As pessoas precisam das pessoas. Para aguentar, para escapar, para crescer, para viver. Mas também para morrer.

«O meu Jaime.»

A posse excita. Ter excita. Esta mulher que agora enfia a língua na boca de Jaime tem. E excita. Jaime que o diga.

«Já não entendo o que acordei para ser.»

Situações-limite conseguem ultrapassar o limite. Todos os limites, aliás. Havia, quando se levantou para o dia, um homem conformado com a sua realidade, a respirar com tranquilidade, confiante de que toda a vida se resumia a estar em paz. E há, agora, ao deitar-se para a noite, um homem que mal consegue respirar. E que está, por isso, mais vivo do que nunca: respirando melhor do que nunca. A vida resume-se toda a estar em paz, e por isso mesmo em desassossego.

«Olá, eu sou o Jaime e sou viciado em você.»

As reuniões que mudam o mundo exigem, em média, apenas duas pessoas. A que ama. E a que é amada. E depois se troca: a que ama passa a ser amada; a que é amada passa a amar. As pessoas têm medo do vício, e é só quando ficam viciadas que o conseguem largar.

«Eu soube de um homem que conseguiu libertar-se do vício e vou agora ao funeral dele.»

Cumplicidade vem de cúmplice. Uma cumplicidade extrema é tudo o que basta para morrer. E para viver também.

«Tenho uma memória infalível mas já não me lembro por quê.»

A felicidade não pertence aos que vivem melhor. A felicidade pertence aos que esquecem melhor (lembre-se sempre disso).

«Olá, eu sou o Jaime e já não sei o meu nome.»

Você é a melhor pessoa que tenho em mim.

Te amo por culpa de quem me ama tanto mas não é você, a maldade do mundo é haver tanta gente e só você é você, e não perdoo a Deus ter criado milhões de possibilidades, milhões de braços e de abraços, tantos lábios afinal, e nenhum me dar o que você me dá, a crueldade do amor é tirar-nos a possibilidade de outro amor, quantas vidas são necessárias para te encontrar outra vez?

Quero você pelo que é — mas te quero mais ainda pelo que me faz ser.

E sentir, sobretudo sentir, te olho enquanto você dorme, a maneira como se mexe, a sua pele à procura da minha, e acredito que sou apenas assim, o que se ocupa com a forma como você se deita, com o cheiro da sua pele, com o espaço tão pequeno que os dois juntos ocupamos na cama, pode até haver o sexo, claro, mas o espaço onde estamos é o espaço onde o melhor que sei ser acontece, amar assim até pode não ser saudável mas me faz tão bem.

Acordo contigo como quem acorda para o céu.

Não importa como vai ser o dia, o que raios vou ter de suportar, o que vou ter de fazer para a vida à volta acontecer, há tantas coisas para nos magoar, tantas lágrimas que sabemos que não podemos vencer, mas não importa o que vem aí se no final de tudo a noite e você, a nossa cama, estender o corpo e te ouvir respirar é quanto basta, tantos infernos e o teu instante parada em mim, o melhor dos dias é aquele que te traz.

A minha mãe que me perdoe mas foi você que me deu a vida.

Você pode pensar que são palavras, tão fáceis de dizer, quantos poetas não mentiram já o amor?, e há tanta treta para cada frase útil, mas a verdade é que o que me aconteceu é simples, havia um ser por amar e depois houve um ser amado, e é quando se ama que a vida acontece, se eu mandasse no mundo era só aí que o registo aconteceria, teríamos um cartão com a nossa data de nascimento, «nascido em 30 de janeiro de 2014», escolheríamos o nome com quem amamos, quem teve a ideia de dizer que é quando nasce o corpo que somos gente não sabe o que é o amor, nenhuma pessoa existe até amar, antes de ti era um caminho até mim, um quase mim, uma espécie de mim, te amei para me poder acontecer.

Se querem saber onde estou procurem por você, e olhem para o lado.

As palavras também servem para amar.

Falamos o suficiente para tanto ficar por dizer, você chega cansado, o trabalho, a empresa, os amigos, o futebol, as contas, deixe que tudo passe por entre os espaços que você não preenche, e quando te abraço e te pergunto como foi o dia você só diz o Foi Normal de costume, nem um pormenor, nem uma história, para onde foi o tempo em que você me dizia tudo?, onde está a euforia de quando nada existia entre a vida e as palavras?, bastava que você me dissesse Te Amo e tudo acalmava em mim, uma só palavra, você nem precisava dizer mais nada, fazer mais nada, qual a distância entre uma palavra e a poesia?, você podia ficar como fica, o sofá, a televisão e o seu olhar perdido, bastava uma palavra e eu seria sua para sempre, o amor precisa de tudo e até de um pouco de gramática.

Um dia te abandono para te amar outra vez.

Ao jantar somos dois mundos diferentes, trocamos frases como se troca um prato, ficamos na superfície do que cada vez é mais profundo, havia tanto para encontrar mas nenhum tem a coragem de procurar, abrir as fendas, rasgá-las até o princípio dos ossos, arrancar a carne desta paz insuportável que nos suporta, e perceber o que resta de nós, o que sobra do que um dia soubemos ser, e podia ser eu, eu podia te dizer que não suporto mais, que não quero mais, que dói demais, mas a verdade é que sou covarde e prefiro inventar amor no seu abraço, inventar o orgasmo na sua necessidade fria, inventar o Te Quero no teu Me Fode vazio, eu podia ser corajosa e te perder para estar em condições de te ganhar outra vez, mas tenho medo de que você saiba que consegue me perder e continuar vivo, há sempre pelo menos um covarde onde há duas infelicidades.

Hoje te seduzo ou te mato em mim.

Mudei os móveis para te procurar melhor, talvez a geografia de uma casa te traga de volta, depois comprei uma roupa nova, a saia justa, até um pouco de maquiagem, a comida preferida no forno, você entra e eu te sorrio, te beijo com a língua e você estranha, te peço um abraço, tantas saudades do seu abraço apertado, meu amor, você entrega os braços, até um pouco das costas e do tronco, mas você está tão longe que nem o sonho te vê, em quantas partes você se divide para se manter inteiro?, eu queria desistir logo ali mas insisto, amar até

a última é também tentar até a última, levanto um pouco a saia e te peço prazer, há que saber ser puta para saber amar por inteiro, e quando você veio chegou a hora de ir.

Quando eu estiver pronta para viver sem você pode vir me buscar.

Foi o que ela disse, as malas e nem mais uma palavra, havia muitas lágrimas para chorar fora dali, eu queria a história dos livros, o romance, o cavalo branco, os beijos de costas dobradas, até o príncipe se possível, ele não percebeu o que falhara, sempre fizera o que vinha nos livros, ser fiel, respeitar, tratar das contas e ser um bom chefe de família, e é muitas vezes a literatura errada que separa um casal.

Todas as infelicidades deviam ser por amor, e as felicidades também.

Tenho orgulho do tempo em que choro, da dimensão humana do olhar de um cão, de acariciar as mãos com rugas da minha mãe, do espaço tão cheio de um abraço em quem eu quero, e nada na dor me impede de acreditar em amar.

A coragem é o lado heroico do amor, e imbecil também.

E então hoje eu lhe disse que queria tê-lo estendido no meio dos meus braços, falei-lhe da ocupação da minha vida pela dele, contei-lhe todas as histórias de quando eu andava pela rua à procura de vê-lo, saía de casa de manhã, bem cedo, era tão adolescente e nem tinha aula, mas lá ia eu e saía bem cedo, metia-me no ônibus cheio em hora de pico e não queria saber de livros nem de nada, andava pela rua à procura dele, sabia a que horas o pai o deixava junto ao jardim, sabia que ia depois tomar o café da manhã com os amigos na loja de doces do Cunha, ficava olhando para ele sem nunca tomar uma iniciativa que fosse e nem sequer me sentia infeliz, tínhamos a vida toda para nos amarmos e se calhar se eu tivesse avançado aí teria sido cedo demais, e nada no tempo me impede de conseguir pará-lo.

Esperei vinte anos para te pedir em casamento, e depois também te dizer o meu nome.

E quando você me olhou e não estranhou o meu pedido nem as minhas palavras eu percebi que andamos todo este tempo a fazer este minuto, eu fui mais corajosa, já tenho quase quarenta anos e parecendo que não o corpo já não é o mesmo, tenho medo de que seja a idade me impedindo de ser gostada por você, não quis arriscar mais e por isso arrisquei, você não reagiu mal, um sorriso, um «já sou casado mas obrigado», nada mal, devo te confessar, há amores eternos que começam bem pior, fique sabendo, respeito demais a hipótese da sua felicidade, não irei insistir em te amar e é assim que te amarei, você vai ser feliz e deve isso a mim por mais que nunca venha a saber, e nada em não ser feliz comigo me impede de me sentir importante para a sua felicidade.

Sou tão feliz na sua felicidade, e na de quem te fizer feliz também.

E um dia o vento sopra a seu favor, como agora, quando eu vinha embora, o

céu carregado e tudo preparado para mais uma ausência de você, e de repente a sua mão no meu ombro, um sorriso simples, como explicar ao mundo que o início do sonho é o que nos mantém vivos?, as suas palavras como se fossem a invenção da vida, e nada em ser a mulher mais feliz do mundo quando você me beija me impede de me sentir infeliz a cada segundo em que você não me beija.

Me ame para sempre mas por favor me ame sobretudo sempre, e imediatamente também.

Tenho orgulho da ocorrência de nós, e nada na ocorrência de um futuro me impede de ser inconsequente.

O prazer é o primeiro dos argumentos, e o último também.

«Hoje vamos deixar de ser racionais e vamos ser homens»,

explicou a mulher, e lentamente foi se despindo, as palavras servem sobretudo para despir, e mais ainda para amar.

«Qualquer coisa me serve é a expressão mais maldita que conheço, nenhuma pessoa pode aceitar qualquer coisa, nenhuma pessoa pode condenar-se ao que lhe serve. A mim serve a certeza de que te amo, e pouco mais»,

já estava a pele nua de um escondida sob a pele nua de outro, e a razão de todas as coisas consiste mais coisa menos coisa no orgasmo.

«Há quem se contente com a explicação da impossibilidade. Há pessoas a quem basta entender por que não pode ser isto, ou simplesmente por que tem de ser aquilo. Há quem não queira interpretar o que podia ser e prefira perceber o que tem de ser. Não vejo, nesta cama, nenhuma dessas pessoas. E isso me custa entender, mas é tão bom»,

talvez estivessem chegando a um entendimento agora, pelo menos na inutilidade dos lençóis e na forma agradável como caíam no chão parecia haver consenso, bem como na interessante capacidade que a cama tinha de suportar a ocorrência de prazer, só o que foi criado para suportar o amor merecia existir, até as pessoas.

«O mundo se divide em dois grupos de pessoas: as que compreendem a vida; e as que são felizes. Só o que é absurdo gera mudança, e se a vida não for mudança pode muito bem dar-se o caso de não existir filosofia, pelo menos uma que me explique viva. É tão fácil fazer o que tem de ser, e assim esquecer levianamente o que só pode ser. É tão fácil fazer o que a razão esclarece, e não compreender que a razão de existirmos está na simples hipótese de a perdermos por inteiro, o livre-arbítrio é a maneira que Deus encontrou de dizer orgasmo»,

podiam escolher, depois do instante disparatado em que o corpo se rende, equilibrar os futuros, ela podia encontrar um espaço para ele na sua rotina, fazê-lo seu marido, dar-lhe um canto da sua cama sagrada, ele podia devotar-se a ela todos os dias, erguer-se em chefe de família, casa, comida e roupa lavada, podiam ainda acreditar que seria possível manter aquela impaciência feliz anos a fio, mas isso, todo mundo sabe, seria completamente impossível, e foi por isso que o fizeram mesmo.

«Estar em você vinte e quatro horas por dia pode ser insustentável, eu sei, mas não estar é insuportável, tenho certeza»,

quando acordaram ainda estavam um ao lado do outro, nenhum dos dois entendeu, e por isso voltaram a adormecer em paz, é com quem se quer partilhar o sono que se deve partilhar a vida, por mais pouco romântico que possa ser, e até nem é.

«Faça amor e não a barba.»

As suas mãos em mim e eu obedeço, claro, pouso a lâmina, ainda me corto no queixo e o que importa isso?, quero te dizer que amo a sua boca e tudo o que vem com ela mas não tenho tempo, há muito para sentir e só um corpo para assegurar, e preservar um amor é livrá-lo do mal, amém.

Te amo de verdade mas tenho um segredo que não posso te contar, porque há sempre palavras que não posso te dizer, gestos que não posso fazer, há coisas que têm de ficar longe do meio de nós, e preservar um amor é livrá-lo do mal, amém.

Te amo de verdade mas tenho um segredo que não posso te contar, não é o segredo de como os seus lábios abrem para os meus, nem sequer o da importância da sua pele para a preservação do equilíbrio da minha natureza, muito menos o do momento em que quando você me olha por dentro quero acreditar em Deus e só depois em você, e preservar um amor é livrá-lo do mal, amém.

Te amo de verdade mas tenho um segredo que não posso te contar, posso te dizer que quero te esquecer a toda hora, tirar você de mim e nunca mais te ver, isso já seria doloroso demais para ser dito a você mas não é isso, até porque depois de querer te esquecer quero é me lembrar de você para sempre, te guardar no instante inexplicável da minha memória, adormecer com a sua recordação no meu colo, ou do seu prazer quando entramos pela noite sem que nem a morte nos impeça, quero te esquecer a toda hora, como te disse, e depois quero te lembrar para sempre, e preservar um amor é livrá-lo do mal, amém.

Te amo de verdade mas tenho um segredo que não posso te contar, não porque não queira mas porque você já o conhece, só pode ser isso, você combinou comigo às dez e não veio, eu aqui parado e em desassossego à sua espera e você não chega, tenho a certeza de que você já sabe o que eu tinha para te contar e não te contei, me doía tanto te dizer, sabe?, posso suportar a vida toda doendo desde que não seja a sua, imagine o tamanho que as suas lágrimas ocupam em mim, a dimensão do que te dói no que me faz doer, e agora você não vem e é como se eu não estivesse, a rua continua mas eu estou parado, nada acontece quando você não está, apenas eu e um segredo que eu não te contei com medo de que doesse, e talvez agora esteja doendo em você e eu não estou, amar é também

estar pronto para dividir o que dói, e preservar um amor é livrá-lo do mal, amém.

Te amo de verdade mas tenho um segredo que não posso te contar, por nenhum motivo em especial, apenas porque já não é segredo nenhum e já é tarde demais para te contar, tenho um deserto inultrapassável do seu lado da cama, quantos silêncios pode a saudade suportar?, preservar um amor não é afinal livrá-lo do mal, é antes perceber o seu mal e aceitá-lo por bem, amém.

Você é a mulher mais bonita do mundo mas não me quer,

você passa por mim e nem me liga, um olá forçado enquanto pensa em qualquer coisa que não me conta, provavelmente nem sabe o meu nome, sou só aquele cara grande e desastrado lá do trabalho, e ainda há pouco disse à Joana que um dia me canso de ser seu,

mas não agora que te amo tanto.

Você é a mulher mais bonita do mundo mas até me custa a acreditar,

espero que goste deste restaurante, passei horas pensando no que haveria de fazer, procurei na Internet as melhores referências, imaginei em qual local gostaria de guardar a memória de eu e você para sempre pela primeira vez, felizmente a Joana me deu esta ideia e aqui estamos, a mim parece perfeito mas bastava você estar e saber o meu nome para nada estar errado, já sabe, daqui a nada prometo que me encho de coragem e te beijo,

mas não agora que te amo tanto.

Você é a mulher mais bonita do mundo mas este tempo não dá jeito nenhum,

eu queria te olhar melhor e te esconder no interior dos meus olhos sem precisar de guarda-chuva, você escolheu o vestido mais lindo do mundo, a Joana já tinha me dito que noiva mais linda do que você não havia, mas na verdade qualquer um me servia, a igreja tão cheia,

onde tínhamos tantos amigos escondidos?,

o padre nos olha e sabe que encontramos Deus, lá em cima Ele há de estar com inveja, o que importa é que já falta pouco para você ser a minha mulher e agora só de pensar nisso já comecei a chorar, desculpe, estou tão feliz que não me aguento, me dê só uns minutos para ser forte outra vez,

mas não agora que te amo tanto.

Você é a mulher mais bonita do mundo mas não sei se aguento uma casa assim,

tanto espaço ocupado e um deserto intolerável, eu queria acreditar na existência de nós, lutar pelo que ainda poderíamos ser, mas quando você aparece não me traz contigo, há uma sensação estranha quando te abraço,

o que raios me falta para eu te sentir inteira?,

a Joana diz que vai passar e que ainda vamos a tempo da felicidade para sempre, talvez amanhã eu desista mesmo disto tudo,

mas não agora que te amo tanto.

Você é a mulher mais bonita do mundo mas se quer que te diga eu não te amo,

a Joana não deslumbra no altar e eu aqui esquecido contigo,

como se diz a alguém que nos perdemos pelo caminho?,

o padre é o mesmo que nos casou, que raio de vida a minha, tanta gente, tanto medo,

como se interrompe com um pedido de casamento uma cerimônia de casamento?,

um dia, prometo, deixo de fazer uma loucura assim por amor,

mas não agora que já desperdicei tanto.

Para que escrevo afinal?,

todos os dias a dúvida, os olhos cansados e mesmo assim a urgência de uma frase, escrevo para perguntar, nada mais, ou então para procurar, há tanta coisa a magoar e nada para o explicar, a covardia de Deus, sobretudo,

que pessoas são estas que governam o mundo?,

tantas manchas na parede e nenhuma para me tapar de mim, queria tanto a infância só para não saber como se chega à lucidez,

tragam-me um pedaço de inconsciência que eu provo já.

É claro que acredito no gênio do homem, mas com ele vem tudo o que fere, nenhuma invenção é inofensiva, nem o poema é inofensivo, e quando escrevo sei que existe também o perigo de uma lágrima, uma lâmina talvez, ao fundo de quem me lê,

o dia tão escuro hoje, uma buzina ao longe, a minha mãe de cama, a vontade pateta de mudar o mundo, será que se fechar os olhos com força ele se altera?,

já vai tão longo este texto e eu que só queria escrever que não sei por que escrevo, e temo bem que quando alguém sabe por que escreve não está escrevendo coisa nenhuma, serei provavelmente escasso mas nunca um burocrata das letras, o escritor pode até nem escrever mas o que não pode é não sentir, há tantos gênios que se esqueceram de ser geniais,

gosto tanto da minha mulher e agora quero chorar,

temo bem que o gênio seja o que chora melhor,

tragam-me um pedaço de inconsequência que eu provo já.

Que estupidez é esta de viver várias vidas, basta uma para não se suportar, alguém numa apresentação qualquer me pede autógrafos e me chama abençoado, ah, a magia da ignorância, ninguém imagina o que é escrever, nem eu, e por isso escrevo,

há sofrimentos no mundo para quantas vidas ao certo?,

estou tão perdido esta manhã, acordei com os dedos doendo, o indicador descobriu a primeira frase e o resto é o que se vê, não sei para onde vai isto mas já chegou ao fundo de mim,

que água é esta que sai dos meus olhos?,

há de ser uma personagem a nascer, e dói muito saber que vou matá-la,

tantas mortes na mão de um escritor, meu Deus, quando eu for grande quero ter só uma vida, nascer, crescer e morrer,

quem precisa de dedos para escrever é um escritor maneta, ocorre-me agora,

eu podia escrever um poema inteiro sobre isso mas a minha mulher acordou, há sempre um beijo para acalmar um artista, felizmente não sou artista e tenho direito a vários e ainda a muitos abraços,

até já,

tragam-me um pedaço de humor que eu provo já.

Obsceno é sofrer,

é o que ela ouve na última fila do ônibus, setenta e cinco lugares sentados, trinta e dois em pé, mais de cento e vinte pessoas ali dentro e tantos lugares vazios, um homem e outro homem e uma conversa estranha na fila à frente, não é normal encontrar palavras destas às oito da manhã de uma segunda-feira, a vida nos impede de pensar nela, a grande utilidade de viver é nos impedir de olhar, ninguém pensa no sentido da vida quando está ocupado lutando para se manter vivo,

Ou a obscenidade ou a morte,

o mesmo homem na mesma fila, o mesmo ônibus, ela não conhece o seu rosto mas de repente gosta do seu cabelo, que estranha é a vida quando se ama sem se saber como é, se calhar é mesmo assim, se calhar tem de ser mesmo assim, amar é sempre sem se saber como é, quando se ama e se sabe logo como é pode ser tão bom mas não é amor, prazer talvez, mas amor não, amar é isto, um homem falando com outro e só lhe conhecemos o cabelo e já o amamos que nem loucos, amam-se primeiro as palavras e só depois se chega à pessoa, no princípio era o verbo, e só depois chegou o servo,

A hipocrisia é que é obscena,

a viagem está acabando e não pode acabar, o homem fala com o outro, obsceno é querê-lo já tanto e não saber como, não interessa o porquê quando a grande questão é como, ela podia saber como se chama, talvez perguntar a quem o conhece, a cidade é grande mas alguém haveria de conhecê-lo, não?, depois poderia por acaso sentar-se ao lado dele e daquele homem, ou à frente, para alguma coisa estes bancos que obrigam uns a olharem os outros devem servir, e do nada, quem sabe, poderia expor a sua teoria sobre a obscenidade, começaria de forma simples,

Obsceno é te amar,

ela ficaria então vermelha como um tomate, a pele é incapaz de mentir, já se sabe, ele olharia e com um bocado de sorte ficaria vermelho também e alguns minutos depois já estariam num café qualquer numa esplanada qualquer, ou, Deus a perdoe de pensar assim, num quarto qualquer, ela se sentiria tão obscena e as palavras nem assim faltariam,

Obsceno é não foder,

foi um soco e um beijo ao mesmo tempo, e para que raios serve o que não é um soco e um beijo ao mesmo tempo?, a viagem acabou e ele terminou com aquela frase, ela acordou, ainda estava longe da sua saída habitual, a loja tinha de estar aberta às dez como sempre, o que se faz quando nada do que é decisivo influencia a nossa decisão?, ela podia perder o emprego mas não podia perder o momento, foi o que ela pensou e anotou mentalmente, acabara de conceber a sua filosofia de vida, a sua nova filosofia de vida, posso perder o emprego mas não posso perder o momento, repetiu-se, uma vez, outra vez, ele lá à frente, dois ou três passos à frente, já o viu um pouco de perfil, um nariz alongado, perfeito, um olhar escuro, profundo, quantos olhares são necessários para ficarmos cegos de vez?,

Posso perder o emprego mas não posso perder o momento,

e desta vez ele ouviu, ela disse alto e ele ouviu, virou-se, sorriu, aproximou-se dela, só quem nunca amou pode afirmar que o tempo não para,

Eu tinha medo que você não viesse,

e nenhum dos dois chamou aquilo de beijo mesmo que os lábios se tivessem juntado e as línguas e essas coisas todas, chamaram-lhe sempre «aquilo», nunca explicaram por quê, eventualmente porque não encontraram denominação melhor, ou apenas porque o contrário «disto» é «aquilo», e se o amor não é o que nos tira disto para aquilo então pode muito bem não prestar para nada,

Obsceno é não foder,

e foram pudicos pelo menos a noite toda.

Come uma fatia de pão duro, e é feliz,

o menino na rua e nada lhe interessa,

há nas pessoas felizes uma moral condescendente, uma espécie de desprendimento satisfeito,

as mãos pequenas, magras, e o olhar a sorrir, anda como se saltasse, ou até como se voasse, quer abraçá-lo e fugir dele ao mesmo tempo, quantas maldades pode um anjo fazer?,

está muito frio, e é feliz,

doem-me os ossos, um dia estalo por dentro, juro, e o raio do garoto tem uma camiseta fina e só sabe sorrir, os olhos em volta, arregalados, cada segundo é uma descoberta, em que dia perdi a capacidade de descobrir, porra?,

continuo tão viciado em disparates,

um deles é levar o menino comigo, dar-lhe tudo o que lhe falta, uma escola também, por que não?, mas depois olho-o com atenção e percebo que é na rua que ele se sente em casa, de quantas casas pode uma pessoa livre fugir?,

está tão sozinho, e é feliz,

para diante de um adulto de terno e gravata e estende a mão,

o desgraçado não é o que não encontra, o desgraçado é o que não tem o que procurar,

fala-lhe da sua família pobre, da sua vida pobre, do seu destino pobre, em seguida ensaia uma pose miserável, quase que aposto que está mesmo a chorar,

foi no gueto que nasceu o teatro, tenho certeza,

a cara com manchas pretas, há pouco vi-o a sujá-la de propósito, e em poucos segundos tem na mão uma ou duas moedas, nem se despede e sai correndo, quantas moedas chegam para ser milionário?,

é tão mentiroso, e é feliz,

não se sabe para onde vai, muito menos de onde veio,

o que aconteceu com a sua vida?,

e eu aqui a segui-lo, uma manhã dedicada a saber quem ele pode ser, gostaria de entender o que me faz andar mas enquanto não entendo

vou andando,

percebo agora que ele sabe que o sigo, como poderia não perceber se tenho a certeza de que até sabe o sentido da existência, o danado?, olha-me regularmente de lado e quase que lhe adivinho um sorriso travesso, escondido numa esquina imunda qualquer, quando por causa de um óleo qualquer na rua eu me espalho ao comprido e esborracho o nariz contra o asfalto, alguém me ajuda, levanto-me a custo,

quando é preciso levantar seja o que for vemos finalmente que somos uns putos de uns velhos, fico sabendo,

e lá ao fundo, no começo da avenida, ele lá está, a me olhar e a sorrir para mim, um pequeno vencedor a brindar ao grande derrotado, e depois a correr para bem longe, a minha insuficiência a me impedir de ir com ele, de quantas quedas precisa um herói?,

ele é tão cruel, e é feliz,

custa-me voltar para casa, é claro que as pernas custam, as costas custam, até os pés custam, mas o que custa mais é não saber dele,

há em mim um apetite voraz por histórias intoleráveis,

sento-me na cadeira de balanço e escrevo estas palavras, uma crônica para tentar ir buscá-lo, será que ele lê apesar de tudo?, imagino-o debaixo da sua ponte favorita, de jornal na mão, vendo a minha fotografia no topo da página,

olha o velho que eu humilhei no outro dia,

e finalmente deitando a cabeça pequena sobre a página,

hoje você vai ser a minha almofada, velho,

não entendo as lágrimas que choro por ele se sou eu o velho com apenas uma casa, quantos sem-abrigo existem nos prédios da cidade?,

invejo-o tanto, e sou feliz.

É nós,

um erro de concordância com sotaque de Matosinhos,

pode-se amar um sotaque?,

um singular se juntando a um plural, uma construção impossível e ainda assim perfeita, as mãos dela na minha cara, depois os olhos grandes, o interior das veias, e eu me derreto todinho,

que porcaria vale a gramática quando se erra em tão bom assim?,

é nós,

ela não acredita em más pessoas, não acredita em perdoar, acredita em ir até o final das tentativas,

existe a felicidade ou a morte, ela me diz vezes sem conta,

ontem me apareceu aqui vestida de sereia, vejam lá, mal podia andar e ria tanto, é tão louca e eu só com ela me mantenho são, não sei o que escrever para poder mostrá-la como deve ser, um dia destes invento o teatro dos malucos, ou a peça dos verdadeiros, ou um romance de gente doida, qualquer coisa que lhe preste homenagem, sei lá, enquanto isso vou me dedicando a amá-la e temo bem que não passe desta fase,

as pessoas são estranhas, sabe,

ela me pergunta, já está me cobrindo de beijos, já me despiu a calça e já procura o começo do orgasmo, mas nem isso a impede de me explicar a racionalidade das suas opções, até a filosofia serve para dar prazer, pelo menos a minha,

só admito valorizar quem eu amo, percebe,

eu digo que sim, ela ri alto, toca-me com a língua de leve na pele, encontra mais um centímetro virgem e eu me arrepio, há uma imensidão de arrepios e uma vida só, para os anos que vivemos temos corpo a mais para explorar, rais parta[12],

só admito respeitar quem eu amo, percebe,

viver é simples afinal, passei os meus dias a procurar sustentações complexas e a vida é tão simples afinal, as pessoas complicam e são estranhas, é isto que penso durante um ou dois segundos, não mais, existe uma espécie de corrente

elétrica a me alimentar o cérebro, juro que não sei onde é que ela tocou agora mas estou vivo, pensar é uma chatice tão grande quando se pode fazer,

as pessoas amam sem olhar para si mesmas, percebe,

faz sentido, quando a boca dela se agarra à minha não encontro nada que não faça sentido, na verdade, mas faz sentido, dizia eu, assim que consiga terminar o raciocínio, vou tentar, faz sentido porque as pessoas são estranhas e quando amam não se amam, eu adoraria escrever toda uma tese sobre a necessidade de não estar absolutamente nas mãos de alguém mas ela está em cima de mim e não tenho tempo,

é nós,

e apesar de tudo quem manda em mim sou eu, quem ela pensa que é?, quem manda em mim sou eu, que isso fique bem claro, sei que sou eu e que vou fazer sempre o que eu quero e só o que eu quero,

basta que ela queira também.

Tanta gente acabada de volante na mão, meu Deus,

há uma espécie de partilha obscena quando se para no semáforo, a cidade em meia dúzia de carros, o interior dos olhos, o taxista que me conta a história da sua mãe, coitada, que esteja em paz, ao lado uma mulher de meia-idade, ou talvez mais nova mas parecendo meia-idade ou quase terceira idade,

os rostos são coisas estranhas, não são?,

qualquer rosto nasce com a faculdade de mentir prodigiosamente, basta isso para sabermos ao que vimos, para que nascemos, se não fosse suposto mentir seríamos simplesmente incapazes de fazê-lo, como voar, por exemplo,

as piores pessoas são as que menos voam, disso não tenho dúvidas,

o taxista continua a me falar da mãe, a mulher de meia-idade olha o infinito, coça por vezes o cabelo loiro, põe o rádio mais alto, eu gostaria de ouvir o que ela ouve para saber mais do que sente, preciso saber das pessoas, adivinhá-las, integrar estados de alma,

quem inventou a tristeza, alguém sabe?,

do outro lado um menino, dez ou onze anos, faz desenhos no vidro com os dedos, embaciou-o com o seu próprio bafo e vai escrevendo letras debaixo dos desenhos,

a infância é o começo da felicidade, e o fim também,

quando eu era pequeno escondia-me para ver o mundo, agora me basta um semáforo, alguns segundos por dia e estou pronto para escrever, todas as personagens do meu livro são pessoas que existem mesmo que eu as invente,

o escritor é aquele cara que consegue inventar o que já existe, é isso mesmo,

a mãe do taxista é boa pessoa, queria que ele estudasse,

quero que você seja médico, meu filho,

mas as pessoas são esquivas e tomam opções inesperadas, e há o amor, claro, uma mulher qualquer mudou a vida deste homem, não se sabe se para melhor,

sabe-se lá o que podia ter sido mas nunca poderia amar assim, isso é certo,

ama-a tanto e a minha tristeza, o menino continua a desenhar e a escrever, nem repara que o olho, a ingenuidade é bonita demais para se manter durante muito tempo, a mulher de meia-idade já não aguenta e chora, não sabe que a

vejo e se deixa ir, deve ter marido em casa, filhos, uma cozinha para arrumar,

há uma relação difícil entre uma cozinha para arrumar e os sonhos de uma vida, vai saber por quê,

eu podia ser médico mas sou feliz, a frase do taxista é a mais brilhante filosofia de vida que algum dia conheci,

eu podia ser médico mas sou feliz,

dou-lhe uma nota e digo-lhe que fique com o troco, olho por um segundo ou dois para o menino, para a mulher, despeço-me, desejo boa sorte a todos e sobretudo a mim, saio correndo do táxi e vou à procura de você, você é pouco recomendável e vai me impedir de escrever,

mas que se lixe,

como demorei este tempo todo para perceber não sei, mas ainda vou a tempo, oxalá você me entenda, o mais importante é que eu te amo e que já me conformei,

eu podia ser escritor mas você me faz feliz,

quer?

«Me foda como um cão mas nunca como um poeta.»

e eu a te olhar no interior da frase, eu podia escrever a vida inteira sobre a forma como o seu corpo se mistura com as suas palavras, e se calhar é mesmo isso que eu faço,

amar suavemente é insultuoso, obsceno até, uma forma de fingimento, talvez,

«A poesia é bonita mas nunca vim em verso, tenho de confessar.»

as suas mãos e a extensão diabólica do meu sexo,

foram os animais que descobriram o prazer, o princípio da humanidade aconteceu no princípio do prazer, só um ser evoluído percebe o orgasmo, e mais ainda como chegar até ele,

uma casa sem orgasmos é uma casa de terceiro mundo, ou quarto,

«Anda, vem, me come, não é poesia mas pode muito bem ser arte.» obedeço-te como posso, e posso tudo, a literatura acabada na maneira como te aperto,

o sangue bruto é o poema completo, o mistério cego de toda a salvação,

é pelas veias, e não pelo nariz ou pela boca, que o corpo respira, «Me tire imediatamente o ar para me mostrar o milagre de toda a inspiração.»

te amar é uma epifania, um segundo de felicidade que não passa, há palavras extraordinárias e «sou sua» é uma delas, mesmo que seja duas,

a sua boca e essas palavras servem para explicar a existência de Deus, e sobretudo a minha,

«Nunca nenhum livro me deu um orgasmo assim, vá dizer isso aos senhores do Nobel e diz que vai da minha parte, sim?»

por momentos eu não soube se rir se chorar,

será o melhor livro o que dá mais tesão?, bastavam dois segundos para responder mas ela estava a um ou dois segundos de vir,

e eu com ela

ser poeta é também ser mais esperto, é gozar melhor do que os homens, escolher quem se beija,

e eu escolhi, sim,

«Você condensa num segundo ou dois em mim todo o sentido da vida:

embrulhe esta, ó Sun Tzu, e diga ao Confúcio que embrulhe também.»

ou «sim!»,

«Tenho dito. Mas tenho sobretudo vindo.»

se você não fosse trágica seria cômica,

e mesmo assim eu rio.

— Já imaginou a puta sorte que é haver amanhã? Já viu como é? Estamos aqui, hoje, os dois. E amanhã pode existir. Amanhã pode mesmo existir. Estar aqui, só hoje, só por agora, só por este momento e por todos estes momentos de hoje, já é do caralho, meu. Mas haver amanhã, haver pelo menos a possibilidade de um amanhã, é mesmo incrível. Incrível. Não é? Imagine que você caía aqui na Terra sem saber de nada. E começava a viver. E começava a sentir tudo o que há para sentir (e há tanto para sentir, não há? O cheiro das árvores, o raio dos pássaros a voar, como é que eles conseguem, como? E depois as pessoas: as pessoas são qualquer coisa, qualquer coisa mesmo... parecem impossíveis. As pessoas parecem impossíveis. Tão complexas e tão únicas. Não há uma igual, nada igual, à outra. É tudo diferente. E o toque delas, e os olhos delas. Que cena. Os olhos delas são uma cena inexplicável, não é?)... E depois você chega aqui, como eu te dizia, e cai aqui e imagina, imagina mesmo, tenta imaginar mesmo, que não sabe de nada até chegar aqui. Você chega aqui como adulto, cai aqui como adulto e esteve não se sabe onde, foi não se sabe o quê, mas não foi humano, não viveu isto tudo como humano, e chega aqui e vê isto e começa a sentir isto. E isto tudo começa a entrar pelas suas veias, a correr pelo seu sangue. E quer chorar. Não me foda. Não me foda que não há outra hipótese: se você caísse nisto tudo e começasse a sentir isto tudo de uma vez a entrar em você pela primeira vez você tinha de chorar, meu. É grande demais. É intenso demais. É impossível demais, sabe? Esta merda é como se não existisse. Vivermos como vivemos, com todas estas possibilidades (você pode correr, saltar, gritar, cheirar, tocar, provar, ouvir... e amar, meu. Amar é do caralho. Amar é mesmo impossível. Imagine que você chega aqui e de repente percebe que ama, que tem a inacreditável capacidade de amar. O que deve ser essa cena do amor para quem chega aqui de repente? Deve ser de morrer, meu. Deve ser uma coisa que te faz querer ficar por ali, sentindo aquilo. São tantas possibilidades, tanta coisa à sua disposição só por você estar. Você só tem de estar. E as coisas estão ali, e as sensações estão ali)... E acho que já me perdi outra vez, não foi? Ah! Eu te dizia que com estas possibilidades todas viver é como se não existisse. É como estarmos num espaço imaginário. E é essa a magia disto tudo. A magia é mesmo essa: nada existe. Nada disto existe se você não existir. Pelo menos para você. Isto é tudo seu. Isto só é porque você é. Você é e isto existe e é esta coisa imensa que parece impossível. Se você não é esta coisa não existe, desaparece, caput, finito, game over, entende? Mas acho que já estou falando demais e se calhar você ainda não entendeu o que eu quero dizer desde o princípio. Me deixe começar do começo. Então: o fundamental do que eu quero te dizer é isto:

amanhã há um dia novo. Percebe a grandiosidade disto? Esta merda é tão grande e tão avassaladora mesmo que só por um dia, mesmo que só por uns minutos. Se você estivesse aqui, caído do nada, por um ou dois ou três minutos já iria embora dizendo que isto foi a melhor experiência que você teve, a mais filha da puta de tão boa experiência que teve. Te bastaria um minuto. E pronto: você já estaria conquistado, arrebatado. Te bastaria um minuto e você já estaria feliz para sempre. Mas não, meu. Não. Você vai ter, e com sorte vai ter ainda muitas vezes, amanhã. Amanhã você vai acordar (e até dormir é do caralho, até dormir é uma experiência-limite, uma morte dos pequeninos, entrar noutro território, viver outras vidas na sua; foda-se, é tão bom. Tão bom. Mas nem vou por aí porque senão nunca mais sairia daqui)... Amanhã você vai acordar e tem a possibilidade de tudo outra vez. Você pode sentir o mesmo e vai sentir o mesmo, e pode ainda sentir mais. Ainda mais, já viu bem? Mais coisas novas. Mais coisas pela primeira vez. Você pode beijar como nunca antes, comer o que nunca antes, ver o que nunca antes, dizer e ouvir o que nunca antes, fazer o que nunca antes. É incrível, meu. É um milagre. É um cabrão de um milagre. Uma cena impensável. Amanhã você pode acordar e mudar tudo ou manter tudo na mesma. Você acorda com isso tudo na tua mão. O mundo todo, esta imensidão toda, outra vez. Parece impossível, não é? E você ainda tem a cara de pau de chorar tanto, de se queixar tanto, de se martirizar tanto. Ganha mas é juízo. Não me torre a paciência. Vá embora e experimente ser impossível. Só mais uma vez. E depois outra, vá. Vá. Seja impossível. Até que te seja mesmo impossível.

Quando eu morrer quero a família toda viva ao meu lado, experimentar whisky pela primeira vez,

e um cigarrinho só para ver como é, já agora,

acredito na morte como acredito na vida, se estou aqui e existo por motivo algum talvez tenha de um dia deixar de estar pelo mesmo motivo,

depois pegarei todos e vamos ao cinema, a família inteira num cinema só, alugo o de um shopping qualquer e ficamos ali todos a olhar para a grande tela,

quero uma comédia romântica boba, daquelas sem densidade nenhuma, só para rirmos uns com os outros, só para brincarmos uns com os outros,

pode ser o «Notting Hill», por exemplo, mas se alguém sugerir um pior eu não me importo nada,

há de chegar também o João e mais um ou dois amigos, todos os que tenho, nunca fui de amizades fáceis, e mesmo os amigos não sabem tudo o que sou e faço, Deus os livre e mais ainda a mim,

a morte estará chegando por essa altura, mais ou menos a meio do filme, mas uma morte bem-disposta, uma morte menina,

já a imaginei e tudo, uma saia de colegial, uns óculos de sol de brincar, daqueles coloridos,

podem ser da Hello Kitty, é permitido fazer publicidade em crônicas?,

uma criança toda alegre à minha espera num parque da cidade, pode até estar chovendo, pouco me importa,

a morte há de ser uma criança alegre à minha espera num parque e isso é tão bonito para se morrer, não é?,

vou querer ainda os meus gatos, claro, alguém já viu gatinhos numa sala de cinema?, todo mundo fazendo festinha neles, tratando-os como iguais,

os gatos, como eu estaria ali para morrer, iriam permitir que os tratassem como iguais, são muito humildes e gostam de mim, não se importam de descer um pouco por uns instantes, são uns queridos,

quando a trama do filme estiver no seu pico, o casal se separando, tudo parecendo sem solução possível e todos fartos de saber que aquilo só pode é acabar bem, eu já estarei me desligando por completo, gostaria de começar pelos

olhos, para poder dedicar-me apenas a sentir,

sente-se melhor de olhos fechados, você nunca sentiu?,

nada do que interessa na vida se faz de olhos abertos, o orgasmo, o sonho,

certamente morrer é uma coisa boa, pois se consiste mais do que tudo em fechar os olhos para sempre não pode ser mau, certo?,

eu não gostaria de dizer grandes palavras, muito menos de sofrer,

sofrer é uma filha da putice, espero quando morrer poder explicá-lo melhor, há de haver um motivo que me ultrapassa para a dor existir, e se calhar até é um motivo bem bonito e vou rir bastante quando descobrir, quem dera,

vou apenas agradecer a todos, sem incomodar muito porque o filme estará então quase no seu fim, e eu com ele, pedir para nunca se esquecerem de um final feliz, claro, mas mais ainda de um meio feliz,

é o caminho que nos define, nunca o destino, qualquer um chega à morte, já viu?,

deixarei então de ouvir, ficarão os cheiros, as recordações, a voz da minha mãe quando me beijava, o tom do meu pai quando me abraçava, os carros buzinando, o espanto do vento na janela,

fique sabendo que você tem ainda isso tudo, você é ou não é feliz?,

estará chegando por estes segundos o tão esperado final, a família emocionada, pelo filme e não por mim que eu não o permito,

só estou morrendo e isso não é tristeza nenhuma quando se morre como eu quero morrer,

a última parte que eu quero que se vá é a minha mão, basta uma, a direita ou a esquerda tanto vale,

jogo tênis de mesa com as duas mãos com a mesma qualidade, também posso morrer com a mesma qualidade com uma ou com outra, não restem dúvidas disso,

uma morte ambidestra é chique, não é?,

ficaremos eu e você completos no interior da minha mão, sentirei a primeira vez, no trem, Porto-Lisboa tão depressa, eu por dentro das suas botas de cano alto,

você ainda as tem, não tem?, diga a elas que as amo, por favor,

eu poderia até acabar por aí mas não vou resistir a passar a mão pelo seu corpo todo, entender todas as suas rugas, até que finalmente,

as personagens principais do filme já estão correndo uma para a outra e parece que não vão conseguir chegar a tempo, é isso?,

a sua mão acalmando o meu medo,

por mais que a morte seja uma menina feliz brincando no parque mete sempre muito medo, você entende, não entende?,

e enfim eu deixando de ser, viveram felizes para sempre,

te amo,

e eu a você.

Este livro resulta da colaboração atenta e criativa de muitos dos meus leitores e fãs — que diariamente me foram dando sugestões, abordagens, emoções e vida. Aqui ficam, com um grande agradecimento, os nomes daqueles que, de forma direta, estão dentro desta obra:

Bárbara Teixeira, Michelle Pereira, Diana Lindberg, Lia Wolf, Verónica Louise, Andreia Catarino, Pedro Pinto, Ana Luísa Rocha, Susanita Agudinho, Sílvia Sousa, Marisa Santos, Leonor Borges, Márcia Pereira, João Mateus, Paulo Luís, Isabel Gradil, Gilane Alexandrino, Cátia Gonçalves, Maria Rigollot, Ricardo Antunes, Mónica Brito, Vânia Magalhães, Luís Maúco Monteiro, Isabel Alvarrão, Raquel Loureiro, Márcia Soares, Maria do Céu Lourenço, Raquel Abílio, Teresa Pais, Maria Figueira, Portoghese Língua, Carla Lopes, Isabel Eduardo, Maria João Carneiro, Isabel Duarte, Maria João Gamelas, Hélia Bordalo, Marrakesh Porto, Dolores Fernandez, Maria Helena Guedes, Célia Raposo Caldas, Guida Jesus, Bruno Lúcio, Catarina Ferreira, Susana de Castro, Manuela Soares, Tiago Do Paço, Cristina Palma, Frederico Fernandes, Sara Rabeca, Abraçar O Tempo, Estela Gomes, Mafalda Nogueira, Estela Machado, Carlos Da Silva Morais, Afonso Jorge, Ana Cartaxo, Zi Romano, Ana Pereira Jorge, Verónica Abreu, Isabel Terroso Costa, Sílvia Rodrigues, Maria João Dias, Manuel Rodas, Sílvia Lisboa, Lúcia Soares, Diana Freitas Nogueira, Patrícia Carvalho, Carla Esteves, Circe Bernardo, Andresa Gil, Mafalda Macedo, Adelaide Sousa, Artur Albuquerque, Maria Homera Barbosa Moutinho, Diana Dinis, Maria Clara Dinis, Gaivota Voa Voa, Brisa Lá, Edgar Gouveia, Dinis Couto, Olívia Lopes Silva, Sofia Arez Theotónio, Fernando Lopes, Verónica Pereira, Filipa Pires, Preciosa Pires, Rita Frade, Dora Toledo, Patrícia Almeida, Isabel Loureiro, Helena Rocha, Deolinda F Barradas, Hugo Gonçalves, Flávia Miranda, Carlos Coutinho, Carlos Marcelino, Ana Carvalhosa, Teresa Isabel Brêda, Carla Ramos, Alexandra Sousa, Raquel Piteira, Helena Isabel Vieira, Sara Coutinho Varino, Filipe Silva, Tania M C Alves, Rui Bispo, Anabela Teixeira, Maria Lino, Pedro Sousa.

E viva a pornografia de estar vivo. E adorar.

notas

[1] Interjeições que exprimem indignação. (N.E.)

[2] Torcedora do Sporting, time português de futebol. (N.E.)

[3] Estádios de futebol. (N.E.)

[4] Casa de espetáculos. (N.E.)

[5] Mecanismo de classificação do risco relativo ao crédito de um país, instituição ou empresa. (N.E.)

[6] Dívida assumida ou garantida pelo Estado. (N.E.)

[7] Figura de linguagem que consiste em incluir na mesma expressão palavras com sentidos contrários. (N.E.)

[8] Excitação, tesão. (N.E.)

[9] Interjeição que exprime indignação. (N.E.)

[10] Propriedade rural. (N.E.)

[11] Referência irônica ao PSD, partido político português identificado pela cor laranja. (N.E.)

[12] Interjeição que exprime indignação. (N.E.)